DICCIONARIO

DE

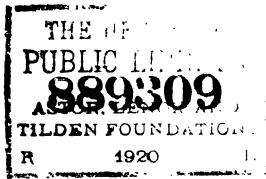
VOCABULOS BRAZILEIROS

PELO TENENTE-GENERAL

Visconde de Beaurepaire-Rohan

NATURAL DO MUNICIPIO DE NITEROY

Conselheiro d'Estado e de Guerra, Gran-Cruz da Ordem de Aviz,
Dignitario da da Rosa, Commendador da de Christo, condecorado com a medalha de campanha
da rendição de Uruguayana, Gentilhomem da Imperial Camara, Presidente da Sociedade Central de Immigração,
Membro honorario do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, correspondente de outras
sociedades scientificas e litterarias, nacionaes e estrangeiras, etc.

RIO DE JANEIRO
IMPRENSA NACIONAL
1889

A SUA MAGESTADE IMPERIAL

O SENHOR D. PEDRO II

IMPERADOR CONSTITUCIONAL E DEFENSOR PERPETUO DO BRAZIL,

Como expressão do mais profundo respeito

O. D. e C.

O Visconde de Beaurepaire-Rohan.

PROLOGO

Apresento-me em publico à sombra do seguinte conceito de Gresset: *On doit s'honorer des critiques, mépriser la satire, profiter de ses fautes et faire mieux.*

Em taes condições, não venho implorar a indulgencia, senão a mais rigorosa censura, e a considerarei como] um acto de benevolencia da parte daquelles que, interessando-se por assumptos deste genero, se dignarem dirigir-me suas observações, no sentido de melhorar o meu trabalho.

Algumas prevejo que são credoras de antecipada satisfacção.

Reconheço que o meu *Diccionario de Vocabulos Brazileiros* melhor preencheria seu titulo se comprehendesse a totalidade das denominações vulgares dos nossos productos naturaes, das tribus dos aborigenes que existiram e ainda existem em nosso paiz, e das localidades, cuja etymologia é tão rica de poesia. Não foi certamente por me faltarem materiaes que deixei de o fazer: foi pelo receio de perder o meu trabalho, se não me apressasse em publical-o, no pé em que se achava. Na minha avançada idade, não é licito confiar muito na vida. Tal qual o dou ao prelo, poderá servir de base a obra de mais desenvolvimento; e não faltará quem disso se encarregue, com grande proveito da nossa litteratura.

Poder-me-hão arguir de pouco systematico, quanto à orthographia das palavras derivadas do tupi. A esse respeito farei apenas observar que esta lingua,

apezar de suas bellezas syntacticas, que a fizeram, mais de uma vez, comparar ao grego, era meramente fallada e não escripta pelas tribus selvagens que a praticavam. Os Europeos, que primeiro a estudaram e lhe organizaram grammaticas e vocabularios, se viram certamente em grave difficuldade para representar sons completamente extranhos ao nosso alphabeto, e dahi nasceram as convenções orthographicas que cada um procurava justificar a seu modo. Ha sobretudo uma vogal guttural cuja pronuncia só póde ser adquirida por uma longa pratica. Montoya a representa por *ĭ*; alguns jesuitas portuguezes por *ig*; e Anchieta ora por um *i* com um ponto em baixo, quando esse *i*, a que elle chama *aspero*, se acha no meio da dicção, e ora por *ig* no fim da palavra. Eu a substitui em qualquer caso por *ÿ*. Os jesuitas, tanto hespanhoes como portuguezes, no intuito de accommodarem aos diversos dialectos da lingua tupi o nosso alphabeto, supprimiram a lettra *s* e a substituiram por *c* e *ç*. O *ç*, quando o escriptor se esquecia da indispensavel cedilha, foi causa do estropeamento de muitos vocabulos, taes como *araçari* , *jaçanân*, *çaviá*, convertidos hoje, na linguagem scientifica, em *aracari*, *jacanân*, *caviá*, etc. Em logar do *ç* inicial, uso eu francamente do *s*, como em *sapéca*, *sapiranga*, *sapiróca* e outros mais; e se não escrevo *arasari* *jasanân* é pelo receio de induzir em erro o meu leitor, obrigando-o a pronunciar *arazari*, *jazanân*, pela regra bem conhecida de que, salvo poucas excepções, o *s* entre vogaes tem o som de *z*.

Não é muito de espantar este estado de desordem na orthographia de idiomas illettrados, quando na nossa propria e formosa lingua se observa a tal respeito a maior incuria. Não nos faltam certamente diccionarios; mas cada auctor indica um modo de escrever e pronunciar diverso dos outros. Parece incrivel que a lingua portugueza não tenha ainda um diccionario official, que nos sirva de auctoridade.

A respeito de etymologias, não menciono senão aquellas que me pareceram racionaes. Procural-as na méra semelhança de palavras é um erro que nos conduz a verdadeiros despropositos. Temos um exemplo disso naquellas de que tratou Martius no seu *Glossaria Linguarum Brasiliensium*.

Martius é um sabio digno da justa veneração de todo o universo, pelos seus serviços á sciencia; e nós Brazileiros lhe devemos particular gratidão pela publicação da *Flora Brasiliensis*, esse soberbo monumento da nossa riqueza vegétal; mas como etymologista claudicou de um modo lamentavel. Seu *Glossaria*, verdadeiro desserviço feito á linguistica, é infelizmente a norma por onde se guiam certos romancistas, que, sem estudos especiaes, se julgam auctorizados a interpretar vocabulos de que nem sequer conhecem a genuina significação.

Não me extenderei mais sobre este assumpto, não obstante o interesse que nos póde inspirar, e terminarei dirigindo meus geraes agradecimentos a todos aquelles amigos que me auxiliaram com suas informações.

Relação das pessoas que contribuiram com informações, e cujos nomes estão citados no correr d'este Diccionario

---

Abreu e Lima	General José Ignacio de Abreu e Lima, já fallecido.
Alberto	Felippe José Alberto, já fallecido.
Aragão	Dr. Francisco Pires de Carvalho e Aragão.
Aranha.	Themistocles Aranha, já fallecido.
B. de Geremoabo	Barão de Geremoabo.
B. Homem de Mello	Barão Homem de Mello.
B. de Jary	Barão de Jary.
B. de Maceió	Barão de Maceió, já fallecido.
B. de Marajó	Barão de Marajó.
B. de Mattoso	Barão de Mattoso.
B. de Campos	Barão de S. Salvador de Campos.
B. Marcondes	Coronel Benedicto Marcondes Homem de Mello.
C. de Albuquerque	Tenente honorario Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque.
Cesar. C. da Costa	Tenente-coronel honorario Cesario Corrêa da Costa.
Chagas	Conselheiro Francisco Manoel das Chagas.
Chagas Doria	Major Luiz Manoel das Chagas Doria.
Claudiano	Claudiano Xavier de Oliveira.
Colonia	José dos Santos Colonia.
Correia de Moraes	João José Correia de Moraes.
D. Braz	D. Braz de Souza da Silveira.
E. Barbosa	Vice-almirante Eliziario José Barbosa.
E. de Souza	Dr. Antonio Ennes de Souza.
F. Rocha	Conselheiro Antonio Ladislau de Figueiredo Rocha, já fallecido.

F. Tavora	Dr. João Franklin da Silveira Tavora, já fallecido.
Glaziou	Dr. Augusto Francisco Maria Glaziou.
Göldi	Dr. Emilio Augusto Göldi.
H. Barbosa	Chefe de divisão Hermenegildo Antonio Barbosa de Almeida, já fallecido.
J. Alfredo	Conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira.
J. A. de Freitas	Dr. João Alfredo de Freitas.
J. Przewodowsky	João Przewodowsky, já fallecido.
João Ribeiro	João Ribeiro Fernandes, da Bibliotheca Nacional.
J. S. da Fonseca	Dr. João Severiano da Fonseca.
J. Norberto	Commendador Joaquim Norberto de Souza e Silva.
J. Serra	Joaquim Maria Serra, já fallecido.
Lima e Silva	Tenente-coronel João Manoel de Lima e Silva.
L. de Beaurepaire	Tenente-coronel Luiz de Beaurepaire Rohan.
L. D. Clève	Dr. Luiz D. Clève.
Marinho Falcão	Alferes honorario Ismael Marinho Falcão.
Meira	Dr. Olintho José Meira.
M. Brum	Dr. José Zeferino de Menezes Brum, da Bibliotheca Nacional.
Monteiro Tourinho	Capitão Francisco Antonio Monteiro Tourinho, já fallecido.
Moreno	D. Enrique B. Moreno, ministro plenipotenciario da Republica Argentina.
Müller Chagas	Engenheiro Daniel Pedro Müller Chagas.
Neves Leão	Dr. Theophilo das Neves Leão.
Paula Souza	Conselheiro Bento Francisco de Paula Souza.
Pereira de Carvalho	Tenente-general Luiz José Pereira de Carvalho.
Ramos	Dr. Francisco da Costa Ramos.
Sagastume	D. José Vasques Sagastume, ministro plenipotenciario da Republica Oriental do Uruguay.
Saldanha da Gama	Dr. José Saldanha da Gama.
Santiago	Dr. Galdino Tude de Assumpção Santiago.
Santos Souza	Dr. Antonio Alvares dos Santos Souza.
S. C. Gomes	Saturnino Candido Gomes.
S. Villalva	Engenheiro Saturnino Francisco de Freitas Villalva.
Severiano da Fonseca	Dr. João Severiano da Fonseca.
S. Coutinho	Dr. João Martins da Silva Coutinho.
Silva Pontes	Dr. José Marciano da Silva Pontes.
Soriano	Dr. João Soriano de Souza.
Souza	Commendador Manoel José de Souza.

Souza Rangel	Dr. Francisco Lucas de Souza Rangel.
S. Romero	Dr. Sylvio Romero.
Valle Cabral	Alfredo do Valle Cabral, da Bibliotheca Nacional.
Velarde	D. Juan Francisco Velarde, ministro residente da Republica de Bolivia.
Vianna	J. E. Vianna.
Villaça	Dr. Antonio Francisco Villaça de Azevedo, já fallecido.
Villas Boas	José Diniz Villas Boas.
V. de S. Christovão	Visconde de S. Christovão.
V. de Souza Fontes	Visconde de Souza Fontes.

Relação dos auctores e obras mencionados

Agostinho Joaquim do Cabo, *Memoria sobre a mandioca ou pão do Brazil*, Ms. da Bibliotheca Nacional.

Alencastre, *Memoria chronologica, historica e geographica da provincia do Piauhy*, no tomo XX da *Revista* do Instituto Historico.

Anchieta, *Arte da grammatica da lingua mais usada na costa do Brazil.*

Araripe Junior, *Luizinha.*

Arruda da Camara (Manoel), *Dissertação sobre as plantas do Brazil que podem dar linhos proprios para muitos usos da sociedade e supprir a falta do canhamo.*

Arte de furtar, obra que se attribue geralmente ao padre Antonio Vieira.

Aulete (F. J. Caldas), *Diccionario contemporaneo da lingua portugueza.*

Autran, *A Borracha*, na *Revista Amazoniense*, tomo II, pag. 79.

Azevedo Marques, *Apontamentos historicos, geographicos, biographicos, estatisticos e noticiosos da provincia de S. Paulo.*

Baena, *Ensaio corografico sobre a provincia do Pará.*

Baptista Caetano, *Apontamentos sobre o abañeenga.*

Blest Gana (Alberto), *El rodeo y la aparta*, na *America literaria.*

Camara (Antonio Alves), *Ensaio sobre as construcções navaes indigenas do Brazil.*

Cannecatim (fr. Bernardo Maria de), *Diccionario da lingua bunda ou angolense.*

Capello e Ivens, *De Benguella ás terras de Iacca.*

Castelnau, *Expédition dans les parties centrales de l'Amérique du Sud.*

C. A. Marques (Dr.), *Diccionario historico-geographico da provincia do Maranhão*; e *Diccionario historico, geographico e estatistico da provincia do Espirito Santo.*

Cesimbra, *Ensaio sobre os costumes do Rio Grande do Sul.*

Chesnel (le comte de), *Dictionnaire des armées de terre et de mer.*

Correia Netto (Luciano), Artigo inserto no *Jornal do Commercio*, de 17 de fevereiro de 1887.

Coruja, *Collecção de vocabulos e phrases usados na provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul*, na *Revista* do Instituto Historico.

Costa Rubim, *Vocabulario brazileiro.*
Costa e Sá, *Dictionnaire Français-Portugais.*
Couto de Magalhães (Dr.), *O Selvagem.*
Dic. Mar. Braz.— Diccionario Maritimo Brazileiro.
Dic. Port. Braz.— Diccionario Portuguez-Braziliano.
Escr. Taunay (senador), *Estudos criticos.*
F. Denis, *Lettre sur l'introduction du tabac en France.*
Fernandes de Souza (André), *Noticias geographicas da capitania do Rio Negro*, na *Revista* do Instituto Historico, vol. X, pag. 411.
Ferreira Moutinho, *Noticia sobre a provincia de Matto-Grosso.*
Ferreira Penna (Domingos Soares), *A ilha de Marajó.*
Figueira (Padre Luiz), *Arte da grammatica da lingua do Brazil.*
Flor. Bras.— Flora Brasiliensis.
F. Bernardino (conego), *Lembranças e curiosidades do Valle do Amazonas.*
F. Allemão (Dr.), Artigos diversos sobre os vegetaes do Brazil.
G. Soares, *Roteiro do Brazil.*
J. C. da Silva, *L'Oyapoc et l'Amazone.*
J. F. dos Santos (Dr.), *Acayacá.*
J. L. de Vasconcellos, *Dialectos interamnenses*, na *Revista de Guimarães.*
J. de Alencar (Dr.), Obras diversas.
José Coriolano de Souza Lima, *Impressões e gemidos.*
J. Verissimo, *Scenas da vida amazonica.*
J. Galleno, *Lendas e canções populares.*
Koster (Henri), *Voyages dans la partie septentrionale du Brésil.*
Lacerda, *Diccionario da lingua portugueza.*
Leite Moraes (Dr.), *Apontamentos de viagem.*
Le Maoût et Decaisne, *Traité général de botanique.*
Léry (Jean de), *Histoire d'vn voyage fait en la terre dv Brésil.*
L. Amaz. (L. Amazonas), *Diccionario topographico, historico e descriptivo do Alto Amazonas.*
Macedo Soares (Dr.), *Estudos lexicographicos do dialecto brazileiro*, na *Revista Brazileira.*
Marcgrave, *Historia rerum naturalium Brasiliæ.*
Mart., Martius, *Glossaria linguarum brasiliensium.*
Montoya, *Vocabulario y Tesoro de la lengua guarani.*
Moraes, *Diccionario da lingua portugueza.*
Neuw. (Principe Maximiliano de Neuwied), *Voyage au Brésil.*
P. Nogueira, *Vocabulario indigena em uso na provincia do Ceará.*
P. de Frontin, *Minas de Assuruá*, no jornal *O Paiz* de 8 de Julho de 1886.
Piso, *De medicina brasiliensi*, lib. IV.

Rebouças (André e José), *Ensaio de indice geral das madeiras do Brazil.*

S. Luiz (Fr. Francisco de), *Glossario de vocabulos portuguezes derivados das linguas orientaes e africanas, excepto a arabe.*

St. Hil., S. Hilaire, Saint-Hilaire (Auguste de), *Voyages dans le Brésil.*

Saturnino e Francina, *Elementos grammaticaes da lingua nbundu.*

Seixas, *Vocabulario da lingua indigena geral.*

Serpa Pinto, *Como eu atravessei a Africa.*

Silva Braga, *A Bandeira de Anhangoëra a Goyaz*, na *Gazeta Litteraria.*

Thesouro do Amazonas, pelo padre João Daniel, na *Revista trimensal* do Instituto Historico, tomo II, pag. 321.

Thevet (Fr. André), *Les singularitez de la France antarctique.*

T. Pompeo, *Diccionario topographico e estatistico da provincia do Ceará.*

Valdez (Manuel do Canto e Castro Mascarenhas) *Diccionario español-portugués.*

Vasconcellos (Padre Simão de), Obras diversas.

Vieira (Fr. Domingos), *Diccionario da lingua portugueza.*

V. de Porto Seguro, *Breves commentarios á obra de Gabriel Soares.*

Voc. Braz., *Vocabulario da lingua brazilica*, Ms. da Bibliotheca Nacional e da Bibliotheca Fluminense.

Yve d'Evreux, *Voyage dans le nort du Brésil.*

Zorob. Rodriguez, *Diccionario de chilenismos.*

Principaes abreviaturas

adj.	adjectivo.	*Serg.*	Sergipe.
adj. f.	adjectivo feminino.	*S. Cat.*	Santa-Catharina.
adj. m.	adjectivo masculino.	*s.*	substantivo.
Adv.	Adverbio.	*s. f.*	substantivo feminino.
Amaz.	Amazonas.	*s. f. pl.*	substantivo feminino plural.
Esp. Santo.	Espirito-Santo.		
Etym.	Etymologia.	*s. m.*	substantivo masculino
Fig.	Figuradamente.	*s. m. e f.*	substantivo masculino e feminino.
gen.	genero.		
Mat. Gros.	Matto-Grosso.	*s. m. pl.*	substantivo masculiuo plural.
Obs.	Observação.		
Par. do N.	Parahyba do Norte.	*Syn.*	Synonymo.
Pern.	Pernambuco.	*V.*	veja-se.
provs. merid.	provincias meridionaes	*Valle do Amaz.*	Valle do Amazonas.
provs. do N.	provincias do Norte.	*v. intr.*	verbo intransitivo.
R. de Jan.	Rio de Janeiro.	*v. pron.*	verbo pronominal.
R. Gr. do N.	Rio-Grande do Norte.	*v. tr.*	verbo transitivo.
R. Gr. do S.	Rio-Grande do Sul.	*voc.*	vocabulo.

CORRIGENDA.—No artigo **Johô**, lin. 2, em vez de *Cryturus*, leia-se *Crypturus*.

DICCIONARIO

DE

VOCABULOS BRAZILEIROS

Abacáte, *s. m.* fructa do Abacateiro, arvore do genero *Persea (P. gratissima)* da familia das Lauraceas, oriunda do Mexico e de outras partes da America, geralmente cultivada, não só no Brazil, como em todos os paizes comprehendidos na zona intertropical. ‖ *Etym.* Corruptela do mexicano *Aguacáte*.

Abacaxí, *s. m.* primorosa variedade do Ananaz, da qual se contam diversas qualidades, geralmente cultivadas no Brazil. D'antes essa cultura limitava-se ao Pará e Maranhão; mas nos primeiros annos deste seculo o naturalista Arruda, em suas excursões botanicas, trouxe do Maranhão para Pernambuco mudas desta planta, e d'ahi se propagou a outras provincias. ‖ *Etym.* Em relação a este assumpto, farei apenas observar que ha um affluente do Amazonas chamado rio Abacaxis. Não sei se desta circumstancia deveremos inferir que as margens daquelle rio são a patria desta fructa.

Abajêrú, *s. m.* nome primitivo do Guajêrú.

Abará, *s. m. (Bahia, R. de Jan.)* comida feita da massa de feijão cozida em azeite de dendê e temperada com Pimenta da Costa e Pijerecum. Dão-lhe a fórma de bolas e são envoltas em folhas de bananeira, do mesmo modo e com a consistencia do Acassá, mas em ponto menor (Alberto). ‖ *Etym.* E' vocabulo da lingua yorùba (Neves Leão).

Abarbarádo, *adj. (R. Gr. do S.)* temerario.

Aberêm, *s. m. (Bahia, R. de Jan.)* bolo feito de massa de milho ou de arroz moído em pedra, ordinariamente um tanto fermentado, envolto em muitas folhas de bananeira, dentro das quaes é cozido a vapor e se conserva (Alberto). ‖ *Etym.* E' vocabulo da lingua yorùba (Neves Leão).

Abestruz, *s. m. (R. Gr. do S.)* v. *Ema.*

Abichornádo, a, *adj. (R. Gr. do S.)* acobardado, acabrunhado, desanimado, aborrecido, envergonhado, vexado: Com a fallencia daquella casa commercial, onde se achava a maior parte da minha fortuna, fiquei *abichornado*. O chefe tratou tão desabridamente o seu ajudante, que o deixou *abichornado*. ‖ *Etym.* E' vocabulo derivado do castelhano *abochornado*, havendo tambem nesta lingua o verbo *abochornar*, que, além de outras significações, tem, no sentido figurado, a de fazer corar de vergonha, irritar, estimular; e mais o adj. *bochornoso*, com a accepção de vergonhoso, que causa vergonha e vituperio (Valdez). O voc. *bochorno*, que é tanto portuguez como castelhano, é certamente o radical de todos esses termos.

Abío, *s. m.* fructa do Abieiro *(Lucuma Caimito)*, arvoreta da familia das Sapotaceas, natural da America equatorial, e cultivada no Brazil, desde o Pará até o Rio de Janeiro.

Abíorâna, *s. m.* *(Valle do Amaz.)* fructa de uma arvore do mesmo nome *(Lucuma lasiocarpa)*, da familia das Sapotaceas. || *Etym.* E' voc. tupi, significando *semelhante ao Abio.*

Abombar, *v. intr.* *(R. Gr. do S.)* diz-se que o cavallo *abombou*, quando, tendo feito grande viagem em dia de calor, fica em estado de não poder mais caminhar; mas, depois de refrescar, póde continuar a marcha (Coruja). || Em outras provincias do Brazil servem-se no mesmo caso do verbo *affrontar.* || *Etym.* Nas indagações a que tenho procedido nada pude encontrar de muito satisfactorio a respeito da origem do verbo *abombar*. Cheguei a pensar que fosse de procedencia guarani; mas estou hoje convencido do contrario. Entre os *Chilenismos* apontados por Zorob. Rodrigues, encontra-se o v. pron. *abombarse*, e o adj. *abombado*, significando: 1° perder em parte a lucidez das faculdades mentaes; 2° ébrio ou antes ligeiramente embriagado, dizendo-se tambem *bomba* na phrase *estar em bomba.* O nosso verbo *abombar* será por acaso o resultado da comparação do cavallo, que, por fatigadissimo, não póde caminhar, com o homem a quem outro tanto acontece no estado de embriaguez?

Acabocládo, a, *adj.* que tem origem, feições ou côr de caboclo:. Tomei a meu serviço um rapaz *acaboclado* de muita intelligencia. Fulano casou-se com uma rapariga *acaboclada.*

Acajú, *s. m.* antigo nome tupi do *Cajú.*

Acará (1°), *s. m.* *(Bahia, R. de Jan.)* o mesmo que *Acarajé.*

Acará (2°), *s. m.* nome vulgar de diversas especies de peixes, tanto do mar, como dos rios. || *Etym.* E' voc. tupi. Tambem dizem *Cará* (2°).

Acarajé, *s. m.* *(Bahia, R. de Jan.)* especie de comida feita de massa de feijão cozido, tendo a fórma de bolas, e fritas em azeite de dendê com pimenta malagueta *(Capsicum sp.).* Tambem lhe chamam *Acará.* Distingue-se do Abará em ser mais apimentado e não ser envolto em folhas de bananeira (Alberto). || *Etym.* E' voc. da lingua yorúba (Neves Leão).

Acassá, *s. m.* *(Bahia, R. de Jan.)* especie de bolo de arroz ou de milho moido em pedra, fermentado ou não, cozido em ponto de gelatin aconsistente e envolto, emquanto quente, em folhas verdes de bananeira dobradas em fórma rectangular, de modo a ficar o bolo protuberante no centro e achatado para as bordas. Esta comida, oriunda da Africa, acha-se de todo vulgarisada entre as familias bahianas, as quaes d'ella se servem á guiza de pirão para comer o *Vatapá* e *Carurú*, ou dissolvida ligeiramente em agua e assucar, como bebida refrigerante e substancial, a que chamam *Garápa de Acassá*, mui aconselhada ás mulheres que amamentam. Ha tambem o *Acassá de leite*, que é em ponto menor, somente de fubá de arroz com assucar e leite de côco, cozido em ponto menos consistente como uma gelatina tremula e mui grata ao paladar (Alberto). || Em Pernambuco dão ao *Acassá* o nome de *Pamonha de garápa.* || Nas colonias francezas da America dão a certo preparado de mandióca o nome de *Cassave*, que parece pertencer ao mesmo radical.

Acauân, *s. m.* especie de ave de rapina *(Falco cachinans* Lin. ex Mart.) que ataca particularmente os Ophidios. || *Etym.* E' voz onomatopaica derivada do canto dessa ave. || Tambem lhe chamam *Macauân.*

Acayá, *s. m.* *(Mat.-Gros.)* o mesmo que *Cajá.*

Açoiteiras, *s. f. plur.* *(R. Gr. do S.)* ponta das redeas com que o cavalleiro açoita o cavallo (Coruja). || *Etym.* Deriva-se do voc. americano-hespanhol *Azotera*, que significa açoite, especie de disciplinas de varios ramos presas ás redeas do freio, e com que se suppre o chicote, para fazer apressar o passo ás cavalgaduras (Valdez).

Acolherar, *v. tr.* *(R. Gr. do S.)* ajoujar, atrelar entre si os animaes, sobretudo os cavallos, por meio da *colhéra* (Coruja). || *Etym.* Do castelhano *acollarar.*

Açougueiro, *s. m.* proprietario de um açougue, carniceiro.

Acuéra, *adj. m.* e *f.* *(Pará)* antigo, velho, abandonado, extincto. Applica-se a cousas passadas em tempo mais ou menos remoto, mas cujos vestigios ainda existem. || *Etym.* E' voc. do dialecto tupi do Amazonas. Os aborigenes d'aquella região dão o nome de *oca-acuèra* a uma casa que de velha cahiu em ruinas. || Ha casos em que *acuèra* póde ser empregado como adverbio, significando *antigamente.*

Afurá, *s. m.* *(Bahia)* bolo do tamanho de uma laranja ordinaria feito de arroz fermentado moido em pedra, o qual, diluido em agua adoçada, forma uma bebida refrigerante usada entre os naturaes da Africa pertencentes á nacionalidade dos Nagôs (Alberto). E' quasi o mesmo que o *Mócòròró* do Maranhão. || *Etym.* E' voc. da lingua yorùba (Neves Leão).

Agaüchádo, *adj.* *(R. Gr. do S.)* que tem habitos de *Gaücho* (Cesimbra).

Aggregádo, *s. m.* lavrador pobre, que, em falta de terras proprias, se estabelece nas fazendas alheias, com permissão dos respectivos proprietarios, mediante condições que variam de um logar para outro. || Em algumas provincias do norte, estende-se esta denominação a toda a sorte de empregados livres que um proprietario tem a seu serviço, para os trabalhos da lavoura, da pescaria e occupações domesticas. Nestes casos equivale ao que nas provincias meridionaes chamam *Camarada.*

Aguachádo, *adj. m.* *(R. Gr. do S.)* diz-se do cavallo que, depois de muitos mezes de repouso, se acha mui gordo e descançado, e como tal improprio para uma longa marcha. || *Etym.* Deriva-se de *Guàcho,* ao qual se assemelha o cavallo bem tratado (Zorob. Rodrigues).

Aguapé, *s. m.* nome que dão ás diversas especies de vegetações que se criam á superficie dos lagos e outras aguas mortas. || *Etym.* E' voc. commum a todos os dialectos da lingua tupi. || Moraes não o menciona. No seu artigo Agua, encontra-se *Agua pé* significando uma especie de vinho mui aguado e fraco, produzido pela mistura da agua com o succo da uva já expremida. Aulete escreve *Agua-pé,* tanto no sentido portuguez, como no sentido brazileiro da palavra, e neste ultimo caso é erro manifesto.

Aguatá, *v. intr.* *(Littoral)* o mesmo que *auatá.*

Agulhas, *s. f. pl.* *(R. Gr. do S.)* pedaços de carne unidos ao osso do espinhaço do boi. Cada pedaço desse osso com a carne correspondente é o que se chama *Agulhas* (Coruja).

Ahiva, *adj. m.* e *f.* *(S. Paulo, Paraná)* mau, ruim, sem valor, sem prestimo. || *Etym.* E' voc. tupi. || Tambem se pronuncia *ahiba.* Algum uso ainda se faz deste adjectivo n'aquellas provincias. No Paraná perguntando eu a um rustico como se achava de saude, respondeu-me: A's vezes bem e ás vezes *ahiva.*

Aicuna!, *int.* *(R. Gr. do S.)* expressão de admiração : *Aicuna !* que valente militar (Cesimbra).

Aipim, *s. m.* *(Provs. merid.)* planta brazileira da familia das Euphorbiaceas *(Manihot Aypi),* cuja raiz assada ou cozida é excellente alimento. Em Pernambuco e d'ahi até o Pará lhe chamam *Macaxeira.* || *Etym.* Do tupi *Aipi,* que Montoya e Léry escreveram *Aypi.*

Airí, *s. m.* *(R. de Jan.)* Palmeira do gen. *Astrocaryum (A. Ayri).* || *Etym.* E' voc. tupi. || Em São-Paulo lhe chamam *Brejahuba.*

Alagadiceiro, *adj.,* boi alagadiceiro é o que come as hervagens e pastos dos alagadiços (Moraes). Este auctor não menciona a provincia em que é usual este voc., e contenta-se em dizer que é termo do Brazil. Aulete não trata d'elle; e eu pela minha parte declaro que nunca o ouvi pronunciar.

Alagoâno, a, *s.* natural da provincia de Alagoas: Os *Alagoânos* são mui dados á agricultura. || *adj.,* que pertence áquella provincia: A lavoura *alagoana* consiste principalmente na cultura da canna d'assucar e do algodão.

Alambrádo, *s. m.* e *adj. (R. Gr. do S.)* terreno cercado por meio de fios de arame : Tenho um extenso *alambrado*. Aquelle campo *alambrado* pertence ao meu visinho. || *Etym.* E' voc. importado das republicas platinas e cujo radical é *Alambre.*

Alambrar, *v. tr. (R. Gr. do S.)* cercar um terreno com fios de arame.

Alçádo, *adj. (R.Gr. do S.)* amontado. Diz-se dos gados e outros animaes domesticos que se mettem pelos mattos, e vivem desgarrados á laia de animaes bravios. || *Etym.* Provavelmente origina-se do verbo *alçar-se*, que, entre outras significações, tem a de levantar-se, rebellar-se, sublevar-se ; ou do verbo castelhano *alzarse*, que tambem significa retirar-se, apartar-se de algum sitio, o que cabe bem ao gado amontado. || No Piauhy e outras provincias do norte dão, neste caso, ao gado bovino o nome de *barbatão;* e em Alagoas e sertões da Bahia dizem á portugueza *amontado*, ou, incorrectamente, *montado*.

Alcagüête, *s. m.* e *f. (R. Gr. do S.)* alcoviteiro (Cesimbra). || *Etym.* Do castelhano *Alcahuete*. Com a mesma significação ha em portuguez alcaiote, *s. m.* e alcaiota, *s. f.* Sem a menor duvida, tanto em uma como em outra lingua, são vocabulos derivados de um radical commum.

Aldêia, *s. f.* nome especial das povoações compostas exclusivamente de aborigenes, quer vivam submissos ao regimen civilisado, quer vivam independentes nos sertões. || *Etym.* E' o nome portuguez de povoação rustica (Aulete). || No Paraná, dão á aldeia dos aborigenes o nome de *toldo*; e no valle do Amazonas o de *malóca*. No Brazil chamam simplesmente *Povoação* àquillo que corresponde á *Aldeia* de Portugal.

Aldêiamento, *s. m.* o mesmo que *Aldeia*: A' margem esquerda do rio existe um importante *aldeiamento* de indios bravios. || Acto de reunir em aldeia os aborigenes que vivem dispersos: O governo trata do *aldeiamento* dos indios que vivem errantes nas margens do Araguay.

Aldêiar, *v. tr.* reunir em aldeia os indios que vivem dispersos.

Alfáfa, *s. f.* nome vulgar da luzerna *(Medicago sativa)*. || *Etym.* Do castelhano *Alfalfa*.

Alibambádo, *adj.*, preso ao Libambo ; acorrentado. || Este voc. cahiu completamente em desuso.

Alibambar, *v. tr.* prender ao Libambo; acorrentar. || Este voc. cahiu completamente em desuso.

Alotadôr, *s. m. (Provs. do N.)* cavallo de lançamento, a cujo cargo fica um lote de eguas: E' bom *alotador* aquelle cavallo que impede a dispersão das eguas (Meira). || No R. Gr. do S. lhe chamam *Pastor*.

Alotar, *v. tr. (Provs. do N.)* exercer a necessaria vigilancia para impedir que se dispersem as eguas que formam um lote, a cargo de um cavallo de lançamento (Meira).

Alqueire, *s. m. (Provs. merid.)* medida agraria de dimensão variavel. No R. de Jan. é de 10.000 braças, quadradas = 4,84 hectares; no Paraná e S. Paulo é de 5.000 braças quadradas = 2,42 hectares. Em certos municipios do R. de Jan. e Minas-Geraes ha alqueires de outras dimensões.

Aluá, *s. m.* bebida refrigerante feita de arroz cozido, assucar e sumo de limão. Tambem a fazem de *fubá* de milho. || No Ceará preparam o *Aluá* com a farinha do milho torrado e assucar (J. Galeno). || No Maranhão dão a uma bebida semelhante o nome de *Mócóróró*; em S. Paulo o de *Caramburú*; e em Pernambuco o de *Quimbembé*. || *Etym.* De *Ualúa* , voc. da lingua bunda que se applica a uma especie de cerveja feita de milho e outros ingredientes (Capello e Ivens). Segundo estes illustres viajantes, tambem lhe chamam *quimbombo* e *garápa*, conforme ao terras. || Moraes e outros lexicographos escrevem *Aloá*. Lacerda consagra um artigo a *Aloa* e outro a *Aluá*. São da maior extravagancia as etymologias com que enfeitam os artigos respectivos. Aulete não menciona este vocabulo.

Alvarenga, *s. f. (Pern. Bahia, Maranhão, Pará)* especie de lancha grande de pouco pontal, de que usam

para embarque e desembarque do carregamento de navios, e transporte de materiaes pesados. Corresponde, quanto ao effeito, à *Gabarra* e *Batelão* de Portugal, e ao *Saveiro* do R. de Jan. ‖ *Etym.* Como appellido de familia, *Alvarenga* é nome tanto portuguez como hespanhol. Com outra qualquer significação, não o encontro em diccionario algum. Só Vieira o menciona com a significação que tem no Brazil. Aulete não trata delle de modo algum. Não duvido que fosse algum senhor Alvarenga que instituisse esse genero de transporte e dahi lhe provenha o nome.

Amadrinhar, *v. tr. (Provs. merid.)* acostumar uma tropa de animaes muares a viver em companhia de uma egua, á qual dão por isso o nome de *madrinha*, e a acompanhal-a nas viagens. ‖ *(R. Gr. do S.)* acostumar os cavallos a persistirem junto da *egua madrinha* (Coruja). ‖ *(Riba-Tejo, em Portugal)* é jungir o touro com um boi manso, afim de afazel-o ao trabalho (Aulete).

Amarrar, *v. tr. (R. Gr. do S.)* ajustar ou apostar corridas de cavallos. Feito o ajuste, e ás vezes com papel de trato, fica a corrida *amarrada*. No mesmo sentido, tambem dizem *atar uma carreira* (Coruja). ‖ *Etym.* é verbo portuguez tomado neste caso em accepção figurada.

Amazoniense, *s. m.* e *f.* natural da provincia do Amazonas : Na industria extractiva consiste principalmente a riqueza dos *Amazonienses*. ‖ *adj.* que pertence áquella provincia : O commercio *amazoniense* está em via de prosperidade. ‖ No sentido o mais geral o voc. *Amazoniense* cabe a toda a região banhada pelo Amazonas, comprehendendo desta sorte as nossas duas provincias do Pará e Amazonas e parte da republica vizinha do Perú.

Ambrosnáto, *s. m. (Serg.)* especie de creme (Villas-Boas).

Ambrosô, *s. m. (Pern.)* especie de comida feita de farinha de milho, azeite de dendê, pimenta e outros temperos (S. Roméro). ‖ *Etym.* Devemos crer que ao sabor primoroso desta comida deve ella o nome que tem. Não sei porém se os ingredientes que entram na sua composição justificam a sua comparação com a Ambrosía dos deuses.

Ameixa, *s. f.* nome que, acompanhado sempre de algum epitheto, se dá a diversas fructas, embora não tenham a menor affinidade com as plantas do genero *Prunus*, que nos vieram da Europa ; taes são: a *Ameixa* de Madagascar *(Flacourtia Ramontchi)* da fam. das Bixineas ; *Ameixa* da terra *(Ximenia americana)* da fam. das Olacineas ; *Ameixa* do Japão a que tambem chamam *Ameixa* amarella e *Ameixa* do Canadá *(Eriobotrya japonica)* da fam. das Rosaceas ; *Ameixa* de Porto-Natal *(Carissa Carandas)* da fam. das Apocineas ; *Ameixa* do Pará, do gen. *Eugenia*, fam. das Myrtaceas ; e outras mais.

Amendoeira, *s. f.* nome vulgar da *Terminalia Catappa*, arvore exotica, geralmente cultivada no Brazil, como planta ornamental, e de cujas fructas são mui avidas as crianças. A verdadeira amendoeira *(Amygdalus communis)* é escassamente cultivada nas Provs. merid.

Amendoim, *s m.* o mesmo que *Mandubí*.

Amilhar, *v. tr. (Provs. merid.)* tratar os animaes a milho, isto é, darlhes rações regulares deste cereal.

Amistosamente, *adv.* amigavelmente. ‖ *Etym.* De amistoso.

Amistôso, *adj.* amigavel. ‖ *Etym.* E' voc. castelhano.

Amocambádo, *adj.* o mesmo que *aquilombádo*.

Amocambar, *v. tr.* o mesmo que *aquilombar*.

Amostrinha, *s. f. (R. de Jan.)* especie de tabaco de pó.

Anacân, *s. m. (Pará)* especie de ave pertencente á familia dos Psittacideos, ordem dos Trepadores.

Ananaz, *s. m.* fructa do Ananazeiro *(Ananassa sativa)* da familia das Bromeliaceas, indigena do Brazil e em geral da America intertropical, e não da Asia, como erroneamente o dizem Moraes, Aulete e outros auctores. ‖ *Etym.* Do tupí *Naná (Voc. Braz.*, Thevet). Os Guaranís lhe chamavam *Nãnã* (Montoya). Léry escreveu *Ananas*.

Andáca, *s. f. (Pern.)* o mesmo que *Trapoerába.*

Andadôr, *s. m. (R. Gr. do S.)* o mesmo que *esquipadôr.*

Andadúra, *s. f. (R. Gr. do S.)* o mesmo que *esquipádo.*

Andiróba, *s. f. (Pará)* fructa oleosa da Andirobeira *(Carapa guyanensis)* da familia das Meliaceas. ‖ *Etym.* E' corruptela de *Jandi-róba*, que, em lingua tupí, significa *oleo amargo.* ‖ Na Bahia e outras provincias do norte ha outra planta chamada indifferentemente *Andiróba*, *Jandiróba*, e *Nhandiróba*, pertencente ao genero *Fevillea* da familia das Cucurbitaceas, e cuja fructa tem as mesmas propriedades que a antecedente.

Andorinha, *s. f. (R. de Jan.)* especie de carro destinado ao transporte de mobilias.

Andú, *s. m. (Bahia)* o mesmo que *Guando.*

Angareira, *s. f. (Bahia)* pequena rêde rectangular de malhas miudas, com as cabeceiras cosidas em pequenas varas em que seguram os canoeiros e fixam no fundo da canôa, para nella baterem as tainhas, quando saltam por cima da rêde que as cerca, e cahirem dentro da canôa (Camara).

Angaturâma, *s. m. (Valle do Amaz.)* espirito protector dos selvagens Muras. ‖ *Etym.* E' vocabulo da lingua tupí, significando franco e liberal, synonymo de *Moçacára (Voc. Braz.)*, appellidos estes que davam os Tupinambás ás pessoas bemfazejas e hospitaleiras. Em guaraní dizem, no mesmo sentido, *Angaturã* e *Angaturana*, palavra composta de *Anga-catú-rana*, significando *cousa semelhante a boa alma*, formosa, de boa apparencia, e, por metaphora, honrado, principal (Montoya).

Angú, *s. m.* especie de massa feita de farinha de mandioca cozida em panella ao lume, e serve, á guisa de pão, para se comer com carne, peixe e mariscos. Tambem lhe chamam *Pirão. Angú* de milho ou de arroz é a massa identicamente feita do *fubá* destas gramineas. *Angú de mandioca puba* é aquelle que se faz com a mandioca fermentada, depois de sovada em gral. *Angú de quitandeira*, no R. de Jan., é o nome de uma comida, que consiste em Angú, a que se ajunta qualquer iguaria bem apimentada, temperada com azeite de dendê, e muito do gosto dos gulosos. ‖ Em Pernambuco dão o nome de *bolão de angú* á porção d'elle arredondado, que se vende com guisado de carurú, que é o conducto (Moraes).

Anguhite, *s. m. (Maranhão)* especie de comida semelhante ao *carurú.*

Anguzáda, *s, f.* nome que dão a qualquer phenomeno moral em que se observa a maior confusão. Uma sociedade que se reune com determinado fim, e se compõe de membros de opiniões oppostas, sem se poderem entender, forma uma *Anguzáda.* E' a sarrabulhada dos Portuguezes, no sentido figurado.

Anguzô, *s. m. (Pern.)* especie de esparregado de hervas, semelhante ao *carurú*, que se come de mistura com o angú.

Anhânga, *s. m.* nome generico do diabo na lingua tupi, e do qual são especies o *Curupir* [illegible] *Jurupari*, e *Tagoaÿba (Voc. Braz.*[illegible] Em Minas-Geraes as amas tiram [illegible]eito do *Anhanga*, para compôr os con[illegible] com que entretêm os meninos (Couto de Magalhães).

Anhúma, *s. f.* nome commum a duas especies de aves ribeirinhas do genero *Palamedea (P. cornuta* e *P. Chavaria).* ‖ No valle do Amazonas lhe chamam *Inhuma* (Baena).

Anínga, *s. f. (Pará)* especie de Aroïdea que cresce á beira dos rios e lagos, e produz uma fructa comestivel (Baena). ‖ E' provavelmente o *Philodendron arborescens.*

Anóque, *s. m. (R. Gr. do S.)* especie de apparelho destinado á fabricação da decoada. Consiste em um couro quadrado preso lateralmente a quatro varas mais curtas que os lados respectivos, e assentadas sobre quatro forquilhas, de sorte a formar uma concavidade onde se deita o liquido (Coruja). ‖ Em outras partes do Brazil chamam a isso Banguê ‖ *Etym.* E' vocabulo portuguez, e designa nos cortumes a valla ou tanque onde se maceram os

couros para se pellarem ou descabellarem (Moraes).

Anta, *s. f.* nome vulgar do *Tapirus americanus*, mammifero da ordem dos Pachydermes, indigena do Brazil e de outras partes da America meridional, e do qual se conta mais de uma especie. ‖ *Etym.* Anta é o nome europeu de um Ruminante de especie grande pertencente ao genero *Cervus (C. Alce)*. Os Hespanhoes e Portuguezes o impuzeram, bem desacertadamente, ao nosso pachyderme, o qual tinha na lingua tupi o nome de *Tapiira*. V. este nome.

Antân, *adj.* voc. tupi significando *duro*. Só se manifesta nos nomes de certas madeiras notaveis pela sua rigidez, como *Ubantân*, *Jacarandátân*, *Inhuibantân*, etc. ‖ Este adj. varia muito de forma de um para outro dialecto : no Guarani *Hătă*, *Tătă* (Montoya) ; no antigo tupi de norte *Santan (Dic. Port. Braz.)* ; e ainda actualmente dizem *Santá* no dialecto amazoniense (Seixas).

Anú (1º), *s. m.* nome commum a duas especies de aves trepadoras do genero *Crotophaga :* Anú-guassú, Anú-mirim. ‖ Ha tambem, com o nome de *Anú-branco ou Alma-de-gato*, uma ou mais especies pertencentes ao genero *Cuculus*.

Anú (2º), *s. m.* *(R. Gr. do S.)* nome de uma das variedades desses bailes campestres a que chamam geralmente *Fandango* (Coruja).

Apáras, *s, f. plur. (Provs. do N.)* o mesmo que *Raspas*.

Apendoar, *v. intr.* *(diversas Provs. do N.)* manifestar-se o pendão do milho: Meu milharal começa a *apendoar* (B. Homem de Mello). ‖ *Obs.* Segundo Moraes, o verbo *apendoar*, hoje antiquado, significava d'antes ornar, guarnecer com pendões: Apendoar as naus. Aulete nem sequer o menciona. ‖ Na Bahia, em relação ao milho, dizem *pendoar* (Aragão) ; e em Portugal *embandeirar-se* o milho (Moraes, Aulete).

Apereá, *s. f.* nome vulgar de uma especie de pequeno mammifero do genero *Cavia (C. Apereá)* da ordem dos Roedores. ‖ *Etym.* E' vocabulo tupi, vulgarmente usado sob a forma *Preá*.

Apicú, *s. m.* o mesmo que *Apicum*.

Apicum, *s. m.* nome que dão aos alagadiços que se formam no littoral com os transbordamentos do mar, nas occasiões da enchente da maré. ‖ *Obs.* na lingua tupi, *Apêcú* significa lingua (orgão principal da falla). Montoya o menciona com a mesma significação e tambem com a de guelra de peixe, *pirá-apêcú*. Não descubro n'isto a etymologia do nosso vocabulo. ‖ Tambem dizem *Apicú*.

Aplastrádo, *adj. (R. Gr. do S.)* o mesmo que *abombado*. ‖ *Etym.* Do verbo castelhano *aplastar*, significando amassar, machucar, esmagar, achatar (Valdez). Tomam-o em accepção figurada.

Aporreádo, *adj. (R. Gr. do S.)* diz-se do cavallo mal domado, ou que não se tem conseguido domar: Cavallo aporreado (Cesimbra). ‖ *Obs.* O verbo aporrear é tanto portuguez (Moraes) como castelhano (Valdez), no sentido de espancar. Aulete não o menciona.

Apuáva, *adj. (R. Gr. do S., Paraná)* o mesmo que *aruá*.

Aquerenciar-se, *v. pr. (R. Gr. do S.)* affeiçoar-se, acostumar-se, a um certo e determinado logar. Dizem isto especialmente dos animaes. Tambem se diz que um animal está *aquerenciado* com outro, quando se acostumou a viver com elle e o acompanha a toda a parte. ‖ *Etym.* Do castelhano *aquerenciarse* (Coruja).

Aquilombádo, *adj.* refugiado em quilombo. Tambem se diz, no mesmo sentido, *amocambado*.

Aquilombar, *v. tr.* reunir em quilombo escravos fugitivos: Aquelle malvado conseguiu *aquilombar* grande numero de escravos, e tem com elles praticado toda a sorte de attentados. ‖ *v. pr.*, occultar-se, refugiar-se em quilombo: Os escravos *aquilombaram-se* no deserto, além da serra. ‖ Tambem se diz *amocambar*, *amocambar-se*.

Araân! *int. (Pará)* expressão de saudade ou de sorpresa agradavel (B. de Jary). ‖ *Etym.* E' voc. do dialecto tupi do Amazonas. ‖ *Obs.* Em guarani, *araá* tem referencia a soffrimentos produzidos por febres (Montoya).

Araçá. V. *Arassá.*

Aração, *s. f.* (*Serg.*) fome excessiva. ‖ Acto de comer com precipitação: Que aração! diz-se de um menino ou de qualquer pessoa que devora ás pressas seu prato de comida (S. Roméro).

Araçarí. V. *Arassari.*

Aracambuz (1.°), *s. m.* (*Bahia*) cruzeta feita de paus encavilhados nos *bordos* da jangada, onde descança a verga da mezena (Camara).

Aracambuz (2°), *s. m.* (*Alagoas*, *Pern.*, *Ceará*) armação de paus fincados nos da jangada, com um no centro com forquilha, onde penduram os utensilios da pesca. ‖ No Ceará chamam *Espeques* aos paus que formam o *Aracambuz* (Camara).

Aracatí, *s. m.* (*Ceará*) nome que na ribeira de Jaguaribe dão ao vento do nordeste, que, no verão, entre sete e oito horas da noute, apparece de repente e com grande força. ‖ Este nome foi dado pelos Pitaguares, e depois passou a designar a povoação, hoje cidade de Aracatí (Thomaz Pompeo).

Arádo, a, *adj.* (*Serg. e outras Provs. do N.*) esfomeado, esfaimado: Depois de muitas leguas de marcha, cheguei á minha casa *arado* (S. Roméro). ‖ Tambem se diz *esgurido* (João Ribeiro).

Aranquân, *s. m.* e *f.*, o mesmo que *Araquân.*

Arapapá, *s. m.* (*Provs. do N.*) ave de ribeirinha, pertencente ao genero *Cancroma* (*C. cochlearia*). ‖ *Etym.* E' voc. tupi.

Araponga, *s. f.* ave do genero *Chasmarynchus* (*C. nudicolis*) da ordem dos Passeres, notavel pelo som metalico do seu canto. Em Minas-Geraes lhe chamam *Ferrador.* ‖ *Etym.* E' corruptela de *Guirapong*, voc. tupi composto de *Guirá*, ave, e *pong*, onomatopéa do canto ruidoso dessa ave.

Arapúca, *s. f.* especie de armadilha para apanhar passaros. ‖ *Etym.* Considero-a palavra tupi; mas não a vi ainda mencionada em obra alguma relativa áquella lingua. ‖ No valle do Amazonas dizem *Urapúca* (Seixas).

Araquân, *s. m.* e *f.* nome commum a tres especies de Gallinaceas, sendo uma do genero *Penelope*, e duas do genero *Ortalida.* ‖ *Etym.* E' voc. tupi. ‖ Tenho ouvido pronunciar tambem *Aranquân.*

Arára, *s. f.* nome commum a diversas especies de aves do gen. *Ara*, da familia dos Psittacideos, ordem dos Trepadores.

Arará, *s. m.* (*R. de Jan.*) nome que dão ao Cupim sexual (*Termita*), cujos enxames, em certa época do anno, sahem a voar, com o fim de propagar a especie.

Ararúna, *s. f.* especie de Arára, de côr azul ferrete. ‖ *Etym.* E' voc. tupi significando *Arára preta.*

Arassá, *s. m.* fructa do Arassazeiro, nome commum a diversas especies de plantas do genero *Psidium*, da familia das Myrtaceas. ‖ *Etym.* E' voc. tupi. ‖ Geralmente se escreve *Araçá*; mas eu prefiro a orthographia que adoptei, a qual fica ao abrigo dos erros a que a outra tem dado logar.

Arassanga, *s. f.* (*Ceará*) cacete curto de que usam os jangadeiros, para matar o peixe já ferrado no anzol, quando chega perto da jangada, para poder collocal-o sobre ella, sem perigo (Camara).

Arassarí, *s. m.* nome commum a diversas especies de aves do genero *Pteroglossus* da ordem dos Trepadores. ‖ *Etym.* E' voc. tupi. ‖ Geralmente se escreve *Araçari*; mas essa orthographia tem dado logar a se escrever *Aracari*, como ainda o faz Aulete.

Aratáca, *s. f.* especie de armadilha para apanhar animaes silvestres. ‖ *Etym.* E' voc. da lingua tupi (Vasconcellos). ‖ Em guarani dizem *Aratag* (Montoya). ‖ *Obs.* As dimensões desta armadilha dependem da dos animaes que se pretende apanhar, e as ha com destino a capivâras, veados, porcos e até onças.

Aratanha, *s. f.* (*Piauhy*) vacca de pequena estatura (Alencastre). ‖ Ha no Ceará a serra de Aratanha; mas isto não me explica a origem do vocabulo. ‖ Na provincia de Alagoas é o nome vulgar, não só de uma especie de camarão de corpo pequeno, com as duas

patas dianteiras mui desenvolvidas, como igualmente de uma especie pequena de sapo tambem chamado *entanha* (B. de Maceió). Será por uma comparação burlesca que se terá dado no Piauhy o nome de *Aratanha* ás vaccas de pequena estatura?

Araticú, *s. m.* fructa do Araticuzeiro, de que ha diversas especies pertencentes ao genero *Anona* e *Rollinia*, da familia das Anonaceas. || *Etym.* E' voc. tupi.

Aratú, *s. m.* especie de caranguejo do genero *Grapsus*, o qual vive nos mangues.

Araxá, *s. m.* alto chapadão, *plateau* (Couto de Magalhães). Eis o que a respeito deste vocabulo nos diz o illustre auctor do *Selvagem :* « A palavra *Araxá* é tupi e guarani, vem das duas raizes *ara*, dia, e *xá* ver: dão o nome de *Araxá* á região mais alta de um systema qualquer, como sendo a primeira e ultima ferida pelos raios do sol, ou a que por excellencia vê o dia; essa palavra no portuguez, como nome de logar, é nome do mais alto pico da Tijuca, e de uma cidade de Minas; eu o aceito em falta de vocabulo portuguez, que exprima a idéa com a mesma precisão ». O illustre auctor não nos indica a região do Brazil em que é usual este vocabulo, nem eu o tenho podido descobrir, apesar das diligencias a que tenho procedido, interrogando neste sentido a naturaes de nossas diversas provincias. O que sei e o que todos sabem é que ha em Minas-Geraes a cidade de Araxá, cuja etymologia interessou muito o sabio Saint-Hilaire, sem resultado satisfactorio. Quanto ao pico mais alto da Tijuca, se lhe dão realmente o nome de *Araxá*, o que aliás nunca me constou, não lhe póde de modo algum caber, por causa de sua fórma conica, a definição do *chapadão* dos Brazileiros, do *plateau* dos Francezes, nem tampouco do *planalto* dos Portuguezes. Esta questão interessa tanto a etymologia, como a geographia, e eu desejaria vel-a bem elucidada. Entretanto direi que um nosso distincto viajante, o Dr. Severiano da Fonseca, serviu-se amplamente do vocabulo *Araxá* na sua *Viagem ao redor do Brazil.*

Araxixú, *s. m. (S. Paulo)* nome tupi da Herva-Moura *(Solanum sp.)*.

Arayaué! *int. (Valle do Amaz.)* expressão de aborrecimento causado pela repetição enfadonha de qualquer noticia já de todos sabida: Arayaué! tu me canças com a narração de um facto, que ninguem mais ignora. || Corresponde á phrase vulgar *morreu o Neves* (B. de Jary).

Ariranha, *s. f.* mammifero do gen. *Lutra*, a que os Tupinambás chamavam *Areran*, e são maiores que outra especie congenere, a que davam o nome de *Jaguarapéba*, e nós o de *Lontra.*

Armarinheiro, *s. m. (R. de Jan.)* proprietario de um armarinho. || E' aquillo a que chamam em Lisboa *Capellista.*

Armarinho, *s. m. (R. de Jan.)* casa de negocio em que se vendem miudezas, como cadarços, linhas, agulhas, sabonetes e outros objectos de pequeno valor. Corresponde ao que na Bahia chamam *Loja de capellista ;* em Pernambuco *Loja de miudezas ;* e em Lisboa *Loja de capella* || *Obs.*D'antes cabia bem a esses estabelecimentos a denominação que lhes dão no Rio de Janeiro, porque eram,com effeito,lojas de pequenas dimensões,como aquellas que ainda se observam em diversas ruas, e principalmente no começo da rua do Hospicio; hoje porém tornou-se ella extensiva a grandes estabelecimentos, onde, a par de toda a sorte de miudezas, se encontram objectos de luxo, para o vestuario das senhoras.

Arrastão, *s. m.* rede de *arrastão* é a rede varredoira, a rede de arrastar, que apanha grande quantidade de peixe, tendo todavia o inconveniente de trazer á praia, de envolta com o peixe grande, o peixe ainda pequeno, que se não aproveita.

Arreganhar, *v. intr. (R. Gr. do S.)* cerrar os queixos o cavallo cançado, de tal sorte que não se lhe póde tirar o freio, além de que lhe bate fortemente o coração e distendem-se-lhe as ventas. Isto acontece ao cavallo que sujeitaram a uma viagem forçada em dia de grande calor. Com muito descanço póde ainda o cavallo *arreganhado*

prestar-se a exercicios moderados, mas nunca a serviço rigoroso.

Arreios, *s .m. pl. (R. Gr. do S.)* no sentido de jaezes, é este vocabulo perfeitamente portuguez ; mas os *Arreios* usados naquella provincia differem dos que são geralmente empregados para apparelhar as cavalgaduras. A sella é substituida por um conjuncto de peças sobrepostas umas ás outras nas costas do animal. Estas peças são : o suadouro, a xerga, a carona, o lombilho, a cincha, o coxonilho ou pellego, a badana, a sobrecincha ou cinchão. Este modo de arreiar os animaes é certamente muito mais complicado que o da sella ordinaria ; mas, além de outras vantagens que lhe attribuem, tem ainda mais a de servir de cama ao cavalleiro, em falta de cousa melhor. Para isso estende de certo modo estas peças no chão, serve-lhe de cabeceira o lombilho, cobre-se com aquella especie de capa a que chamam poncho, e assim dormem.

Arriadôr, *s. m.* o mesmo que *Arrieiro*.

Arrieiro, *s. m.* gerente de uma tropa de animaes de carga. O bom *Arrieiro* deve reunir um certo numero de conhecimentos praticos, que o tornem habil na sua especialidade. Seus deveres são inspeccionar diariamente os animaes, antes e depois do trajecto do dia; curar os que estão doentes; *atalhar* as cangalhas ; manter a boa ordem nas marchas; examinar os maus passos para os evitar ; escolher os pousos ; e, finalmente, commandar os demais empregados da tropa. ‖ Em Portugal o *Arrieiro* é um simples conductor de bestas de cargas ou de cavalgaduras, ou que se occupa em as alugar (Aulete).

Arrinconar, *v. tr. (R. Gr. do S.)* metter animaes em um rincão. ‖ *Etym.* E' verbo de origem castelhana (Coruja). ‖ Em portuguez se diz arrincoar, mas é pouco usado (Moraes, Aulete).

Arroz-de-Aussá, *s. m. (Bahia)* especie de comida, que consiste em arroz cozido sem tempero, e sobre o qual se deita carne-secca frita em bocadinhos e molho de pimenta (Loyola). ‖ *Etym.* Deve, sem duvida, seu nome a ser uma comida dos negros da nação Aussá.

Arroz-de-Cuxá, *s. m. (Maranhão)* é o arroz simplesmente cozido, que se come de mistura com o *Cuxá* (D. Braz).

Arruadôr, s. *m. (R. de Jan.)* empregado municipal que tem a seu cargo fazer com que nas edificações se attenda sempre á melhor direcção que deve ter a rua, impedindo que as casas a construir saiam fora do alinhamento. ‖ Em Portugal, a palavra *Arruador* se applica ao vadio quebra-esquinas, amotinador (Aulete). ‖ Em Pern. e Par. do N. ao *Arruador* municipal chamam *Cordeadôr.*

Aruá, *adj. (R. Gr. do S., Paraná)* desconfiado, espantadiço, indocil. Applica-se aos cavallos inquietos, que não se deixam facilmente apanhar, e antes correm quando os vão prender. No mesmo sentido dizem *fuá*, *apuava* e *puáva.* ‖ *Etym.* Em guarani ha *aruâ* e *hâruâ* com a significação de damnoso, tendo tambem por synonymos nocivo, pernicioso, além de outras accepções, que deixarei de citar, por não terem relação alguma com o vocabulo *aruá*, qual o empregamos no Brazil. Quanto a *apuáva* e *puáva*, não lhes pude descobrir a etymologia, bem que me pareçam de origem guarani.

Arubé, *s. m. (Pará)* o mesmo que *Uarubé*.

Arupemba, *s. f. (Serg.)* corruptela de *Urupemba.*

Assahí, *s. m. (Valle do Amaz.)* Palmeira do gen. *Euterpe (E. oleracea)* de que ha mais quatro especies determinadas *(Flor. Bras.).* Tambem lhe chamam, em algumas regiões do Brazil, *Jissára, Jussára* e *Palmito*. Com a polpa da fructa macerada em agua, fazem uma especie de alimento, a que chamam tambem *Assahí*, ao qual ajuntam assucar e farinha de tapióca ou de mandióca, e passa por ser nutriente e é agradavel á generalidade dos paladares, apesar de um certo gosto herbaceo, que repugna aos novatos. ‖ *Etym.* Do tupi *Uassahi,* nome ainda mui usado, tanto no Valle do Amazonas , como na provincia de Matto-Grosso.

Assentáda, *s. f. (R. Gr. do S.)* partida falsa, ou pequena corrida dada do ponto de partida, pelos cavallos

parelheiros, antes de começarem a correr. E' de costume haver primeira, segunda, terceira e ás vezes mais *assentadas* conforme o trato com que se *amarrou* a carreira (Coruja). ‖ *Obs.* Ha em portuguez o vocabulo *assentádá*, que nenhuma relação tem com o vocabulo rio-grandense. ‖ *Etym.* Derivação do verbo assentar, no sentido de convencionar, ajustar, convir, etc.

Assolear, *v. intr.* *(R. Gr. do S.)* fatigar-se, por ter andado ao sol ou em dia de calor. Diz-se do animal, principalmente se é gordo. E' quasi o mesmo que *assonsar* (Coruja). ‖ *Etym.* Do castelhano *asolear*.

Assonsar, *v. intr.* *(R. Gr. do S.)* é quasi o mesmo que *abombar*, mas não tanto (Coruja).

Assú, *adj.* o mesmo que *guassú*.

Ata, *s. f.* *(Ceará, Maranhão, Pará)* fructa da Ateira, planta do genero *Anona (A. squamosa)* da familia das Anonaceas. Nas colonias francezas chamam-lhe *Atte*; no Rio de Janeiro *Fructa do conde*; na Bahia e Pernambuco *Pinha*.

Atalhar, *v. tr.* *(S. Paulo, Minas-Geraes, Goyaz e Mat.-Gros.)* concertar as cangalhas, de modo que não firam os animaes. E' obrigação dos arrieiros ou arriadores. ‖ *Obs.* Ha na lingua portugueza o verbo atalhar com a significação de cortar, interromper, embaraçar, estorvar, impedir, encurtar o caminho, e em todos estes sentidos é tambem usado no Brazil; mas, em relação ao serviço das cangalhas, é expressão exclusivamente brazileira.

Atapú, *s. m.* *(Ceará)* o mesmo que *Uatapú*.

Atar, *v. tr.* *(R. Gr. do S.)* o mesmo que *amarrar* (Coruja).

Atarahú, *s. m.* *(Ceará)* furor: Neste meu *atarahú;* isto é, quando me acho em estado de furor (Araripe Junior).

Atílho, *s. m.* *(Par. do N., R. Gr. do N.)* o mesmo que *Câibro*.

Atolêdo, *s. m.* *(S. Paulo)* atoleiro.

Atropilhar, *v. tr.* *(R. Gr. do S.)* reunir cavallos em tropilha (Coruja).

Aturá, *s. m.* *(Pará)* especie de cesto conico ou cylindrico de perto de dous metros de altura, servindo nas roças para transportar mandióca e outros quaesquer productos ruraes. Parecem-se com os poceiros, de que usam os vindimadores de Portugal. Tambem pronunciam *Uaturá* (Baena). ‖ *Etym.* Do dialecto tupi do Amazonas (Couto de Magalhães, Seixas), e tem por synonymo *Urussacanga*. ‖ *Obs.* Usam trazel-o ás costas, suspenso por uma embira passada entre a testa e o alto da cabeça, e tambem nos hombros (J. Verissimo).

Auatá, *v. intr.* andar, caminhar. ‖ *Etym.* E' voc. puramente tupi. Hoje porém o empregam exclusivamente em relação á caçada dos *Ussás* ou caranguejos dos mangues, os quaes, em certa estação do anno, sahem das tocas e andam errantes estonteadamente, o que facilita muito a sua apprehensão: dizem então que os caranguejos andam *auatá*. Em linguagem tupi se diz indifferentemente *auatá* ou *aguatá*. Não posso porém affimar que esta segunda forma seja ainda usual em alguma parte do littoral.

Avestruz, *s. m.* *(R. Gr. do S.)* V. *Ema*.

Axi!, *int.* *(Pará)* expressão de tedio ou repugnancia para com alguma cousa ou dito desagradavel (B. de Jary). Corresponde ao portuguez *apre! fóra!* Tambem dizem *Exe!*

Ayuára, *s. f.* *(Pará)* o mesmo que *Uyára*.

Azeite-de-cheiro, *s. m.* *(Bahia)* azeite de dendê fabricado no paiz, por um processo differente do da Africa.

Azeite-de-dendê, *s. m.* oleo extrahido da fructa do Dendezeiro *(Elaeis guineensis)*. E' aquillo a que os Portuguezes chamam *oleo de palma*.

Azulêgo, *adj.* *(R. Gr. do S.)* cavallo oveiro, de pintas miudinhas brancas e pretas, o que de longe o faz parecer azul, e constitue uma variedade rarissima (Coruja). ‖ *Etym.* Origina-se da palavra azulejo, que é tanto portugueza como castelhana. *Azulego* não é senão o arremedo da pronuncia hespanhola.

prestar-se a exercicios moderados, mas nunca a serviço rigoroso.

Arreios, *s .m. pl. (R. Gr. do S.)* no sentido de jaezes, é este vocabulo perfeitamente portuguez ; mas os *Arreios* usados naquella provincia differem dos que são geralmente empregados para apparelhar as cavalgaduras. A sella é substituida por um conjuncto de peças sobrepostas umas ás outras nas costas do animal. Estas peças são : o suadouro, a xerga, a carona, o lombilho, a cincha, o coxonilho ou pellego, a badana, a sobrecincha ou cinchão. Este modo de arreiar os animaes é certamente muito mais complicado que o da sella ordinaria ; mas, além de outras vantagens que lhe attribuem, tem ainda mais a de servir de cama ao cavalleiro, em falta de cousa melhor. Para isso estende de certo modo estas peças no chão, serve-lhe de cabeceira o lombilho, cobre-se com aquella especie de capa a que chamam poncho, e assim dormem.

Arriadôr, *s. m.* o mesmo que *Arrieiro*.

Arrieiro, *s. m.* gerente de uma tropa de animaes de carga. O bom *Arrieiro* deve reunir um certo numero de conhecimentos praticos, que o tornem habil na sua especialidade. Seus deveres são inspeccionar diariamente os animaes, antes e depois do trajecto do dia ; curar os que estão doentes; *atalhar* as cangalhas ; manter a boa ordem nas marchas; examinar os maus passos para os evitar ; escolher os pousos ; e, finalmente, commandar os demais empregados da tropa. || Em Portugal o *Arrieiro* é um simples conductor de bestas de cargas ou de cavalgaduras, ou que se occupa em as alugar (Aulete).

Arrinconar, *v. tr. (R. Gr. do S.)* metter animaes em um rincão. || *Etym.* E' verbo de origem castelhana (Coruja). || Em portuguez se diz arrincoar, mas é pouco usado (Moraes, Aulete).

Arroz-de-Aussá, *s. m. (Bahia)* especie de comida, que consiste em arroz cozido sem tempero, e sobre o qual se deita carne-secca frita em bocadinhos e molho de pimenta (Loyola). || *Etym.* Deve, sem duvida, seu nome a ser uma comida dos negros da nação Aussá.

Arroz-de-Cuxá, *s. m. (Maranhão)* é o arroz simplesmente cozido, que se come de mistura com o *Cuxá* (D. Braz).

Arruadôr, s. *m. (R. de Jan.)* empregado municipal que tem a seu cargo fazer com que nas edificações se attenda sempre á melhor direcção que deve ter a rua, impedindo que as casas a construir saiam fora do alinhamento. || Em Portugal, a palavra *Arruador* se applica ao vadio quebra-esquinas, amotinador (Aulete). || Em Pern. e Par. do N. ao *Arruador* municipal chamam *Cordeadôr*.

Aruá, *adj. (R. Gr. do S., Paraná)* desconfiado, espantadiço, indocil. Applica-se aos cavallos inquietos, que não se deixam facilmente apanhar, e antes correm quando os vão prender. No mesmo sentido dizem *fuá*, *apuava* e *puáva*. || *Etym.* Em guarani ha *aruâ* e *hàruâ* com a significação de damnoso, tendo tambem por synonymos nocivo, pernicioso, além de outras accepções, que deixarei de citar, por não terem relação alguma com o vocabulo *aruá*, qual o empregamos no Brazil. Quanto a *apuáva* e *puáva*, não lhes pude descobrir a etymologia, bem que me pareçam de origem guarani.

Arubé, *s. m. (Pará)* o mesmo que *Uarubé*.

Arupemba, *s. f. (Serg.)* corruptela de *Urupemba*.

Assahí, *s. m. (Valle do Amaz.)* Palmeira do gen. *Euterpe (E. oleracea)* de que ha mais quatro especies determinadas *(Flor. Bras.)*. Tambem lhe chamam, em algumas regiões do Brazil, *Jissára*, *Jussára* e *Palmito*. Com a polpa da fructa macerada em agua, fazem uma especie de alimento, a que chamam tambem *Assahí*, ao qual ajuntam assucar e farinha de tapióca ou de mandióca, e passa por ser nutriente e é agradavel á generalidade dos paladares, apesar de um certo gosto herbaceo, que repugna aos novatos. || *Etym.* Do tupi *Uassahi*, nome ainda mui usado, tanto no Valle do Amazonas, como na provincia de Matto-Grosso.

Assentáda, *s. f. (R. Gr. do S.)* partida falsa, ou pequena corrida dada do ponto de partida, pelos cavallos

parelheiros, antes de começarem a correr. E' de costume haver primeira, segunda, terceira e às vezes mais *assentadas* conforme o trato com que se *amarrou* a carreira (Coruja). ‖ *Obs.* Ha em portuguez o vocabulo *assentàdà*, que nenhuma relação tem com o vocabulo rio-grandense. ‖ *Etym.* Derivação do verbo assentar, no sentido de convencionar, ajustar, convir, etc.

Assolear, *v. intr. (R. Gr. do S.)* fatigar-se, por ter andado ao sol ou em dia de calor. Diz-se do animal, principalmente se é gordo. E' quasi o mesmo que *assonsar* (Coruja). ‖ *Etym.* Do castelhano *asolear.*

Assonsar, *v. intr. (R. Gr. do S.)* é quasi o mesmo que *abombar*, mas não tanto (Coruja).

Assú, *adj.* o mesmo que *guassú.*

Ata, *s. f. (Ceará, Maranhão, Pará)* fructa da Ateira, planta do genero *Anona (A. squamosa)* da familia das Anonaceas. Nas colonias francezas chamam-lhe *Atte*; no Rio de Janeiro *Fructa do conde*; na Bahia e Pernambuco *Pinha.*

Atalhar, *v. tr. (S. Paulo, Minas-Geraes, Goyaz e Mat.-Gros.)* concertar as cangalhas, de modo que não firam os animaes. E' obrigação dos arrieiros ou arriadores. ‖ *Obs.* Ha na lingua portugueza o verbo atalhar com a significação de cortar, interromper, embaraçar, estorvar, impedir, encurtar o caminho, e em todos estes sentidos é tambem usado no Brazil; mas, em relação ao serviço das cangalhas, é expressão exclusivamente brazileira.

Atapú, *s. m. (Ceará)* o mesmo que *Uatapú.*

Atar, *v. tr. (R. Gr. do S.)* o mesmo que *amarrar* (Coruja).

Atarahú, *s. m. (Ceará)* furor: Neste meu *atarahú;* isto é, quando me acho em estado de furor (Araripe Junior).

Atílho, *s. m. (Par. do N., R. Gr. do N.)* o mesmo que *Caibro.*

Atolêdo, *s. m. (S. Paulo)* atoleiro.

Atropilhar, *v. tr. (R. Gr. do S.)* reunir cavallos em tropilha (Coruja).

Aturá, *s. m. (Pará)* especie de cesto conico ou cylindrico de perto de dous metros de altura, servindo nas roças para transportar mandióca e outros quaesquer productos ruraes. Parecem-se com os poceiros, de que usam os vindimadores de Portugal. Tambem pronunciam *Uaturá* (Baena). ‖ *Etym.* Do dialecto tupi do Amazonas (Couto de Magalhães, Seixas), e tem por synonymo *Urussacanga.* ‖ *Obs.* Usam trazel-o ás costas, suspenso por uma embira passada entre a testa e o alto da cabeça, e tambem nos hombros (J. Verissimo).

Auatá, *v. intr.* andar, caminhar. ‖ *Etym.* E' voc. puramente tupi. Hoje porém o empregam exclusivamente em relação à caçada dos *Ussás* ou caranguejos dos mangues, os quaes, em certa estação do anno, sahem das tocas e andam errantes estonteadamente, o que facilita muito a sua apprehensão: dizem então que os caranguejos andam *auatá.* Em linguagem tupi se diz indifferentemente *auatá* ou *aguatá.* Não posso porém affimar que esta segunda forma seja ainda usual em alguma parte do littoral.

Avestruz, *s. m. (R. Gr. do S.)* V. *Ema.*

Axi!, *int. (Pará)* expressão de tedio ou repugnancia para com alguma cousa ou dito desagradavel (B. de Jary). Corresponde ao portuguez *apre! fóra!* Tambem dizem *Exe!*

Ayuára, *s. f. (Pará)* o mesmo que *Uydra.*

Azeite-de-cheiro, *s. m. (Bahia)* azeite de dendê fabricado no paiz, por um processo differente do da Africa.

Azeite-de-dendê, *s. m.* oleo extrahido da fructa do Dendezeiro *(Elaeis guineensis).* E' aquillo a que os Portuguezes chamam *oleo de palma.*

Azulêgo, *adj. (R. Gr. do S.)* cavallo oveiro, de pintas miudinhas brancas e pretas, o que de longe o faz parecer azul, e constitue uma variedade rarissima (Coruja). ‖ *Etym.* Origina-se da palavra azulejo, que é tanto portugueza como castelhana. *Azulego* não é senão o arremedo da pronuncia hespanhola.

Bába-de-bôi, *s. f. (R. de Jan.)* o mesmo que *Jerivá*.

Bába-de-môça, *s. f.* especie de doce liquido feito com o sumo do côco da Bahia.

Babádo, *s. m.* fôlho, no sentido de tiras em pregas, com que se guarnecem saias, vestidos, toalhas, cobertas de cama, etc.

Babaquára, *s. m.* e *f.* o mesmo que *Caipira*.

Bacába, *s. f. (Valle do Amaz.)* palmeira do genero *Œnocarpus (Œ. Bacaba)*. Ha mais deste genero sete especies conhecidas, e entre ellas o *Bataud* ou *Pataud(Flor. Bras.)*.

Bacabáda, *s. f (Pará)* especie de alimento feito com a fructa da palmeira Bacaba, preparada pelo mesmo processo do *Assahi*.

Bacalhau, *s. m.* azorrague feito de couro crú trançado, com varias pernas, e com o qual se castigavam os escravos. || *Obs.* Como expressão portugueza, tambem usual no Brazil, *Bacalhau* é o nome de uma bem conhecida especie de peixe do genero *Gadus*, de que se fazem grandes salgas nos mares do norte da America e da Europa. Ao azorrague deste nome chamam *Pirahi* em Minas-Geraes (Müller Chagas), vocabulo tupi, cujo radical é *Pira*, couro ou pelle.

Bacarahí, *s. m. (R. Gr. do S.)* nome que dão ao feto da vacca, que é morta em estado de prenhez, e que muita gente aproveita, como alimento appetitoso.||*Etym.* Composto hybrido de *baca* (vacca) e *tai* (filho, na lingua guarani). No Paraguay dizem *mbacarai* (Montoya), cuja traducção litteral é *filho da vacca*.

Bacayúba *s. f. (Mat.-Gros.)* o mesmo que *Macahúba*.

Bacuparí, *s. m.* nome commum a diversas especies de arvores fructiferas, pertencentes a generos differentes. No R. de Jan. é uma *Garcinia* da familia das Guttiferas *(G. Brasiliensis)*; em Goyaz uma Sapotacea (Saint-Hil.).

Bacuráu, *s. m.* especie de ave nocturna, pertencente talvez ao genero *Caprimulgus*. || *Etym.* E' nome onomatopaico, derivado do seu canto.

Bacurí, *s. m.* nome vulgar da *Platonia insignis*, arvore da familia das Guttiferas, notavel pela belleza do seu porte, pela sua utilidade como madeira de construcção, e pela excellencia de sua fructa.

Bacuriparí, *s. m. (Valle do Amaz.)* nome vulgar de uma arvore fructifera, pertencente á familia das Guttiferas.

Bacussú, *s. m. (Bahia)* canôa grande, cuja *cangalha* ou supplemento acima da borda, prolonga-se de ré a vante (Camara).

Badâna, *s. f. (R. Gr. do S.)* pelle macia lavrada, que se põe por cima do coxonilho (Coruja). || *Etym.* Este vocabulo é tanto portuguez como castelhano; e em uma e outra lingua significa uma carneira com que se cobrem os livros. Segundo Moraes e Aulete, applicam-o tambem á ovelha velha e magra que já não páre. Figuradamente, carne magra; e finalmente os alentos dos capellos das freiras. Como se vê, tem este vocabulo na nossa provincia uma significação mais restricta. Mas Valdez contenta-se em dizer que a *badana* é uma pelle cortida de carneiro ou ovelha.

Baguál, *s.* e *adj. m. (R. Gr. do S.)* cavallo indomito, que vive independente de qualquer sujeição: Um *bagual* ou um cavallo *bagual*. || *Etym.* E' voc. da America hespanhola; e, segundo Salvá, oriundo das Antilhas (Zorob. Rodrigues). || Ao boi que vive nas mesmas condições do cavallo *bagual* dão o nome de *chimarrão* (Coruja).

Bagualáda, *s. f. (R. Gr. do S.)* manada de baguaes (Coruja).

Baguarí, *s. m. (Mat.-Gros.)* especie de ave do genero *Ciconia (C. Maguari)*. No Pará lhe chamam *Maguarí*.

Bahia, *s. f. (Mat.-Gros.)* nome que dão a qualquer lagôa que se communica com um rio, por meio de um canal mais ou menos espaçoso: *Bahia Negra*. *Bahia* de Mandioré, etc. || Nas demais provincias do Brazil, lhe dão o nome portuguez de lagôa, quer tenham, quer não, communicação com os rios ou com o mar.

Bahiâno, a (1º), *s.* e *adj.* natural ou pertencente á provincia da Bahia. Tambem dizem *Bahiense.*

Bahiano, a (2º), *s. m.* (*Piauhy*) o mesmo que *Caipira.* ‖ *Etym.* E' provavel que se dê esse nome aos habitantes do campo, por serem considerados descendentes daquelles naturaes da Bahia, que, depois da descoberta do territorio do Piauhy, primeiro se estabeleceram nelle, e alli fundaram fazendas de criação.

Bahiano (3º), *s. m.* (*Ceará*) o mesmo que *Baião.*

Bahiense, *s.* e *adj. m.* e *f.* o mesmo que *Bahiano* (1º).

Baiacú, *s. m.* especie de peixe do genero *Tetraodon*, da familia Gymnodontida (V. de Porto-Seguro). E' peixe venenoso; entretanto, havendo quem o saiba preparar convenientemente, torna-se comestivel, sem o menor receio. Ha outra especie a que chamam no Rio de Janeiro *Baiacú-ará*, o qual não tem o inconveniente do primeiro. ‖ *Etym.* E' nome tupi.

Baião, *s. m.* (*Ceará*) especie de divertimento popular, a que tambem chamam *Bahiano* (3º), e consiste em danças e cantos ao som da musica instrumental. (J. Galeno. ‖ *Etym.* Talvez seja este vocabulo a corruptela de *Bailão*, termo portuguez que significa bailador, ou a alteração de *Bahiano*, e neste caso deveriamos escrever *Bahião.*

Baixáda, *s. f.* valle, planicie pequena entre duas montanhas. No Rio Grande do Sul tambem lhe chamam *Canhada.* ‖ *Etym.* E' clara a origem portugueza deste vocabulo. Aulete o menciona como termo brazileiro.

Bàixeiro, *adj.* (*R. Gr. do S, Pará, S. Paulo*) suadouro-*baixeiro* é o que se põe sobre o lombo do cavallo por baixo dos arreios; carona-*baixeira* é a que se põe, quando a querem usar, por baixo da xerga (Coruja). ‖ Na Parahyba do Norte e outras provincias daquella região chamam cavallo *baixeiro* aquelle cujo andar é baixo (curto) e não adianta muito: Meu cavallo é bom *baixeiro* (Meira).

Bála, *s. f.* (*R. de Jan.* e *Provs. merid.*) pequena pelota de assucar refinado em ponto vitreo e envolto em papel. E' o que em Portugal e no Pará chamam *Rebuçado;* na Bahia, *Queimado;* em Pernambuco, Alagôas e outras provincias do norte, *Bóla.* ‖ *Etym.* Este confeito deve, sem duvida, seu nome á fórma arredondada que lhe davam antigamente. Hoje ha *Balas* de todos os feitios.

Balaiáda, *s. f.* nome que deram á revolta chamada tambem *dos Balaios*, que houve no Maranhão em 1839. ‖ *Rad.* Balaio, nome do chefe daquella revolta.

Baláio, *s. m.* (*Pará*) farnel, no sentido de provisões de bocca, que cada um leva comsigo, por occasião de uma viagem, um passeio ao campo, etc. ‖ *Etym.* Como é provavel que sirva em geral de meio de conducção essa especie de cesto a que chamamos *balaio*, devemos pensar que neste caso toma-se o conteúdo pelo continente.

Balsêdo, *s. m.* (*Maranhão*) vegetação fluctuante composta de herva Muriri, cujas raizes, emmaranhando-se fortemente, cobrem grandes extensões dos rios e vão até a veia d'agua. Tambem lhe chamam *Tremedal.* ‖ *Rad.* Balsa. ‖ *Obs.* O *Balsêdo* do Maranhão é analogo ao *Aguapé* das outras provincias.

Bambá, *s. m.* (*Bahia*) sedimento que fica no fundo do vaso em que fabricam essa variedade de azeite de dendê a que chamam azeite-de-cheiro.

Bambão, *s. m.* (*Alagôas*) nome vulgar do pedunculo interno da jaca, fructa da jaqueira (J. S. da Fonseca). Na Bahia lhe chamam *Manguxo* (Aragão).

Bambáquerê, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) nome de uma das variedades desses bailes campestres a que chamam geralmente *Fandango* (Coruja).

Bambê, *s. m.* (*R. de Jan.*) matto estreito, que, á guiza de cerca, se deixa entre uma roça e outra, como linha divisoria.

Banco-da-véla, *s. m.* (*Ceará e outras Provs. do N.*) é o banco que serve para sustentar o mastro da grande e unica véla da jangada (J. Galeno).

Banco-de-governo, *s. m.* (*Ceará e outras Provs. do N.*) é o banco

collocado na pôpa da jangada, e em que se assenta o mestre (J. Galeno).

Bandeira, *s. f.* expedição armada, mais ou menos numerosa, que, sob a direcção de um chefe, se dirige aos sertões, com o fim de os explorar, ou de castigar os selvagens, cujas excursões prejudicam os estabelecimentos civilisados. D'antes era seu destino principal aprisionar selvagens e reduzil-os á escravidão. || No interior da Parahyba do Norte, e provavelmente nas provincias circumvisinhas dá-se o nome de *Bandeira* a uma leva de trabalhadores contratados por um só dia, para executar algum trabalho rural. Chama-se a isso *botar uma Bandeira*: Botei uma *Bandeira* para acabar a limpa do matto (Meira). Equivale neste sentido a *Muxirom*.

Bandeirante, *s. m.* individuo que faz parte de uma *Bandeira* encarregada de explorar os sertões incultos.

Bangüê, *s. m.* homonymo brazileiro com cinco significações : 1ª *(R. de Jan., S. Paulo, Minas - Geraes, Goyaz e Mat.-Gros.)* especie de liteira rasa com tecto e cortinado de couro, conduzida sobre varaes por duas bestas, uma adiante e outra atraz, servindo para transportar em viagem enfermos, mulheres e crianças. A isso chamam liteira nas provincias do norte ; mas em São-Paulo dão o nome de liteira a uma especie de palanquim com assentos fronteiros, levados por bestas á maneira do *Bangüê*. Para os enfermos é o *Bangüê* muito mais commodo, porque lhes serve de cama, quer durante a marcha, quer durante as paradas. 2.° *(R. de Jan.)* ladrilho das tachas, por onde correm nos engenhos de assucar as espumas que transbordam, por occasião da fervura, quando se tem de ajudar as caldeiras, ou quando o fogo é mui intenso. 3.° *(Bahia e outras Provs. do N.)* especie de padiola grosseira, para conduzir terra para as construcções (Aragão). 4.° *(Provs. do N.)* padiola de conduzir cadaveres. 5.° *(Provs. merid. e centr.)* apparelho de couro em forma de côche para curtir pelles, ou para fazer decoada, e neste caso corresponde ao que chamam *Anóque* no R. Gr. do S. || *Obs.* Segundo Aulete, este vocabulo, que elle escreve *Banguê*, com a erronea pronuncia de *Banghê*, tem a significação de « fornalha em que se collocam as talhas (tachas quiz dizer) nos engenhos de assucar no Brazil ; e liteira rasa, coche de couro (na India). Ha em tudo isto muita confusão.

Banguêlê, *s. m (Minas-Geraes)* briga, desordem (G. Müller).

Bângula, *s. f. (R. de Jan.)* o mesmo que *Calungueira*. || Aulete, indicando este vocabulo como brazileiro, erra na pronuncia escrevendo *Bangúla*. Bangúla será o nome de uma ave africana, por elle citada.

Banhádo, *s. m.* charco encoberto pela hervagem.

Banzar, *v. intr.* ficar pensativo e em estado de cogitação sobre qualquer noticia ou acontecimento que não é de facil explicação. Tambem admitto a definição de Moraes: *Pasmar de pena e magua* || *Etym.* Tem a sua origem no verbo *Cu-banza* da lingua bunda, que significa pensar (Capello e Ivens). || Para quem conhece bem a significação deste verbo, é elle mui expressivo, e não lhe reconheço equivalente na lingua portugueza. || *Obs.* Aulete o menciona como termo popular, o que me faz suppor que é usual em Portugal.

Baquára, *adj. (Pern.)* experto, deligente, sabido : José é um *baquára* que se sahe bem de tudo aquillo que emprehende (Sousa Rangel). || *Etym.* Não encontro este vocabulo no *Dic. Port.-Braz.* ; e nada posso aventurar sobre a sua origem. Em guarani *Baquá*, syn. de *Cabaquá*, tem diversas significações, todas ellas no sentido de actividade. Assim é que uma phrase em que figura este vocabulo é traduzida do seguinte modo : *con sus porfias alcançò de mi lo que quiso* (Montoya), o que está de accordo com o sentido que lhe dão em Pernambuco.

Baqueâno, *s. m.* e *adj.* o mesmo que *Vaqueâno*.

Barangandân, *s. m. (Bahia)* collecção de ornamentos de prata, que as crioulas trazem pendentes da cintura nos dias de festa, principalmente na do Senhor do Bom-Fim.

Barbaquá, *s. m. (Paraná)* especie de canniçada ou grade feita de varas sobre forquilhas, usada antigamente em Curityba, para a preparação da herva mate. Tinha por fim este apparelho facilitar a *sapéca* (chamuscadura) dos ramusculos e folhas da Congonha *(Ilex paraguariensis)*. ‖ *Obs.* Saint-Hilaire entra em todos os detalhes relativamente à serventia deste apparelho. Não me deterei neste assumpto, porque o *Barbaquá*, não só cahiu em desuso, como até no esquecimento, depois que outros meios se empregam na preparação do mate. ‖ *Etym.* E' termo da America hespanhola (Valdez). Montoya, que, como Valdez, escreve *Barbacoa*, o traduz em guarani por *Taquâ pĕmbĭ*, isto é, grade de taquáras.

Barbatão, *s. m. (Sertões de algumas Provs. do N.)* nome que dão ao gado bovino, que, não tendo sido assignalado com o carimbo da fazenda a que pertence, e criando-se nos mattos, se torna bravio. E' o que no R. Gr. do S. chamam *gado alçado* ou *chimarrão*. Equivale ao portuguez *amontado*, expressão conhecida e geralmente usada no Brazil.

Barbella, *s. m. (S. Paulo)* o mesmo que o *barbicacho* do R. Gr. do S. (B. Homem de Mello). ‖ *Etym.* E' vocabulo portuguez, com diversas significações, e entre ellas a de cadeia de ferro que guarnece por baixo a barbada do cavallo, e vai prender de cada lado nas càibas do freio (Aulete). Neste sentido é vocabulo geralmente usado no Brazil.

Barbicácho, *s. m. (R. Gr. do S.)* cordão trançado, cujas pontas cosidas no chapéo, o prendem ou seguram á pessoa que o traz, passando por baixo da barba (Coruja). ‖ *Etym.* E' termo castelhano usual em Extremadura, Andaluzia e outras provincias da Hespanha (Valdez). E' tambem palavra portugueza, no sentido de cabeçada de corda para bestas (Aulete). ‖ *Obs.* Em São Paulo dão ao *barbicacho* do R. Gr. do S. o nome de *barbella.*

Barcáça, *s. f. (Pern. e outras Provs. do N.)* especie de embarcação costeira destinada ao transporte de mercadorias, e tem as velas como a das jangadas. ‖ *Etym.* E' termo portuguez, significando, em geral, barca grande (Aulete). ‖ Dão tambem esse nome a uma embarcação com apparelho proprio para virar de carena os navios, devendo ter menos pontal que o navio que for virar e o lastro necessario *(Dic. Mar. Braz.)*.

Barrigueira, *s. f. (R. Gr. do S.)* peça que faz parte da cincha, e é a que passa pela barriga do animal (Coruja). ‖ *Etym.* Do castelhano *Barriguera.*

Barrôso, *adj. (R. Gr. do S.)* o mesmo que *branco*, com applicação exclusiva ao boi ou vacca: Um boi *barroso*. Uma vacca *barrosa* (Coruja). ‖ Em portuguez o adj. *barroso* significa barrento. Segundo Valdez, *barroso* é o epitheto dado ao boi entre branco e vermelho, ou de um branco escuro. Tanto basta para sabermos que é vocabulo castelhano, que nos veiu das nossas visinhas, as republicas platinas.

Basbáque, *s. m.*, nome que dão ao homem que está espiando o cardume de peixe junto das armações, para lhe lançar a rede em cerco (Moraes, Aulete). ‖ Nunca ouvi este vocabulo, com semelhante significação.

Basto, *s. m. (R. Gr. do S.)* especie de lombilho de cabeça mui rasa e pequena (Coruja). ‖ *Etym.* E' vocabulo castelhano. ‖ Em portuguez o termo *baste*, significa sella que se põe nas cavalgaduras, que transportam as peças, os cofres e os reparos de artilharia de campanha (Aulete).

Batalhão, *s. m. (Bahia, Serg.)* o mesmo que *Muxirom* (B. de Geremoabo, Ramos).

Batatá, *s. m. (S. Paulo)* nome vulgar da fructa de uma arvore do gen. *Lucuma (L. Beaurepairei, Raunkjar et Glaz.)* da familia das Sapotaceas. ‖ *Etym.* E' evidentemente de origem tupi; mas vacillo muito quanto á sua significação primitiva. Póde acontecer que seja a corruptela de *ÿbá-tatá*, fructa-fôgo, por causa de sua côr rubra, ou a de *ÿbá-atan*, fructa dura, fructa empedernida.

Batatão, *s. m. (Par. do N.)* o mesmo que *Boitatá.*

Batauá, *s. m.* (*Mat.-Gros.*) o mesmo que *Patauá.*

Batelão, *s. m.* (*Bahia*) canôa curta e com grande bocca e pontal em relação a seu tamanho. Em Matto-Grosso dão esse nome a uma pequena canôa (Camara).

Batepandé, *s. m.* (*Serg.*) jogo da cabra-cega, com que se divertem as crianças (João Ribeiro).

Batueira, *s. f.* (*Rio de Jan.*) o mesmo que Batuéra.

Batuéra, *s. f.* (*R. de Jan.*) sabugo do milho, depois de descaroçado. ‖ *Etym.* Da lingua tupi *Abatiuéra*, palavra composta, significando *milho extincto*. Em guarani, *Abatiĭguê*, tem a significação de *espiga de maiz sin grano* (Montoya). ‖ *Obs.* Tambem pronunciam *Batueira.* ‖ Na Bahia chamam a isso *Capuco* e *Papuco;* e no Maranhão *Tambueira* (2°).

Bazuláque, *s. m.* (*Alagoas*) o mesmo que *Sambongo* ‖ Em Portugal *Bazulaque* é termo burlesco significando homem mui gordo (Aulete).

Bebída, *s. f.* (*Pern. e outras Provs. do N.*) nome que dão a certos e determinados mananciaes ou depositos de agua pluvial, onde costumam beber os animaes, quer domesticos, quer silvestres. Na estação da sêcca, quando é geral a falta d'agua, são as *Bebidas* logares idoneos para as caçadas, pela multidão de aves e outros animaes que alli se reunem. ‖ *Etym.* Em linguagem portugueza chamam a isso *Bebedouro.*

Beijú, *s. m.* especie de filhó feita de tapióca e tambem da massa da mandióca, e cozida ao forno da farinha. Ha portanto o *Beijú de tapióca* e o *Beijú de massa*, e a este dão no Pará o nome de *Beijú-xica.* No R. de Jan. chamam-lhe commummente *Bijú.* Variam de forma, e os ha quadrados, circulares, enrolados como cartuxos, etc. Servem á guisa de biscoutos com o chá, café, caldo ou outra qualquer bebida. Aquecidos ao fogo e temperados com manteiga, adquirem um sabor mui agradavel. Segundo G. Soares e Baena, é o *Beijú* invenção das mulheres portuguezas, e serviram-lhes de modelo as filhós feitas de farinha de trigo. Ha outras variedades de *Beijú*, a que chamam no R. de Jan. *Sóla* e *Malampansa* ou *Manampansa;* em Pern. e Alagoas *Tapióca, Beijú de côco* e *Beijú-pagão* ; e em Serg. e Alagoas *Malcassá* ou *Malcasado.* Ao *Beijú de côco* chamam em Serg. *Sarapó.* ‖ Erra Aulete em tudo quanto diz a respeito do *Beijú.* Não é um bolo, nem tampouco lhe chamam tambem *Miapiata*, nome completamente desconhecido na linguagem vulgar do Brazil, e que é visivelmente o estropeamento do vocabulo tupi *Miapé-antan*, cuja traducção litteral é pão duro, ou biscouto. ‖ *Etym.* E' vocabulo commum aos dialectos tupi e guarani. Os Tupinambás do Brazil davam o nome de *Beijú* a uns certos pães de milho pisado que elles guardavam de muitos dias nos juráus, e de que se serviam para a fabricação de uma especie de *cauhi*, a que chamavam *Beiuting-ŷ* (*Voc. Braz.*). Em guarani o termo *Mbeiu*, além de outras significações, tem em castelhano o de *torta* (bolo) de mandióca (Montoya).

Beijú-assú, *s. m.* (*Pará*) o mesmo que *Catimpuera.*

Beijúpirá, *s. m.* peixe do gen. *Elacate* (*E. americana*), e o mais estimado do Brazil (V. de Porto-Seguro). ‖ *Etym.* E' voc. tupi (G. Soares).

Belchior, *s. m.* (*R. de Jan.*) commerciante de toda a sorte de objectos velhos. ‖ *Etym.* Este nome provém de um individuo chamado Belchior, que primeiro estabeleceu na cidade do R. de Jan. uma casa com destino a essa especie de commercio.

Bemzinho-amôr, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) nome de uma das variedades desses bailes campestres, a que chamam geralmente *Fandango* (Coruja).

Benção-de-Deus, *s. f.* (*Ceará*) especie de bailado popular (Araripe Junior).

Bérne, *s. m.* larva de certa especie de insecto que penetra na pelle dos gados, cães e outros animaes, e até na do homem, e alli se cria e lhes póde determinar a morte, se a não extrahem

em tempo. || *Etym.* Parece-me que esta palavra não é mais do que a corruptela de *Verme*. Os povos da lingua tupi lhe chamam *Ura (Dic. Port. Braz.)*.

Biatatá, *s. m. (Bahia)* o mesmo que *Boitatá*.

Bibóca, *s. f.*, barranco, excavação formada ordinariamente por enxurradas ou movimento de aguas subterraneas, de sorte a tornar o transito, não só incommodo, como até perigoso, sobretudo ás escuras: Depois das ultimas chuvas ficou a estrada cheia de *bibócas*. || Em Pernambuco e outras provincias do norte tambem dizem *Bobóca*. || *Etym.* Alteração do tupi *Ÿbÿbóca*, significando *Ÿbÿ* terra e *Bóca*, abertura ou fenda. No Guarani *ïbïbog* (Montoya). || Tambem dão o nome de *Bibóca* a qualquer terreno brenhoso de difficil transito. || Fig., casinha de palha (B. Homem de Mello).

Bicão, *s. m. (Bahia)* o mesmo que *Matame*.

Bicha, *s. f. (Pern. e outras Provs. do N.)* o mesmo que *Manduréba*.

Bichádo, a, *adj.* bichoso: Esta fructa está *bichada*.

Bichar, *v. intr.* encher-se de bichos a fructa ou outra qualquer cousa: Este anno as guayabas *bicharam* muito. O feijão *bicha*, quando o plantam em estação impropria. O madeiramento da minha casa *bichou* completamente.

Bichará, *s. m. (R. Gr. do S.)* nome que dão ao poncho de lã grossa com listras brancas e pretas ao comprido. Tambem lhe chamam *Poncho de Mostardas*, por serem feitos em uma povoação deste nome, onde se criam muitos carneiros (Coruja). || No Mexico dão o nome de *Picha* a uma manta de lã ordinaria (Valdez). Será essa a origem remota do nosso *Bichará ?*

Bicheira (1°), *s. f.* ferida nos animaes, com bichos, que são as larvas de certos insectos, que nelles depositam seus ovos.

Bicheira (2°), *s. f. (Ceará)* grande anzol preso a um cacête, com que se puxa o peixe pesado para cima da jangada, afim de não quebrar a linha (J. Galeno). Em portuguez lhe chamam *Bicheiro*.

Bichôco, *adj. (R. Gr. do S.)* diz-se do cavallo que fica com os pés inchados, por falta do exercicio. || Em Portugal dão o nome de *Bichóca* a um pequeno leicenço (Aulete). Em castelhano o adj. *bichoso* designa aquelle que anda com difficuldade, por padecer de calos.

Bico, *s. m. (R. de Jan.)* o mesmo que *Matame*.

Bicuhíba, *s. f.* nome commum a diversas especies de plantas do genero *Myristica* da familia das Myristicaceas. Tambem lhes chamam *Bucuhúva*. || *Etym.* São voc. de origem tupi.

Biguá, *s. m.* Palmipede do genero *Carbo (C. brasiliensis)*. || Etym. E' voc. tupi.

Bijú, *s. m. (R. de Jan.)* o mesmo que *Beijú*.

Bilontra, *s. m. (R. de Jan.)* pessoa abjecta, que frequenta os botequins, as más companhias e particularmente as mulheres de má vida, das quaes se torna o correspondente.

Binga, *s. f. (sertão da Bahia)* chifre. || *Etym.* E' vocabulo da lingua bunda, o qual se acha incluido em um vocabulario que organizei em 1844, segundo as informações que me foram dadas por um infeliz africano reduzido á escravidão e chegado de sua patria havia poucos mezes. Entretanto, Capello e Ivens, no *Vocabulario* annexo á sua obra, traduzem chifre por *n'guela*. Certamente esta synonymia é o resultado de uma differença dialectica. Aulete nada diz sobre esta palavra; Moraes porém menciona *Binga* como significando uma especie de piçarra, segundo a *Historia Nautica*, que elle cita, sem nos dizer comtudo em que paiz é isto.

Biríba, *s. f. (Bahia)* cacete. || *Etym.* Provém este nome da arvore Biriba (*Lecythis ?*) de cujas hastes se fabrica este instrumento. || Na provincia das Alagôas chamam *Embiriba* á mesma arvore; e semelhantemente dão ao cacete desta especie o nome de *Embiriba* (B. de Maceió).

Biribá, *s. m.* fructa do Biribazeiro, planta do genero *Rollinia (R. cuspidata ?)* da familia das Anonaceas.

Biroró, *s. m.* (*R. de Jan.*) especie de *Beijú* feito de massa de mandióca, temperada com assucar e herva doce, e torrado no forno da farinha.

Bobinête, *s. m.* (*Pará*) nome que dão ao filó.

Bóbó, *s. m.* (*Bahia*) especie de comida africana, mui usada na Bahia, a qual é feita de feijão-mendubi, alli chamado feijão-mulatinho, bem cozido em pouca agua, com algum sal, e um pouco de banana da terra quasi madura. Reduzido o feijão a massa pouco consistente, juntam-lhe por fim azeite de dendê, em boa quantidade, para o comerem só, ou encorporado com farinha de mandióca. Ha tambem o *Bóbó de inhame*, em que o feijão é substituido pelo tuberculo deste nome (Alberto). || No Pará, *Bóbó* é o nome vulgar do pulmão do gado talhado, e vendido com os demais miudos nos açougues (J. Verissimo).

Bóbóca, *s. f.* (*Pern. e outras Provs. do N.*) o mesmo que *Bibóca*.

Bocayûba, *s. f.* (*Mat. Gros.*) o mesmo que *Macahúba*.

Boccaina, *s. f.* (*S. Paulo*) nome que dão á depressão de uma serra ou cordilheira, quando a escarpa desta parece abrir-se, como formando uma grande bocca, que facilita o accesso ao plano superior ou chapada (B. Homem de Mello). || (*R. de Jan.*) bocca de um rio menos consideravel que a barra principal (V. de Souza Fontes). || (*Pará*) entrada de um canal ou de um rio (B. de Jary). || *Obs. Boccaina* e *Boqueirão*, originando-se do mesmo radical *bocca*, têm a maior parte das vezes a mesma significação.

Boccal, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) peça de prata, que circumda o lóro na parte inferior, immediata ao estribo (Coruja). || *Obs.* O termo *Boccal* em Portugal, além de outras significações, que são tambem usuaes no Brazil, serve para designar a peça do freio que entra na bocca do animal.

Bochinche, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) divertimento chinfrin proprio da plebe, especie de batuque. || *Etym.* E' vocabulo da America hespanhola significando alvoroto, assuada (Valdez).

Bócó (1°) *s. m.*, o mesmo que *Móró* (2°).

Bócó (2°), *s. m.*, o mesmo que *Mané*.

Bócório, *s. m.*, o mesmo que *Mané*.

Boi-espáço , *s. m.* (*Serg., Piauhy e outros Provs. do N.*) boi, cujos chifres são mui abertos. Tambem dizem *chifres espaços* (J. Coriolano).

Boitatá, *s. m.* (*S. Paulo, R. Gr. do S.*) fogo fatuo || Na Par. do N. dizem *Batatão*, e na Bahia *Biatatá* (Valle Cabral). || *Etym.* Todos estes vocabulos têm a sua origem no termo tupi *Mbaé tatá* que significa cousa-fogo (Anchieta).

Bóla, *s. f.* (*Pern., Alagoas e outras Provs. do N.*) o mesmo que *Bala*.

Bolão, *s. m.* (*Pern.*) *Bolão de Angú* é a porção delle arredondado, que se vende com guizado de carurú, que é o conducto (Moraes).

Bolapé, *s. m.* (*R. Gr. do S., Paraná*) nome com o qual se designa um váu, quando o rio está tão cheio que mal o póde atravessar o cavallo sem nadar. Neste caso dizem que o rio está de *bolapé*. || *Etym.* Este vocabulo tem a sua origem no castelhano *volapié*. Segundo Valdez, *volapié* é uma locução adverbial significando « a meio vôo, parte andando, parte voando, *sem poder assentar o pé com firmeza* ». E' analogamente o que acontece ao animal que atravessa um rio, cujo váu não é bem pronunciado, e no qual, se não ha nado completo, ha todavia agua bastante para que o pé do cavallo não assente com firmeza no fundo do rio

Bólas, *s. f. plur.* (*R. Gr. do S.*) arma de apprehensão, de que se servem, não só os camponezes desta provincia, como os de outras partes da America para deter o cavallo ou boi que foge a correr. Consiste ella em tres *guascas* (tiras de couro) de pouco mais de 66 centimetros de comprido, presas entre si por uma das extremidades, e as outras terminam por pedras esphericas *retovadas* (forradas) de couro, sendo uma

dellas de menor dimensão, e é chamada *Manica*. E' nesta que pega o *Boleador* para *bolear* o animal, atirando-a de modo que se enrosquem todas nas pernas delle, e o impeçam de se mover.

Boleadôr, *s. m. (R. Gr. do S.)* homem destro no manejo das Bolas.

Bolear, *v. tr. (R. Gr. do S.)* deter um animal em sua carreira, atirando-lhe as *Bolas* aos pés.

Bolear-se, *v. pr. (R. Gr. do S.)* deixar-se o cavallo cahir com o cavalleiro (Coruja).

Boliche, *s. m. (R. Gr. do S.)* taberninha de pouco sortimento e de pouca importancia (Cesimbra). || *Etym.* E' germanismo usual na Hespanha (Valdez), e tambem no norte do Chile e na costa do Perú e Bolivia com a significação de bodêga (Zorob. Rodrigues).

Bolina, *s. f. (Ceará)* nome que dão á taboa que se colloca na parte média da jangada, junto ao banco da vela, e serve para cortar as aguas e evitar que ella descaia para sota-vento (J. Galeno).

Bomba, *s. f. (Pern., Par. do N.)* bueiro ou cano subterraneo, por meio do qual correm as aguas de um lado a outro da estrada ou rua, sem prejudicar o transito. Neste sentido o termo *Bomba*, que tem aliás em portuguez muitas significações, não deve ser empregado na linguagem official, como tem acontecido e o tenho visto em mais de um documento. || *(R. Gr. do S., Paraná)* tubo delgado por meio do qual se toma o mate; e é guarnecido na parte inferior, que se introduz na *Cuia*, por uma esphera ôca crivada de buraquinhos, por onde passa o liquido, sem trazer comsigo as particulas da herva.

Bombear, *v. tr. (R. Gr. do S.)* espionar, explorar o campo inimigo, para lhe conhecer a força, os recursos e os designios. || Andar na cóla de alguem, espreitar os actos de outrem de quem se desconfia: Encarreguei meu filho de *bombear* certo devedor meu, a ver se elle pretende realizar a sua viagem, antes de me pagar. || E' vocabulo usual tambem na America meridional hespanhola (Valdez). || *Etym.* Deriva-se de *Bombeiro*, no sentido de espião, e não é mais do que a corruptela de *Pombear*.

Bombeiro, *s. m. (R. Gr. do S.)* espião; explorador do campo inimigo; espreitador das acções de outrem para lhe conhecer os intentos. || *Etym.* Não é mais do que a corruptela de *Pombeiro*, pelo metaplasmo do *P* em *B*. Sob a fórma *Bombero*, é este vocabulo usual nas republicas platinas, e é probabilissimo que se introduzisse alli, quando nossas tropas guarneciam o territorio que constitue hoje a Republica Oriental do Uruguay.

Bonde, *s. m.* carro do systema americano, que, por meio de tracção animal, percorre, sobre trilhos de ferro, as ruas e estradas. O estabelecimento deste systema de rodagem no Rio de Janeiro, no anno de 1868, coincidiu com uma grande emissão de *bonds* do thesouro publico, objecto que occupava então a attenção de todos. Houve quem se lembrasse de dar o nome de *bondes* a esses vehiculos, e esse nome foi geralmente adoptado. Hoje ha emprezas de *bondes* em quasi todas as provincias do Brazil.

Bonéca, *s. f.* espiga de milho em flor.

Bonecar, *v. intr. (Bahia)* espigar o milho: O meu milharal já começa a *bonecar*. || Em portuguez ha o verbo transitivo *embonecar*, com a significação de enfeitar, adornar como se faz a uma boneca (Aulete).

Bongar, *v. tr. (R. de Jan.)* catar, buscar, procurar um a um objectos quaesquer: Fui ao pomar, e tanto *bonguei* que pude achar uma duzia de laranjas. || *Etym.* Do verbo da lingua bunda *cu-bonga*, significando apanhar (Capello e Ivens).

Boquinha, *s. f.* beijinho. || Moraes o menciona como termo brazileiro. Aulete apenas o emprega na seguinte locução: « A' *boquinha* da noute, isto é, quando principia a anoutecer », locução que é tambem usual no Brazil.

Boré, *s. m. (Ceará)* especie de trombeta grosseira feita de madeira ou de alguma especie de bambú, usada pela plebe nos seus batuques. || *Etym.* E' voc. de origem tupi, usado tambem no dialecto guarani.

Bórócótó, *s. m. (Bahia, Pern. Piauhy. Mat.-Gros.)* terreno escabroso, obstruido de calhaus, excavações, altibaixos e outros quaesquer accidentes que embaraçam o transito. ‖ *Etym.* A generalidade deste vocabulo, em provincias tão afastadas umas das outras, me faz pensar que elle tem a sua origem na lingua tupi ou outra qualquer lingua indigena ; nada porém me auctorisa a resolver a questão. ‖ Tambem pronunciam *Brócótó.*

Borracháda, *s. f. (Mat.-Gros.)* clyster. ‖ *Etym.* Provém de serem as seringas ordinariamente feitas de borracha ; mas esse nome prevalece, qualquer que seja a materia de que se faça esse instrumento.

Borrachão, *s. m. (R. Gr. do S.)* chifre apparelhado para conduzir agua ou outro qualquer liquido, sendo tapado na parte mais larga e aberto na mais estreita, onde se colloca a rolha. Alguns são feitos com primor (Coruja). ‖ *Obs.* O vocabulo é portuguez como augmentativo de Borracha ; mas, tanto em Portugal como no Brazil, tem tambem a significação de beberrão.

Botóque, *s. m.* rodella de madeira, com a qual certas hordas de selvagens do Brazil guarnecem o beiço inferior e as orelhas préviamente furados desde a infancia ; e d'onde lhes vem o nome de *Botocudos.* ‖ *Etym.* O nome desta rodella provém da sua semelhança com a rolha grosseira com que se tapa o orificio das pipas. A essa rolha dão em portuguez o nome de *Batoque ;* porém, segundo Moraes, é mais correcto *Botóque.* ‖ *Obs.* Os Tupinambás davam o nome de *Metára (Voc. Braz.)* ou *Tametára (Dic. Port. Braz.)* ás rodellas de pedra que traziam no beiço.

Branca, *s. f. (Ceará)* o mesmo que *Mandurêba.*

Brancarâna, *s. f. (Maranhão)* mulata clara. ‖ *Etym.* E' palavra hybrida, composta do portuguez *branca* e do tupi *rana* (J. Serra).

Branquinha, *s. f. (algumas Provs. do N.)* esperteza, fraude, qualquer artificio com que se procura enganar a outrem : Fulano fez-me uma *Branquinha,* de que o não julgava capaz (Meira).

Brazino, *adj. (R. Gr. do S.)* côr de braza, vermelho com algumas riscas pretas. Diz-se dos gados e tambem dos cães: Um boi *brazino.* Uma vacca *brazina* (Coruja).

Brazulaque, *s. m. (Alagoas)* o mesmo que *Bazulaque* (B. de Maceió).

Brejahúba, *s. f. (S. Paulo)* o mesmo que *Airi.*

Brinquête, *s. m. (Ceará)* certa peça da prensa, que expreme a massa da mandióca (J. Galeno).

Bróca (1º), *s. f. (R. Gr. do S.)* cavidade na raiz do cravo do cavallo, que vai minando até a parte superior do mesmo casco (Coruja). ‖ *Etym.* O termo é portuguez no sentido de cavidade.

Bróca (2º), *s. m. (Provs. do N.)* o mesmo que *Roçado.*

Bróca (3º), *s. f.* nome de um pequeno insecto que fura a madeira, talvez o caruncho de Portugal.

Bróca (4º), *s. f.* peneira grossa de peneirar o café em grão (Costa Rubim). Este auctor nada diz sobre a localidade onde é usual este vocabulo. Aulete tambem o menciona na mesma accepção.

Brocar, *v. tr. (Provs. do N.)* o mesmo que *roçar.*

Brócótó, *s. m.* o mesmo que *Bórócótó.*

Broquear, *v. tr. (Ceará)* o mesmo que *roçar.*

Bruáca, *s. f.* mala de couro crú, para conduzir cousas ás costas dos animaes, sobretudo aquelles objectos que devem estar ao abrigo da chuva. As *Bruácas* prendem-se por orelhas ás cangalhas, havendo uma de cada lado. ‖ No interior do Maranhão, dão á *Bruáca* o nome de *Cassuá* (B. de Jary).

Bubúia, *s. f. (Pará)* fluctuação. ‖ Usa-se na locução adverbial *de bubuia :* vir *de bubuia ;* estar *de bubuia ;* andar *de bubuia :* ficar *de bubuia :* O cedro não vai ao fundo ; fica *de bubuia.* (J. Verissimo). A canoa sossobrou, mas ficou *de bubuia* e a ella se agarraram os naufragos. ‖ Ir *de bubuia ;* navegar no sentido da corrente de um rio ou da maré: Fomos *de bubuia* durante duas horas. ‖ *Etym.* E' vocabulo de origem

tupí, pertencendo tanto ao dialecto que se fallava no R. de Jan., como ao guaraní do Paraguay. Em guaraní *bebui* significa leviandade, allivio, ligeireza (Montoya); em tupi tem a significação de leve (*Voc. Braz.*) Nos seus *Apontamentos de Viagem*, obra ultimamente publicada, o Sr. Dr. Leite de Moraes substituiu a palavra *bubuia* por *borbulha*, pensando talvez que a primeira não era mais do que a corruptela da segunda, e que cumpria restaural-a. Foi um verdadeiro *quiproquo* da sua parte.

Bubuiar, *v. intr. (Pará)* fluctuar (Couto de Magalhães) e tambem navegar no sentido da correnteza do rio ou maré. E' pouco usado em suas formas verbaes (J. Verissimo).

Buçal, *s. m. (R. Gr. do S.)* especie de cabresto com focinheira (Coruja). ‖ *Etym.* Deriva-se do radical, *buço*, segundo Coruja.

Bucuhúva, *s. f.* o mesmo que *Bicuhiba.*

Bugío, *s. f. (R. Gr. do S., Mat. Gros.)* o mesmo que *Guariba.*

Bugre, *s. m.* e *f.* nome depreciativo dado aos selvagens do Brazil. ‖ *Etym.* Estou inclinado a crer que este vocabulo é de origem franceza, e existe na tradição desde o tempo em que a colonia calvinista de Villegagnon occupou o R. de Jan., entre os annos de 1555 e 1567. Darei as razões em que fundo a minha conjectura. J. de Léry, que fez parte d'aquella colonia, tratando dos usos e costumes dos Tupinambás, e depois de ter feito observar que, não obstante habitarem um clima quente, eram todavia os rapazes e raparigas mais commedidos do que se poderia pensar, nas suas relações sexuaes, accrescenta: « Toutefois, afin de ne les faire pas aussi plus gens de bien qu'ils sont, parce que quelquesfois en se despitans l'vn contre l'autre, ils s'appelent *Tyvire*, c'est à dire *bougre*, on peut de là coniecturer (car ie n'en afferme rien) que cet abominable peché se commet entr'eux.» Não só pelo que diz este auctor, como pelo que affirma Gabriel Soares, eram com effeito os Tupinambás mui dados áquelle vicio. Bem podemos pensar que, depois do desmantelamento da colonia calvinista, os Francezes que se deixaram ficar no Brazil, e se puzeram em relações com os colonos portuguezes, usassem daquelle vocabulo injurioso, quando se referiam aos selvagens, e que este vocabulo, tornando-se usual, se perpetuasse na linguagem vulgar, não mais com a primitiva significação, senão como um nome genericamente applicado a todos os selvagens bravios. Não sei se haverá outro qualquer meio de explicar a origem deste vocabulo. O documento official mais antigo em que o vejo empregado é uma carta dirigida ao rei de Portugal, em 29 de outubro de 1723, pelo capitão-general de S. Paulo, Rodrigo Cesar de Menezes (Azevedo Marques). ‖ Em Hespanha, *Bugre* é o nome que costuma dar o vulgo, por desprezo, aos estrangeiros, e particularmente aos Francezes, por se lhes ouvir frequentes vezes esta palavra (Valdez). ‖ Em Alagoas dão o nome de *Bugre* a qualquer pessoa ignorante e de curta intelligencia; e assim tambem ao passaro que na gaiola não canta (B. de Maceió).

Bumba-meu-boi, *s. m.* especie de divertimento soffrivelmente insipido, que consiste em mascarar-se um homem com uma caveira de boi, enrolar-se em uma coberta de lã vermelha, e arremetter a uma meia duzia de sujeitos, que o excitam com aguilhadas, cantando constantemente: *Eh! bumba, meu boi.* ‖ Não duvido que esse divertimento tenha alguma semelhança com o que em Portugal chamam *Touros de canastra.*

Burára, *s. f. (Bahia)* arvore que derrubada sobre a estrada impede o transito: Nas proximidades da villa ha uma *Burára*, que cumpre remover, quanto antes, para que a boiada possa passar.

Burassangá, *s.* f. *(Valle do Amaz.)* cacete, mangual. ‖ Empregam ordinariamente este instrumento para bater algodão, e tambem a roupa por occasião da lavagem (J. Verissimo). ‖ Seixas escreve *Murassanga*, com a mesma significação. ‖ *Etym.* Tanto *Burassanga* como *Murassanga* são vocabulos do dialecto tupi do Amazonas. Em um

e outro transparecem os radicaes *ÿbÿrá* e *ÿmÿrá* que significam madeira, pau, etc.

Burí, *s. m. (Bahia)* Palmeira do genero *Diplothemium (D. caudescens)* Tambem lhe chamam *Imburí*.

Burití, *s. m.* Palmeira do genero *Mauritia*, de que ha duas especies *(M. vinifera* e *M. armata)*. Além deste nome, que é o mais geral, chamam-lhe tambem, no Valle do Amazonas, *Murití* e *Murutí* e no Maranhão *Muritim*.

Buritizáda, *s. f. (Ceará)* doce feito com a polpa da fructa do Buriti.

Buritizal, *s. m.* matta de Buritis. ‖ No Maranhão dão-lhe o nome de Muritinzal, porque alli a esta especie de palmeira chamam *Muritim*.

Burliquiadôr, *adj.* e *s. m. (R. Gr. do S.)* vadio; individuo que emprega seu tempo em passeios e visitas, sem nenhum fim util.

Burliquiar, *v. intr. (R. Gr. do S.)* vadiar; empregar inutilmente seu tempo em passeios e visitas.

Burriquête, *s. m.* nome de uma pequena vela triangular, que se iça no mastro da pôpa das garoupeiras e bângulas. O *Burriquête* inverga a ré, e serve para capear, bem como para conservar as embarcações aproadas ao vento, quando fundeadas *(Dic. Mar. Braz.)*.

Bussú, *s. m. (Pará)* Palmeira do genero *Manicaria (M. saccifera*, Martius). ‖ *Etym.* E' voc. tupi, contracção de *Ÿba*, arvore, e *uassú*, grande, nome bem merecido, porque, segundo Baena, têm as folhas desta palmeira 4m,40 de comprimento.

Butiá, *s. m.* Palmeira do genero *Cocos*, de que ha duas especies *(C. capitata* e *C. eriospatha)*. Produzem uma fructa, cujo mesocarpo acidulo é mui estimado. ‖ *Etym.* E' provavelmente voc. tupi.

Buzina, *s. f. (R. Gr. do S.)* buraco do centro da roda do carro, onde entra o eixo. E' assim chamado por ser mais largo da parte de dentro do que da de fóra. Daqui vem que, quando se acha gasto, põe-se-lhe um remonte, e a isto se chama *contra-buzina* (Coruja).

Caá, *s. m.* e *f*, voc. commum aos dialectos da lingua tupi, e se applica exclusivamente a productos do reino vegetal. Póde, segundo as circumstancias, significar matto, herva, folha e ramagem (Montoya, *Dicc. Port. Braz.*, Seixas). Na linguagem vulgar só usamos delle em composição com outras palavras substantivas ou adjectivas: *Caáguassú*, *Caápêba*, *Caápóróróca*; ou *Mucuracaá*, *Cavarucaá*, etc. Quando o termo *Caá* é seguido de um adjectivo, costuma-se, em geral, escrever e pronunciar *Caguassú*, *Capêba*, *Capóróróca*: torna-se porém saliente o som dos dous *aa*, quando o termo *Caá* é collocado no fim da palavra: *Mucuracaá*, etc.

Cába, *s. f. (Maranhão, Valle do Amaz.)* nome vulgar das diversas especies de vespas indigenas. ‖ *Etym.* E' vocabulo commum a todos os dialectos da lingua tupi. ‖ Nas demais provincias do Brazil dão geralmente ás vespas o nome de *Maribondo*, que pertence á lingua bunda. A excepção da provincia de S. Paulo, o termo portuguez *Vespa* é geralmente desconhecido da gente rustica. Em Campos dos Goytacazes, applicam exclusivamente o nome de *Cába* a uma especie de vespa preta de ferrão amarello; e tanto alli, como desde a provincia do R. de Jan. até a Bahia, o de *Tapiocába* a outra especie menor e mui peçonhenta.

Cabacinha, *s. f. (Piauhy, Maranhão, Pará)* nome que dão ás bolas de cêra cheias d'agua, com destino ao jogo do entrudo. No R. de Jan. chamam a isso *Limão de cheiro*; e, da Bahia até Pernambuco, *Laranjinha*.

Cabahú, *s. m. (Serg.)* nome popular do *mel-de-tanque*.

Cabanáda, *s. f.* nome pelo qual se designou a revolta de Panellas de Miranda e Jacuipe, a qual, tendo começo em 1832 na provincia de Pernambuco, se estendeu logo á de Alagôas, e durou mais de tres annos, terminando em 1835, pela intervenção do venerando bispo de Olinda D. João da Purificação Marques Perdigão. Esse nome passou depois a designar a revolta do Pará iniciada em 1835, e terminada em 1838, pelos esforços do general Soares d'Andréa, depois Barão de Caçapáva.

Cabáno, *s. m.* alcunho que se applicou a todo aquelle que se havia envolvido na revolta conhecida pelo nome de *Cabanada*, tanto em Alagôas e Pern., como no Pará. || *Etym.* Não sei qual é neste sentido a origem do vocabulo. Como adjectivo é termo portuguez usual no Brazil, e designa o animal de orelhas descahidas: Um cavallo *cabano ;* um porco *cabano*.

Cabôcla, *s. f.* mulher da casta dos Cabôclos. || No R. Gr. do S., dão-lhe geralmente o nome de *China*, por causa de sua semelhança physionomica com as mulheres do Celeste Imperio. || Adj., da côr dos Cabôclos : Pomba *cabocla*.

Caboclâda, *s. f.* a classe dos Cabôclos: A população daquella villa consta de poucos brancos, e de numerosa *Caboclâda*. || Magote de *Caboclos:* Entrei para o sertão, à testa de uma *Caboclâda* valente.

Caboclinha, *s. f.* menina de casta cabôcla. || No R. Gr. do S. dão-lhe geralmente o nome de *Chininha*, *Chinóca* e *Piguancha* (Cesimbra).

Caboclinho (1º), *s. f.* menino de casta cabôcla. || No R. Gr. do S. e em outras provincias meridionaes do Brazil, dão ao *Caboclinho* o nome de *Piá*, e tanto nesta provincia, como em Pernambuco o de *Caborê*.

Caboclinho (2º), *s. m.* nome vulgar de um dos passeres indigenas do Brazil, notavel pelo seu canto.

Caboclismo, *s. m.* acção de cabôclo; sentimento que revela civilisação atrazada.

Cabôclo, *s. m.* nome que dão não só aos descendentes já civilisados dos aborigenes do Brazil, como tambem aos mestiçados com a raça branca. Em algumas provincias do norte applicam esse nome, tanto aos aborigenes civilisados, como aos selvagens, designando-se aquelles por *Caboclos mansos* e estes por *Caboclos bravios*, aos quaes nas provincias meridionaes chamam *Bugres* e no Pará *Tapuios*. Nas provincias de S. Paulo, Minas-Geraes e R. de Jan., chamam tambem *Cabôclo* à gente da infima plebe, que vive espalhada pelos campos e margens dos rios, correspondendo ao que no Ceará e outras provincias do norte chamam *Cabras*. || *Adj.* de côr avermelhada, tirante a cobre: Melão *cabôclo ;* feijão *cabôclo*. || O alvará de 4 de abril de 1755 falla de *Cabôuculo* em logar de *Caboclo*, que é a forma actual do vocabulo, e prohibe o seu uso, como nome injurioso dado aos Portuguezes casados com Indias, ou aos que nascem destes matrimonios (Moraes).

Cabócó, *s. m.* (*Bahia*) o mesmo que *Covócó*.

Cabóré (1º), *s m.* e *f.* (*Mat. Gros.*) mestiço de negro e indio. E' o que em varias provincias do norte chamam *Cafuz*, *Cafuso* e *Carafuso*, e na Bahia *Cabo-verde*. || Tambem se diz Caburé (Couto de Magalhães). || *Pern.* e *R. Gr. do S.)* pessoa trigueira tirando a Cabôclo, e tambem applicam esse nome ao Cabôclo de pouca idade.

Cabóré (2º), *s. m.* (*Bahia*) boião, vaso pequeno de barro vidrado, com aza, bojo no centro, estreitado na base. || Fig. Homem gordo de baixa estatura.

Cabóré (3º), *s. m.* nome vulgar de diversas especies de aves nocturnas pertencentes talvez ao genero *Strix*. Montoya escreve *Caburé* e refere-se a duas especies. || *Etym.* E' vocabulo tupi.

Cabortear, *v. intr.* (*R. Gr. do S., Paraná, S. Paulo*) proceder mal, como o faz um *Caborteiro*.

Caborteiro, *adj.* (*R. Gr. do S., Paraná, S. Paulo*) velhaco, manhoso, etc. Diz-se do homem e dos cavallos e burros (Coruja). Tambem dizem *Cavorteiro*.

Cabos-brancos, *adj. plur.* (*R. Gr. do S.)* cavallo *cabos-brancos* é o que tem brancos os quatro pés: Baio *cabos-brancos*. (Coruja).

Cabos-negros, *adj. plur.* (*R. Gr. do S.)* cavallo *cabos-negros* é o que tem negros os quatros pés : Baio *cabos-negros* (Coruja).

Cabouco, *s. m.* o mesmo que *Caboclo* (Moraes).

Cabo-verde, *s. m.* e *f.* (*Bahia*) o mesmo que *Caboré* (1º).

Cábra, *s. m.* e *f.* mestiço de mulato e negra, e *vice-versa*. || No Ceará dão indistinctamente o nome de *Cabra* ao homem que anda habitual-

mente descalço (J. Galeno). Alli chamam tambem *Cabra topetudo* ao homem valente, audaz e altivo; e isso, talvez, por causa do topete de que usavam os famigerados mestiços, que, durante a reacção de 1825, espalharam-se pelo sertão do Norte, a afrontar os homens brancos patriotas (Araripe Junior). Em Sergipe dão ao valentão o nome de *Cabra-onça* (João Ribeiro). ‖ *Etym.* Não havendo a menor analogia entre *Cabra-gente* e *Cabra-bicho*, nem sequer a respeito da côr, porque esta é inteiramente variavel no gado caprino, podemos affirmar que outra deve ser a origem da denominação dada aos mestiços de que nos occupamos. Qual será ella? Creio que *Cabra*, no caso de que tratamos, não é mais do que a corruptela de *Caboré* (1º), nome de outra classe de mestiços, de que tratei no logar competente. E não vemos nós estropiada essa palavra em Cabriuva e Cabraïba, arvore de construcção, cujo nome primitivo era *Caboréyba*?

Cabralháda, *s. f. (Sertões do Norte)* o mesmo que *Cabroeira*.

Cabrestear, *v. intr. (R. Gr. do S.)* sujeitar-se o animal a ser conduzido pelo cabresto, sem que faça a menor resistencia. Neste caso diz-se que o animal *cabrestêa* bem.

Cabroeira, *s. f. (Ceará)* malta de gente composta dos chamados *Cabras*: Reuniu-se na praça uma *Cabroeira* desenfreada. O delegado de policia marchou á testa de uma *Cabroeira* valente, e conseguiu aprisionar os salteadores (Moira). ‖ Tambem dizem *Cabroeiro* (Araripe Junior.)

Cabroeiro, *s. m. (Ceará)* o mesmo que *Cabroeira*.

Cabróxa, *s. m.* e *f.* nome com que se designa o individuo ainda joven pertencente á casta dos Cabras: Tomei por criado um *Cabróxa* mui intelligente.

Cabrucádo, *s. m. (Bahia)* o mesmo que *Roçado*.

Cabrucar, *v. tr. (Bahia)* o mesmo que *roçar*.

Cabungo, *s. m.* bispote. ‖ *Etym.* Parece-me termo importado de alguma parte da Africa. ‖ *Fig.* pessoa desasseiada, ou a quem não se liga a menor importancia.

Caburé, *s. m.* e *f.* o mesmo que *Caboré* (1º).

Cacerenga, *s. f. (Alagoas)* o mesmo que *Caxirenguengue*.

Cacháça, *s. f.* aguardente feita com o mel ou borras do melaço, differente da que fabricam com o caldo da canna, á qual chamam aguardente de canna ou canninha. ‖ *Etym.* Aulete attribue a este vocabulo uma origem exclusivamente brazileira, entretanto que Moraes, citando a auctoridade de Sá de Miranda, o dá como portuguez, significando *vinho de borras*. Diz mais Aulete que tambem lhe chamam *tafiá*, o que não é exacto, quanto ao Brazil, onde esse termo, puramente francez, é completamente desconhecido do vulgo. ‖ *Obs.* Na Bahia, e outras provincias do Norte, dão tambem o nome de *cachaça* á escuma grossa, que, na primeira fervura, se tira do succo da canna na caldeira, onde se alimpa, para passar ás tachas, depois de bem depurado, e ajudado com decoada de cal ou cinza (Moraes). Esta especie de cachaça é distribuida ao gado, e muito concorre para engordal-o. ‖ *Fig.* Paixão dominante: A cultura das flores é a minha *cachaça*.

Cachaceira, *s. f. (Pern.)* logar, onde se apara e ajunta a cachaça, que se tira das caldeiras de assucar, quando se alimpam da cachaça (Moraes).

Cachaceiro, a, *adj.* qualificativo da pessoa que é dada ao uso immoderado da cachaça, e que com ella se embriaga: Meu criado é um grande *cachaceiro*.

Cachear, *v. intr. (Bahia, Alagoas, Pern.* e *Ceará)* espigar o arroz. ‖ *Obs.* E' verbo da lingua portugueza, no sentido de encher-se ou cobrir-se de cachos a parreira (Aulete). Quanto ao arroz é expressão brazileira (Aulete e Moraes).

Cachoeira, *s. f. (Maranhão)* o mesmo que *Corredeira*. ‖ Em geral, tanto em Portugal como no Brazil, a palavra *Cachoeira* se applica ao salto mais ou menos elevado de um rio.

Cacíque, *s. m. (Amaz.)* nome que, no Rio Negro e proximidades do Orenoco, dão ao chefe de tribu de

Indios; o mesmo que *Tuxdua* (L. Amaz.) || *Etym.* Era o nome que davam ao seu rei os naturaes da ilha Hespanhola (Las-Casas, citado por Zorob. Rodrigues). No Brazil servem-se deste nome para designar vagamente os chefes de quaesquer tribus de selvagens. Se, como diz Lourenço Amazonas, os Indios do Rio Negro, que demoram nas proximidades do Orenoco, se servem deste titulo é porque, sem duvida, o receberam do exterior. Segundo Moraes, era o titulo dos chefes mexicanos antes da conquista. Zorob. Rodrigues o julga oriundo das Antilhas. Aulete não o menciona.

Cáco, *s. m.* tabaco de *caco,* ou simplesmente *caco,* é o pó de tabaco de fumo, depois de torrado ao fogo e moido em um caco de louça de barro, e d'ahi lhe veiu o nome. || *Obs.* Ha outras variedades a que chamam *pó*, *amostrinha* e *canjica.*

Cacório, *adj. chulo,* sagaz, avisado, astuto. || *Rad.* Caco, no sentido figurado de cabeça, juizo. || *Obs.* Não duvido que seja vocabulo usado em Portugal; mas não o encontro em diccionario algum.

Cacumbí, *s. m. (R. de Jan.)* o mesmo que *Jiqui* (Silva Coutinho).

Cacumbú, *s. m. (R. de Jan.)* machado ou enxada já gasto e inservivel. || A metade do dia-santo, que vai da quinta-feira á sexta-feira da semana-santa. || *(Bahia)* o mesmo que *Caxirenguengue.*

Cacunda, *s. f.* dorso ou costas. Sentir uma dôr na *Cacunda* é sentil-a nas costas. E' termo geralmente usado pela gente inculta; e talvez provenha da deformidade conhecida pelo nome de giba ou gibosidade, a que vulgarmente chamam *corcunda*, e que o hajam applicado ao dorso mesmo são. O que torna mais plausivel esta idéa é que, em vez de *corcunda*, ha muita gente que diz *carcunda.* Entretanto, devo fazer observar que, em lingua bunda, *ricunda*, significa costas, cujo plural é *macunda* (Saturnino e Francina).

Cacundê, *s. m. (Provs. do N.)* especie de lavor com que se guarnecem as saias e camisas de mulher. Consiste em coser tiras de panno sobre um desenho prêviamente feito naquellas peças de roupa, com o sumo verde das folhas da faveira e outras, desenho que desapparece com a lavagem. Depois de cosidas as tiras sobre esse desenho, cortam o excedente, de modo que elle fica reproduzido em relevo (B. Maceió). || No Rio de Janeiro dão ao *Cacundê* o nome de *Picádo.*

Cacurí, *s. m. (Pará)* o mesmo que *Jiqui.* || Na provincia do Amazonas chamam *Cacuri* ao Curral de pescaria (L. Amaz.).

Cadêna, *s. f. (R. Gr. do S.)* maneira engenhosa de tirar dos chifres do touro bravo, sem perigo, o laço em que se acha preso, e isto se faz com o soccorro de um outro laço preso á argola d'aquelle em que se achava laçado: para se fazer esta *Cadêna* põe-se o touro no chão, e então se fórma a laçada, a que se dá este nome. || *Etym.* E' voc. castelhano, significando cadeia (Coruja).

Cáecáe, *s. m. (R. de Jan.)* especie de rede de pescaria.

Cafajestáda, *s. f.* acto de Cafajeste. || Grupo de Cafajestes.

Cafajéste, *s. m.* homem da infima plebe e de pouco ou nenhum apreço. || *Obs.* Tanto em Pernambuco, como em S. Paulo, dão os estudantes das faculdades de direito esse nome a qualquer individuo sem prestimo.

Cafanga, *s. f. chulo, (Pern.)* desdem simulado por aquillo que se deseja; recusa apparente d'aquillo que é offerecido. A isso chamam *botar cafanga:* Offereci a José o meu cavallo por um preço razoavel; elle *botou cafanga*, mas afinal comprou-m'o (Meira). || *Obs.* S. Roméro o menciona como synonymo de embuste.

Cafezista, *s. m.* Commissario de café, no mercado do R. de Jan. e de Santos.

Cafífe, *s. m. (Pern.)* serie de contrariedades: Ha tempos que vivo em constante *Cafife.* Estou em maré de *Cafife.* Deu-me o *Cafife,* e não me é possivel alcançar o que desejo (Meira). || Morrinha, molestia pertinaz, que torna o homem incapaz de qualquer serviço. || *Etym.* A esse re-

speito, apenas farei observar que na lingua bunda *Cafife* é o nome do sarampo (Capello e Ivens).

Cafirôto-acceso, *s.m.*(*Ceará*) usa-se na seguinte locução adverbial: *de cafirôto-acceso;* isto é, *de candeias ás avessas* (Araripe Junior).

Cafundó, *s. m.* logar ermo e longinquo, de difficil accesso, ordinariamente entre montanhas: Logo que, pela perda de minha fortuna, reconheci a impossibilidade de viver na cidade, retirei-me para este *Cafundó*, onde habito tranquillamente ha muitos annos.

Cafuné, *s. m.* estalinhos que se dão com os dedos sobre a cabeça de outrem, como se se estivesse a matar piolhos. Chama-se a isto *dar Cafuné*. Aulete diz *fazer Cafuné*. || Na Bahia chama-se *Cafuné* aos mais pequenos côcos de dendê do cacho (Valle Cabral).

Cafuz, *s. m. (Provs. do N.)* o mesmo que *Caboré* (1°).

Cafuza, *s. f.* de *Cafuz* e *Cafuzo.*

Cafuzo, *s. m. (Pará)* o mesmo que *Caboré* (1°).

Cahatinga, *s. f. (Amaz.)* terra alagadiça ou meio alagadiça, na qual cresce a palmeira Piassabeira (Frz. de Souza). || Este vocabulo, já pelo modo por que se acha orthographado, e já pela sua definição, não póde ter a mesma etymologia que a *Catinga* dos sertões entre Minas-Geraes e Maranhão.

Cahíva, *s. f. (Paraná)* matto cujo terreno tem pouco humus, o que o torna improprio para a cultura. Chamam-lhe tambem *Catanduva* e *Mattomáu*, e se distingue do *Matto-bom* pela qualidade da vegetação. Naquelle são as arvores esguias e entremeadas de pastagens; neste são ellas corpulentas e contêm especies, que não se accommodam senão em terrenos reconhecidamente ferteis. A' simples vista d'olhos, póde o lavrador experimentado distinguir perfeitamente o *Matto-bom* da *Cahiva*, isto é o bom terreno do mau terreno. || *Etym.* E' termo de origem tupi, composto de *Caá*, matto, e *ahiva*, mau.

Caiambóla, *s. m.* corruptela de *Canhembóra*.

Caiaué, *s. m. (Amaz.)* Palmeira do gen. *Elaeis (E. melanococca).*

Cãibro, *s. m. (Pern., Alagoas)* um par de qualquer objecto, principalmente duas espigas de milho, presas entre si, com a propria palha. Vinte e cinco cãibros formam uma mão de milho (B. de Maceió). || Ha em portuguez o termo *Cambo* significando cambada, enfiada: Um *Cambo* de pescado (Moraes). Será essa o origem do nosso vocabulo? Na Par. do N. e R. Gr. do N., dão ao *Cãibro* o nome de *Atilho* (Meira).

Caipíra, *s. m. (S. Paulo)* nome com que se designa o habitante do campo. Equivale a *Labrego*, *Aldeão* e *Camponez* em Portugal; *Roceiro* no R. de Jan., Mat. Gros. e Pará; *Tapiocâno*, *Babaquára* e *Muxuango* em Campos dos Goytacazes; *Mattuto* em Minas-Geraes, Pern., Par. de N., R. Gr. do N. e Alagoas; *Casaca* e *Bahiano* no Piauhy; *Guasca* no R. Gr. do S.; *Curau* em Sergipe; e finalmente *Tabaréo* na Bahia, Sergipe, Maranhão e Pará. || *Etym.* Tem-se attribuido diversas origens ao vocabulo *Caipira*; duas ha, porém, que têm merecido mais particular attenção da parte d'aquelles que se dão a esses estudos, e são *Caápóra* e *Curupira*, ambos vocabulos da lingua tupi: *Caapóra*, cuja traducção litteral é *habitador do matto (Dic. Port. Braz.)*, diz bem com a idéa que temos da gente rustica; mas cumpre attender a que o termo *Caipóra*, tão usual no Brazil, já como substantivo e já como adjectivo, conserva melhor a fórma do vocabulo tupi, bem que tenha significação differente, como o discutirei no respectivo artigo. *Curupira* designa um ente phantastico, especie de demonio, que vaguêa pelo matto, e só como alcunha injuriosa poderia ser applicado aos camponezes. || Em Ponte-do-Lima, reino de Portugal, é vulgar o vocabulo *Caipira* não mais com a significação de rustico, se não com a de sovino, mesquinho (J. Leite de Vasconcellos). Não obstante esta differença de accepção, não podemos duvidar de que aquelle homonymo seja de origem brazileira, e é esse um phenomeno linguistico de facil explicação,

Em verdade, do Minho vem muita gente ao Brazil, e della não poucos individuos, depois de ter adquirido pelo trabalho uma tal ou qual fortuna, regressam para sua provincia. Durante os longos tempos que habitaram entre nós, familiarisaram-se com certos vocabulos, e é natural que, já restituidos á patria, usem delles machinalmente em suas conversações, e desta sorte os naturalisem no seu paiz, ainda que alterados em sua significação primitiva, como aliás acontece no Brazil a respeito de muitas palavras portuguezas, que têm aqui um sentido mui differente do que lhe dão em Portugal.

Caipiráda, *s. f.* acto de caipira; rusticidade. || Grupo de Caipiras. || Generalidade dos Caipiras : A *Caipiráda* manifestou-se toda contra o novo imposto.

Caipirismo, *s. m.* o mesmo que Caipirada, no sentido de acto de Caipira : Aquelle individuo commetteu um verdadeiro *Caipirismo*, em não aceitar o convite, que lhe foi tão graciosamente feito pela dona da casa.

Caipóra, *s. m.* e *f.* nome de certo ente phantastico, que, segundo a crendice peculiar a cada região do Brazil, é representado, ora como uma mulher unipede, que anda aos saltos; ora como uma criança de cabeça enorme, e ora como um caboclinho encantado. O *Caipóra* ou a *Caipóra* habita as florestas ermas, d'onde sahe á noute a percorrer as estradas. Infeliz d'aquelle que se encontra com esse ente sobrenatural. Nesse dia tudo lhe sahe mal, e outro tanto lhe acontecerá nos dias subsequentes, emquanto estiver sob a impressão do terror que lhe causou o encontro sinistro. || Fig., pessoa cuja presença ou intervenção póde influir de um modo nocivo em negocios alheios: Aquelle homem tem sido o meu *Caipóra*. || E' tambem *Caipóra* o individuo malfadado, aquelle que, apezar de sua moralidade, de suas boas intenções e do desejo de melhorar de posição, se vê constantemente contrariado em suas aspirações : Sou um *Caipóra*. N'este sentido corresponde aos termos portuguezes *tumba* e *callisto*. || Adj. infeliz, desafortunado : Durante todo este mez tenho sido *caipóra* no jogo. || *Obs.* Segundo Moraes, *Caipóra* é o «lume fatuo» que apparece nas mattas, e o vulgo diz que são almas de caboucos *(sic)* mortos sem baptismo. Não duvido que assim seja em alguma parte do Brazil; mas eu nada tenho ouvido que justifique essa asserção. || *Etym.* *Caipóra* é evidentemente a corruptela de *caápóra*, termo da lingua tupi, que significa *morador do matto*.

Caiporismo, *s. m.* má sorte, mau fado, infelicidade; estado d'aquelle que é constantemente contrariado em suas aspirações : E' tal o meu *caiporismo* que n'aquella emergencia, em que me era tão necessaria a protecção dos meus amigos, achavam-se todos ausentes.

Cairí, *s. m.* *(Bahia)* guisado de gallinha temperado com azeite de dendê, pimenta e pevide de abóbora.

Caissára, *s. f.* *(Pern.)* especie de cerca morta, isto é, d'aquella que é formada de forquilhas e garranchos. || Especie de armadilha para attrahir o peixe, a qual consiste em ramagens que se lançam ao fundo da agua, quer soltas, se a agua é estagnada, quer presas a moirões, se a agua é corrente. O peixe procura esse esconderijo, e, reunido em cardume mais ou menos numeroso, muito facilita a pesca ao anzol. Tambem póde servir para a pesca á rede. N'este caso, lançam-se os ramos soltos ao fundo da agua, e quando se presume que a *caissára* está bem povoada, cercam-a com a rede, que se arrasta para a praia, depois de retirados os ramos. || Montoya, no artigo *Caá*, traz *Caaiçá* com a significação de cerca de ramas e ramadas, com que vão recolhendo o peixe como com redes. O *Dicc. Port. Braz.* escreve *Cayçara*, que traduz por trincheira; e Gabriel Soares falla em *cerca de caiçá*, que os selvagens construiam, para se pôrem ao abrigo do inimigo.

Caissúma, *s. f.* *(Valle do Amaz.)* é o tucupí engrossado com farinha, cará ou outro qualquer tuberculo (J. Verissimo).

Caititú (1º), *s. m.* nome vulgar do *Dicotyles torquatos*, mammifero da ordem dos Pachidermes, e indigena da

America. Tambem lhe chamam *Tatêto* e *Taititú*.

Caititú (2º), *s. m. (Ceará, Par. e R. Gr. do N.)* nome que dão ao rodete de desmanchar a mandióca, em razão da roncaria que produz, semelhando á que faz o animal deste nome, desde que o enfurecem (Araripe Junior).

Cajá, *s. m.* fructa da Cajazeira, arvore do genero *Spondias*, familia das Terebinthaceas, de que ha varias especies. A esta fructa chamam no Pará *Taperebá*, e em Mat. Gros. *Acayá*. Além das especies indigenas, temos mais o *Spondias dulcis* da India, a que dão vulgarmente no R de Jan. o nome de *Cajá-manga*. Ha outra especie indigena de *Spondias*, que tem o nome particular de *Imbú*.

Cajetilha, *s. m. (R. Gr. do S.)* rapaz da cidade, que anda no rigor da móda (Cesimbra). ‖ *Etym.* Vem provavelmente de *Cajeta*, nome que na Republica Argentina dão ao peralta, ao peralvilho. O *j* do nosso voc. se pronuncia á hespanhola.

Cajú, *s. m.* fructa de diversas especies do Cajueiro, arvores, arvoretas e até plantas rasteiras do genero *Anacardium (A. occidentale, A. curatellifolium, A. humile*, etc.) da familia das Terebinthaceas. O *Cajú* se compõe de duas partes bem distinctas: da *castanha*, que é verdadeiramente a fructa e se come assada ou confeitada, e do seu receptaculo polposo e sumarento de que se usa crú, guisado, em doce, em xarope ou em vinho. ‖ *Etym.* Do tupi *Acajú*.

Cajuáda, *s. f.* bebida refrigerante feita do sumo do cajú, agua e assucar.

Caldeirão, *s .m. (Provs. do N.)* tanque natural nos lagedos, onde costuma ajuntar-se agua das chuvas (Meira). ‖ No R. Gr. do S., é um buraco grande no meio do campo ou estrada, feito por chuvas ou pisada de animaes (Coruja). ‖ No Amazonas é o redomoinho nos rios, formado por correntes circulares que se tornam muitas vezes perigosas aos navegantes (Castelnau). A estes accidentes fluviaes davam os aborigenes o nome de *Jupiá*.

Caldeirões, *s. m. plur.* côvas atoladiças que se formam transversal e parallelamente nas estradas frequentadas por tropas de animaes no tempo das chuvas. A's vezes chegam a impedir o transito, e pelo menos o difficultam muito. Em Pernambuco e Alagôas chamam a isso *camaleões*.

Caldo, *s. m.* nome que dão ao sumo da canna de assucar: *Caldo* de canna. Em S. Paulo e Pará o chamam *Garápa ;* mas este termo tem outra significação em algumas provincias do norte.

Calhambóla, *s. m.* corruptela de *Canhembóra*.

Calojí, *s. m. (Pern. e Pará)* o mesmo que *Zungú*. ‖ *Etym.* Talvez seja termo de origem africana.

Calombo, *s. m.* tumor, polmão, inchaço duro em qualquer parte do corpo. O *Dicc. Contemporaneo* o dá como termo do Brazil, significando *coágulo, sangue* ou *leite coagulado*, o que não é exacto. ‖ *Etym.* Terá talvez uma origem africana.

Calundú, *s. m.* mau humor que faz com que as pessoas delle acommettidas se tornem insupportaveis pela sua irascibilidade. Neste sentido se diz que um individuo está de *calundú*, ou com seus *calundús*, quando se acha em disposição de se impacientar com tudo e com todos. Qualquer pessoa póde dizer de si: — Não me importunem hoje, porque estou de *calundú*. ‖ *Etym*. Creio ser vocabulo africano. Na minha infancia ouvi-o muitas vezes pronunciar pelos escravos da raça angolense. ‖ *Obs.* Na Par. e R. Gr. do N. dizem *lundú*: Fulano está de *lundú* (Meira).

Calunga (1º), *s. m. (Pern.)* boneco ou boneca.

Calunga (2º), *s. f. (Minas Geraes, Goyaz* e *sertão da Bahia* e *Pern.)* nome de uma planta da familia das Rutaceas *(Simaba ferruginea)*.

Calunga (3º), *s. m. (Bahia)* o mesmo que *Camundongo*. No sentido figurado significa ratoneiro.

Calunga (4º), *s. m.* homonymo com tres significações differentes, na Africa occidental portugueza. Ora é o nome do mar ; ora o de um rio affluente do Capororo ; e finalmente um titulo de fidalguia na Jinga (Capello e Ivens).

Calungueira, *s. f. (R. de Jan.)* especie de embarcação de pescaria

no alto mar, semelhante á *Garoupeira* de Porto-Seguro ‖ *Etym.* Parece ter a sua origem no termo angolense *Calunga*, que significa mar. ‖ Tambem lhe chamam *Bângula.* ‖ Nem *Calungueira*, nem *Bângula* se encontram no *Dicc. Mar. Braz.*

Camafonge, *s. m. (Pern., Par. e R. Gr. do N.)* moleque travesso. ‖ *(Alagôas)* Ente vil. ‖ *Etym.* Parece ser de origem africana.

Camaleões, *s. m. plur. (Pern. e Alagôas)* o mesmo que *Caldeirões.* ‖ *Etym.* E' evidentemente corruptela de *Camalhões*, que são em Portugal não só a fórma da lavra em que a terra fica disposta em taboleiros abahulados e parallelos, como tambem nas estradas a terra que fica entre dous sulcos abertos pelas rodas dos carros (Aulete).

Camalóte, *s. m. (valle do Paraguay)* porção de hervaçal que se destaca das margens dos rios ; e, à maneira de ilhas fluctuantes, são impellidas pela correnteza das aguas. E' analogo ao *Piriantãn* do valle do Amazonas.

Camapú, *s. m. (Pará)* fructa de uma planta herbacea do genero *Physalis*, familia das Solanaceas, da qual ha varias especies no Brazil, todas comestiveis.

Camaráda, *s. m. (Paraná, S. Paulo, Minas-Geraes, Goyaz, Mat.-Gros.)* homem assalariado para servir não só de conductor de animaes, como em trabalhos ruraes e domesticos. ‖ No R. de Jan. e nas provincias que lhe ficam ao norte tem este vocabulo a significação portugueza de companheiro, amigo, collega, e é, como em Portugal, geralmente usado entre os militares.

Cambíca, *s. f. (Ceará, Maranhão)* especie de alimento feito com a polpa do Murici, de mistura com agua, leite e assucar. ‖ *Etym.* Na lingua tupi, *Cambÿ* significa leite. Talvez seja esta a origem do nosso vocabulo.

Cambíto, *s. m. (S. Paulo)* pernil do porco.

Cambôa, *s. f. (Pern.)* o mesmo que *Gambôa.*

Cambondo, a, *s (Bahia)* amasio, concubinario (M. Brum).

Cambuatá (1º), *s. m. (R. de Jan.)* nome vulgar de uma especie de peixe d'agua doce, a que em outras provincias chamam *Tamuatá*, pertencente ao genero *Cataphractus (C. callichthys*, ex Martius). Este peixe goza da curiosa faculdade de caminhar por terra ; quando, esgotado o poço em que vivia, sahe á procura de outro, que lhe proporcione meios de existencia. ‖ *Etym.* E' vocabulo tupi.

Cambuatá (2º), *s. m. (R. de Jan.)* especie de arvore de construcção, do genero *Cupania (C. vernalis)* da familia das Sapindaceas (Rebouças).

Cambucá, *s. m. (R. de Jan.)* fructa do Cambucazeiro, planta de que ha duas especies pertencentes aos generos *Myrciaria* e *Rubachia*, da familia das Myrtaceas *(Fl. Bras.)*

Cambucí, *s. m. (S. Paulo)* fructa de uma arvore do mesmo nome, pertencente ao genero *Eugenia (E. Cambuci)* da familia das Myrtaceas. ‖ *Etym.* E' vocabulo tupi.

Cambuhí, *s. m.* fructa do cambuhizeiro, planta de diversas especies, pertencentes geralmente ao genero *Eugenia*, da familia das Myrtaceas. ‖ *Etym.* E' voc. tupi.

Cambuquira, *s. f. (S. Paulo)* grelos da aboboreira, os quaes se guizam como outras quaesquer hervas. ‖ *Etym.* Esta palavra é evidentemente tupi. O *Voc. Braz.* traduz por *Yãmÿquira* o gomo tenro ou olho de qualquer arvore ou herva ; e o *Dicc. Port. Braz.* por *Çoankÿra* o gomo tenro. ‖ Em lingua bunda, chamam ao grelo da aboboreira *mu-engueleca* (Cap. e Ivens).

Camína, *s. f. (Pará)* armadilha de pesca, que consiste em uma vara fincada no chão, por uma das extremidades. A outra extremidade, sendo fortemente acurvada a vara, é presa dentro da agua em um gancho de pau disposto em um pequeno cesto atado na mesma extremidade da vara, de sorte que, logo que o peixe toca na ceva, a vara desprende-se, e tornando ao seu estado natural, traz acima o peixe dentro do cesto (Baena). ‖ *Etym.* E' provavelmente termo tupi.

Caminhão, *s. m. (R. de Jan.)* carro de carga de quatro rodas e almofada, onde toma logar o cocheiro, e é

puxado ordinariamente por muares. || *Etym.* Corruptela do francez *Camion.*

Campeão, *s. m. (Ceará)* cavallo do vaqueiro, quando este sahe em procura e tratamento do gado (J. Galeno). || Com a significação de combatente, é termo portuguez usual em todo o Brazil.

Campear, *v. tr.* andar a cavallo pelo campo em procura e tratamento do gado. Tambem se usa muito deste verbo na accepção de procurar qualquer cousa:—Vou ao mercado *campear* ovos. Por mais que *campeasse*, não pude encontrar uma só laranja em todo o pomar.

Campeiro, *s. m. (R. Gr. do S.)* homem adestrado no trabalho do campo, em relação ao tratamento dos gados. O bom *Campeiro* é um empregado mui util nas fazendas de criação; elle tem a seu cargo procurar e arrebanhar as rezes perdidas, reunil-as nos *rodeios*, etc. || O *Campeiro* do R. Gr. do S. é o mesmo que o *Vaqueiro* das provincias do Norte. || *Adj.* que tem relação com o campo: Freio *campeiro* é o que tem certa fórma mais apropriada ao serviço do campo. Veado *campeiro*, especie do genero *Cervus* que vive habitualmente no campo *(C. campestris).*

Campo, *s. m.* nome que dão aos descampados mais ou menos accidentados, formando extensas pastagens apropriadas á criação de gados. A sua vegetação consiste em gramineas rasteiras e outras plantas herbaceas. || Corresponde ao que em portuguez chamam *Campina* (Aulete). || O *campo* contrapõe-se sempre á matta: Prefiro caçar perdizes no *campo*, do que macucos na *matta.* A minha fazenda compõe-se de *mattas*, donde tiro boas madeiras de construcção; e de *campos* onde crio o meu gado. || *Campo dobrado* é aquelle que se desenvolve em terreno ondulado; *campo coberto* é aquelle que, offerecendo pastagens para os gados, está entretanto entremeado de arvoredo escasso. A esta especie no Paraná e R. Gr. do S. chamam *fachina* ou *fachinal.* Ainda ha o *campo natural* e o *campo artificial*; aquelle é o campo primitivo; este o que se forma depois da derrubada de uma matta. || *Obs.* Em todas as mais accepções, a palavra *campo* tem geralmente no Brazil as mesmas significações que em Portugal.

Camucim, *s. m. (Campos)* especie de boião feito de barro preto. || *Etym.* De *Camuci*, nome tupi de qualquer pote. *(Voc. Braz.)*

Camumbembe, *s. m. (Pern.)* vadio, mendigo, individuo que pertence a relé do povo (J. Alfredo).

Camundongo, *s. m. (R. de Jan., S. Paulo)* rato de especie pequena. Na Bahia lhe chamam *Calunga* (3º), e em Pern. *Catita.* || *Etym.* E' vocabulo da lingua bunda. Em Angola tambem lhe chamam *Mundongo* (Capello e Ivens).

Camurim, *s. m. (Pern. e outras provs. do N.)* nome vulgar da *Sciaena undecimalis*, especie de peixe a que nas provs. do S. chamam *Robalo* (Martius).

Canarim, *s. m. (Pará)* homem magro de pernas compridas (C. de Albuquerque). E' o que em Portugal e tambem no Brazil chamam figuradamente *Espicho.* || Segundo Moraes, *Canarim* é o aldeão dos contornos de Gôa. Aulete não o menciona.

Cancha, *s. m. (R. Gr. do S.)* logar nas charqueadas onde matam o boi. || Applicam o mesmo nome ao logar onde um *parelheiro* está acostumado a correr. Estar na sua *Cancha* é estar em logar conhecido, onde é mais forte, etc. (Coruja). || *Etym.* E' termo quichua usual no Chile, com a mesma significação que tem na nossa provincia (Zorob. Rodrigues).

Candêa, *adj. (Pern., Par.* e *R. Gr. do N.)* casquilho, elegante, bonito, não só em relação a pessoas, como a cousas: Uma moça *candêa*; uma sala *candêa.* || *Etym.* No dialecto guarani, *candeá*, synonymo de *catupiri*, se traduz em castelhano por *bueno*, *hermoso*, *galan* (Montoya). || Nos vocabularios que tenho podido consultar relativos ao dialecto tupi, nada encontrei a semelhante respeito; todavia, si attendermos a que o *Lupea Sebac*, notavel por sua formosura, tem, tanto no R. de Jan., como na Bahia, o nome vulgar de *Siri-candêa*, devemos pensar que o nosso vocabulo, salvo a pronuncia, era commum tanto aos Guaranis do Paraguay, como aos

Tupinambás do Brazil. Em todo caso, não lhe podemos attribuir uma origem portugueza, porque essa especie de lampada a que chamamos candeia é certamente a antithese da formosura. No R. de Jan. dão ao casquilho o nome de *Siri-candêa*.

Candieiro (1º), *s. m. (R. Gr. do S.)* nome de uma das variedades desses bailes campestres, a que chamam geralmente *Fandango*.

Candieiro (2º), *s. m. (provs. merid.)* homem que, de ordinario, armado de aguilhada, vai adiante dos bois que puxam o carro, como que lhes ensinando o caminho (Coruja).

Candiubá, *s. m. (Mat.-Gros.)* o mesmo que *Ubá* (1º).

Candombe (1º), *s. m. (R. de Jan.)* especie de rede de pescar camarões, manejada ordinariamente por um só homem.

Candombe (2º), *s. m. (provs. merid.)* especie de batuque com que se entretêm os negros em seus folguedos. || E' analogo ao *quimbête*, ao *caxambú*, ao *jongo* e tambem ao *maracatú* de Pernambuco. Talvez seja semelhante ao *Candomblé* da Bahia, mas sem exercicios de feitiçaria.

Candombeiro, *s. m.*, dançador de *candombe*, frequentador, sucio (Macedo Soares).

Candomblé (1º), *s. m. (Bahia)* especie de batuque de negros com exercicios de feitiçaria. Como simples folguedo é semelhante ao *Candombe* das provincias meridionaes, e tambem ao *maracatú* de Pernambuco. || *Etym.* Tanto *Candomblé* como *Candombe* devem ser vocabulos de origem africana.

Candomblé (2º) *s. m. (R. de Jan.)* quarto pequeno e escuro reservado para guardar trastes velhos, bahús, etc. (Macedo Soares).

Cangaçaes, *s. m. pl. (Pern.)* nome burlesco que dão á mobilia de pessoa pobre ou escravo (Moraes).

Cangaceiro, *s. m. (Ceará)* homem que carrega *Cangaço* (3º), isto é, armas em excesso, affectando valentia (J. Galeno).

Cangaço (1º), *s. m. (Pern., Par. do N., R. Gr. do N., Ceará)* pedunculo e espatha do coqueiro, os quaes se desprendem da arvore, quando estão seccos. || *Etym.* E' vocabulo portuguez que se applica ao pedunculo dos cachos da uva, e mais, com a significação de bagaço, á parte grosseira que fica dos productos expremidos (Aulete). || Em Alagôas dizem *Cangaraço* (B. de Maceió).

Cangaço (2º), *s. m. (mesmas provs. acima citadas)* objectos de uso de uma casa pobre. Neste sentido usa-se no plural, e vem a ser o mesmo que *Cangaçaes*.

Cangaço (3º), *s. m. (mesmas provs.)* conjuncto de armas que costumam conduzir os valentões:—Fulano vive debaixo do *Cangaço*, isto é, carregado de armas (Meira).

Cangambá, *s. m. (Sertão da Bahia e outras provs. do N.)* o mesmo que *Maritacáca*.

Cangapé, *s. m.* pancada que os meninos das escolas, no jogo da lucta, dão á falsa fé na barriga da perna do adversario para o fazer cahir. || No Ceará dão o mesmo nome ao pontapé que a mergulhar a criança, ligeira e geitosamente, dá no companheiro dentro d'agua, em animada brincadeira (J. Galeno). || *Etym.* Parece que este vocabulo não é mais do que a alteráção de *cambapé*, que em portuguez exprime a mesma idéa.

Cangaráço, *s. m. (Alagôas)* o mesmo que *cangaço* (1º).

Cangóte, *s. m.* nome vulgar do occiput. || *Etym.* Talvez seja uma alteração de *cogote*, que tem em portuguez a mesma significação.

Cangueiro, a, *s.* e *adj.* preguiçoso, vagaroso, negligente: O meu criado é um *cangueiro*, e sua mulher ainda mais *cangueira*. || Em outras accepções é voc. portuguez; como *adj.* refere-se ao que traz canga, que está habituado á canga, ou póde ser posto á canga: Bezerro *cangueiro*. Como *s. m.*, é o nome de uma especie de barco de fundo chato usado na navegação do Tejo (Aulete).

Cangussú, *s. m.* nome vulgar de uma especie de onça *(Felis onça)*. || *Etym.* Do tupi *Acanga-ussú*, cabeça grande.

Canháda, *s. f. (R. Gr. do S.)* valle, planicie estreita entre duas montanhas. ‖ *Etym.* Do castelhano *Cañada.*

Canhambóla, *s. m.* e *f.* corruptela de canhembóra.

Canhambóra, *s. m.* e *f.* corruptela de canhembóra.

Canhembóra, *s. m.* e *f.* escravo que anda fugido e se acouta ordinariamente nesses escondedouros a que chamam *Quilombos* ou *Mocambos.* ‖ *Etym.* E' voc. tupi, que se deriva do verbo *acanhem*, eu fujo; e os selvagens o applicavam tanto ao que andava fugido, como ao que tinha o costume de fugir. Quando se referiam áquelle que havia fugido, ainda que não fosse mais que uma vez, chamavam-lhe *Canhembára* (Anchieta). ‖ O termo *Canhembóra* está hoje mui viciado, tanto que muitas vezes se diz e se escreve *canhambóra*, *canhambóla*, *caiambóla* e *calhambóla.* ‖ Ao escravo fugido tambem chamavam *Quilombóla* e *Mocambeiro*, cujos radicaes são *Quilombo* e *Mocambo.*

Canicarú, *s. m. (Pará)* alcunha que os selvagens applicam aos Indios civilisados, que vivem mansamente em aldeias (Baena).

Canindé, *s. m.* especie de Arára.

Canjêrê, *s. m. (Minas-Geraes)* reunião clandestina de escravos com ceremonias de fetichismo, tendo por fim illudir os simplorios, ganhando-lhes o dinheiro, a pretexto de os livrar de molestias e outros males; e tambem com a intenção criminosa de se desfazerem dos que lhes são suspeitos, por meio de veneficios. ‖ *Etym.* Talvez seja vocabulo de origem africana.

Canjíca (1º), *s. f. (R. de Jan., S. Paulo, Paraná, Sta.-Cathar., R. Gr. do S., Minas-Geraes, Goyaz, Mat.-Gros.)* especie de frangolho feito de milho branco contuso, que geralmente se toma sem tempero algum, mas ao qual se póde addicionar assucar, leite e canella. Assim temperado chamam-lhe *Mungunzá* na Bahia, Pern. e outras provs. do N. Tambem dizem *Mungunsá* e *Mucunzá.* ‖ *Obs.* Os lexicographos, sem exceptuar Aulete, escrevem *Cangica* e não *Canjica.* Não vejo razão para isto. Se este voc. não tem, nem póde ter, outra origem senão a de *Canja*, não ha motivo para escrevermos *Cangica*, quando em *Laranjinha*, diminutivo de laranja, não fazemos semelhante alteração.

Canjíca (2º), *s. f. (Bahia e as demais provs. do N.)* especie de papas feitas de milho verde. A isso chamam *Curáu*, em S. Paulo e Mat. Gros., *Corá* em Minas-Geraes e R. de Jan., e nesta ultima provincia tambem a conhecem por *Papas de milho.*

Canjíca (3º), *s. f. (R. de Jan. e outras provs.)* especie de tabaco de pó, feito com o famoso fumo da ilha de S. Sebastião.

Canjíca (4º), *s. f. (Minas Geraes)* especie de saibro grosso, claro, de envolta com pedra miuda. Tambem lhe chamam *Pirurúca* (J. F. dos Santos) e *Pururúca* (Couto de Magalhães).

Canjiquinha (1º), *s. f. (Minas-Geraes)* milho pisado e reduzido a fragmentos miudos, que se prepara á maneira de arroz, para as refeições.

Canjiquinha (2º), *s. f. (Minas-Geraes)* especie de tabaco de pó.

Canna-brava, *s. f. (R. de Jan.)* o mesmo que *Ubá* (1º).

Cannarana, *s. f. (Valle do Amaz.)* especie de graminea alta como a canna de assucar, com a qual de longe se parece. ‖ *Etym.* E' voc. hybrido composto de *Canna* com o suffixo *rana*, semelhante, parecido (J. Verissimo). ‖ A *Cannarana* é talvez a *Cannabrava* de que falla Baena, provavelmente uma especie de *Gynerium.*

Canninha, *s. f.* aguardente de canna de assucar.

Canôa, *s. f. (Minas Geraes)* nome que, nos trabalhos de mineração do ouro, dão a conductos abertos, cujo comprimento total é, pouco mais ou menos, de 10 a 13 metros, com a largura de 66 centimetros. Estes conductos, além de mui inclinados, são divididos em tres ou quatro porções chamadas *Bolinetes*, formados por tres taboas de que uma faz o fundo e as outras duas os lados (Saint-Hilaire).

Canôa de vóga, *s. f.* grande canôa, cujos remos são presos aos toletes. Esta canôa póde ser feita de uma só peça de madeira cavada, ou com accrescentamento no fundo, entre as duas peças que formam o costado e bordas, para ficar mais larga.

Canoeiro, *s. m.* conductor de canôa. ‖ Não encontro este vocabulo em diccionario algum da lingua portugueza, o que me faz suspeitar que não é usual em Portugal.

Canzá, *s. m. (Bahia, R. Gr. do S.)* instrumento musical de que usam as crianças, e serve tambem nos batuques. Consiste em uma taquára na qual se praticam regos transversaes, e se faz soar passando por elles uma varinha de taquára. ‖ A este instrumento chamam em Sergipe *Quêrêquêxê* (João Ribeiro) e em outras provs. do N. *Caracaxá* (Meira), cousa differente do *Caracaxá* de S. Paulo.

Canzurral, *s. m. (R. Gr. do S.)* matto composto de arbusculos e mui prejudicial ao desenvolvimento das pastagens (Pereira de Carvalho).

Caôlho, *adj.* e *subs.* zarolho, que é torto de um olho.

Capadoçáda, *s. f.* acção de capadocio. Tambem dizem *Capadoçagem.*

Capadoçagem, *s. f.* o mesmo que *Capadoçada.*

Capadoçal, *adj.* á maneira de *Capadocio :* Linguagem *capadoçal* ; modos *capadoçaes.*

Capadócio, *s. m.* parlapatão, fanfarrão, charlatão. ‖ Applica-se geralmente este termo ao homem da plebe, que se dá ares de importancia, aparentando nos modos e nas fallas uma superioridade que lhe cabe mal.

Capanga (1º), *s. f. (Minas-Geraes, Bahia)* o mesmo que *Mocó* (2º).

Capanga (2º), *s. m.* valentão que se põe ao serviço de quem lhe paga, para lhe ser o guarda-costas; acompanhal-o sempre armado, em suas viagens; auxilial-o em obter satisfação de quem o offendeu; e servir-lhe de agente nas campanhas eleitoraes. ‖ Na Bahia lhe chamam tambem *Jagunso* e *Peito-largo*, e em outras provincias *Espolêta.*

Capangáda, *s. f.* multidão de capangas.

Capangueiro, *s. m. (Minas Geraes)* nome que dão áquelle que tem por industria a compra de diamantes em pequenas partidas, havendo-as dos mineiros que se occupam dessa extracção.

Capão, *s. m.* bosque isolado no meio de um descampado. Podemol-o quasi comparar a um oásis, e assim o faz Saint-Hilaire na descripção que nos dá desse accidente florestal. Todavia, cumpre não esquecer que os oásis estão separados entre si por areaes estereis, emquanto que os *capões* existem cercados de magnificas pastagens. ‖ *Etym.* Este vocabulo no sentido brazileiro, não tem de portuguez senão a fórma. E' apenas a alteração de *Cadpaún*, que, tanto em tupi como em guarani, significa matta isolada. O *Voc. Braz.* o traduz por ilha de matto em campina. ‖ *Obs.* Quasi sempre, para evitar equivocos, se diz *Capão de matto* e não simplesmente *Capão*. Aulete e Moraes nos dão desse voc. uma má definição, quando, confundindo-o certamente com *Capueira* (outra especie de accidente florestal) dizem que é uma « matta roçada que se corta para lenha, em opposição a matta virgem ». O *Capão* pertence á classe das mattas virgens ; compõe-se de arvoredos de todas as dimensões, e nelle se ostentam arvores colossaes.

Capéba (1º), *s. f. (Provs. do N.)* nome de uma ou mais especies de plantas da familia das Piperaceas. No R. de Jan. lhe chamam *Pariparóba.* ‖ *Etym.* E' contracção de *Caa-péba*, que em lingua tupi significa *folha larga.*

Capéba (2º), *s. m.* camarada, amigo : E' seu *Capéba* (Moraes). ‖ Nunca ouvi pronunciar neste sentido a palavra *Capéba*. Estimarei que alguem me possa esclarecer a semelhante respeito.

Capenga, *adj.* e *s. m.* e *f.* côxo, manco : Mais depressa se apanha um mentiroso que um *Capenga.* ‖ Tortuoso: Um caibro *capenga.*

Capengar, *v. intr.* coxear.

Capêta, *s. m.* diabo, demonio. ‖ *Fig.* diabrete, turbulento, traquinas.

Capetágem, *s. f.* diabrura.

Capiangágem, *s. f.* acção de capiango, furto.

Capiangar, *v. tr.* furtar com destreza, surripiar.

Capiango, *s. m.* gatuno, ladrão astuto e subtil. || *Obs.* Capello e Ivens servem-se deste vocabulo na accepção de ladrão, e como tal usual nos sertões da Africa; entretanto não o incluem em nenhum dos seus *Vocabularios.* Segundo o *Voc. bunda,* ladrão se traduz por *mu-ije.*

Capilossáda, *s. f. (Par. do N., R. Gr. do N.)* empreza arriscada, cavallarias altas: Não se metta em capilossadas (Meira).

Capim, *s. m.* nome commum ás diversas especies de gramineas rasteiras, que servem de pasto aos gados. Por extensão comprehendem-se na mesma denominação as cyperaceas, e em geral todas as hervas, de que tiram proveito os animaes, para a sua alimentação. || *Etym.* E' vocabulo de origem tupi. O *Dic. Port. Braz.* traduz herva por *Caapiîm;* o *Voc. Braz.*, herva qualquer por *Capii;* e Montoya, palha, feno, por *Capyi.* Aulete erra singularmente, quando, no seu empenho etymologico, o faz derivar de *Capitum* da baixa latinidade. || *Obs.* O Alvará de 3 de Outubro de 1758, citado por Moraes, e relativo a negocios do Maranhão, emprega o vocabulo *Capim.* Capello e Ivens usam d'elle, como de palavra corrente em linguagem portugueza. Cumpre-me entretanto dizer que illustrados Portuguezes me têm asseverado que, antes de sua vinda ao Brazil, ignoravam completamente a existencia de semelhante vocabulo.

Capína, *s. f.* mondadura, sacha, acto de limpar um terreno das hervas más: A minha horta está precisando de uma *capina. A capina* da minha roça me tem obrigado a grande despeza. || *Fig.* Reprehensão: Por causa do seu proceder leviano, soffreu aquelle official uma *capina* do commandante. || No sentido de operação agricola, tambem se diz *capinação.* || Em S. Paulo e outras provincias dizem *carpa.*

Capinação, *s. f.* o mesmo que capina, no sentido de sacha.

Capinadôr, *s. m.* mondador, sachador. No Paraná, S. Paulo, Goyaz e Mat.-Gros. dizem, no mesmo sentido, *Carpidôr.*

Capinal, *s. m.* o mesmo que *Capinzal.*

Capinân, *s. f. (Bahia)* especie de Myrtacea, que produz uma fructa comestivel. Foi introduzida no Rio de Janeiro pelo conselheiro Magalhães Castro, e é cultivada na sua chacara do Engenho-Novo.

Capinar, *v. tr.* mondar, esmondar, sachar, carpir; arrancar o capim ou qualquer herva má que cresce entre as plantas. Nas provincias de S. Paulo, Paraná, Minas-Geraes, Goyaz e Mat.-Gros. dizem, no mesmo sentido, *Carpir.*

Capineiro, *s. m. (R. de Jan.)* nome que dão áquelle cuja industria consiste em fazer do capim o seu negocio. || *(Par. do N., R. Gr. do N.)* Plantação de capim: Vou tratar de fazer um *capineiro.* Sem um bom *capineiro,* passam mal os animaes (Meira).

Capinzal, *s. m.* plantação de capim; terreno coberto de capim. || Capinal. || Na Par. do N. e R. Gr. do N. chamam a isso *capineiro* (Meira).

Capitão de entrada, *s. m.* chefe de uma *bandeira* que d'antes se dirigia aos sertões á conquista dos aborigenes, com o fim de os reduzir ao captiveiro.

Capitão do campo, *s. m. (Provs. do N.)* o mesmo que *Capitão do matto.*

Capitão do matto, *s. m. (R. de Jan. e S. Paulo)* agente de policia que tinha d'antes a seu cargo o aprisionamento dos escravos fugidos. Era, a mór parte das vezes, semelhante emprego exercido por negros livres. || Em algumas provincias do norte, lhe chamavam *Capitão do campo.*

Capitúva, *s. f. (S. Paulo, R. de Jan.)* nome vulgar de uma especie de graminea pertencente ao gen. *Panicum (P. Beaurepairei,* Hack e Glaziou). Cresce em grandes moutas á margem dos rios e nos logares humidos. || *Etym.* E' voc. de origem tupi e guarani. Montoya o traduz por *pajonal;* e o *Voc. Braz.* por *ervaçal.*

Capivára, *s. f.* mammifero do genero *Hydrochoerus (H. Capyvara)* da ordem dos Roedores. ‖ *Etym.* E' vocabulo de origem tupi.

Capixába, *s. f. (Esp.-Santo)* pequeno estabelecimento agricola. ‖ *Etym.* Este vocabulo de origem tupi é corruptela de *Copixaba*, mencionado no *Dic. Port. Braz.*, como traducção de Quinta e de Roça. ‖ Os habitantes da cidade da Victoria têm o appellido de *Capixabas*, por causa de uma fonte que alli existe, e d'onde bebem. ‖ No Valle do Amaz. dizem os Indios *Cupixaua* (Seixas). ‖ Em S. Paulo e Paraná dão a esses estabelecimentos agricolas o nome de *Capuáva*.

Capoeira, *s. f. (R. de Jan.)* especie de jogo athletico introduzido pelos Africanos, e no qual se exercem, ora por mero divertimento, usando unicamente dos braços, das pernas e da cabeça para subjugar o adversario, e ora esgrimindo cacetes e facas de ponta, d'onde resultam serios ferimentos e ás vezes a morte de um e de ambos os luctadores. ‖ *s. m.* homem que se exercita no jogo da *capoeira*. Este nome se estende hoje a toda a sorte de desordeiros pertencentes á relé do povo. São entes perigosissimos, por isso que, armados de instrumentos perfurantes, matam a qualquer pessoa inoffensiva, só pelo prazer de matar. ‖ *Etym.* Como o exercicio da *capoeira*, entre dous individuos que se batem por mero divertimento, se parece um tanto com a briga de gallos, não duvido que este vocabulo tenha a sua origem em *Capão*, do mesmo modo que damos em portuguez o nome de capoeira a qualquer especie de cesto em que se mettem gallinhas. ‖ V. *Capueira*.

Capoeiráda, *s. f. (R. de Jan.)* malta de capoeiras: Adeante do batalhão ia uma numerosa *capoeirada*, a atropelar os transeuntes. ‖ Acção de capoeira, capoeiragem.

Capoeiragem, *s. f. (R. de Jan.)* acção de capoeira: Aquelle rapaz, que era d'antes tão bem comportado, entregou-se ultimamente á *capoeiragem*, e tem dado que fazer á policia.

Capoeirar, *v. intr. (R. de Jan.)* fazer vida de capoeira.

Caponga, *s. f. (Ceará)* nome que na parte meridional desta provincia dão aos lagoeiros d'agua doce que se formam naturalmente nos areaes do littoral. Ao norte da cidade da Fortaleza dão-lhe o nome de *Lago* (Marinho Falcão). E' o mesmo que nas provincias de Pern., Par. do N., R. Gr. do N. chamam *Maceió*, ou antes *Maçaió*.

Capóróróca, *s. f.* o mesmo que Póróróca (3º).

Captivo, *s. m.* especie de seixo roliço perfeitamente liso, de côr preta e ás vezes marmoreado, que acompanha ordinariamente as jazidas diamantinas, e a que por isso dão o nome de *captivo* de diamante.

Capuába, *s. f. (Par. do N., R. Gr. do N.)* cabana, chóça. ‖ Por extensão, casa mal construida e arruinada: Tua casa é uma *capuába* velha (Meira). ‖ *Etym.* E' vocabulo pertencente tanto ao dialecto tupi como ao guarani. Em guarani significa cabana (Montoya); em tupi, quinta ou herdade onde ha casa *(Voc. Braz.)*. ‖ Em S. Paulo e Paraná pronunciam *capuava*, e é esse o nome que dão a qualquer estabelecimento agricola com destino á cultura de cereaes, feijões, mandioca e outros mantimentos (Paula Souza). ‖ Fig., qualquer industria que sirva de meio de vida: A clinica é a *capuava* do medico. ‖ No Esp.-Santo dão á *capuava* o nome *capixaba*.

Capuáva, *s. f. (Paraná, S. Paulo)* o mesmo que Capuába.

Capúco, *s. f. (Bahia)* o mesmo que *Batuéra*.

Capueira (1º), *s. f.* nome que dão ao matto que nasce e se desenvolve em terreno outr'ora cultivado. ‖ *Etym.* E' corruptela de *Copuêra*, significando, em linguagem tupi, roça extincta, matto que já foi roçado *(Voc. Braz.)*; corruptela devida, sem a menor duvida, á semelhança phonetica deste vocabulo com o vocabulo portuguez capoeira. Sendo o adjectivo *puêra* synonymo de *cuêra*, os Tupinambás e Guaranis diziam indifferentemente *Copuêra (Voc. Braz.)* ou *Cocuêra* (Montoya). Se esta ultima fórma tivesse prevalecido, não se teria dado a confusão de *Copuêra* com *Capoeira*. ‖ Por

extensão, chama-se *Capueira* a todo matto baixo que fica depois da extracção das grandes madeiras de construcção. || Geralmente se escreve *Capoeira* em logar de *Capueira*.

Capueira (2º), *s. f. (R. de Jan.)* o mesmo que *Urú* (1º).

Capueirão, *s. m.* antiga *Capueira* (1º), cujo arvoredo tem adquirido grande desenvolvimento.

Capueiro, *adj.* que habita a Capueira: Veado *capueiro*. Lenha *capueira*. || Erra Aulete quando diz que no Brazil *capoeiro (sic)* tem a significação de manso, em opposição ao que é do matto virgem. Tão selvagem é o animal silvestre que habita a Capueira como o que habita o matto virgem.

Cará (1º), *s. m.* nome commum a diversas especies de Dioscoreas indigenas produzindo tuberculos comestiveis: *Cará* mimoso, *Cará* roxo; *Cará* do ar, etc.

Cará (2º), o mesmo que *Acará* (2º).

Cará (3º), *s. m. (R. Gr. do S.)* nome de uma das variedades desses bailes campestres a que chamam geralmente *Fandango*.

Cáráćárá, *s. m.* nome commum a diversas especies de aves de rapina, e entre ellas o *Polyborus vulgaris* Vieill. ex Martius. || *Etym.* E' voc. tupi.

Caracaxá, *s. m. (S. Paulo)* chocalho com que se entretêm as crianças. || De Pern. ao Pará dão a esse instrumento o nome tupi de *Maracá*. || Em algumas provincias do norte *Caracaxá* é o mesmo que *Canzá*. || *Etym.* Parece ser voz onomatopaica.

Caracú (1º), *s. m. (R. Gr. do S.)* tutano. || *Etym.* E' vocabulo guarani (Montoya). || Os Tupinambás da costa meridional do Brazil davam ao tutano o nome de *Canga putuuma (Voc. Braz.)* e os da costa septentrional o de *Cangüéra póra (Dic. Port. Braz.)* || E' sem duvida por equivoco que o Sr. Coruja diz que *Caracú* é o osso da perna do animal.

Caracú (2º), *adj. (S. Paulo, Minas-Geraes)* diz-se de uma raça de bois caracterisada por um pello curto: Um boi *caracú*; uma vacca *caracú*.

Carafuzo, a, *s. (Pará)* o mesmo que *Caboré* (1º).

Carajé, *s. m. (S. Paulo)* grangeia com que se enfeita o pão-de-ló e doces. || Muito se assemelha este termo ao *Acarajé* da Bahia. Parecendo nascer ambos de um radical commum, cumpre entretanto advertir que *Acarajé* é termo da lingua yorúba, e exprime cousa mui differente do *Carajé*.

Caramburú, *s. m. (S. Paulo)* bebida refrigerante feita de milho. Corresponde ao que em outras provincias chamam *Aluá*.

Caraminguás, *s. m. plur. (R. Gr. do S.)* cacaréos, badulaques, cousas de pouco valor, que cada um traz comsigo em viagem. || Nome que por modestia se applica á mobilia de uma casa: O que mais me custa é o transporte dos meus *caraminguás* para a minha nova habitação. || *Etym.* Do guarani *Caramenguá*, significando cofre, caixa, etc. Os Tupinambás do Brazil diziam, no mesmo sentido, *Caramemoan*, e é esse ainda o nome de um rio da Bahia, que figura erradamente nas cartas geographicas com o de *Cramimuan*.

Caramomôm, *s. m. (Ceará, Par. e R. Gr. do N.)* trouxa que se addiciona á carga regular de um animal (Meira). || *Etym.* E' evidentemente corruptela de *Caramemoan*.

Caramurú, *s. m. (Bahia)* especie de peixe a que o *Voc. Braz.* chama *Lampreia*, e Gabriel Soares *Morêa*. || Alcunha que os Tupinambás deram na Bahia a Diogo Alvares Correia, o famoso naufrago portuguez que figura com honra na nossa historia. Não se sabe o motivo que determinou essa alcunha; em todo caso, *Caramurú* nunca significou, nem podia significar *homem de fogo*, como o dizem Moraes e outros lexicographos ignorantes da lingua tupi.

Caranã, *s. m.* nome commum a diversas especies de palmeiras, pertencentes ao genero *Mauritia* (*M. Martiana*), *Orophoma (O. Caraná)*, *Leopoldinia (L. pulchra)*, *Trithrinax (T. brasiliensis)*. || *Etym.* E' voc. tupi.

Carandá, *s. m. (Matto-Grosso)* o mesmo que Carnahúba.

Carão, *s. m. (Serg.)* reprehensão dada em publico a uma criança.

Aquelle que a dá passa um *carão ;* aquelle que a soffre leva um *carão* (João Ribeiro). || Antigamente em portuguez *Carão* significava a tez do rosto, a epiderme, cariz. Hoje toma-se por cara grande e disforme (Aulete).

Carapanân, *s. m. (Valle do Amaz.)* mosquito pernilongo, especie de *Culex.* || *Etym.* E' vocabulo do dialecto tupi da costa septentrional do Brazil. No sul davam-lhe os Tupinambás o nome de *Marigüi.*

Carapína, *s. m.* artifice em carpintaria que se occupa da construcção de casas, carros, etc., para o distinguir daquelle que se emprega exclusivamente de construcções navaes, e ao qual chamam *carpinteiro*: Na edificação de meu predio urbano tenho empregado os melhores *carapinas ;* e confiei a construcção do meu navio a bons *carpinteiros.* || Mesmo a bordo dos navios podem ser empregados *carapinas,* cujo serviço especial consiste na promptificação dos arranjos internos, moveis e certas obras de ornato. *(Dic. Mar. Braz.)* || *Etym.* O *Dic. Port. Braz.* dá *Carapina* como termo tupi ; mas a mim me parece que não é mais do que a corruptela de carpinteiro, devida á má pronuncia dos indios. || Tambem dizem *carpina.* || *Obs.* Na provisão do conselho ultramarino de 20 de Abril de 1736 se falla em *Carapina* (Moraes). Não me tem sido possivel descobrir este documento em collecção alguma.

Caraúno, *adj. (R. Gr. do S. e Alagôas)* diz-se do boi preto mui retinto (Coruja, B. de Maceió). || *Etym.* Nas duas ultimas syllabas, *uno* é manifesta a corruptela de *una* que na lingua tupi significa preto. Quanto ás duas primeiras syllabas, não lhe posso reconhecer a origem. Será por ventura *caraúno* uma palavra hybrida formada do portuguez *cara,* por semblante, physionomia, e *una,* preto ?

Caribé, *s. m. (Pará)* especie de alimento preparado com a polpa do abacate.

Caribóca, *s. m.* e *f.* mestiço de sangue europeu e do aborigène brazileiro. || No Pará lhe chamam *Curibóca* (José Verissimo). || No Ceará o *Curibóca* é o mestiço de côr avermelhada-escura, com cabellos lustrosos e annelados, provindo da mistura do sangue europeu, africano e americano (Araripe Junior). || *Etym.* O *Dic. Port. Braz.* apresenta *Carybóca* como traducção de mestiço, sem dizer a que mestiçagem se refere. Em todo o caso, ahi se revela a existencia do radical *Carahyba,* nome que os Tupinambás deram aos Portuguezes e os Guaranis aos Hespanhoes, em allusão aos seus feiticeiros, aos quaes consideravam homens de summa habilidade e prestimo. *Curibóca* não é senão a corruptela de *Caribóca.*

Caríjo, *s. m. (Paraná)* armação de varas nas quaes se suspendem os ramos da Congonha, com fogo por baixo, para effectuar a operação da *sapéca,* isto é, da chamusca.

Carimân, *s. m.* massa de mandioca puba, reduzida a pequenos bolos seccos ao sol. Com o *Cariman* se fazem essas papas a que chamam *mingáu,* e ao qual se póde ajuntar gemma de ovo e leite. Serve tambem para toda a sorte de bolos doces. || *Etym.* E' vocabulo tupi *(Dic. Port. Braz.).* Gabriel Soares falla de *Cariman* como especie de farinha feita da mandioca puba, e a que elle attribue grandes vantagens, já como materia alimenticia, já como contra-peçonha. Segundo Agostinho Joaquim do Cabo, no valle do Amaz., tambem lhe chamavam *cayarîmãa.* Os guaranis davam o nome de *cañarîmã* à mandioca secca ao fumo, e o de *cañarîmãcuí* á farinha feita da mandioca assim preparada (Montoya).

Carióca, *s. m.* e *f.* appellido dos naturaes da cidade do R. de Jan. || *Etym. Carióca* era o nome de uma ribeira que, passando no Cosme-Velho, percorre o bairro das Laranjeiras, atravessa o Catete, e deita-se na praia do Flamengo. Hoje lhe chamam rio das Caboclas, e o vejo tambem mencionado com o nome de rio do Catete, em uma carta topographica da mesma cidade. Era essa ribeira que fornecia agua potavel aos habitantes da recente cidade de S. Sebastião. Actualmente designa-se com o nome de *Carióca* a um chafariz que se construiu junto do morro de Santo Antonio, e cujas aguas procedem

das mesmas fontes em que tem a sua origem aquella ribeira. A' margem della, proximo ao mar, existia em 1557 uma aldêa de aborigenes. Vejamos o que diz Léry sobre a significação dessa palavra que elle, como francez, orthographa a seu modo: « *Kariauh*. En ce village ainsi dit ou nommé, qui est le nom d'vne petite riuiere dont le village prend le nõ, à raison qu'il est assis près & est interpreté la maison des *Karios*, composé de ce mot *Karios* & d'*auq*, qui signifie maison, & en ostant *os*, & y adioustãt *auq* fera *Kariauh* ». Em relação ao assumpto, não nós dá este auctor a significação da palavra *Karios*; mas no proseguimento da sua narrativa e enumeração das tribus selvagens de que tinha noticia, falla nos *Karios* como de gente habitando além dos Touaiaires (Tobajaras?) para as bandas do rio da Prata. Estes *Karios* não eram pois senão os *Carijós*, que occupavam a parte do littoral comprehendida entre a Cananéa e Santa Catharina (Gabriel Soares). Mas sendo os Carijós inimigos dos Tupinambás ou Tamoyos do R. de Jan., como admittir que houvesse aqui uma colonia delles? Ha materia para estudo.

Caritó, *s. m. (Pern.)* casinhola, habitação de gente pobre. || *(Alagôas)* Quarto ou compartimento acanhado nas casas de habitação (B. de Maceió). || *(Par., R. Gr. do N., Ceará)* cantoneira. || *(Fernando de Noronha)* especie de gaiola em que se prendem e se exportam os afamados Caranguejos daquella ilha.

Carlinga, *s. f. (Ceará)* taboleta com furos em baixo do banco da vela de uma jangada e na qual se prende o pé do mastro, mudando-se de um furo para outro, conforme a conveniencia da occasião (J. Galeno). || *Etym.* E' termo nautico portuguez, significando grossa peça de madeira fixa na sobre-quilha, tendo na face superior uma abertura por onde entra a mecha do mastro *(Dic. Mar. Braz.)*

Carnahúba, *s. m. (Pern., Par., R. Gr. do N., Ceará, Piauhy)* Palmeira do genero *Copernicia (C. cerifera)*. Nos sertões da Bahia chamam-lhe *Carnahyba*, e em Matto-Grosso *Carandá (Flor. Braz.)*. || *Etym.* E' voc. de origem tupí, que se decompõe em *Caraná-ýba*.

Carnahyba, *s. m. (sertão da Bahia)* o mesmo que *Carnahúba*.

Carne de vento. V. *Charque*.

Carne do Ceará. *V. Charque*.

Carne do sertão. *V. Charque*.

Carne do sol. *V. Charque*.

Carne-secca. *V. Charque*.

Carneação, *s. f. (Rio Gr. do S.)* acto de carnear.

Carnear, *v. tr. (Rio Gr. do S.)* matar a rez, acondicionando-lhe a carne, couro, etc. (Coruja). || Valdez menciona este verbo como oriundo da America hespanhola. Aulete o define mal. *Carnear* nunca foi, como elle o diz, syn. de *charquear*.

Carôna, *s. f. (Provs. merids.)* certa peça dos arreios, que consiste em uma sola ou couro quadrado, ordinariamente composto de duas partes iguaes cosidas entre si, a qual se põe por baixo do lombilho, e cujas abas são mais compridas que as deste (Coruja). || *(Par. e outras provs. do N.)* Especie de capa estofada que se põe por cima da sella (Meira). || *Etym.* E' vocabulo de origem castelhana. Valdez traduz *Carôna* por suadouro. No Brazil, porém, e em Portugal, o suadouro é cousa differente, sendo a peça dos arreios que assenta immediatamente sobre o lombo do animal.

Carpa, *s. f. (Paraná, S. Paulo, Minas-Geraes, Goyaz, Matto-Grosso)* o mesmo que *capina*, no sentido de sacha.

Carpína, *s. m.* o mesmo que *carapina*.

Carpinteiro, *s. m.* operario que se emprega na construcção e concertos do casco e mastreação dos navios, bem como no fabrico dos escaleres, lanchas, etc. *(Dicc. Mar Braz.)*. || A isto se chamava dantes no Brazil *carpinteiro da ribeira*, para o distinguir do artifice em madeira que se occupa da construcção de casas, carros, etc., ao qual dão hoje o nome de *carapina*. Cumpre, entretanto, fazer observar que o voc. *carpinteiro*, em sua accepção

portugueza, é ainda usual em muitas provincias do Brazil, mesmo relativamente a obras que nada têm que ver com as construcções navaes.

Carpir, *v. tr.(Paraná, S.Paulo, Minas Geraes, Goyaz, Matto Grosso)* o mesmo que *capinar*, como se diz geralmente no Brazil, isto é, mondar, sachar, limpar a terra das hervas que prejudicam as plantas uteis. ‖ *Etym.* Tenho vacillado muito, quanto á origem deste verbo, no sentido em que o empregam entre nós. Antigamente em portuguez, o verbo *carpir*, do latim *carpere*, significava arrancar, colher: Carpir a herva que afoga o trigo (Aulete). Actualmente significa tão sómente prantear, lastimar, chorar, e nesta accepção o empregam tanto na litteratura portugueza como na brazileira. Póde-se pensar, portanto, que o verbo em questão é portuguez com a significação, hoje perdida em Portugal, de arrancar as hervas más. Entretanto militam razões para se lhe attribuir uma origem tupi. No dialecto dos Tupinambás que habitavam o Rio de Janeiro havia os verbos *Acapir* e *Aicapir* com a significação, o primeiro de andar mondando, e o segundo de mondar a planta *(Voc. Braz.)*. Os Tupinambás do Norte diziam *Caá pyir* por limpar o matto baixo, sendo esta palavra composta de *caá* herva e *pyir*, limpar, varrer *(Dicc. Port. Braz.)*. Os Guaranis do Paraguay exprimiam a mesma idéa dizendo *Aicaàpí* (Montoya). Em vista do que tenho exposto, parece-me que ha tanto motivo para julgar que o nosso *Carpir* é originariamente portuguez, como que é um metaplasmo dos vocabulos dos dialectos tupís que citei.

Carrapícho, *s. m.* nome commum a diversas especies de plantas, cujas sementes se prendem á roupa dos que passeiam pelo campo. ‖ Em Portugal, é o atado de cabello no alto da cabeça para do restante se fazerem tranças ou outro penteado (Aulete).

Carrasco, *s. m.* especie de matta anan composta de arbusculos de caule e ramos esguios, com quasi um metro de altura e geralmente conchegados entre si (Saint-Hilaire). ‖ E' sempre indicio de um terreno esteril. ‖ *Etym.* Este vocabulo é portuguez, e, além da odiosa significação de algoz, é em Portugal o nome de um arbusto silvestre sempre verde, da familia das Cupuliferas, que nasce nos terrenos estereis (Aulete). ‖ Segundo este lexicographo, *Carrasco* e *Carrasqueiro* são synonymos. Diz Saint-Hilaire que aos *Carrascos* de uma natureza mais vigorosa dão em Minas-Geraes o nome de *Carrasqueinos*, ou talvez *Carrasqueiros.*

Carrasqueino, *s. m.* V. *Carrasco.*

Carrasqueiro, *s. m.* V. *Carrasco.*

Caruára, *s. f. (Pará)* fraqueza das pernas: Estou soffrendo de *Caruára*, e mal posso dar alguns passos. ‖ Tambem significa quebranto, mau olhado, molestia motivada por feitiços, mau estar, indisposição physica, achaque (J. Verissimo). ‖ *(Da Bahia ao Ceará)* especie de paralysia ou tolhimento que ataca as pernas dos bezerros e outros animaes recemnascidos (Aragão). ‖ *Etym.* E' vocabulo da lingua tupí significando *corrimentos (Dic. Port. Braz.).* Em guarani, *caruguá*, traduzido para o castelhano, significa *dolores en las conyunturas* (Montoya). Yve d'Evreux escreveu *Karuare* e o traduziu para o francez em *goutte.*

Caruêra, *s. f. (Rio de Jan.)* o mesmo que *crueira.*

Carumbé, *s. m. (Minas-Geraes)* especie de gamella conica, feita de madeira e destinada a transportar para o logar da lavagem os minerios de ouro ou diamantes (Saint-Hilaire). Segundo Montoya, o vocabulo *Carumbé* é o nome guaraní da tartaruga, e dão tambem esse nome *a um cesto tosco su semejante* (sem duvida semelhante na fórma ao casco da tartaruga). Devemos pensar que o *Carumbé* de Minas-Geraes teve a mesma origem. No Pará, *Jabuticarumbé* é uma especie de Jabutí *(Testudo terrestris)* (B. de Jary).

Carurú, *s. m.* especie de esparregado de hervas e quiabo, a que se ajuntam camarões, peixe, etc.; e tudo temperado com azeite de dendê e muita pimenta. ‖ Este voc. pertence tanto

ao tupi como ao guarani. Montoya traz *Cadrurú* e o traduz por *Verdolagas,* isto é, *Beldroégas*; mas, contrariamente ao seu costume, não decompõe a palavra. No *Dicc. Port. Braz., Cad rerú* é tambem a traducção de Beldroéga, cumprindo, porém, advertir que este vocabulo é composto de *Cad* herva e *Rerú* vasilha; parecendo, portanto, significar uma vasilha, ou antes um prato de hervas, o que quadra bem com a denominação desta iguaria. No Rio de Jan. e em outras partes do Brazil, o voc. *Carurú* designa, á excepção da Beldroéga, certas especies de hervas, sobretudo *Amaranthaceas* que se guisam. Na Bahia todas essas hervas têm a denominação geral de *Bredos*, e só adquirem a de *Carurú* depois de reduzidas ao estado da famosa iguaria, tanto assim que as hervas preparadas de outro qualquer modo não mudam de denominação. Uma cousa a notar é que, nas colonias francezas das Antilhas, dão o nome de *caloulou* a certo preparado culinario em que entra o quiabo (Alph. de Candole).

Casáca, *s. m. (Piauhy)* o mesmo que *Caipira.* || *Etym.* Tem sua origem no uso que fazem os camponezes da *casaca de couro* ou antes *gibão* de que se vestem, para percorrerem as brenhas em procura do gado.

Casa-do-meio, *s. f. (Rio de Jan.)* o segundo dos tres compartimentos em que se divide um curral de pescaria. Na Par. do N. lhe chamam *Chiqueiro.*

Cascálho, *s. m. (Minas-Geraes, Goyaz, Matto-Grosso)* alluviões auriferas ou diamantiferas. Contêm em geral muitos seixos roliços (Castelnau). || Os depositos de cascalho distinguem-se em tres camadas, que os mineiros chamam: *cascalho virgem*, o mais antigo; *pururúca*, o mais recente e de formação contemporanea; e *corrido*, o deposito intermediario entre a *pururúca* e o *virgem* (Couto de Magalhães). || *Etym.* E' vocabulo de origem portugueza.

Caseira, *s. f.* concubina; mulher que vive na casa do seu amasio, á laia de mulher legitima. || *Etym.* E' voc. de origem portugueza; mas tem em Portugal uma significação mais innocente. *Caseira* alli é a mulher do caseiro, e este o arrendatario de um predio ou herdade.

Casqueiro, *s. m. (S. Paulo)* o mesmo que *Sambaqui.*

Cassáco, *s. m. (Pern.)* o mesmo que *Saruê.*

Cassamba, *s. f.* balde ordinariamente preso a uma corda, e serve para tirar agua dos poços, dos rios ou do mar. || Corda e *cassamba*, locução popular para definir duas pessoas inseparaveis: — José e Joaquim são a corda e a *cassamba.* Corresponde á locução portugueza a corda e o caldeirão. || Especie de estribo em forma de chinellas, quer sejam de metal, quer de couro.

Cassuá (1º), *s. m. (De Alagoas ao Rio-Gr. do N.)* especie de cesto de cipó rijo, da feição de uma canastra sem tampa, com azelhas do mesmo cipó, para dellas se pendurarem nas cangalhas. Um par de *cassuás* com feijão, arroz, milho, melancias, etc. constitue a carga de um animal (Moraes). || No interior do Maranhão é o *cassuá* feito de couro (B. de Jary) e a isso chamam *brudca* em outras partes do Brazil.

Cassuá (2º), *s. m. (Rio de Jan.)* especie de rede de pescaria de malhas largas, nas quaes fica preso o peixe grande, como a corvina, quando intenta atravessal-a. Diz-se que ficou *malhado* o peixe preso desta sorte.

Cassúla, *s. m.* e *f.* filho ou filha mais moço de um casal. || *Etym.* E' voc. da lingua bunda significando filho ultimo (Capello e Ivens). Tambem dizemos *Cassulé*: Aquelle pequeno é o meu *cassula* ou *cassulé.*

Cassulé, *s. m.* e *f.* o mesmo que *cassula.*

Castanha, *s. f.* nome vulgar de diversas fructas indigenas, embora nenhuma relação tenham com a *Castanea vulgaris* proveniente da Europa; taes são, entre outras, a *Castanha de Cajú*, fructa do Cajueiro; a *Castanha do Maranhão*, semente da *Bertholletia excelsa*, que se deveria antes chamar Castanha do Amazonas; a *Castanha do Pará*, semente da *Pachira insignis* etc.

Cáta, *s. f.* lugar cavado nas terras e nas minas, onde já appareceu terra ou matriz de ouro de lavagem (Moraes). ‖ Cova aberta em quadratura mais ou menos regular, para extrahir ouro das entranhas da terra (Costa Rubim). ‖ On appelle ainsi les excavations faites par les anciens mineurs (Saint-Hilaire). ‖ *Etym.* Parece evidente que este voc. deriva-se do verbo catar, significando buscar, procurar, tanto mais que Moraes cita a seguinte phrase de Bern. Lyma:— A cobiça *cata* o ouro nas entranhas da terra. ‖ *Obs.* No tempo das grandes minerações que se executavam nas provincias auriferas do Brazil, era muito usado este termo. Não sei se ainda hoje o empregam.

Catambuêra, *s. f.* e *adj. m.* e *f.* *(Rio de Jan.)* nome que dão a qualquer fructo vegetal atrophiado: Maçaroca *catambuêra*, melancia *catambuêra*, mandióca *catambuêra*, etc. ‖ Nas fazendas de serra-abaixo, dizem indifferentemente *catambuêra* e *catangüêra* (Macedo Soares). ‖ Tambem pronunciam *quitambuêra*. ‖ Na Bahia e outras provincias do norte até o Pará, dizem *tambueira* ou *tambuèra*, nos mesmos casos em que se servem no Rio de Jan. da palavra *catambuêra*. No Maranhão, porém, a *tambueira* é a maçaroca do milho depois de debulhada, isto é, o sabugo a que em Portugal chamam tambem *carôlo*. Na Bahia dão particularmente o nome de *gangão* ou *dente de velha* á maçaroca que contém poucos grãos e estes dispersos. ‖ *Etym.* *Catambuêra* é evidentemente voc. de origem tupi; *tambuêra* não é senão a apherese delle. ‖ Tanto Moraes como Aulete escrevem *tambueira*, e é essa talvez a pronuncia mais geral.

Catandúva (1°), *(S. Paulo, Paraná)* o mesmo que *Cahiva*.

Catandúva (2°), *s. f.* *(Rio-Gr. do N.)* especie de arvore que chega a ter onze metros de altura, a qual fornece madeira branca. Tem amago violaceo, folhas miudas e casca abundante de tannino (Meira).

Catangüéra, *s. f.* *(Rio de Jan.)* o mesmo que *Catambuêra*.

Catapóras, *s. f. pl.* nome vulgar da varicelle, erupção cutanea a que o vulgo chama igualmente *bexigas doudas*. Tambem dizem *Tatapóras*.

Catêrêtê, *s. m.* *(Provs. merid.)* especie de batuque, que consiste em danças lascivas ao som da viola.

Catharinense, *s. m.* e *f.* natural da provincia de Santa-Catharina. ‖ Adj. que é relativo a essa provincia.

Catimbáu, *s. m.* cachimbo pequeno, velho. ‖ Homem ridiculo (Moraes). ‖ *Obs.* Não me recordo de ter uma só vez ouvido usar deste voc. a não ser como nome de uma ilhota na bahia do Rio de Jan., proximo ao Maruhi-grande. Entretanto, o *Dicc. Port. Braz.* o menciona no seu artigo *Sarro*, como pertencendo ao dialecto tupi do Amaz. ‖ No Pará dizem *Catimbáua*.

Catimbáua, *s. m.* *(Pará)* o mesmo que *Catimbáu*.

Catimpuêra, *s. f.* *(Alagôas)* especie de bebida fermentada feita com a mandioca mansa ou aipim cozido, reduzido a pasta passada pela peneira e posta dentro de um vaso novo de barro ou pote, de mistura com uma quantidade sufficiente de agua, á qual se ajunta mel de abelhas. Deita-se o vaso em lugar aquecido, ordinariamente junto ao fogão e não mui longe do fogo. Depois de alguns dias, manifesta-se a fermentação, e, terminada ella torna-se potavel a bebida. Usam da *catimpuêra* como regalo e como remedio (B. de Maceió). Esta bebida é, mais ou menos, a mesma que o *Cauim*. ‖ No Pará dão o nome de *Guariba* ou *Beijú-assú* a uma especie de *Catimpuêra*.

Catinga (1°), *s. f.* fartum, cheiro forte e desagradavel que se exhala do corpo humano, sobretudo do dos Africanos, de certos vegetaes e animaes, e de comidas mal preparadas ou deterioradas. ‖ *Etym.* E' voc. pertencente á lingua tupi. Os guaranis dizem *Catî*, por *catinga*, pelo mesmo motivo por que dizem *tî*, por *tinga*, variações dialecticas que não prejudicam a unidade da lingua. Na pessima edição do *Dicc. Port. Braz.*

impresso em Lisboa em 1795, não se encontra o voc. *Catinga;* mas no precioso manuscripto que lhe serviu de original, e que se acha na Bibliotheca Publica do Rio de Jan., lê-se *catinga* como traducção de *cheiro de raposinhos*. No *Voc. Braz.* pertencente ao mesmo estabelecimento encontra-se, na lettra C, o seguinte: Cheiro de raposinhos = *caatinga ;* e na lettra *R*, Raposinhos, cheiro = *catinga*. Essa differença orthographica nas duas versões é certamente devida a erro de escripta, erro que não se encontra na copia que existe na Bibliotheca Fluminense, e foi extrahida do manuscripto pertencente á Bibliotheca de Lisboa. Errou, portanto, o sabio D. Francisco de S. Luiz attribuindo-o a Angola. Nesse engano o acompanham outros etymologistas. ‖ Parece que é termo já acceito em Portugal, se attendermos a que Capello e Ivens o empregam constantemente no mesma accepção que lhe damos no Brazil. ‖ Na Republica Argentina e no Estado Oriental do Uruguay, o voc. *catinga* é usual na mesma accepção que tem no Brazil, mas na Bolivia, *catinga*, *adj*. se traduz por elegante, catita (Velardo) e isto parece indicar que este homonymo tem alli uma origem mui differente da do nosso.

Catinga (2°), *s. m.* e *f.* avarento, tacanho, mesquinho. ‖ *Etym.* Não sei que analogia possa ter este voc. com aquelle que significa mau cheiro, a menos que figuradamente se considere o avarento tão repulsivo como o fedorento, segundo judiciosamente pensa Macedo Soares.

Catinga (3°), *s. f.* nome commum a certas plantas pertencentes a differentes familias botanicas, e se distinguem entre si por denominações especificas. Provêm-lhes o nome do cheiro mais ou menos forte que exhalam, e algumas ha que são de aroma agradavel, como a *Catinga-de-mulata*, que cheira a anis.

Catinga (4°), *s. f.* especie de mattas enfezadas que se estendem, pelo interior do Brazil, desde a parte septentrional de Minas-Geraes, Goyaz e sertão da Bahia, até o Maranhão. Longe de apresentarem massiços impenetraveis como esses que caracterizam nossas florestas primitivas, consistem geralmente as *Catingas* em arvoretas tortuosas, e a maior parte das vezes sufficientemente separadas umas das outras, de maneira a facilitar o transito de um cavalleiro; e ha vaqueiros que, na perseguição de uma rez, correm por ellas a galope, bem que com manifesto perigo de vida. ‖ *Etym.* Muito se tem discutido a etymologia de *Catinga*, como denominação das mattas de que tratamos. Pessoas ha que, firmando-se apenas na estructura actual deste vocabulo, o fazem derivar de *Caá-tinga*, matto branco. Esta interpretação não tem o menor fundamento. Com effeito, as *catingas* nada apresentam que justifique o emprego do adjectivo *branco* para as qualificar. O que as torna notaveis, como pude observar nas minhas viagens pelos sertões, é que, passada a estação das chuvas, perdem completamente a folhagem e ficam, durante parte do anno, com o aspecto de mattas seccas. Foi d'esse facto que parti para resolver a questão de um modo razoavel. *Catinga* não é mais do que a contracção do *Caá-tininga*, significando *mattas seccas*, *arvoredo secco*. Si alguem achasse estranha esta etymologia, eu lhe faria observar que não é esse o unico exemplo de contracção que a corruptela tem introduzido em muitos termos da lingua tupi, o que torna hoje difficil, se não impossivel, a decomposição de muitos nomes de que nos servimos diariamente sem lhes conhecermos a primitiva significação. Entre outros, que deixo de lado, citarei *Cutinguiba*. Quem dirá, á primeira vista, que *Cutinguiba* é a contracção de *Yby-cuitinga-tÿba*, cuja traducção litteral é logar de pó branco de terra, que se resume em *areal*? Entretanto, assim é. Se bem firmado me achava com a etymologia proposta, muito mais o fiquei quando tive a occasião de ler a obra de Yves d'Evreux, *Voyage dans le Nord du Brésil*, na qual achei a mais plena confirmação da minha interpretação. Vejamos o que diz este escriptor, tão minucioso na narração dos acontecimentos que se effectuaram no Mara-

nhão, durante o dominio francez:—«En ce temps, la Nation dès *Tremembaiz*, qui demeure au deçà de la montagne de Camoussy et dans les plaines et sables, vers la Rivière de Toury, non guère esloignee des *arbres secs*, *sables blancs* et l'Islette Saincte Anne, fit une sorti inopinee vers la forest où nichent les *oyseaux rouges*, etc.»— E mais adiante: — « Ils se servent de ce lieu des *arbres secs* a prendre les Tupinambos comme on faict de la ratiere a prendre les rats.» — Esta bem claro que o illustre capuchinho não se serviu da expressão *arbres secs* para designar essa região ao oriente do Maranhão, a qual elle apenas conhecia de noticia, senão porque limitou-se a verter litteralmente para o francez o nome de *Caa-tininga* que lhe davam os aborigenes, como tambem em *sables blancs* o *Ybÿ-cuitinga*, e em *Oyseaux rouges* o *Guirá-piranga*, a formosa ave a que damos hoje o nome singelo de *Guará*. Fica, d'esta sorte, tão patente a naturalidade da etymologia proposta, que nenhuma duvida póde mais haver sobre a origem da palavra *Catinga*. Accrescentarei apenas que em Goyaz, segundo me informa um honrado fazendeiro daquella provincia (Correia de Moraes) dão indifferentemente a esses accidentes florestaes o nome de *Catingas* ou de *mattos seccos*, e isto prova que a tradição tem alli conservado a primitiva significação do voc. tupi.

Catingar, *v. intr.* exhalar mau cheiro.

Catingôso, *adj.*, que exhala mau cheiro. Tambem dizem *catinguento*.

Catingueiro, *adj.* habitante ou frequentador das mattas a que chamam *Catinga* (4°): Veado *catingueiro* ; boi *catingueiro*.

Catinguento, *adj.* o mesmo que *catingôso*.

Catininga, *s. f. (Pará)* o mesmo que *Pixirica*.

Catíta, *s. m.(Pern., Par. do N., R. Gr. do N.)* o mesmo que *Camundongo*. ‖ Em outras accepções, o voc. *Catita* é portuguez, e, como *adj.*, significa casquilho, peralvilho ; e tambem airoso, elegante (fallando das cousas) : Umas botas catitas (Aulete).

Catolé, *s. m. (Provs. do N.)* nome commum a Palmeiras de generos diversos. O *catolé* do Piauhy pertence ao gen. *Cocos* (*C. Comosa*) ; o de outras provincias ao gen. *Attalea (A. humilis)*. A esta ultima especie tambem chamam indifferentemente *Catolé* e *Pindóba* no Rio de Janeiro (Glaziou).

Cauába, *s. f. (Esp. Santo)* nome tupi e guarani da vasilha que contém o *cauim*. Saint-Hilaire ainda o encontrou em uso naquella provincia quando alli esteve em 1818.

Cauassú, *s. m. (Pará)* palmeira do genero *Manicaria (M. Saccifera)*.

Cauhila, *adj. m.* e *f.* sovina, avaro, tacanho. ‖ *Etym.* Ignoro a origem deste voc.; recordo-me, porém, que na minha infancia ouvi muitas vezes usarem d'elle os Africanos, dizendo indifferentemente *Cauhila* e *cauhira*. Na lingua bunda, avarento se se traduz por *ca-cória* (Capello e Ivens).

Cauhira, *adj. m.* e *f.* o mesmo que *cauhila*.

Cauim, *s. m.* especie de bebida preparada com a mandioca cozida, pisada e posta com certa quantidade de agua, dentro de um vaso, onde a deixam fermentar. Corresponde ao que em Alagôas chamam *Catimpuêra* e no Pará *Guariba* ou *Beijú-assú*. Era o *cauim* a bebida predilecta dos selvagens do Brazil, no tempo da descoberta, e ainda hoje é usada na provincia do Esp. Santo e em outras. Os selvagens preparavam a massa da mandioca por meio da mastigação. Tambem o faziam com milho cozido e igualmente mastigado. Segundo Saint-Hilaire, no Esp. Santo, o chamavam igualmente *cauába* ; mas *cauába* ou *cagudba* é mais propriamente o vaso que contém o *cauim*. O voc. *cauim* se encontra no *Dicc. Port. Braz.* O *Voc. Braz.* escreve *caõy*, e Montoya *Câgûî*. No Pará dão os Indios à aguardente o nome de *cauim* (B. de Jary) ou *cauen* (Seixas). O *cauim* preparado com o milho é justamente o que chamam *Chicha* em Bolivia.

Cauixí, *s. m. (Amaz.)* materia que, no Rio Negro e em outros de aguas pretas, se agglomera nas raizes das arvores ás margens desses rios. O *cauixi* apresenta a fórma da esponja e tem

propriedades causticas. Os naturaes utilizam-se das cinzas desta materia, misturando-a com o barro, para fabricarem louça (F. Bernardino).

Cavalhâda, *s. f.* porção de cavallos. Quando se trata de eguas, chamà-se *eguada;* se de mulas, *mulada.* || Em referencia a torneios, usa-se no plural: *Cavalhadas.*

Cavallariâno, *s. m. (Provs. do N.)* mercador de cavallos. || No Rio Gr. do S., soldado de cavallaria.

Cavallinho, *s. m. (R. Gr. do S.)* couro curtido de cavallo. || Na accepção portugueza, geralmente seguida no Brazil, *cavallinho* não é senão o diminutivo de cavallo.

Cavorteiro, *adj. (R. Gr. do S., S. Paulo, Paraná)* o mesmo que *Caborteiro.*

Cavouco, *s. m. (Alagôas)* o mesmo que *Cóvócó.*

Caxambú, *s. m. (Minas Geraes)* especie de batuque de negros ao som do tambor. E' semelhante ao *Quimbête,* com a differença de que este se exerce nas povoações, e aquelle nas fazendas.

Caxarrela, *s. m. (Bahia)* o macho da baleia (Valle Cabral).

Caxerenga, *s. f. (Serg.)* o mesmo que *Caxirenguengue.*

Caxingar, *v. intr. (Piauhy, sertão da Bahia)* coxear.

Caxinguelê, *s. m. (R. de Jan.)* nome vulgar de uma ou mais especie de pequenos mammiferos do genero *Sciurus,* da ordem dos Roedores. E' o esquilo do Brazil. || *Etym.* Parece ser corruptela de *Chit'njanguele,* nome que dão em Angola ao rato das palmeiras. || Em S. Paulo e Paraná lhe chamam *Sêrêlêpe* e tambem *Quatiaïpe* ; no Maranhão e Paraná *Quatipurú,* e creio que em Pern. *Quatimirim.* Parece ser o mesmo animal a que Gabriel Soares chama *Cotimirim.*

Caxirenga, *s. f. (Alagôas)* o mesmo que *Caxirenguengue.*

Caxirengue, *s. m. (Bahia, R. de Jan.)* o mesmo nome que *Caxirenguengue.*

Caxirenguengue , *s. m. (Provs. merid.* e *Matto-Grosso)* faca velha sem cabo. No Rio de Jan. tambem lhe chamam *Caxiri* e *Caxirengue* ; na Bahia *Caxirengue* e *Cacumbú* ; em Sergipe *Caxerenga* ; em Alagoas *Caxirenga* e *Cacerenga* ; em Pern., Par. do N. e R. Gr. do N., *Quêcê* e *Quicê* ; no Ceará *Quicê* ; no Maranhão *Cicica* ; no Pará *Quicê-acica* ou simplesmente *Quicê.* || No sentido figurado, dá-se o nome de *Caxirenguengue* ao homem ou animal rachitico, enfezado. Cousa digna de notar-se é que, ao passo que as diversas regiões do Brazil tenham á porfia adoptado nomes especiaes para designar uma faca velha sem cabo, constituindo desta sorte uma extensa synonymia, não ha em toda a lingua portugueza um só vocabulo que lhe seja equivalente. E' facil dar a razão deste facto, O *Caxirenguengue,* sendo particularmente destinado a raspar a mandioca, não tem em Portugal a utilidade que lhe dá tamanha importancia no Brazil.

Caxirí (1°), *s. m. (Pará)* especie de alimento preparado com o beijú diluido em agua (Baena). || *Obs.* Agostinho Joaquim do Cabo, na *Memoria sobre a mandioca ou pão do Brazil* (ms. da Bibliotheca Nacional), dá o *Caxiri* ou *Cachiri* do Amazonas, como syn. de *Mócóróró.*

Caxirí (2°), *s. m. (R. de Jan.)* o mesmo que *Caxirenguengue.*

Caxixí, *adj. (Alag., Pern., Par. do N., R. Gr. do N., Ceará)* diz-se da aguardente de qualidade inferior : N'aquella taverna não se vende senão aguardente *caxixi.*

Caxumba, *s. f. (R. de Jan.)* nome vulgar da Parotite, inflammação da Parótida. || *Etym.* Não sei donde nos veiu este vocabulo. Geralmente usam d'elle no plural, porque sempre inflammam-se as duas glandulas parotidas (B. de Maceió).

Cayaué, *s. m. (Valle do Amaz.)* palmeira do genero *Elaeis (E. melanococca).*

Cearense, *s. c.* natural da provincia do Ceará. || *Adj.* pertencente, relativo áquella provincia.

Cempasso, *s. m. (Ceará)* medida de superficie com cem passos em quadro. Dous *cem-passos* são dous quadros. Fiz um roçado com tres *cem-passos,* isto é, de tres quadros de *cem passos* (J. Galeno).

Cercáda, *s. m. (Rio de Jan.)* o mesmo que *Curral de peixe.*

Cerrado, *s. m. (Goyaz, Matto-Grosso)* especie de matta composta de arvoretas enfezadas e tortuosas, entre as quaes vegetam gramineas apropriadas ao pasto do gado. E' *Cerrado fechado* quando as arvores estão mais proximas umas das outras, e *Cerrado ralo* quando distam entre si, de maneira a facilitar o transito dos animaes. Os *Cerrados* occupam quasi sempre esses terrenos elevados a que chamam taboleiros (Cesar. C. da Costa).

Chácara, *s. f. (R. de Jan. e provs. merid.)* especie de quinta nas vizinhanças das cidades e villas. Na Bahia lhe chamam *Roça*, no Pará *Rocinha* e em Pern. *Sitio*. No R. Gr. do S. estendem a denominação de *Chàcara* às pequenas herdades destinadas à criação de gados. ‖ *Etym.* Do quichua *Chhacra*, significando herdade de cultura, granja (Zorob. Rodrigues). ‖ Valdez escreve *Chacra*, e é essa realmente a pronuncia mais usual.

Chacareiro, *s. m.(R. de Jan.)* administrador ou feitor de uma Chácara. ‖ *(R. Gr. do S.)* pequeno criador de gado.

Chacarinha, *s. f.* pequena *Chacara ; Chacaróla.*

Chacaróla, *s. f.* o mesmo que *Chacarinha.*

Chalana, *s. f.*, pequena embarcação de fundo chato, lados rectos e prôa e pôpa salientes, empregada no trafego dos rios e igarapés *(Dicc. Mar. Braz.)*. ‖ No R. de Jan. e outras prov. lhe chamam *Prancha.* ‖ *Etym.* E' vocabulo castelhano, significando barco chato para transportar mercadorias (Valdez).

Chamarrita *s. f. (R. Gr. do S.)* nome de uma das variedades desses bailes campestres, a que chamam geralmente *Fandango.*

Chamboqueiro , a , *adj. (Serg. e Alag.)* chamboado, grosseiro, tosco: Um anel *chamboqueiro.* Uma pessoa de feições *chamboqueiras* (João Ribeiro, B. deMaceió). ‖ *Etym.* E' voc. de origem portugueza.

Changueiríto, *s. m. (R. Gr. do S.)* diminuitivo de *Changueiro.*

Changueiro, *s. m. (R. Gr. do S.)* cavallo para pequenas corridas, parelheiro regular. Valdez cita *Changueiro* como termo cubano, significando gracioso, divertido. Não me parece que isso nos possa conduzir á etym. do voc. rio-grandense. ‖ Aulete escreveu erradamente *Chanqueiro.*

Changüí, *s. m. (R. Gr. do S.)* usa-se deste vocabulo nas seguintes locuções : Dar *changüi*, ou não dar *changüi*, isto é, fazer, ou não concessões ao adversario. E' expressão mui empregada em relação ás corridas. Um corredor muitas vezes trata com outro uma corrida, tendo certeza de a perder, para depois ganhar uma melhor. Dizem a isto dar *changüi* (S. C. Gomes). ‖ *Etym.* E' voc. castelhano, significando palavrorio, palavras sem fundamento (Valdez).

Chapáda, *s. f.* planice no alto de uma montanha. ‖ No Maranhão é qualquer planice de vegetação rasa, sem arvoredo. ‖ Em Portugal é tambem qualquer extensa planice, sem relação nenhuma com as montanhas. Aulete cita a esse respeito a autoridade de Latino Coelho, quando se refere provavelmente aos desertos do Sahara. ‖ A *Chapàda* dos Brazileiros é um caso particular de topographia, que nunca se deve confundir com o *Planalto* dos Portuguezes. Si tivessemos, por exemplo, de descrever a cidade de Petropolis, diriamos acertadamente que ella está situada no *Planalto* central do Brazil; mas errariamos, sem duvida, se dissessemos que a edificaram em uma *Chapada.* No *Planalto* de uma região podem-se observar montanhas e serras ; a *Chapada* é, pelo contrario, uma perfeita planice, ainda que de extensão limitada.

Chapadão, *s. m.* chapada mui extensa.

Chapeádo, *s. m. (R. Gr. do S.)* cabeçada guarnecida de prata, no todo ou em parte (Coruja).

Chapeirões, *s. m. pl.* nome que têm os recifes á flor d'agua que guarnecem a costa ao Oéste dos Abrolhos, deixando entre estes um canal de facil navegação. A formação destes re-

cifes é summamente fragil e semelhante a grandes chapeus, de que deriva o nome *(Dicc. Mar. Braz.)*.

Chapelina, *s. f. (Ceará)* especie de chapeu usado pelas mulheres do sertão (J. Galeno).

Chapetão, *s. m. (R. Gr. do S.)* sonso, tolo, que se deixa enganar (Cesimbra). || *Etym.* De *Chape*, voz araucana (Zorob. Rodrigues).

Chapetonáda, *s. f. (R. Gr. do S.)* engano. Pagar *chapetonada* é sahir-se de modo contrario ao que se esperava (Cesimbra).

Charque, *s. m.* carne de vacca salgada, disposta em mantas, qual a preparam, não só na provincia do Rio Gr. do S., como nas republicas platinas, e é objecto de avultado commercio de exportação e de muito consumo na maior parte das nossas provincias do littoral. Além do *Charque salgado*, ha tambem o *Charque de vento* ou antes *carne de vento*, que é ordinariamente preparado com carne de vitella, ou de vacca propriamente dita, e cujas mantas mais delgadas recebem pouco sal, são seccas á sombra, e, sendo de pouca duração, não são exportados (Coruja). *Etym.* Do araucano *Charqui*, e mais originariamente do quichua *Chharque*, significando *tassalho* e tambem *secco* (Zorob. Rodrigues). || Bem que este vocabulo seja geralmente conhecido no Brazil, todavia o nome do producto varia muito de uma a outra região. No Rio de Jan. e provs. adjacentes, assim como no Pará, lhe chamam *Carne-secca*; na Bahia *Carne do sertão*; em Pern. *Carne do Ceará*; Estes dous ultimos nomes são tradicionaes, desde o tempo em que a Bahia recebia do sertão, e Pern. do Ceará, a carne salgada; que foi mais tarde substituida pelo *Charque* do Rio Gr. do S. e Rio da Prata. No littoral, ao norte da Bahia e em Sergipe, lhe dão mais o nome de *Jabá*. O *Charque* fabricado no interior da Bahia e d'ahi até o Maranhão é chamado *Carne do sol*, e é incomparavelmente mais saboroso que o importado do sul, mas quasi que o não destinam senão ao consumo local. || Escrevendo *Charque* e não *Xarque*, adoptei a orthographia seguida por Coruja; mas não estou longe de preferir a segunda, que é com effeito a mais geralmente seguida entre nós.

Charqueação, *s. f. (R. Gr. do S.)* acção de preparar o charque.

Charqueáda, *s. f. (R. Gr. do S.)* grande estabelecimento em que se prepara o charque (Coruja).

Charqueadór, *s. m. (R. Gr. do S.)* proprietario de uma charqueada. || Fabricante de charque.

Charquear, *v. tr. e intr. (R. Gr. do S.)* preparar a carne da rez e della fazer charque (Coruja).

Chasqueiro, *adj. (R. Gr. do S.)* qualificativo do trote largo e incommodo. Trote *chasqueiro* é o que no Rio de Jan. chamam *Trote inglez* (Coruja).

Chäta, *s. f.* embarcação de duas proas, fortemente construida, de fundo chato e pequeno calado. Na guerra entre o Brazil e o Paraguay, foram usadas estas embarcações como baterias fluctuantes *(Dicc. Mar. Braz.)*. || *Etym.* E' vocabulo castelhano, correspondendo ao que em Lisboa chamam *Bateira*.

Chicha, *s. f.* o mesmo que *Cauim*.

Chico-da-ronda, *s. m. (R. Gr. do S.)* nome de uma das variedades desses bailes campestres a que chamamos geralmente *Fandango*.

Chico-puxado, *s. m. (R. Gr. do S.)* nome de uma das variedades desses bailes campestres a que chamam geralmente *Fandango*.

Chiéu, *s. m.* V. *Xiéu*.

Chilêna, *s. f. (R. Gr. do S., S. Paulo, Paraná)* espora grande, de haste virada e grandes rosetas, de que usam os cavalleiros. || *Etym.* O nome parece indicar que o modelo desta especie nos veiu do Chile.

Chimarrão, *adj. (R. Gr. do S.)* nome que dão ao gado bovino que foge para os mattos e nelles vive fóra de toda a sujeição. Em algumas provincias do norte chamam-lhe *barbatão*. || *Etym.* Corruptela de *cimaron*, vocabulo da America hespanhola, com o qual se designam não só os escravos fugidos, como tambem as plantas silvestres (Valdez). E' certamente no sentido de cousa rustica que chamam de

chimarrão ao mate sem assucar. ‖ Nas colonias francezas se diz *marron* tanto em relação ao escravo, como a qualquer animal domestico que foge para o matto (Costa e Sá).

Chimbé, *adj.* (*R. Gr. do S.*) diz-se do animal que tem o focinho chato, como os dogues. ‖ Em S. Paulo dão o nome de *chimbéva* á pessoa que tem o nariz pequeno e achatado á semelhança daquelles cães. ‖ *Etym. Chimbé* é de origem guarani, e *Chimbéva* vem do tupi. Estes vocabulos são a corruptela de *Timbé* e *Timbéba*. A mudança do *ch* ou *x* em *t* se observa muitas vezes nestes dialectos. Em guarani se diz indifferentemente *chipá* e *tipá*: e eu ouvi mais de uma vez no sertão dizer *araxicú* por *araticú*.

Chimbéva, *adj.* (*S. Paulo*) o mesmo que *chimbé*.

China, *s. f.* (*R. Gr. do S.*) mulher de raça aborigene. ‖ (*S. Paulo*) especie de raça bovina oriunda talvez da China (B. Homem de Mello).

Chininha, *s f.* (*R. Gr. do S.*) joven cabocla, caboclinha a que tambem chamam *Chinóca* e *Piguancha* (Cesimbra). Aos do sexo masculino dão o nome de *Piá*.

Chinóca, *s. f.* (*R. Gr. do S.*) o mesmo que *Chininha*.

Chiqueirá, *s. m.* (*R. de Jan.*) o mesmo que *Chiqueirador*.

Chiqueirador, *s. m.* (*Provs. do N.*) especie de chicote composto de um cacete com uma tira de couro torcida ou chata, em uma de suas extremidades. ‖ E' o que no Rio de Jan. chamam *Chiqueirá*.

Chiqueiro, *s. m.* (*Pern., Par., do N., R. Gr. do N.*) o segundo dos compartimentos de um curral de pescaria, d'onde não póde mais sahir o peixe que lá entrou. ‖ Tapagem que se faz em um riacho para impedir que por elle desça o peixe *tinguijado*. ‖ (*Rio Gr. do S., e tambem nas prov. do N., onde se cultiva a industria pecuaria*) pequeno curral para bezerros, geralmente construido ao lado do das vaccas. Serve tambem para ovelhas e cabras. ‖ Com a significação portugueza de possilga, é termo geralmente empregado no Brazil.

Chiripá, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) baêta encarnada que os peães costumam trazer ao redor da cintura (Coruja). Corresponde na fórma á *tanga* dos africanos, e á *julata* dos Guaicurús de Matto-Grosso. Devo, porém, fazer observar que os peães do Rio Grande usam do chiripá sobre as calças; entretanto que os Africanos, os Guaicurús e outros aborigens de Matto-Grosso servem-se aquelles da *tanga* e estes da *julata* como unica roupa. ‖ *Etym.* E' vocabulo da America hespanhola (Valdez).

Choça-de-caititú, *s. f.* (*Ceará*) casinhola onde os lavradores pobres manipulam a farinha de mandioca (Araripe Junior).

Chopim, *s. m.*, passaro do genero *Cassicus* (*C. icteronotus*) notavel por seu canto. Varia muito de nome vulgar: *Chopim* no Paraná, *Chico-preto* no Piauhy, *Caraúna* em Pernambuco, *Vira-bosta* no Rio de Janeiro.

Choradinho, *s. m.* especie de toada musical ao som da qual se dança o lundú. E' tambem o nome de uma das variedades desses bailados a que chamam *samba*.

Chucro, *adj.* (*R. Gr. do S.*) bravio, selvagem; fallando dos animaes. ‖ *Fig.*, bravio, selvagem, insociavel, aspero, inurbano; fallando dos homens e das crianças estranhonas. ‖ Quanto aos animaes, é quasi o mesmo que *chimarrão*. ‖ *Etym.* E' contracção de *chúcaro*, palavra de origem peruana, geralmente usada em toda a America Meridional hespanhola (Valdez).

Churrasco, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) pedaço de carne assada nas brazas. ‖ *Etym.* E' da America hespanhola (Valdez). ‖ Capello e Ivens escrevem *Churasco*, e usam delle como de um termo vulgar na Africa.

Churrasquear, *v. intr.* (*R. Gr. do S.*) Preparar o churrasco e comel-o. ‖ Por extensão se applica o verbo *churrasquear* a qualquer comida: Vamos churrasquear (Cesimbra).

Cica, *s. f.* (*R. de Jan.*) especie de adstringencia particular a certas fructas, e em geral áquellas que não estão perfeitamente maduras, d'onde

resulta causar um certo travo a quem as come. Corresponde ao que em Portugal chamam rascancia, em relação ao vinho mui carregado de tannino: O cajú seria a melhor das fructas, se não tivesse tanta *cica*. A goiaba verde tem *cica*. || *Etym*. Creio que virá de *Ycÿca*, nome tupi da resina.

Cicíca, *s. f.* (*Maranhão*) o mesmo que *caxirenguengue*.

Cidade, *s. f.* vasto formigueiro de Saúbas, composto de diversos alojamentos, a que chamam *panellas*.

Cilhão, *adj.* (*R. Gr. do S.*) assim se chama o cavallo que tem o espinhaço encurvado no meio, isto é, no logar em que se poem os arreios mais baixo que a anca e as cruzes (Coruja). || E' o que em Portugal, e tambem em varias provincias do Brazil, chamam cavallo sellado. || (*Portugal*) *s. m.* cilha grande.

Cincêrro, *s. f.* (*R. Gr. do S. Paraná, S. Paulo, Goyaz, Minas-Geraes, Matto-Grosso*) campainha grande, que se pendura ao pescoço da egua-madrinha, ou da besta que serve de guia ás outras. || *Etym.* Do castelhano *cencerro*.

Cincha, *s. f.* (*R. Gr. do S.*) especie de cilha ou cinta, que serve para apertar os arreios de um cavallo encilhado. Compõe-se do *travessão* que se colloca no lugar em que tem de sentar-se o cavalleiro; *barrigueira*, que, presa ao travessão, cinge o cavallo pelo lado da barriga; quatro *argolas* nas duas extremidades do travessão e nas duas da barrigueira; *látego*, que, preso a uma das argolas do travessão, o une á argola da barrigueira, apertando; e *sobrelátego*, que prende a barrigueira ao travessão pelo lado opposto, por meio das duas argolas (Coruja). || *Etym.* E' vocabulo castelhano, que se traduz em portuguez por *cilha*.

Cinchadôr, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) peça de ferro ou couro presa á cincha, com uma argola, na qual se prende a extremidade do laço opposta á outra extremidade que tem uma argola. A parte do laço que prende o animal tem na ponta uma argola com que se forma a laçada; a outra, que se prende ao *Cinchador*, não a tem (Coruja).

Cinchão, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) cinta larga de tecido e franja, que substitue a sobrecincha, e só se usa em arreios mais decentes (Coruja).

Cinchar, *v. tr.* (*R. Gr. do S.*) ter o animal preso pelo laço, e este preso á cincha (Coruja).

Cinto, *s. m.* (*Pern., Par. do N., R. Gr. do N.*) especie de bolsa comprida e estreita feita de tecido de malhas com fio de algodão, que os viajantes atam na cintura, ora por cima e ora por baixo da roupa, e tambem o trazem a tiracollo. E' aberta nas duas extremidades, e cada uma dessas boccas é guarnecida de cordões que servem não sómente para apertal-as, como para prender o *cinto* ao corpo. Usam delle para conduzir dinheiro; e para melhor accommodal-o, costumam dividil-o em duas partes iguaes, por meio de um arrrocho na parte média (Meira). || Corresponde quasi ao que no Rio Gr. do S. chamam *Guaiaca*.

'**Cinto-de-couro,** *s. m.* (*R. Gr. do S.*) meio que se emprega em viagem para impedir a fuga de um preso. Consiste em uma cinta larga de couro crú em cujas extremidades ha ilhós, por onde se aperta, com tiras de couro, pelas costas, á semelhança dos espartilhos de senhoras; e tem presilhas nos lados para ligar ao corpo os braços do paciente (Coruja). || Nas Alagôas chamam a isso *Colete de couro* (B. de Maceió).

Cipó, *s. m.* nome commum ás diversas especies de plantas sarmentosas e trepadeiras, e particularmente ás que se empregam á guisa de cordel ou barbante para amarrar entre si quaesquer objectos. Com elle tambem se fazem cestos. Na construcção das choupanas, serve igualmente para ligar umas ás outras as differentes peças de madeira, donde resulta dizer-se que o *Cipó* é o prégo do pobre. || *Etym.* Deriva-se do tupi *ÿcipó* (*Voc. Braz.*).

Cipoáda, *s. f.* golpe dado com o cipó; chicotada.

Cipoal, *s. m.* matto abundante de cipós e tão enredados que difficultam o transito. || *Fig.* Negocio intricado em que alguem se metteu, sem mais saber como delle poderá sahir.

Cipoar, *v. tr.* açoutar com cipó.

Ciscar, *v. intr. (Par. do N., R. Gr. do N., Ceará)* estorcer-se no chão, apoz um golpe, ou nas vascas da morte. || *(Alagoas)* arredar, revolver o cisco, espalhal-o, como o fazem as gallinhas, principalmente as que têm pintos, com o fim de descobrirem insectos e vermes. Outro tanto se diz de certas cobras que limpam o terreno para deporem os filhos em local desembaraçado (B. de Maceió). || Moraes menciona *ciscar, v. tr.*, como termo de agricultura, significando « alimpar a terra, que se vai arar, dos gravetos e ramos que o fogo não queimou » e figuradamente « *ciscar* a terra de ladrõeszinhos »; e mais ainda *ciscar-se, v. pr.*, termo chulo, « fugir sorrateiramente, furtar-se, escapulir-se.»

Cisqueiro, *s. m.* ciscalhagem; logar onde se accumula o cisco.

Clina, *s. f. (R. Gr. do S.)* crina. || E' vocabulo castelhano; mas tambem assim o pronunciavam antigamente em Portugal.

Coandú. V. *Quandú.*

Coberta, *s. f. (Pará)* embarcação de duas toldas de madeira, uma avante e outra a ré. Armam-as a hiate e tambem a escuna.

Cóbócó, *s. m. (Bahia)* o mesmo que *Cóvócó.*

Cocáda *s. f.* doce secco dividido em talhadas, feito de coco ralado e assucar branco. || *Cocáda puxa (Bahia)* é a mesma *Cocáda* preparada, porém, com assucar mascavo ou melaço, e da consistencia da alféloa.

Côcho, *s. m.* especie de vasilha oblonga feita ordinariamente de uma só peça de madeira e tambem de taboas, onde se põe agua ou comida para o gado. E' o que em Portugal chamam *gamêllo.* || Em Matto-Grosso é uma especie de viola grosseira (Ferreira Moutinho).

Côco (1º), *s. m.*, nome com que se designa geralmente a fructa de qualquer especie de Palmeira, quer indigena, quer exotica, acompanhando-o sempre de um epitheto especifico: *Coco* da Bahia *(Cocos nucifera)*; *Coco* de dendê *(Elaeis guineensis)*; *Coco* de catarrho *(Acrocomia sp.)*, etc. || *Etym.* E' vocabulo estrangeiro, talvez africano ou asiatico.

Côco (2º), *s. m.* especie de vasilha feita do endocarpo do Côco da Bahia, no qual se embebe, perto da bocca, um cabo torneado. Serve para tirar agua dos potes. Por extensão, dá-se o mesmo nome a vasilhas analogas feitas de metal ou de outra qualquer materia: Um *Coco* de prata, de cobre, de folha de Flandres, de madeira, etc.

Côco-de-catarrho, *s. m. (R. de Jan.)* o mesmo que *Macahuba.*

Côco-inchádo, *s. m. (Ceará)* nome de uma certa dança popular.

Cocoróte, *s. m.* carolo, pancadinha que se dá na cabeça de alguem com o nó dos dedos. || *Etym.* Como essa pancadinha se dá ordinariamente sobre o cocoruto da cabeça, nascerá dahi talvez o nosso vocabulo.

Cocumbí, *s. m. (provs. merid.)* especie de dança festival propria dos Africanos. || Tambem se diz *Cucumbi.*

Codório, *s. m.* góle de vinho ou de aguardente: De quando em quando toma meu criado o seu *codório.* || *Etym.* Do latim *Quod ore.*

Côfo, *s. m.* especie de cesto oblongo de bocca estreita, onde os pescadores arrecadam o peixe, camarões e outros mariscos. E' o mesmo ou quasi o mesmo que o *Samburá*, pelo menos quanto á serventia. || No Rio.de Jan. dão tambem o nome de *côfo* ao tipiti comprido.

Cogotilho, *s. m. (R. Gr. do S.)* nome que dão ás crinas do cavallo tosadas, de maneira que, nas cruzes e entre as orelhas, ficam mais curtas que no meio, para onde se vão elevando regularmente de um e outro lado. Assim tosadas as crinas, de ordinario se deixam junto ás cruzes algumas compridas para segurança do cavalleiro. || *Etym.* Deriva-se de *Cogóte* (Coruja).

Coidarú, *s. m. (pará)* o mesmo que *Cuidarú.*

Coité, *s. m. (provs. do N.)* o mesmo que *Cuité.*

Coivára, *s. f.* pilha de ramagens a que se põe fogo nos roçados, para desembaraçar o terreno e semeal-o. Um roçado consta sempre de numerosas *coivaras*, e estas se fazem em seguida

á queimada geral, a que se sujeitou a matta, depois da *derrubada* do arvoredo. || *Etym.* E' vocabulo de origem tupí.

Coivarar, *v. tr.* formar nos roçados essas pilhas de ramagens a que se chama *coivaras*. Tambem se diz *encoivarar*.

Cóla, *s. f. (R. Gr. do S.)* cauda dos animaes. *Etym.* E' vocabulo castelhano. Na lingua portugueza é neste sentido antiquado, entretanto que o empregam ainda nas seguintes phrases: — Ir na *cola* de alguem, seguil-o de perto. Andar na *cola* de alguem, espreitar os actos de outrem, de quem se desconfia.

Colête-de-couro, *s. m. (Alagoas)* o mesmo que *Cinto-de-couro.*

Colhéra, *s. f. (R. Gr. do S.)* nome que dão ao ajoujo por meio do qual se jungem dous animaes entre si. Consta de uma corda ou tira de couro crú, a qual em cada uma das extremidades tem o *anilho*, especie de colleira, que envolve o pescoço do animal e se prende por um botão. || *Etym.* Do castelhano *Colléra*, significando *Cadeia dos forçados das galés* (Valdez).

Colla, *s. f.* leitura ou copia da lição ou ponto de exame a que tem de responder o estudante, principalmente nas provas escriptas, sobre materia que deveria conhecer, sem essa leitura clandestina. || *Etym.* Deriva-se do verbo *collar*, na supposição de que o estudante se serve desse meio, para fazer adherir ao seu livro as notas que lhe são uteis.

Colorádo, *adj. (R. Gr. do S.)* vermelho. || *Etym.* E' vocabulo castelhano que se applica aos cavallos de pello avermelhado, assim como a outros objectos, como, por exemplo, baeta *colorada*, por baeta encarnada (Coruja).

Comboieiro, *s. m. (Alagoas, Piauhy, Ceará)* conductor de um *comboio*.

Comboio, *s. m. (provs. do N.)* especie de caravana composta de bestas de carga, para o transporte de mercadorias, e a que nas provincias meridionaes chamam *Tropa*. || Em Matto-Grosso, Minas-Geraes e Goyaz, dava-se o nome de *Comboio* a uma leva de Africanos boçaes.

Compórtas, *s. f. plur. (Bahia, Pern.)* artificios de que se serve um pretendente para insinuar-se, introduzir-se. Quando se diz que um individuo é cheio de *compórtas*, equivale isso a dizer que tem muita labia, muito geito para captar a confiança daquelle a quem se dirige, com a intenção de commovel-o. || *Etym.* Tem talvez a sua origem no *v. pr.* comportar-se.

Congonha, *s. f.* nome vulgar da *Ilex paraguariensis*, arvore do Brazil e do Paraguay, com cujas folhas se fabrica o *Mate*. || Por antonomasia tambem lhe chamam *Herva*. || Cumpre advertir que ha outras plantas a que dão tambem o nome de *Congonha*, pertencentes umas ao genero *Ilex*, e algumas a generos e familias diversas. || *Etym.* E' vocabulo de origem tupí. Os Guaranis do Paraguay lhe chamavam *Côgôi*.

Congonhar, *v. intr. (R. Gr. do S.)* tomar mate, bebida feita com a congonha: Vamos *congonhar*, emquanto não chegam os companheiros. || Tambem dizem matear (Aulete).

Contra-buzina, *s. f. (R. Gr. do S.)* V. *Buzina.*

Contrapontear, *v. tr. (R. Gr. do S.)* contrariar, contradizer, causar aborrecimento na discussão: Não me *contraponteie* (Cesimbra).

Cópas, *s. f. plur. (R. Gr. do S.)* chapas redondas e convexas, de prata, as quaes se poem nas duas extremidades do boccal do freio campeiro. O que tem essa guarnição é chamado *freio de copas* (Coruja).

Copiá, *s. m. (algumas prov. do N.)* o mesmo que *copiar.*

Copiar, *s. m. (Pern. Ceará, Pará)* varanda, alpendre. || Na Par. do N., significa sala (Meira). || No Rio de Jan., é o nome que, nos telhados de quatro aguas, se dá aos telhados lateraes. E' o que em linguagem portugueza se chama tacaniça. || Nos sertões do Norte se pronuncia mais commummente *Copiá*. || O *Dicc. Port. Braz.* traduz varanda em *Copiára*, e nessa forma é tambem usado este vocabulo. || *Etym.* E' de origem tupí.

Copiára, *s. m.* o mesmo que *Copiar.*

Corá, *s. m. (R. de Jan., Minas Geraes)* o mesmo que *Canjica* (2°).

Coração, *s. m. (R. de Jan.)* o mesmo que *Varanda.*

Cordeadôr, *s. m. (Pern., Par. do N.)* o mesmo que *Arruadôr.*

Cordiana, *s. f. (R. Gr. do S.)* especie de gaita de que usam os camponezes (Cesimbra). ‖ *Etym.* E' corruptela de *Acordium,* nome que nas republicas platinas dão á gaita de folles (S. C. Gomes).

Coréra, *s. f. (Valle do Amaz.)* o mesmo que *Crueira* (1°).

Cornear, *v. tr. (R. Gr. do S.)* escornar, marrar, ferir com os chifres. ‖ O uso deste termo não é admittido na sociedade polida.

Cornêta, *adj. (R. Gr. do S.)* diz-se do boi ou vacca a que falta um dos chifres (Coruja). ‖ Aulete menciona este vocabulo, sem designar a procedencia. Sendo sua definição a mesma que lhe dá Coruja, podemos pensar que houve descuido da sua parte, em não indical-a como termo brazileiro, salvo se é tambem usual em Portugal.

Cornimbóque, *s. m. (provs. do N.)* ponta de chifre de boi servindo de caixa de tabaco em pó. ‖ Em Alagoas dizem *Corrimbóque* e *Taróque,* sendo tambem este ultimo usual em Sergipe.

Coróca, *adj. m.* e *f.* adoentado. ‖ Applica-se mais particularmente ás pessoas idosas: Um velho *coróca;* uma velha *coróca.* ‖ *s. m.* e *f.*, pessoa adoentada: Aquelle *coróca* expõe-se ás intemperies, como se gozasse de plena saude.

Corredeira, *s. f.* parte de um rio na qual, por causa de uma differença de nivel, adquirem as aguas uma rapidez extraordinaria, impedindo ou, pelo menos, difficultando o transito de canoas, e expondo-as a perigos. E' o que os francezes chamam *un rapide.* No rio Itapicurú, no Maranhão, dão á *corredeira* o nome de *cachoeira.* Moraes dá á *corredeira* outra significação. Segundo elle, as corredeiras são os *banzos* sobre os quaes, nos engenhos de assucar, correm os balcões, em que se expõe o assucar ao sol. Aulete não menciona este vocabulo, nem em uma, nem em outra accepção.

Corredôr, *s. m. (R. Gr. do S.)* jockey, individuo que cavalga nas corridas (Cesimbra).

Corrído, *s. m. (Minas-Geraes)* especie de cascalho.

Corrimbóque, *s. m. (Alagoas)* o mesmo que *cornimbóque.*

Corrução, *s. f.* o mesmo que *Maculo.* ‖ *Etym.* Parece ser méra alteração de *corrupção.*

Corrupixél, *s. m. (Bahia)* instrumento de colhêr fructas, e sobretudo as mangas e outras que, estando maduras, despregam-se ao mais ligeiro contacto. Consiste em uma longa vara, em cuja extremidade superior se adapta um sacco, com a bocca guarnecida de um circulo de taquara, cipó ou arame, onde cai a fructa, sem se maguar (Aragão).

Córta-jáca, *s. m. (Minas-Geraes, Pará)* especie de dansa sapateada.

Corteleiro, *s. m. (Serg.)* boi manso, que vem sempre ao curral, por opposição ao boi *barbatão,* que é amontado (S. Roméro). ‖ *Etym.* Tem sua origem no radical *córte,* termo portuguez significando páteo, curral, casa destinada á habitação de animaes domesticos.

Cortiço, *s. m.* edificio construido com o fim de dar accommodação independente a grande numero de familias da classe pobre. Seu nome provém da analogia de semelhantes estabelecimentos com os cortiços de abelhas. ‖ Em Portugal, além de synonymo de colméa, dá-se figuradamente o nome de cortiço a uma pequena casa habitada por muita gente (Aulete). Este autor se engana quando relativamente ao Brazil dá ao cortiço a significação de páteo.

Coscós, *s. f. (R. Gr. do S.)* roseta de ferro, que se costuma pôr no meio do boccado do freio campeiro, para fazer bulha á proporção do movimento da lingua do cavallo. ‖ *Etym.* Alteração do castelhano *Coscoja* (Coruja).

Cósta, *s. f. (R. Gr. do S.)* margem, não só do mar, como de um rio: Acampámos na *costa* do rio Camaquân.

Costear, *v. tr. (R. Gr. do S.)* costear o gado é arrebanhal-o, de quando em quando, a pequenos intervallos, não só para impedir que se disperse, como para acostumal-o a reunir-se em certos e determinados pontos da fazenda, aos quaes chamam *rodeios.* || Nas provincias do norte dizem *vaquejar.* || *Obs.* Em portuguez, o verbo *costear* refere-se á navegação que se executa nas proximidades da costa.

Costêio, *s. m. (R. Gr. do S.)* acto de *costear* o gado.

Costilhar, *s. m. (R. Gr. do S.)* conjuncto de costellas, ou parte do corpo em que estão situadas. || *Etym.* Do castelhano *Costillar.*

Cotréa, *s. f. (Serg.)* o mesmo que *Mandurèba.*

Coucêiro, *adj. (R. Gr. do S.)* couceador. Diz-se isso dos animaes acostumados a dar couces.

Couráça, *s. m. (Serg.)* Vestimenta de couro usada pelos sertanejos (João Ribeiro).

Courear, *v. tr. (R. Gr. do S.)* extrahir o couro de um animal (Coruja).

Cóva-de-mandióca, *s. f. (R. de Jan. e outras provs. merid.)* o mesmo que *Matombo.*

Covanca, *s. f. (R. de Jan.)* terreno cercado de morros com entrada natural de um só lado. || E' ordinariamente o extremo de um valle ou varzea.

Cóvócó, *s. m. (Pern.)* caneiro ou levada, por onde despeja a agua que sahe dos cubos das rodas dos engenhos de moer cannas de assucar, e por elle sahe a rio ou baixa (Moraes). || Na Bahia dizem *Cabócó* e *Cóbócó*, e em Alagôas *Cavouco.*

Coxílha, *s. f. (R. Gr. do S.)* extensa e prolongada lomba ou lombada, cuja vegetação consiste em hervas de pastagem. Quando as *coxilhas* se succedem parallelamente umas ás outras, tomam essas pastagens o nome de *campo dobrado.*

Coxinílho, *s. m. (R. Gr. do S.)* tecido de lã tinto de preto, que se põe sobre os arreios, para commodo do cavalleiro. || *Etym.* Do castelhano *Cojinillo*, pequeno coxim.

Craúno, *adj. (R. Gr. do S.)* o mesmo que *caraúno.*

Crioulháda, *s. f.* porção de crioulos: Em seu testamento, declarou o commendador livre sua numerosa *crioulháda.*

Crioulo, a, *s. e adj.* negro nascido no Brazil. || Pessoa, animal ou vegetal nascidos em certa e determinada localidade: Eu sou *crioulo* desta freguezia. Tenho duas vaccas *crioulas* e um boi mineiro. A canna *crioula* é a que se cultivava no Brazil, antes da introducção da de Cayenna. || *Obs.* Os Francezes dão o nome de *créole* e os Hespanhoes o de *criollo* ao filho de Europeo nascido nas colonias.

Crueira (1º), *s. f.* fragmentos da mandioca ralada, que não passam pelas malhas da peneira, onde se apura a massa, para ir cozer no forno e convertel-a em farinha (V. de Souza Fontes). || Em S. Paulo lhe chamam *Quirèra.* || Em algumas fazendas do Rio de Janeiro, dizem tambem *Caruèra*, *Cruèra*, *Cruêra* (Macedo Soares). || No Pará dão-lhe o nome de *Crueira* (B. de Jary), e mais os de *Curuêra*, *Curueira* e *Curèra*, sendo esta ultima forma a mais geralmente usada (J. Verissimo). || *Etym.* Não obstante a sua feição portugueza, *Crueira* não é mais do que a corruptela de *Curuèra* da lingua tupi, significando alimpaduras do joeirado; e se decompõe em *Curuba* = *curú*, pedaço, e *uèra*, forma do preterito, que, neste caso, significa abandonado, desprezado, sem serventia para aquillo a que se destina a mandióca ralada; em uma palavra, refugo. Quando, porém, os Tupinambás se referiam ao farelo e tudo o que fica da farinha peneirada, davam-lhe o nome de *Mindócuruèra (Voc. Braz.)* e os Guaranis o de *Myndocurè* (Montoya). A *Curèra* do Pará é uma ligeira alteração do *Corèra* do dialecto do Norte, significando farelagem, farelo, aparas (*Dicc. Port. Braz.*). || Obs. A *Crueira* serve ordinariamente de pasto ás criações. No Pará fazem-a tambem seccar ao sol, e com ella preparam um *mingáu* grosseiro (B. de Jary).

Cruêira (2°), *s. f. (Pern.)* especie de tumor secco que ataca a cabeça das gallinhas. ‖ *Etym.* Não sendo natural que esta palavra tenha a mesma origem que o seu homonymo anterior, é licito pensar que seja a corruptela de *Carudra*.

Cruéra, *s. f. (R. de Jan.)* o mesmo que *Crueira* (1°).

Cruêra, *s. f. (R. de Jan.)* o mesmo que *Crueira* (1°).

Cruzádo, *s. m.* quantia de dinheiro igual tanto em Portugal como no Brazil, a 400 réis. Em Matto-Grosso o *Cruzado* é igual a 720 réis.

Cuandú. V. *Quandú*.

Cuatá. V. *Quatá*.

Cuatí. V. *Quati*.

Cúba, *s. m. (Pern.)* individuo poderoso, influente, atilado, matreiro: Se queres obter o emprego que desejas, dirige-te ao commendador, que é o *Cúba* desta comarca. Quizeram illudil-o; mas elle se houve como um perfeito *Cúba*. ‖ Em Minas-Geraes dizem *Cuêbas*, e em S. Paulo *Mancuêba*. ‖ Em portuguez, *Cuba* é uma vasilha grande, que serve para varios usos industriaes.

Cúca (1°), *s. f.* fazer *Cuca* ou *Cucas*, é procurar metter medo ás crianças: Si continuas a chorar, chamarei a onça para que te coma. Procurei convencer meu vizinho do perigo a que se expunha se persistisse na sua tentativa; mas elle me disse que não tinha medo de *Cúcas*. ‖ Moraes menciona *côco* no mesmo sentido. Aulete nada diz a tal respeito.

Cúca (2°), *s. f. (Pern., Alagoas)* mulher velha e feia, especie de feiticeira, que póde com seus sortilegios causar males a gente (B. de Maceió). Tambem lhe chamam *coróca*, *curúca* e *curumba*.

Cucharra, *s. f. (R. Gr. do S.)* colher de chifre de que usam no campo. ‖ *Etym.* E' vocabulo castelhano. ‖ Tambem assim se chama um dos tres modos de pialar (Coruja).

Cucumbí, *s. m. (provs. merid.)* o mesmo que *cocumbi*.

Cuêbas, *s. m. (Minas-Geraes)* o mesmo que *cúba*.

Cuê-pucha! *int. (R. Gr. do S.)* o mesmo que *Eh-pucha!*

Cuêra, *s. f. (R. Gr. do S.)* o mesmo que *Unheiro*.

Cuêrúdo, *adj. (R. Gr. do S.)* que soffre da *cuêra*. V. *Unheira*.

Cuia, *s. f.* especie da vasilha feita da fructa Cuitê. Partida ao meio no sentido longitudinal dá cada fructa duas cuias. A *Cuia* é applicada a diversos usos. Nas roças, serviam-se della os escravos, e serve-se a gente pobre tanto á guisa de prato para a comida, como de tigella ou copo para agua e outros liquidos. Nas mesas, ainda mesmo das pessoas abastadas, figuram as *Cuias* como pratos para farinha de mandióca ou de milho; mas neste caso são ordinariamente preparadas com primorosa esculptura e envernizadas, quaes as fazem no Pará. A palavra *Cuia* tambem se applica a toda e qualquer vasilha que tem a forma e a serventia da *Cuia* natural; assim pois, ha a *Cuia* de prata, de madeira, de tartaruga, etc. ‖ No R. Gr. do S. e Paraná, a *Cuia* é o vaso que serve para tomar o mate, e consiste em uma cabacinha especial chamada *porongo*, em cujo bojo, na parte superior, se pratica uma abertura circular, por onde se introduz a herva mate e a agua quente, e em seguida a *bomba*, por meio da qual se chupa o liquido. ‖ Em Pern. e outras prov. do N. dava-se o nome de *Cuia* a uma medida de capacidade equivalente a $^1/_{32}$ do alqueire. No Ceará chamam *Cuia de vela* a uma concha de pau com a qual se molha a vela. ‖ *Etym.* O vocabulo *Cuia* pertence á lingua tupi. Montoya, mencionando o nome de diversas vasilhas que os guaranis faziam com a cabaça, cita *ïacuî* com a significação de *calabaço como plato grande*. De todos os termos por elle apontados, é este o unico que mais se assemelha á nossa *Cuia*.

Cuiambúca, *s. f.* vaso feito de cabaça, com uma abertura circular na parte superior, e serve principalmente para conter agua e outros liquidos. Em algumas provincias do Norte, empregam para isso a fructa de uma especie de *Lagenaria*, e esta é de forma comprida e estreita. No Pará e outras provincias servem-se para isto da fructa da cuieira ou cuitézeira. ‖ Por metaplasmo lhe chamam tambem

Cumbúca, e é esse o termo usado nas provs. merid., bem que eu o tivesse ouvido tambem no Piauhy.

Cuidarú, *s. f. (Pará)* especie de clava de $1^m,10$ de comprimento, chata, esquinada, de cinco centimetros de largura e mais grossa em uma das extremidades, e da qual usam certas hordas de selvagens do Pará. || Tambem dizem *Coidarú.* || E' semelhante à *Tamarâna.*

Cuieira, *s. f.* o mesmo que *Cuitézeira.*

Cuím, *s. m.* alimpaduras do arroz (Costa Rubim). || *Etym.* Do tupi *Cuï*, que significa pó.

Cuité, *s. f.* fructa da Cuieira ou Cuitézeira.

Cuitézeira, *s. m.* arvoreta do genero *Crescentia (C. cujete)* da familia das Bignoniaceas, de cujas fructas se fazem as *cuias*. Tambem lhe chamam *Cuieira*. || *Etym.* E' vocabulo de origem tupi.

Cujubim, *s. m. (Valle do Amazonas)* gallinácea do genero *Penelope (P. Cumanensis*, Jacq. ex Martius). || *Etym.* E' provavelmente voc. do dialecto tupi do Amazonas.

Cumarim, *s. m.* pimenta do genero *Capsicum (C. frutescens)* da familia das Solaneas. || *Etym.* E' vocabulo tupi (G. Soares).

Cumarú, *s. m. (Valle do Amaz.)* nome vulgar da *Dipterix odorata*, grande arvore de construcção civil e naval, pertencente á familia das Leguminosas, notavel sobretudo pela sua semente aromatica. Tambem pronunciam *Cumbarú.*

Cumbarú, *s. m. (Valle do Amaz.)* o mesmo que *Cumarú.*

Cumbúca, *s. f.* o mesmo que *Cuiambúca.*

Cumbúco, a, *adj. (provs. do N.)* diz-se do animal vaccum, cujos chifres, na curva que descrevem, ficam com as pontas voltadas uma para a outra: Um boi *cumbúco*. Uma vacca *cumbuca*. Tambem se diz que um boi ou uma vacca tem neste caso chifres *cumbucos* (J. Coriolano). || *Obs.* Este auctor escreveu *combuco;* mas eu me cinjo á pronuncia na orthographia que adopto.

Cunca, *s. f. (Ceará)* especie de tuberculos sumarentos com cerca de $0,^m20$ de diametro, que se desenvolvem nas raizes horizontaes do Imbuzeiro. Na estação calmosa, quando mais se faz sentir a falta de agua, são as *Cuncas* o refrigerio dos vaqueiros e caçadores, que com ellas matam a sêde. Chupam-as como se faz com a canna de assucar (P. Nogueira).

Cunhân, *s f. (Valle do Amaz.)* nome que dão ás meninas de raça aborigene. || Tambem e mais apropriadamente dizem *Cunhantaim.* || *Etym.* São vocabulos tupis significando, o primeiro, mulher, e o segundo, menina. || No Piauhy, no tempo em que lá me achei, e ha disso mais de meio seculo, empregavam o vocabulo *Cunhân* em sentido depreciativo para com as mulheres daquella raça.

Cunhantaim, *s. f. (Valle do Amaz.)* o mesmo que *Cunhân.*

Cupim (1°), *s. m.* nome commum a todas as especies de Termitas. || *Etym.* Do tupi *Cupii*, e assim lhes chamavam tambem os Guaranis do Paraguay. Esta denominação vulgar é muito mais acceitavel do que a de *formiga branca*, que lhes dão na Europa. Bem que as Termitas tenham, pelos seus habitos, uma certa anologia com as Formigas, é, entretanto, sabido que na classe dos insectos pertencem a ordens differentes.

Cupim (2°), *s. m.* habitação de insectos do mesmo nome, tendo ora a fórma de monticulos arredondados, e ora a de cones de dous e mais metros de altura. Este mesmo nome se extende ás habitações que fazem nas arvores. Tambem lhe chamam *Cupinzeiro.*

Cupim (3°), *s. m. (Piauhy e outras provs. do N.)* nome que dão ao toutiço dos touros, pela semelhança que têm com esses pequenos montes de terra que constroem os cupins para a sua habitação, já no chão, e já nos ramos das arvores (J. Coriolano).

Cupinzeiro, *s. m.* o mesmo que *Cupim* (2°).

Cupixáua, *s. f. (Valle do Amaz.)* o mesmo que *Capixába.*

Curabí, *s. m. (Pará)* pequena setta hervada, de que usam os selvagens dos sertões.

Curáu (1º), *s. m. (Matto-Grosso, S. Paulo)* o mesmo que *Canjica* (2º).

Curáu (2º), *s. m. (Serg.)* o mesmo que *Caipira.*

Curêra, *s. f. (Pará, Amaz.)* o mesmo que *Crueira.*

Curí, *s. m. (Pará)* especie de argila de tingir, que se encontra em diversas localidades (Baena). Este auctor não lhe menciona a côr.

Curiangú, *s. m. (S. Paulo)* ave nocturna do genero *Caprimulgus*, da ordem dos passeres. || *Etym.* E' voz onomatopaica.

Curibóca, *s. m.* e *f.* o mesmo que *Caribóca.*

Curicáca, *s. f.* ave ribeirinha do genero *Ibis (I. albicollis).* Tambem lhe chamam *Curucáca.* || *Etym.* E' voz onomatopaica.

Curimân, *s. f. (Bahia e outras provs. do N.)* peixe do mar do genero *Mugil (M. Curema* Cuv.). || Este nome era usual entre os Indios do Rio de Jan., quando aqui se achava Jean de Léry, em 1557 ; mas hoje ninguem mais o conhece aqui, e foi sem duvida substituido por algum nome portuguez, ao contrario do que aconteceu nas provincias do Norte.

Curimbó, *s. m. (Pará)* o mesmo que *Tabáque.*

Curíxa, *s. f. (Matto-Grosso)* nome que dão aos sangradouros por onde correm, a despejarem-se nos rios, as aguas que se accumulam nos campos, ou procedem de lagoas que transbordam. Corresponde ao portuguez *desaguadeiro, sangradouro, valla para desaguar campos, etc.*, com a differença, porém, que estes termos envolvem a idéa de um expediente artificial, entretanto que a *Curixa* é obra da natureza.

Curral-de-peixe, *s. m.* armadilha de pesca. Divide-se em tres compartimentos : o 1º tem no R. de Jan. o nome de *varanda* ou *coração*, e na Par. do N. o de *sala* ; o 2º no R. de Jan. *casa do meio* e na Par. do N. *chiqueiro* ; o 3º no R. de Jan. *viveiro* e na Par. do N. *gré.* E' neste ultimo que se effectúa a pesca, por meio de rede appropriada. Da entrada do primeiro compartimento até a praia vai uma cerca em linha recta, e é por ella que o peixe caminha até entrar na *varanda* ou *coração*, donde passa para o segundo e terceiro compartimento. || Ao *Curral de peixe* tambem chamam *Cercada.*

Currumbá, *s. m. (Pern.)* o mesmo que *Sambongo.*

Curuá, *s. m. (Pará)* palmeira do gen. *Attalea*, de que ha tres variedades : *Curuá-piranga, Curuá-pixuna* e *Curuá-tinga (Flor. Bras.)*

Curúba, *s. f. (Pará)* sarna. || Dão tambem esse nome ao bicho da sarna (B. de Jary). || *Etym.* E' vocabulo tupi.

Curúca, *s. f. (provs. do N.)* o mesmo que *Coróca, Curumba* e *Cúca* (2º).

Curucáca, *s. f.* o mesmo que *Curicáca.*

Curueira, *s. f. (Pará, Amaz.)* o mesmo que *Crueira* (1º).

Curuêra, *s. f. (Pará, Amaz.)* o mesmo que *Crueira* (1º).

Curumba, *s. m. (Par. do N.)* titulo depreciativo dado aos homens de baixa condição, que, a pé ou a cavallo, e mal trajados, transitam pelas estradas : Quem será aquelle *Curumba* de chapéo de couro ? || (Bahia) *s. f.* mulher velha, a que tambem chamam *Coróca, Curúca* e *Cúca* (2º).

Curumí, *s. m. (Pará)* menino. || *Etym.* E' vocabulo puramente tupi.

Curupíra, *s. m. (Pará)* ente phantastico que habita as mattas e consiste, segundo a superstição popular, em um tapuio com pés ás avessas, isto é, com os calcanhares para diante e os dedos para traz. Outros o chamam *Caipóra.* || *Etym.* E' o nome tupi de uma das especies desse demonio a que elles chamavam *Anhanga.*

Cururú (1º), *s. m.* nome generico do sapo na lingua tupi. Hoje só o applicam a certas especies destes Batracios.

Cururú (2º), *s. m. (Matto-Grosso)* especie de batuque usado pela gente da plebe, no qual os homens e ás vezes as mulheres formam uma roda e volteando burlescamente cantam á porfia, ao som de insipida musica, versos improvisados, e tudo isso animado pela cachaça (Ferreira Moutinho).

Cutía (1º), *s. f.* pequeno mammifero do genero *Dasyprocta (D. Aguti)* da ordem dos roedores. || *Etym.* Corruptela de *Acuti*, nome tupi deste animal.

Cutía (2º), *s. f. (R. Gr. do S.)* especie de madeira de construcção.

Cutitiribá, *s.m.(Pará)* nome de uma Sapotacea fructifera, pertencente talvez ao genero *Lucuma (L. revicoa ?).* No Maranhão e Piauhy lhe chamam *Tuturubá.* || *Etym.* E' provavelmente corruptela de *Oiti-turubá.*

Cutúca, *s. f. (Goyaz)* especie de sellim com dous arções altos destinado principalmente aos cavallos que se trata de domar, por offerecer maior segurança ao domador (Valle Cabral). || E' o que chamam em Portugal *sella á gineta* (Aulete). No Ceará e no Piauhy dizem *sella ginete*, ou simplesmente *ginete.*

Cutucão, *s. m.* cutilada, facada, || *Etym.* Do tupi *cutúca*, significando golpe.

Cutucar, *v. tr.* tocar ligeiramente alguem com o dedo ou com o cotovelo para lhe fazer uma advertencia que se não quer fazer oralmente. Tem este verbo a sua origem no verbo *cutúca* da lingua tupi, que significa palpitar, picar, tocar de leve, e é nesta ultima accepção que o empregamos. O seu equivalente na lingua portugueza é cotovelar, no sentido de tocar com o cotovelo, para excitar a attenção ou reparo.

Cuvú, *s. m. (Alagoas)* o mesmo que *Juquiá.*

Cuxá, *s. m. (Maranhão)* especie de comida feita com as folhas da vinagreira *(Hibiscus sabdariffa)* e quiabo *(Hibiscus esculentus)* a que se ajunta gergelim *(Sesamum orientale)* torrado e reduzido a pó, de mistura com farinha fina de mandioca. Depois de bem cozido deitam-o sobre o arroz, e a isso chamam *Arroz de cuxá (D. Braz.).*

Cuxilar, *v. intr.* toscanejar, escadelecer, estar a cahir com somno abrindo e fechando os olhos, e tudo isto antes sentado ou de pé do que deitado : Tenho estado a *cuxilar* a espera de meu amo. || *Etym.* Creio ser voc. de origem africana, e provavelmente de Angola.

Cuxílo, *s. m.* acto de *cuxilar.*

De déò em déò, *loc. adverbial (R. de Jan.)* diz-se que anda *de déò em déò* a pessoa ou cousa que não se fixa em ponto algum. Aquelle que tem ensaiado diversas industrias sem dellas tirar proveito; que tem sido successivamente marinheiro, criado, cocheiro, carroceiro, e sempre a procura de melhor posição, anda *de déò em déò.* Uma cousa sem dono, que passa de uma mão para outra, sem que ninguem a queira, anda *de déò em déò.*

Dente-de-velha, *s. m. (Bahia. e Serg.)* o mesmo que *Gangão.*

Derrubáda *s. f.* operação agricola que se segue á *roçada*, e consiste em abater as grandes arvores de uma matta, com o fim de preparar o terreno para plantações. || Fig. demissão em massa de todos os empregados de ordem politica, que não são da confiança do governo : Com a ascenção do novo ministerio, houve geral *derrubada* || *Etym.* Do verbo derrubar.

Descachaçar, *v. tr. (provs. do N.)* alimpar da cachaça, ou escumas grossas e sujas o succo, ou caldo da canna de assucar, a qual vem acima com a fervura, e com a decoada ; e se deixa esborrar, ou se alimpa com a escumadeira (Moraes). Este auctor escreve erradamente *Descachar*, por *Descachaçar*, entretanto que, no artigo *Melladura*, usa do verbo *Descachaçar.* Aulete menciona *Descachar* como termo brazileiro. Lacerda o menciona como contracção de *Descachaçar.*

Descalábro, *s. m.* damno, contratempo, prejuizo,perda, desgraça, derrota : A guerra foi a causa do *descalabro* das nossas finanças. A anarchia reduziu a nação ao maior *descalabro* que se póde imaginar. No encontro que tivemos com o inimigo soffreu este o mais completo *descalabro.* || *Etym.* E' voc. castelhano.

Descambáda, *s. f. (R. Gr. do S.)* declive de uma coxilha ou lomba, por onde se executa a descida para o valle.

Descaxeládo , *adj. (Serg.)* diz-se do individuo que se mostra admirado, espantado, desapontado, ou, como dizem vulgarmente, *de queixo cahido* : Como vem *descaxelado* aquelle sujeito ! (S. Roméro.)

Desencaiporar, *v. tr.* fazer cessar a infelicidade de alguem: Fulano, depois de ter solicitado em vão um emprego, durante muitos annos, já se achava de todo desanimado, quando o ministro actual o *desencaiporou*, nomeando-o para um bom logar. ‖ *v. intr.* cessar a infelicidade de alguem: Com a entrada do novo ministerio, José *desencaiporou*. ‖ *Etym.* E' o contrario de *encaiporar*.

Desencilhar, *v. tr.* dessellar, tirar a sella e em geral os arreios do animal. ‖ *Etym.* Do castelhano *desensilhar*.

Desmanivar, *v. tr. (Ceará)* aparar a rama da mandioca, com o fim de melhorar o producto (F. Tavora). ‖ *Fig.* desembaraçar um negocio, vencer uma difficuldade: Entrega a tua questão a um bom advogado, que elle *desmaniva* isto. ‖ Tambem se emprega na accepção de desbaratar: Aquelle sujeito *desmanivou* a legitima materna em menos de seis mezes (Araripe Junior).

Despencar, *v. tr.* separar do cacho as diversas pencas de bananas. ‖ *v. intr.* cahir desastradamente de grande altura: Quando o rapaz se achava no ponto o mais elevado da arvore, perdeu os sentidos, *despencou* e morreu da queda.

Destabocádo, *adj. (Ceará)* diz-se do individuo adoudado, que, sem respeitar as conveniencias, dá por paus e por pedras.

Destopetear, *v. tr. (R. Gr. do S.)* cortar o topete do cavallo, para que lhe não caia sobre os olhos.

Destratar, *v. tr.* insultar, maltratar com palavras: Fui lhe pedir o meu dinheiro, e elle, em lugar de me pagar, *destratou-me* (Escr. Taunay).

Dindinha, *s. f.* forma infantil de madrinha.

Dindinho, *s. m.* forma infantil de padrinho: *Dindinho* me deu um canario, e *Dindinha* uma boneca.

Disparáda, *s. m. (provs. merid.)* dispersão do gado, quando corre de repente e em varias direcções (Valdez). ‖ *Etym.* Segundo este auctor, é termo da America hespanhola.

Disparadôr, *adj. m.* que é acostumado a disparar. Diz-se do animal que foge a correr, quando o querem prender.

Disparar, *v. intr.* dispersar-se de repente uma manada.

Doce-de-pimenta, *s. m. (provs. do N.)* o mesmo que *Fruita*.

Douradilho, *adj. (R. Gr. do S.)* côr do cavallo, a que no Rio de Jan. chamam castanho. ‖ Segundo Aulete, *douradilho*, côr de ouro, vermelho-claro [Diz-se dos cavallos].

Dunga, *s. m. (Pern.)* valentão. ‖ Não só nesta provincia como em outras partes do Brazil, dão tambem o nome de *Dunga* ao dous de paus no jogo da rodinha e outros.

Durasnal, *s. m. (R. Gr. do S.)* pomar de pecegueiros abandonado e reduzido ao estado silvestre. ‖ *Etym.* De *Durasno*, nome castelhano do pecegueiro, ou pecego durazio (Valdez).

Ecô! *int.* brado de que se servem os caçadores para açular os cães.

Ecoxupé! *int. (Pará)* voz do caçador mandando os cães seguir a caça. No *Dicc. Port. Braz.*, ha *Ixupé* por *A elle!*

Efó, *s. m. (Bahia)* especie de guizado de camarões e hervas, e temperado com azeite de dendê e pimenta.

Eguáda, *s. f. (R. Gr. do S.)* porção de eguas.

Ema, *s. f.* nome vulgar da *Rhea americana* ou *Abestruz* do Brazil e de outras partes da America. ‖ *Etym.* Seu nome primitivo em linguagem tupi era *Nhandú*, que Montoya escreve á castelhana *Ñandú*, e que os Francezes adoptaram sob a fórma *Nandou*. O voc. *Ema* foi introduzido pelos Portuguezes, e é talvez o nome asiatico ou africano de alguma ave semelhante á nossa, provavelmente da *Abestruz* do antigo continente. Segundo Aulete, deriva-se do arabe *Neâma*, nome de uma ave pernalta do genero *Casuarius*. No Rio Gr. do S. a *Ema* é geralmente conhecida pelo nome de *Abestruz* ou *Avestruz*.

Embeaxió, *s. m. (Pará)* gaita de taboca, de som plangente, que os caboclos tocam nas canôas (B. de Jary). Cumpre advertir que Baena dá a esse mesmo instrumento o nome de *Momboia-xió*. Qual dos dous termos será o

mais vulgar. Em ambos elles, nota-se a existencia de dous radicaes do dialecto tupi do Amazonas; a saber: *membú*, gaita; e *iaxió*, chorar (Seixas).

Embiára, *s. f. (Valle do Amaz.)* a presa, o que se colheu na caça, na pesca ou na guerra. || *Etym.* E' a fórma vulgar de *mbiára*, voc. tupi (Anchieta). Em guarani, *tembiára* tem a mesma significação (Montoya).

Embígo-de-freira, *s. m. (Bahia)* especie de biscoutos doces que se servem ao chá.

Embíra, *s. f.* nome commum a todas as fibras vegetaes que pódem servir de liame, quer provenham das camadas corticaes, como acontece a diversas especies de malvaceas e outras, quer provenham de folhas como as de caraguatá, de certas palmeiras, pandanus, etc. || *Etym.* Do tupi *ybÿra*, nome que se extende a qualquer especie de estopa *(Voc. Braz.)*. || A muitas arvores do Brazil que offerecem materia prima para cordas e estopa se dá o nome de *Embira*, taes são a *Embira-branca*, a *Embira-vermelha*, a *Embirêtê*, a *Embiriba*, o *Embirussú*, etc. || Tem-se escripto tambem *Envira*, e assim o fazem Gab. Soares e Baena; porém o mais geral é *Embira*. || Fig. Estar nas *embiras*, se diz de quem se acha em difficuldades pecuniarias. Corresponde ao portuguez *estar na espinha*.

Embíra-branca, *s. f.* o mesmo que *Jangadeira*.

Embiríba, *s. f. (Alagoas)* o mesmo que *Biriba*.

Embirussú, *s. m. (Bahia, Pern.)* especie de Bombacea ou Lecythidea, de cuja casca se extrahe *embira*.

Embondo, *s. m. (R. de Jan.)* difficuldade, embaraço: Com a baixa do cambio, acha-se o commercio em um *embondo*. A tua candidatura ao logar de deputado me colloca em um *embondo*, porque já eu havia promettido meu voto a outro.

Embromadôr, *s. m. (provs. merid.)* o que embroma, trapaceiro, enganador. || *Etym.* E' voc. castelhano, syn. de *Bromista* (Valdez).

Embromar, *v. intr. (provs. merid.)* demorar a solução de qualquer negocio, fazendo, porém, crer aos interessados que se procura activar a terminação delle (Coruja). || *Etym.* E' voc. castelhano, significado caçoar, gracejar a custa de alguem, e tambem illudir com palavras e trapaças. (Valdez).

Embruacádo, *adj.* mettido em Bruaca: Tenho todo o feijão *embruacádo*.

Embruacar, *v. tr.* arrecadar cousas em *Bruáca*: Mandei *embruacar* o milho.

Embuáva, *s. m.* e *f. (S. Paulo, Paraná, Minas-Geraes, Goyaz, Matto-Grosso)* alcunha com que se designa o natural de Portugal, a qual, porém, nada tem de injuriosa, e é o resultado de tradições historicas, desde os tempos coloniaes.

Embuçalar, *v. tr. (R. Gr. do S.)* pôr o buçal no animal. || Enganar: Quizeram embuçalar-me; mas não o conseguiram (Coruja).

Empacadôr, *adj.* diz-se do cavallo ou burro que tem por habito empacar. E' o que os francezes chamam *cheval rétif*. || *Etym.* O termo *Empacon*, com a significação de contumaz, é da America Meridional hespanhola (Valdez). Sem duvida o recebemos dos nossos visinhos do Rio da Prata.

Empacar, *v. intr.* emperrar o cavallo ou burro; parar firmando manhosamente as patas, sem que possa o cavalleiro obrigal-o a proseguir na viagem. || *Etym.* Do v. pron. castelhano *empacarse*, com a significação de obstinar-se. E' usual neste sentido, em relação ao cavallo teimoso, em toda a America hespanhola (Zorob. Rodrigues). || Ha, tanto em portuguez como em castelhano, o homonymo *empacar*, no sentido de empacotar, enfardelar, encaixotar, etc. || Nas nossas provincias do norte, em logar de *empacar* o cavallo ou burro, servem-se do verbo portuguez *acuar* (Meira).

Empaiolar, *v. tr. (provs. merid.)* arrecadar cousas em um paiól. || Este verbo, aliás muito usado entre nós, não o encontro em nenhum dos nossos lexicographos, bem que seja mui expressivo e de origem portugueza.

Empalamádo, a, *adj.* pallido, como o são as pessoas opiladas, hydropicas ou de uma gordura frouxa e descorada. || *Etym.* Moraes o dá como termo usual no Brazil, o que é bem verdade ; e o faz derivar de *empalemado* (emplastrado, cheio de doença). Aulete, por sua vez, o dá como adj. popular e familiar, significando *coberto de emplastros*, e, por extensão, *coberto de chagas*. Neste sentido não o empregamos. Segundo elle, é corruptela do castelhano *emplumado*.

Empapuçado, a, *adj.* inchado, opado dos que tendem á hydropisia. || *Etym.* Do castelhano *papujado* (Moraes).

Encaiporar, *v. tr.* encalistar (no sentido mais geral deste vocabulo); influir nocivamente na sorte de alguem, infelicital-o : Havia uma hora que eu jogava com felicidade ; veiu Fulano sentar-se ao meu lado, e *encaiporou-me* de tal modo que não pude mais ganhar uma só mão. || *Etym.* De caipóra.

Encallir, *v. tr. (Alag.)* sujeitar a uma fervura preparatoria os intestinos do boi, afim de limpal-os melhor. || Este verbo é usado no Minho com a significação de assar a meio a carne ou peixe para conserval-o (Moraes, Lacerda), e neste sentido corresponde ao verbo brazileiro *moquear*. Aulete não o menciona.

Encangalhar, *v. tr.* arrear com a cangalha a besta de carga. || Aulete menciona o verbo encangalhar com duas significações differentes, nenhuma, porém, com relação á cangalha das bestas de carga. A primeira, como *v. tr.* é de embaraçar, prender ; a segunda como *v. pron.*, atracarem-se dous navios, de modo que fiquem enrascados os cabos de um com os de outro ; e por extensão é prender-se com outro, sem poder separar-se delle immediatamente.

Encanoar, *v. intr. (R. de Jan.)* empenar-se a taboa no sentido transversal, affectando a fórma de uma canôa: A taboa ainda verde *encanôa*, se é exposta ao sol (J. Norberto).

Encarrapichar-se, *v. pron.* encher-se de carrapichos : No meu passeio ao campo, *encarrapichei-me* de tal sorte que tive de mudar de roupa.

Encérra, *s. f. (R. Gr. do S.)* especie de curral feito no meio do campo para apanhar baguaes. São, em feitio, mui semelhantes aos curraes que fazem os pescadores nos logares de pouca agua para apanhar peixe (Coruja). || *Etym.* Do verbo *encerrar*. Moraes menciona *encerro* com a significação de encerramento, clausura, prisão, etc.

Encestamento, *s. m.* acto de encestar.

Encestar, *v. tr.* arrecadar em cesto quaesquer objectos.

Enchiqueirar, *v. tr.* metter no chiqueiro : Enchiqueirar os bezerros. || *v. intr. (littoral de Pern.)* entrar o peixe no repartimento do curral de pescaria a que chamam chiqueiro.

Encoivarar, *v. tr.* o mesmo que *coivarar*.

Encompridar, *v. tr. (R. Gr. do S.)* alongar alguma cousa, tornando-a mais comprida : *Encompridar* o lóro do estribo ; encompridar o *rabicho*, etc. (Coruja).

Encontros, *s. m. pl. (R. Gr. do S.)* peito do animal entre as espaduas. || Em portuguez, este vocabulo significa a espadua, o hombro. Nas aves, os *encontros das azas* são a parte superior d'ellas, onde vai fazendo a volta e d'onde nascem as pennas maiores (Moraes). Em todas as mais accepções, é termo usual no Brazil.

Encourádo, *s.* e *adj. (provs. do N.)* designativo daquelle que se veste com roupa de couro, segundo o uso dos vaqueiros no sertão. || Em portuguez, este adj. se applica a qualquer objecto que é coberto de couro: Arcas e caixas *encouradas* (Aulete).

Enfrenar, *v. tr. (R. Gr. do S.)* enfrear. || *Etym.* E' vocabulo castelhano, não geralmente usado.

Engá, *s. m.* V. *Ingá*.

Engambeladôr, a, *adj.* e *s.* embelecador.

Engambelar, *v. tr.* embelecar, engodar, embalar com esperanças vãs, com caricias, com dadivas e outros meios de que se póde tirar proveito

para attrahir a confiança de alguem. || No Pará dizem *engrambelar* (B. de Jary).

Engambêlo, *s. m.* embeleco.

Engangorrádo, *adj. (Piauhy)* preso a uma *gangorra* (2º) (José Coriolano).

Enganjento, *adj. (Bahia)* o mesmo que *Ganjento.*

Engarapar, *v. tr. (Pern.)* dar garapa a. || *Fig.* fazer a bocca doce a alguem para o reduzir áquillo que queremos (Moraes, Aulete).

Engenheiro, *s. m. (S. Paulo, Paraná* e *Matto-Grosso)* proprietario de um engenho de assucar; senhor de engenho. || Este vocabulo tem o inconveniente de confundir cousas que são bem distinctas entre si. Por engenheiro se entende em toda a parte aquelle que professa a *Engenharia*, sciencia que se divide em varios ramos, donde resulta que ha engenheiros geographos, hydraulicos, militares, civis, machinistas, etc. Um *senhor de engenho* não tem nada disto. E' simplesmente o proprietario de um engenho de moer canna para a fabricação de assucar, ou de moer a congonha para a preparação do mate. A respeito do mais póde ser completamente ignorante. Recordo-me que uma vez na camara dos deputados, em uma discussão que interessava a lavoura, um representante da Nação servia-se repetidamente da vocabulo *engenheiro*, em logar de *senhor de engenho.* Seu discurso foi um verdadeiro destampatorio; ninguem sabia o que queria elle dizer. Seria a desejar que as pessoas bem educadas não sanccionassem com sua auctoridade esse erro vulgar.

Engenho, *s. m.* estabelecimento agricola destinado á cultura da canna e á fabricação do assucar. Na provincia do Paraná, onde não ha por ora engenhos de assucar, dão esse nome aos estabelecimentos dotados de machinas e apparelhos proprios para moer a congonha com que se fabrica o *mate.*

Engenhóca, *s. f.* pequeno engenho que, sendo destinado principalmente á fabricação de aguardente, serve tambem para a de assucar e rapaduras.

Engrambelar, *v. tr. (Pará)* o mesmo que *engambelar.*

Enlaçar, *v. tr. (R. Gr. do S.)* o mesmo que *laçar.*

Entabular, *v. tr. (R. Gr. do S.)* acostumar um garanhão a certo numero de eguas, para formar a manada: Entabular uma manada (Coruja).

Entaipáva, *s. f. (Amaz.)* o mesmo que *Itaipáva* (Castelnau).

Entijucádo, a, *adj.* sujo de barro ou lama a que vulgarmente chamam *Tijuco.* || Tambem dizem *entujucádo.*

Entijucar, *v. tr.* enlamear. || *v. pron.*, enlamear-se. || Tambem dizem *entujucar.*

Entrepeládo, *adj. (R. Gr. do S.)* que tem pêlo de tres côres, preto, branco e vermelho; quasi rosaceo; diz-se do cavallo (Coruja). || *Etym.* E' vocabulo castelhano, que se traduz em portuguez por interpolado (Valdez).

Entreverar, *v. intr. (R. Gr. do S.)* entremetter, misturar. Isto se diz na guerra, quando dous corpos de partidos differentes se atacam com tal impeto que se misturam no furor do combate e continuam a peleja, da qual resulta sempre grande mortandade. || *Etym.* E' vocabulo puramente castelhano.

Entrevêro, *s. m. (R. Gr. do S.)* recontro de dous corpos de cavallaria em acção de combate, de tal sorte que ficam misturados. || *Etym.* E' termo da America Meridional hespanhola (Valdez).

Entrosar, *v. intr. (Ceará)* impôr: *Entrosar* de valentão; querer figurar com impostura, parecer o que não é (J. Galeno). || Ha em portuguez o verbo *entrosar* no sentido transitivo de *engranzar*, metter os dentes da roda nos vãos do entroz ou carrete; metter por entre os dentes de um eixo dentado os dentes de outro, para lhe communicar o movimento. No sentido intransitivo, *engranzar*, metter os dentes de um eixo por entre os do outro para o mover e, figuradamente, ordenar bem cousas complicadas (Aulete).

Entujucádo, *adj,* o mesmo que *entijucádo.*

Entujucar, *v. tr.* o mesmo que *entijucar.*

Enveredar, *v. intr.* (*provs. merid.*) seguir com destino exclusivo a certo e determinado logar: Logo que soube do desastre, *enveredei* para a casa da victima. || Corresponde á locução adverbial portugueza—ir ou vir de frecha, ir directamente, em linha recta, sem torcer caminho. || *v. tr.* guiar, encaminhar: Meu amigo tinha seus negocios tão complicados que nem mais sabia por onde devia principiar o pleito: eu o *enveredei*, e desde então tudo lhe correu bem.

Envíra, *s. f.* o mesmo que *Embira.*

Enxergão, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) o mesmo que *Baixeiro.*

Enxerído, a, *adj.* (*Par. do N.*, *R. Gr. do N.*) intromettido: Ha homens mui *enxeridos* em todos os negocios alheios. || influido, enthusiasmado: Elle anda actualmente mui *enxerido* com a filha do visinho (Santiago, Meira). || *Etym.* Talvez provenha do verbo *ingerir-se.*

Epúcha! *int.* (*R. Gr. do S.*) expressão de admiração: *epucha!* que lindo cavallo! que homem valente! || E' usual no Chile e em outras partes da America Meridional. Segundo Zorob. Rodrigues, este vocabulo baixo e grosseiro é oriundo da Hespanha.

Escaldádo, *s. m.* especie de *Pirão.*

Escangálho (1º), *s. m.* (*R. de Jan.*) parede escarpada, cujo fim é suster as terras de um monte.

Escangálho (2º), *s. m.* (*provs. do N.*) desordem, desmantelo, confusão ruina: Aquelle individuo foi á villa, e promoveu desordem de que resultaram ferimentos e outros damnos; foi um *escangalho* de todos os diabos (Meira.). || *Etym.* Do verbo *escangalhar.*

Escarnar, *v. tr.* (*Ceará*) preparar as armas, quando se tem de fazer uso dellas. *Escarnar* a espingarda é armar-lhe o cão; *escarnar* o punhal é desembainhal-o (J. Galeno. || *Obs.* Ha em portuguez o verbo *escarnar* significando descobrir um osso, tirando-lhe a carne que o cobre; e, figuradamente, descobrir, investigar, analysar por miudo (Auleto). Não vejo analogia entre os dous vocabulos.

Esgurído, a, *adj.* o mesmo que *ardido.*

Esmolambádo, adj, esfarrapado, que tem o fato em *molambos.*

Esparramádo, a *adj.* estouvado, desregrado, inconsiderado: E' um homem de vida *esparramada.* || Desalinhado, mal assentado: Uma vassoura *esparramada.* Uma barba *esparramada* (Meira).

Esparramar, *v. tr.* e *intr.* esparralhar, dispersar, separar cousas que devem estar juntas. E' vocabulo applicado, sobretudo, a tropas de animaes, que, pouco adestrados, se dispersam pelo campo, em vez de seguirem reunidos em determinada direcção. || *Etym.* E' verbo castelhano.

Esparrâme, *s. m.* acção e effeito de esparramar; espalhamento, debandada, dispersão: Com as descargas da artilharia, assustou-se a cavalhada e houve um completo *esparrame.* || Apparato, ostentação: Por occasião do casamento da filha, offereceu o Commendador aos seus amigos uma festa de *esparrame.* A Condessa apresentou-se com um vestuario de *esparrame.* Houve um jantar de *esparrame.*

Espéques, *s. m. pl.* (*Ceará*) nome dos tres paus encavilhados nos da jangada, e formando o *Aracambuz* (Camara).

Espingoládo, *s. m.* (*Pern.*) homem alto, magrizela e desageitado (S. Roméro).

Espinhel, *s. m.* apparelho de pescaria, que consiste em uma extensa corda em que se prendem de distancia em distancia, linhas armadas de anzoes. || Em castelhano esse apparelho tem o nome de *Espinel* (Valdez). Nenhum diccionario portuguez o menciona.

Espipocar, *v. tr.* e *intr.* o mesmo que *pipocar.*

Espírito-Santense, *s. m.* e *f.* natural da provincia do Espirito-Santo. || *adj.* que é relativo á mesma provincia.

Espocar, *v. tr.* e *intr.* o mesmo que *pipocar.*

Espojeiro, *s. m. (Ceará)* pequeno cercado em torno da casa (Araripe Junior). ‖ Aulete menciona este vocabulo com a seguinte definição: logar onde a besta se espoja. E' essa certamente a origem do termo cearense. ‖ *Fig.* Pequena roça: Aquelle pobre homem fez um *espojeiro* e plantou-o (Meira).

Espolêta, *s. m.* o mesmo que *capanga* (2º).

Esquipádo, *s. m.* andadura do cavallo, a que em Portugal chamam tambem *Furta-passo.* Em diversas provincias do Brazil dão ao *esquipádo* o nome de *guinilha.* Os francezes lhe chamam *amble.* ‖ Consiste o *esquipádo* em levantar o cavallo ao mesmo tempo o pé e mão do mesmo lado. E' uma marcha ligeira e mui agradavel ao cavalleiro: O meu cavallo tem um excellente *esquipádo.* Da villa ao meu sitio fui em um *esquipádo* (sem parar). ‖ *Etym.* O vocabulo *esquipádo* é um adjectivo da lingua portugueza, o qual, além de outras accepções, que nada têm que ver com a hippiatrica, significa tambem ligeiro, rapido, veloz (Aulete) ; e é esse justamente o caracteristico da andadura que definimos.

Esquipadôr, *s. m.* e *adj.*, cavallo que usa do passo chamado *esquipádo.* ‖ No Rio Gr. do S. e outras provincias tambem lhe chamam *andador*, cavallo de guinilha. ‖ Aulete não menciona este vocabulo.

Esquipar, *v. intr.* executar o cavallo a especie de marcha a que chamam *esquipádo*, o mesmo que *andadura.* ‖ Segundo Aulete, é correr ligeiramente a embarcação, o cavallo, etc. ‖ No sentido transitivo, tem este verbo muitas outras significações tanto em Portugal como no Brazil: *Esquipar* um navio.

Estaleiro, *s. m. (de Pern. ao Ceará)* leito de paus sobre forquilhas, de mais ou menos 1m,50 de altura, e no qual se põe a seccar milho, carne, etc. E' propriamente fallando um *Jirau* alto. ‖ *Etym.* E' vocabulo de origem portugueza.

Estancia, *s. f. (R. Gr. do S.)* fazenda destinada à criação do gado vaccum e cavallar. Nesta accepção é vocabulo da America Meridional hespanhola (Valdez). Em Cuba dão o mesmo nome a uma casa de campo com horta, proxima das povoações (Valdez). No Rio de Janeiro, chamam *Estancia* ao mercado de lenha.

Estancieiro, *s. m. (R. Gr. do S.)* proprietario de uma estancia. ‖ *(R. de Jan.)* proprietario de uma estancia de lenha. Na primeira accepção, deriva-se o nosso vocabulo de *estánciero* de origem hispano-americana (Valdez). Em Portugal ao dono de uma estancia de madeira, lenha ou carvão dão o nome de *estanceiro* (Aulete).

Estanciôla, *s. f. (R. Gr. do S.)* pequena estancia, chacara (Cesimbra).

Estaquear, *v. tr. (R. Gr. do S.)* estender um couro e entesal-o por meio de estacas fincadas no chão para o fazer seccar. ‖ A essas estacas chamam em Portugal *espichos*, e dahi nasce o verbo *espichar* com a mesma significação de *estaquear.* ‖ *Estaquear* um homem é amarral-o de pés e mãos a estacas fincadas no chão, ficando o paciente estendido de costas. E' um meio horrendo de impedir a fuga de um preso. ‖ *(Pern. e outras prov. do N.)* Collocar estacas a prumo, para construcção de cercas (Meira). ‖ Aulete cita o verbo *estaquear*, sem o attribuir exclusivamente ao Brazil, bem que a sua definição seja evidentemente extrahida, com pequena alteração, da *Collecção de vocabulos e phrases* de Coruja.

Estrafegar, *v. tr.* estraçoar, fazer em pedaços, espedaçar (Silva Coutinho).

Estrafêgo, *s. m. (Campos)* despedaçamento, laceração de cousas (Silva Coutinho).

Estumar, *v. tr.* assanhar, açular, excitar os cães, por meio de gritos e assovios apropriados. ‖ Não encontro este vocabulo em diccionario algum da lingua portugueza. Quer me parecer que não é senão uma contracção de *estimular.* ‖ No Rio Grande do Sul dizem *iscar* os cães.

Etê, *adj.* vocabulo tupi que serve de suffixo a substantivos da mesma lingua, quando se trata de exprimir a superioridade qualitativa de alguma cousa sobre outras da mesma especie,

como se observa em muitos nomes que ainda fazem parte da linguagem vulgar: Tatú, Tatuêtê; Igára, Igarêtê; Cuia, Cuiêtê, e outros mais.

Exe! *int. (Pará)* o mesmo que *Axi!*

Faca-de-rasto, *s. f. (R Gr. do S.)* grande faca ou facão, cujo destino é abrir caminho no matto, cortar cipó, etc. (Coruja).

Faceirar, *v. intr.* ostentar elegancia tanto no vestuario, como nas maneiras.

Faceirice, *s. f.* tafularia, ostentação de elegancia. ‖ Ar pretencioso: As *faceirices* da rapariga afugentaram o pretendente. ‖ Aspecto risonho: Que aguas tão azues (as do lago de Como), que areias tão brancas, quantos palacetes a se mirarem com *faceirice!* (Escr. Taunay).

Faceiro, a, *adj.* taful, elegante. ‖ Em Portugal *faceiro* tem a significação de bonacheirão, loiraça, enfeitado com ornatos de mais vista que valor (Aulete); donde se vê que o vocabulo portuguez tem uma significação mui differente da do Brazil.

Fachina, *s. m.* o mesmo que *Fachinal.*

Fachinal, *s. m. (S. Paulo, Paraná, Santa-Cath., R. Gr. do S.)* campo de pastagem entremeado de arvoredo esguio. ‖ Tambem lhe chamam em alguns logares *Fachina.* ‖ *Etym.* E' vocabulo de origem portugueza. Além de sua significação brazileira, o termo *Fachina* é entre nós usado em todas as accepções que lhe dão em Portugal.

Fachudáço, a, *adj. sup. (R. Gr. do S.)* mui lindo, lindissimo (Cesimbra).

Fachúdo, a, *adj. (R. Gr. do S.)* lindo (Cesimbra).

Falha, *s. f.* interrupção casual de uma viagem: Tive dous dias de *falha*, por causa da chuva.

Falhar, *v. intr.* interromper accidentalmente uma viagem, por causa de qualquer contrariedade: Por me terem faltado os animaes, ou por causa da chuva ou de molestias, etc. tive de *falhar* durante alguns dias.

Famanaz, *adj. (Serg. e Ceará)* pessoa mui afamada por seu valor, proezas ou influencia: F. é o *famanaz* daquella villa.

Fandango, *s. m. (provs. merid.)* nome de certos bailes ruidosos, de que usa a gente do campo, cantando, dançando e sapateando ao som da viola. São muitas as variedades destes bailes, e se distinguem pelos nomes de Anú, Bambáquerê, Bemzinho-amôr, Cará, Candieiro, Chamar-rita, Chará, Chico-puxado, Chico-da-ronda, Feliz-meu-bem, João-Fernandes, Meia-canha, Pagará, Pega-fogo, Recortada, Retorcida, Sarrabalho, Serrana, Tatú, Tyranna e outras, cujos nomes se resentem da origem castelhana (Coruja).

Fandangueiro, *adj.*, o que gosta do *Fandango* (Coruja).

Fangapema (Todos os diccionarios portuguezes que tenho à mão, inclusive o modernissimo de Aulete, com excepção do *Dicc. Prosodico*, trazem este vocabulo com a significação de « instrumento de que o gentio do Maranhão usa para cantear pedra »; mas é isso evidentemente um erro. Este vocabulo não póde pertencer á lingua tupi, onde não existe a lettra F. Provém, portanto, o erro de se ter trocado a lettra T por um F. *Tangapema*, ou antes *Itangapema*, como escreve Anchieta, tem a significação de *espada de ferro*. Póde acontecer que os Tupinambás do Maranhão dessem esse nome ao instrumento de ferro que lhes forneceram os Francezes ou Portuguezes para cortar a pedra; mas, em todo o caso, semelhante denominação está inteiramente perdida e bem póde ser excluida dos diccionarios, ainda que a corrijam como o indiquei.)

Farinha-queimada, *s. f. (Ceará)* especie de bailado popular (Araripe Junior).

Farinháda, *s. f. (Par. do N., Rio Gr. do N., Ceará)* fabrico da farinha de mandioca: Estou occupado na *farinhada*. Convidou-me um amigo a ajudal-o na *farinhada*. O mez de agosto é tempo proprio da *farinhada*. Acabei a *farinhada* (J. Galeno, Meira).

Farinheira, *s. f.* vaso especialmente destinado á farinha de mandioca ou de milho, que se serve ás

refeições. A *farinheira* póde ser de louça, de vidro ou de metal. A mais geralmente usada é a cuia.

Farófa, *s. f.* especie de comida feita de farinha de mandioca ou de milho, que, depois de humedecida com agua, é frita ou antes cozida em toucinho ou manteiga. Come-se a farófa, á guisa de pão, com a carne, peixe e mariscos. ‖ *Etym.* Não encontro este vocabulo em diccionario algum da lingua portugueza. Aulete menciona *farofia* como vocabulo portuguez designando uma especie de doce feito de claras de ovos batidos com assucar e cannela, igualmente chamado *basofias*, *globos de neve* e *espumas*. Tambem diz que no Brazil a *farófia* é uma especie de comida feita de farinha de pau bem misturada com qualquer môlho. Acceitando a definição, porque, afinal de contas, póde haver muitos modos de preparar essa comida, devo, entretanto, fazer observar que a isso chamam no Brazil *farófa* e não *farófia*. Capello e Ivens tambem fallam da *farófia* como de uma comida usual na parte da Africa portugueza que visitaram, e dizem que é a simples mistura da farinha com vinagre, azeite ou agua, a que se ajunta pimenta do Chile ou *d'jindungo*. Como se vê, é isso apenas uma variedade da *farófa* do Brazil. Segundo Aulete, o termo *farófia* em Portugal tem, no sentido figurado, a significação de cousa ligeira, de pouca importancia, insignificancia. No Brazil, *farófa* não tem esse alcance.

Farrambamba, *s. f. (provs. do N.)* fanfarronada, bravata, jactancia, vangloria, vaidade: Deixa-te d'essas *farrambambas* (S. Roméro).

Farráxo, *s. m. (Bahia)* especie de terçado sem gume, com o qual se mata peixe á noute. A pesca que assim se faz, attrahindo-se o peixe por meio da luz, se chama *pesca de farraxo* (Aragão). ‖ *Obs.* Este meio de pescar corresponde ao que no Pará chamam *pesca da pirakéra* (B. de Jary).

Fazenda, *s. f.* herdade com destino á grande cultura. Ha *Fazendas de criação* e *Fazendas de lavoura*. Nas primeiras se cuida de gados, sobretudo do bovino e cavallar, e são particularmente conhecidas no Rio Gr. do S. pela denominação de *Estancias*. Nas segundas, se cultiva café, canna d'assucar, algodão, cereaes, etc. As de canna são geralmente chamadas *Engenhos*.

Fazendóla, *s. f.* pequena fazenda, herdade menor que uma fazenda, dando porém logar á grande cultura.

Feliz-meu-bem, *s. m. (R. Gr. do S.)* nome de uma das variedades desses bailes campestres a que chamam geralmente *Fandango*.

Ferradôr, *s. m. (Minas-Geraes)* o mesmo que *Araponga*.

Ferragista, *s. m.* ferrageiro; negociante de ferragens.

Fiadôr, *s. m. (R. Gr. do S.)* buçal, sem focinheira (Coruja).

Filante, *s. m.* e *f.* nome que dão áquelle que procura obter as cousas sem gastar dinheiro. ‖ *Etym:* Parece ser oriundo do verbo filar, em sentido figurado. ‖ No Rio Gr. do S. tambem dizem, no mesmo sentido, *possúca* (Cesimbra).

Fióta, *s.* e *adj. (Pern., Par. do N., Rio Gr. do N.)* janota, casquilho, elegante (Claudiano).

Fluminense, *s. m.* e *f.* natural da cidade e provincia do Rio de Janeiro. ‖ *Obs.* Ao natural da mesma cidade dão mais particularmente o nome de *Carióca*. ‖ *Etym.* Do latim *flumen*.

Fogo-morto.—Dizem que um engenho de assucar está de *fogo morto*, quando, por qualquer circumstancia, deixa de funccionar.

Folheiro, *adj. (R. Gr. do S.)* airoso, de boa apparencia: Como vem *folheiro* o gaúcho no seu bagual! ‖ Applicam-o tambem para exprimir tudo quanto vem com facilidade, sem encontrar embaraço (Cesimbra).

Fona, *s. f. (Serg.)* especie de jogo, consistindo em um prisma de madeira, alongado, que se atira ao ar; na queda, a face superior, grosseiramente gravada, indica se o jogador perdeu ou ganhou (João Ribeiro).

Fôrno. *s m.* especie de bacia chata de cobre ou ferro a semelhança de uma grande frigideira, que se colloca sobre uma fornalha especial, e onde se põe

a massa da mandióca para a fazer seccar e reduzil-a a farinha, havendo o cuidado de a revolver constantemente até ficar prompta. Serve tambem para a fabricação da farinha de tapióca, em que se emprega a fecula da mandióca, e ainda mais para se fazer beijús e seus congeneres. || Aulete escreveu *fome* por forno.

Fórróbódó, *s. m. (Rio de Jan.)* baile, sarau chinfrim. O baile dado pelos carnavalescos não passou de um *fórróbódó*.

Franqueiro, *s. m. (R. Gr. do S.)* raça de bois de corpo e aspas grandes (Cesimbra). || Em S. Paulo lhes chamam *bois da Franca*, por serem oriundos daquelle municipio.

Frécha, *s. f.* nome que dão á canna dos foguetes. || Tambem dizem *flecha*.

Frége, *s. m. (Rio de Jan.)* especie de tasca, cujo nome se deriva da principal industria, que consiste em exhibir peixe frito aos freguezes. || *Obs.* Este nome não é mais do que a abreviação do de *Frege-moscas*, pelo qual se designam geralmente esses estabelecimentos.

Frigideira, *s. f.* nome que dão a qualquer fritada: Uma *frigideira* de camarões, etc.

Fructa-de-Conde, *s. f. (Rio de Jan.)* o mesmo que *Ata*.

Fruita, *s. f. (provs. do N.)* especie de bolo feito de farinha de mandioca, assucar e pimenta da India. Tambem lhe chamam *doce de pimenta* (João Ribeiro).

Fuá, *adj. (R. Gr. do S.)* o mesmo que *Aruá*.

Fubá, *s. m.* farinha de milho ou de arroz moida na mó. || No Algarve chamam *Xerêm* a essa farinha de milho, de que se fazem papas (Aulete). || *Etym.* Tem origem no termo *Fuba* da lingua bunda; mas na Africa se dá esse nome a qualquer especie de farinha (Capello e Ivens, Serpa Pinto). No Brazil o *fubá* de milho é cousa differente da farinha de milho. Esta se consegue pisando o milho no pilão, e deseccando-a ao fogo. O *fubá* de milho é preparado a frio. Engana-se Aulete, quando, em referencia ao Brazil, inclue a farinha de mandioca na denominação de *fubá*.

Fubéca, *s. f. (Minas-Geraes)* sóva (D. Müller).

Fumo, *s. m.* nome vulgar não só do tabaco de fumo, como da propria planta em vida.

Funca, *s.* e *adj. m.* e *f. (S. Paulo)* pessoa ou cousa de pouco prestimo, mau, ruim: Aquelle homem é um *funca*. Tivemos hoje um jantar *funca*.

Fura-bôlo, *s. m.* e *f.* intromettido, curioso, que procura ingerir-se em todos os negocios. || *Fura-bolo* é tambem o nome popular do dedo indicador. Em Portugal dizem, n'este caso, *Fura-bolos* (Aulete).

Furádo, *s. m. (Bahia)* o mesmo que *Furo*.

Fúro, *s. m.* estreito entre duas ilhas, ou entre uma ilha e a terra firme. Corresponde áquillo a que em terra chamam *atalho*, porque torna mais breve o trajecto das canoas e outras embarcações pequenas. No Pará, quando o *furo* comprehendido entre uma ilha e a terra firme é muito extenso no sentido do comprimento, lhe chamam *Paraná-mirim*. Na Bahia dão ao *Furo* o nome de *Furádo*.

Furrundú (1º), *s. m (S. Paulo)* especie de doce feito de cidra ralada, gengibre e assucar mascavo. Tambem dizem *Furrundum*.

Furrundú (2º), *s. m. (S. Paulo)* especie de dansa, de que usam os camponezes.

Furrundum, *s. m. (S. Paulo)* o mesmo que *Furrundú* (1º).

Futicar, *v. tr. (Rio de Jan.)* coser ligeiramente e a grandes pontos qualquer roupa, ou seja para disfarçar alguma rasgadura accidental, ou seja para terminar qualquer costura que não admitte demora. Em S. Paulo, Bahia e Pernambuco dizem *fuxicar*.

Fuxicar, *v. tr.* o mesmo que *futicar*.

Fuxíco, *s. m. (Serg.)* mexerico, intriga (João Ribeiro).

Gajão, *s. m.* titulo obsequioso de que usam os Ciganos para com as pessoas extranhas á sua raça. Meu *gajão* equivale a meu senhor, ou cousa semelhante.

Galaláu, *s. m.* (*Bahia*) homem de elevada estatura. Corresponde ao *Manguari* de S. Paulo.

Galpão, *s. m. (R. Gr. do S.)* varanda, alpendre, ou galeria aberta adherente a uma casa de habitação. Sob a forma *Galpon*, é usual em todos os estados americanos de origem hespanhola, e foi delles que o recebemos. || *Etym.* E' voc. da lingua azteca (Zorob Rodriguez).

Gambá, *s. f. (R. de Jan.)* o mesmo que *Saruê*.

Gambôa, *s. f. (littoral)* pequeno esteiro que enche com o fluxo do mar e fica em secco com o refluxo. Em Pernambuco, como em Portugal, chamam a isso *Cambôa*; e no littoral do Piauhy e Maranhão, *Igarapé*. || Em Portugal *Gambôa* é a fructa do Gamboeiro, variedade do Marmeleiro (Aulete).

Gangão, *s. m. (Bahia)* espiga de milho atrophiada, contendo poucos grãos, e esses dispersos pelo sabugo. Tambem lhe chamam *Dente de velha*, e *Tambueira*. No Rio de Janeiro dão-lhe o nome de *Catambuêra*, que entretanto se estende a todos os fructos vegetaes mal desenvolvidos.

Gangôrra (1°), *s. f. (Rio de Jan. e outras provs.)* nome de um apparelho destinado ao divertimento de rapazes, e consiste em uma trava apoiada pelo meio em um espigão, sobre o qual gira horizontalmente e em cujas estremidades cavalgam. Em Portugal lhe chamam *Arreburrinho;* no Ceará e outras provincias do norte *João-Galamarte;* em Pernambuco *Jangalamaste;* e em Minas-Geraes *Zangaburrinha.* || Moraes menciona *Gangorra* como termo obsoleto de significação incerta, talvez designando alguma molestia, o que não me parece de bom conceito. G. Soares, na descripção das madeiras de construcção da Bahia, falla muito da *Gangorra* como de peça necessaria nos engenhos de assucar. Attentemol-o no seguinte trecho.— « Juquitibá é outra arvore real, façanhosa na grossura e comprimento, de que se fazem *Gangorras*, mesas de engenhos e outras obras, e muito taboado ; e já se cortou arvore destas tão comprida e grossa, que deu no comprimento e grossura duas *Gangorras*, que cada uma, pelo menos, ha de ter cincoenta palmos de comprido, quatro de assento e cinco de alto. »

Gangôrra (2°), *s. f. (Piauhy)* especie de armadilha que, para prender os animaes bravios, se estabelece ordinariamente entre desfiladeiros e boqueirões. Consiste em um pequeno curral em redor de uma cacimba ou aguada, com uma entrada ou porteira por onde facilmente entra o animal, e com uma sahida que é para elle um labyrintho. O animal engangorrado, ou se deixa pegar, ou terá de romper ou de saltar a cerca (J. Coriolano).

Ganja, *s. f.* vaidade, presumpção: Tua *ganja* não tem razão de ser. Deixa-te dessas *ganjas*, que mal cabem a um homem serio. Não dês *ganja* áquella mulher, já tão disposta a se julgar o prototypo da perfeição. || *Obs.* Moraes não menciona este vocabulo. Aulete dá-o como nome de resina extrahida de uma especie de canhamo, e é a base do haschisch. Isto nada tem que ver com o nosso vocabulo, do qual é apenas o homonymo.

Ganjento, *adj.* vaidoso, presumido : Depois que o irmão entrou para o ministerio, ficou José tão *ganjento* que mal o podem abordar seus amigos. Minha filhinha está toda *ganjenta* com o vestido que lhe deu de festa a madrinha. || *Obs.* Moraes escreve *gangento ;* mas, como o radical deste adjectivo é seguramente *ganja*, parece-me que a orthographia que adopto é mais razoavel. Este auctor não menciona este vocabulo como exclusivamente brazileiro ; mas Aulete o supprimiu, o que me faz pensar que não é usado em Portugal.

Gapuia, *s. f. (Valle do Amaz.)* modo de pescar que consiste em fazer o que chamam *Mucuóca*, isto é, atravessar o riacho com *aninga* e *tujuco* encostados em paus cravados a prumo, afim de não passar toda a agua ; e em bater o *timbó*, para fazer sobrenadar o peixe se o logar é algum tanto fundo ; e se o não é, toma-se o peixe á mão, sem o auxilio do timbó (Baena).

Gapuiar, *v. intr. (Valle do Amaz., Maranhão)* pescar nos baixios

um pouco ao acaso, lançando o harpão para o pirarucú ou a flecha para o tambaquí, tucunaré e outros peixes aqui e alli; apanhar camarões em cestos nas pequenas lagôas; tomar pequenos peixes á aventura nos baixos; procurar uma cousa qualquer ao acaso da sorte (J. Verissimo). ‖ Esgotar a agua que resta na vasante do pequeno rio tapado, por meio do *Pari*, para pegar o peixe miudo que nelle fica (B. de Jary). ‖ Esgotar uma lagôa, para deixar o peixe em secco. ‖ Extrahir a agua de pequenos poços ou riachos, com o fim de apanhar o peixe (Seixas).

Garajáu, *s. m. (Pern.)* especie de cesto oblongo e fechado, em que os camponezes conduzem gallinhas e outras aves ao mercado. ‖ No R. Gr. do N. é o *Garajáu* um apparelho para conduzir peixe secco. Compõe-se de duas peças chatas e quadrangulares, com cerca de 66 centimetros de comprimento e 55 de largura, formada cada peça por quatro varas presas pelas extremidades, cheio o intervallo com embiras ou palhas de carnahuba tecidas em malhas largas. Sobre uma dessas peças deitada no chão arrumam cuidadosamente o peixe secco e o cobrem com a outra peça, atando as extremidades, para que não se desliguem durante a marcha (Meira). ‖ Moraes menciona *Garajáo* e Aulete *Garajáu :* o primeiro como ave maritima da costa de Guiné; o segundo como ave palmipede, com o nome zoologico de *Sterna fluviatilis*. Não lhe encontro analogia possivel com o nosso vocabulo.

Garápa, *s. f.* nome commum a diversas bebidas refrigerantes. Em S. Paulo, Goyaz e Matto-Grosso dão esse nome ao caldo da canna, e tambem lhe chamam *Guarápa*. Em algumas provincias do norte *Gárapa picáda* é o caldo da canna fermentado, e o nome de *Garápa* se applica tambem a qualquer bebida adoçada com melaço. Segundo Simão de Vasconcellos, *Garápa* é o termo com que os Tupinambás designavam uma certa bebida feita com mel de abelhas. Em Angola, no dizer de Capello e Ivens, entende-se por *Garápa* uma especie de cerveja feita de milho e outras gramineas, á qual dão tambem os nomes de *Ualúa* e *quimbombo*, conforme as terras.

Garimpar, *v. intr. (Minas-Geraes)* exercer o officio de *Garimpeiro*.

Garimpeiro, *s. m. (Minas-Geraes)* nome que se deu outr'ora a uma especie de contrabandistas, cuja industria consistia em catar furtivamente diamantes nos districtos em que era prohibida a entrada de pessoas estranhas ao serviço legal da mineração. Para exercerem seu arriscado officio, os garimpeiros penetravam em magotes nos lugares mais ricos em diamantes e os procuravam. Emquanto uns executavam este serviço, outros se postavam de sentinella nos pontos altos, afim de avisal-os da approximação de soldados. Então se refugiavam nas montanhas mais escarpadas, onde não podiam ser alcançados. ‖ *Etym.* Pelo que diz St. Hilaire, o nome de *Garimpeiros* não é mais do que a corruptela de *Grimpeiros*, que foi dado a esses aventureiros em allusão á *Grimpa* das montanhas em que se occultavam. Aulete, mencionando esse vocabulo, o dá como pouco usado, mas nada diz a respeito de sua nacionalidade.

Garôa, *s. f. (provs. merid.)* chuvisco. ‖ *Etym.* E' vocabulo de origem peruana. No Perú dizem *Garúa*, e assim tambem no Chile e em outros paizes hispano-americanos.

Garoar, *v. intr. (provs. merid.)* chuviscar. Tambem dizem *garuar*.

Garoupeira, *s. f.* especie de embarcação que se emprega na pesca da garoupa nos baixos dos Abrolhos, e da qual fazem grandes salgas, constituindo a industria capital de Porto-Seguro, e seu maior commercio de exportação. E' armada com um mastro a meio, e um outro pequeno á pôpa, onde se iça uma vela chamada *burriquete (Dicc. Mar. Braz.)*.

Garrão, *s. m. (R. Gr. do S.)* nervo da perna do cavallo. ‖ *Etym.* Do castelhano *Garron*, significando esporão das aves, e em Aragão calcanhar.

Garróte, *s. m.* bezerro de dous a quatro annos de idade. ‖ O homonymo portuguez significando arrocho,

coto de páu com que se dá volta ao laço posto no pescoço, para estrangular, não póde ser a origem do nosso vocabulo.

Garroteádo, a, *adj.* *(R. Gr. do S.)* diz-se do couro que, convenientemente sovado e batido, torna-se nimiamente macio: Couro *garroteado* (Coruja).

Garrotear, *v. tr. (R. Gr. do S.)* sovar e bater o couro, até amacial-o bem. ‖ *Etym.* E' verbo antiquado da lingua castelhana, significando dar arrochadas, pauladas, bastonadas (Coruja).

Garrucha *s.f.* pistola de grande dimensão. ‖ Tanto em portuguez, como em castelhano, aquillo a que chamam *garrucha* é cousa mui differente. ‖ No R. Gr. do S. a *garrucha* é o bacamarte de bocca de sino; e figuradamente dão esse nome á india velha (Cesimbra).

Garúa, *s. f.* o mesmo que *Garôa.*

Garuar, *v. intr.* o mesmo que *Garoar.*

Gassába, *s. f.* o mesmo que *Igassába.*

Gateádo, *adj. (R. Gr. do S.)* diz-se do cavallo baio com as crinas côr de flexa (Coruja). ‖ Segundo Cesimbra, é o cavallo de pêlo amarello-avermelhado.

Gato do matto, *s. m.* o mesmo que *Maracajá.*

Gaúcháda, *s. f. (R. Gr. do S.)* acção propria de gaúcho; astucia, ardil (Valdez).

Gaúchar, *v. intr.* (*R. Gr. do S.*) praticar o gaúcho os seus costumes, ou imital-os um estranho (Valdez).

Gaúchíto, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) dim. de gaúcho, gaúchinho, pequeno gaúcho (Cesimbra).

Gaúcho, *s. m. (R. Gr. do S.)* habitante do campo, oriundo, pela maior parte, de indigenas, portuguezes e hespanhóes. São naturaes não só das republicas platinas como do R. Gr. do Sul. Dão-se á criação do gado vaccum e cavallar, e são notaveis por seu valor e agilidade.

Gaudério, a, *adj.* parasita, amigo de viver á custa alheia. ‖ *Etym.* Ainda que pareça ser termo portuguez de origem latina, não o encontro em diccionario algum da nossa lingua. Aulete menciona *Gaudio* com a significação de alegria, regosijo, folia e brinquedo.

Generôso, *s. m. (R. Gr. do S.)* ente phantastico que, segundo a crendice popular, era o terror das familias no territorio das Missões. Entrava invisivelmente nas casas, fazia barulho pelos quartos, tocava instrumentos musicaes, qual a viola, e nas noutes de baile, no calor da dança, sentiam-lhe as pisadas, e aproximando-se do tocador da viola cantava esta quadrinha :

Eu me chamo Generoso,
Morador em Pirapó;
Gosto muito de dançar
Com as moças de paletot (Cesimbra).

Genipápo, *s. m.* V. *Jenipápo.*

Geraes (1º), *s. m. pl.* diz-se que alguem está nos seus *geraes*, quando vive satisfeito com a posição que occupa. Equivale a não caber em si de contente : Aquelle sujeito, que tanto desejava um emprego publico, está nos seus *geraes*, depois que o nomearam inspector das escolas municipaes.

Geraes (2º), *s. m. pl. (Ceará, Piauhy)* lugares longinquos, ermos e invios, onde não costuma penetrar gente: Perdi-me naquelles *Geraes*, sem mais poder atinar com a direcção que me cumpria seguir (J. Galeno).

Geral, *s. m.* (*Par. do N., R. Gr. do N.*) logar coberto de matto : Aquella parte da provincia é um *geral*. Meu roçado, dantes tão bem cultivado é hoje um *geral* (Meira).

Geralista, *s. m. e f.* (*provs. merid.*) nome que muitas vezes dão ao natural da provincia de Minas-Geraes, em lugar de *Mineiro.*

Gerebíta. V. *Jerebita.*

Gia. V. *Jia.*

Gibão, *s. m.* (*provs. do N.*) especie de veste de couro, de que usam os vaqueiros, no exercicio de sua profissão. ‖ *Etym.* E' voc. portuguez, salvo a applicação que lhe dão no Brazil.

Giboia, *s. f.* V. *Jibóia.*

Giló, *s. m.* V. *Jiló.*

Gimbo, *s. m.* V. *Jimbo.*

Ginetáço, *s. m. (R. Gr. do S.)* ginete que cavalga bem e com garbo

(Coruja). ‖ Aulete escreve erradamente *Ginetaco*.

Ginête (1º), *s. m.* cavalleiro: Aquelle sujeito é um bom *ginete*. ‖ Tambem designa, como em Portugal, um cavallo de boa raça.

Ginête (2º), *s. m. (Ceará)* especie de sella grosseira fabricada no paiz, e da qual usam os vaqueiros no exercicio da sua profissão. E' de assento raso, sem coxim, nem relevo algum atraz, nem dos lados. As abas terminam quasi sempre em linha recta e não curva, como as das sellas ordinarias (Meira).

Giqui. V. *Jiqui*.

Girau. V. *Jiráu*.

Giz, *s. m. (Pern., Par. do N., Ceará)* traço rectilineo, a ferro quente, com que se assignala o animal vaccum, indicando, por occasião de inventario, que esse animal já foi contado. E' tambem a contra-marca que se põe em um animal, logo que passa para outro possuidor.

Gizar, *v. tr. (Pern., Par. do N., Ceará)* assignalar o animal vaccum, por meio do traço a ferro quente, chamado *Giz*.

Goyâno, a, *s.* natural da prov. de Goyaz. ‖ *adj.* que pertence á prov. de Goyaz.

Gomma, *s. f. (Bahia e outras prov. do N.)* o mesmo que *Tapióca*.

Gongá (1º), *s. m. (Rio de Jan.)* especie de cestinha com tampa. ‖ *Etym.* Vem da lingua bunda *Ngonga*. ‖ Tambem lhe chamam *Quitungo* (V. de Souza Fontes).

Gongá (2º), *s. m.* e *adj. (próvs. do N.)* nome de uma especie de Sabiá pouco apreciado: *Sabiá-Gongá*.

Gorgulho, *s. m. (Minas-Geraes)* fragmentos das rochas ainda angulosas, no meio das quaes se encontra o ouro nas lavras chamadas de *gupiára* (St. Hilaire). ‖ Pequenos seixos de grês, de quartzo e de silex roliços, ora soltos e ora ligados entre si, por meio de uma argila amarella e vermelha da natureza da ganga (Castelnau). ‖ Na mais geral accepção, *Gorgulho* é, tanto no Brazil como em Portugal, o nome vulgar de um pequeno Coleoptero, que ataca os celleiros.

Gramádo, *s. m.* terreno plantado de grama, com destino á pastagem ou á ornamentação de jardins. ‖ *adj.*, coberto de grama: Um campo *gramado*.

Gramar, *v. tr.* cobrir de grama um terreno: Occupo-me agora em *gramar* o meu jardim. ‖ Afóra a significação brazileira, o verbo *gramar* é portuguez em outros sentidos, e como tal usual tambem entre nós, como, por exemplo, *gramar* um susto, *gramar* uma sóva; mas n'este caso não póde, como o nosso, ter a sua origem, na graminea a que damos particularmente o nome de *grama;* e é portanto erronea a etymologia affirmada por Aulete.

Granar, *v. intr.* engraecer o milho.

Graxear, *v. intr. (R. Gr. do S.)* namorar (Coruja). E' expressão usual entre a gente do campo.

Gré, *s. m. (Par. do N.)* o ultimo dos tres compartimentos de um curral de pescaria, e onde, por meio de uma rede apropriada, se apanha o peixe (Souza Rangel). No Rio de Jan. lhe chamam *viveiro*.

Grógójó, *s. m. (Alagôas)* especie de cucurbitacea semelhante ou identica ao porongo do Sul, de que se fazem as cuias de mate (Severiano da Fonseca). ‖ E' a *Cucurbita ovoide* dos botanicos (Aulete).

Gróta, *s. f.* terreno em plano inclinado na intersecção de duas montanhas. E' mui apropriado á cultura das bananeiras, por tel-as ao abrigo das ventanias. ‖ *Etym.* Parece ser uma modificação de *gruta*. ‖ Aulete, referindo-se, sem duvida, a Portugal, define gróta: «Abertura na margem do rio, que fazem as aguas das enchentes, por onde se lançam para dentro dos campos e se despejam na descida.

Grumixá, *s. m. (Minas-Novas)* especie de casulo corneo que se encontra nos rios, pertencente a uma larva. Tem de comprimento meia pollegada (0^m,01875). São lisos, lustrosos e negros. Com elles fazem braceletes os selvagens Macunis (St. Hilaire). ‖ Cumpre fazer observar que ha na prov. do Esp.-Santo, com o nome de *Crubixá*, um ribeiro que desce da cordilheira dos Aimorés

por entre rochedos, nos quaes se encontra certa especie de coral mui fragil, de côr escura, com que as mulheres dos Botocudos costumam enfeitar a cabeça, pescoço, braços e pernas (Cesar Marques). Não duvido nada que as palavras *Grumixá* e *Crubixá*, se differenceem apenas pela pronuncia, e sejam ambas a corruptela de *Curubixá*. Poucas leguas ao norte da villa do Prado, na prov. da Bahia, ha uma enseada denominada *Curumuxatýba* por uns, e *Curubuxatýba* por outros, havendo até quem lhe chame *Crumuxatýba*. Tudo isso parece indicar que são todos a corruptela de um radical commum, e que esse radical é o termo *Curubi*. Tanto mais o creio assim, que Cesar Marques menciona tambem, no seu *Dicc. hist. geogr. e estat. da prov. do Esp.-Santo*, um ribeiro com o nome de *Curubixá-mirim*.

Grumixama, *s. f.* fructa da Grumixameira, arvoreta do genero *Eugenia (E. brasiliensis)* da familia das Myrtaceas. ‖ *Etym.* Do tupi *Ÿbâmixâna (Voc. Braz.)*.

Guabijú, *s. m.* *(R. Gr. do S.)* fructa do Guabijueiro, arvoreta do genero *Eugenia (E. Guabijú)*, da familia das Myrtaceas. ‖ *Etym.* E' voc. tupi.

Guabirába, *s. f.* fructa da Guabirabeira, nome commum a duas especies de Myrtaceas, pertencentes ao genero *Abbevilia* e *Eugenia*, sendo esta natural do Ceará, e a outra da Bahia e Pernambuco. ‖ *Etym.* E' voc. tupi.

Guabiróba, *s. f.* fructa da Guabirobeira, nome commum a diversas especies de Myrtaceas pertencentes aos generos *Psidium* e *Eugenia*. ‖ *Etym.* E' nome tupi.

Guabirú, *s. m.* *(Pern. e outras provs. do N.)* nome vulgar do Rato de casa, de grande especie *(Mus tectorum?)*. ‖ *Etym.* E' voc. tupi. ‖ Houve em Pernambuco um partido politico ao qual seus adversarios, os Praieiros, deram por mofa o nome de *Guabirú*.

Guacá, *s. m.* *(S. Paulo, Rio de Jan.)* nome vulgar de duas especies de Sapotaceas fructiferas. ‖ *Etym.* E' voc. tupi.

Guachíto, *s. m.* *(R. Gr. do S.)* diminutivo de Guacho (Cesimbra).

Guácho, *s. m.* *(R. Gr. do S.)* cavallinho ou bezerro criado em casa. Equivale a engeitado, por não ser alimentado pela propria mãe (Coruja). ‖ E' usual em todos os Estados da America Meridional. No Perú e Bolivia dizem *guacha*. ‖ *Etym.* Tem a sua origem em *Huaccha*, da lingua quichua, significando orphão, pobre. Em aimará, *huajcha* tambem significa orphão. Em araucano *huachu* se traduz por filho illegitimo, e animaes mansos e domesticados (Zorob. Rodriguez). ‖ Em guarani *guachã* é o equivalente de menina, empregado no vocativo (Montoya).

Guajerú, *s. m.* arbusto fructifero do genero *Chrysobalanus (C. Icaco)* da familia das Rosaceas. Tambem lhe chamam *Guajurú*, e no Pará *Uajurú*. E' o *Abajerú* de Gab. Soares. Vegeta nos areaes do littoral. ‖ *Etym.* E' voc. de origem tupi.

Guajurú, *s. m.* o mesmo que *Guajerú*.

Guampa, *s. f.* *(R. Gr. do S., Paraná, S. Paulo)* nome que no campo dão geralmente ao chifre do boi; e mais particularmente quando o preparam á guiza de copo para beber agua em viagem. ‖ *Etym.* Este nome nos veiu por intermedio das republicas platinas, onde é usual. No Chile dizem *Guámparo* (Zorob. Rodriguez); mas este auctor nada diz a respeito de sua origem.

Guando, *s. m.* *(Rio de Jan.)* fructa do Guandeiro *(Cytisus cajanus)*, arbusto da familia das Leguminosas. Come-se-lhe a semente á guiza de ervilhas. Em Pernambuco lhe chamam *Guandú*, e na Bahia *Andú*. E' planta exotica e provavelmente introduzida da Africa.

Guandú, *s. m.* *(Pern.)* o mesmo que *Guando*.

Guapéba, *s.? f.* nome commum a diversas especies de plantas fructiferas pertencentes á familia da Sapotaceas. Tambem dizem *Guapéva*.

Guapetão, *adj. m.* *(R. Gr. do S.)* augmentativo de guapo, valentão (Cesimbra).

Guapéva, *s. f.* o mesmo que *Guapéba*.

Guapíto, *adj. m. (R. Gr. do S.)* diminutivo de guapo.

Guapurunga, *s. f. (S. Paulo, Paraná)* fructa da guapurungueira, arbusto do genero *Marliera (M. tomentosa)* da familia das Myrtaceas. ‖ No Paraguay e em Bolivia é esse o nome que dão á jabuticaba, outra Myrtacea do genero *Myrciaria*. ‖ *Etym.* E' voc. de origem tupi.

Guaquíca, *s. f. (Rio de Jan.)* planta fructifera pertencente ao genero *Eugenia* da familia das Myrtaceas. ‖ *Etym.* E' provavel que este vocabulo seja de origem tupi.

Guará (1°), *s. m.* nome vulgar de uma especie de mammifero pertencente ao genero *Canis (C. jubatus)*. ‖ *Etym.* E' alteração de *Aguará*, nome que lhe davam os aborigenes tanto do Brazil meridional, como do Paraguay.

Guará (2°), *s. m.* nome vulgar de uma especie de ave do genero *Ibis (I. rubra)* pertencente á ordem das Pernaltas. ‖ *Etym.* Do tupi *Guyrá-piranga*, ave vermelha.

Guaraná, *s. m.* especie de massa durissima feita com a fructa de uma planta do Amazonas chamada guaraná *(Paullinia sorbilis)*. E' invenção dos indios Maués, os quaes faziam disso um myst·rio. Hoje, porém, está no dominio de todos. Usa-se desta preparação como bebida refrigerante. Para isso rala-se de cada vez uma colherada da massa, a qual se deita em um copo com agua e assucar, mexe-se e toma-se. As propriedades medicinaes do *Guaraná* são notaveis.

Guarápa, *s. f. (S. Paulo)* o mesmo que *Garápa*.

Guarda-peito *s. m. (Sertões do N.)* pedaço de pelle que se ata ao pescoço e cintura; resguarda o peito do vaqueiro e lhe serve de collete.

Guaríba (1°), *s. f.* nome commum as duas especies de Quadrumanos do genero *Mycetes*, aos quaes no Rio Gr. do Sul e em Matto-Grosso chamam *Bugio*. Creio tambem que em algumas partes do Brazil os conhecem por *Barbados*. ‖ *Etym.* E' vocabulo tupi, mencionado por G. Soares. Não tratam, porém delle nem o *Voc. Braz.*, nem o *Dicc. Port. Braz*, e nem tão pouco Montoya. ‖ No Pará dão á Coqueluche o nome de *Tosse de Guariba*.

Guaríba (2°), *s. f. (Pará)* o mesmo que *Catimpuêra*.

Guariróba, *s. f.* nome vulgar de uma especie de Palmeira do genero *Cocos (C. oleracea)*, a qual fornece um palmito amargoso mui apreciado.

Guasca (1°), *s. f. (R. Gr. do S.)* tira ou correia de couro cru (Coruja). ‖ *Etym.* Do quichúa *huasca* significando soga, cordel (Zorob. Rodriguez).

Guasca (2°), *s. m. (R. Gr. do S.)* o mesmo que *Caipira*. ‖ *Obs.* E' de notavel injustiça a alcunha de *Guasca* applicada aos habitantes do campo naquella provincia. *Guasca*, com a significação de tira de couro cru, é o instrumento o mais grosseiro que se póde imaginar; entretanto que o camponez d'alli, ainda mesmo o da classe mais humilde, é notavel pela polidez de que usa para com todos. Não só nas republicas platinas como no Chile e outras partes da America Meridional dão ao homem do campo o nome de *Guaso*, cuja origem é *huasa* da lingua quichua, segundo Zorob. Rodriguez. Devemos pensar que *Guasca*, no caso de que se trata, não é mais do que a corruptela de *Guaso*.

Guascaço, *s. m. (R. Gr. do S.)* golpe ou pancada dada com a guasca.

Guasquear, *v. tr. (R. Gr. do S.)* açoutar com a *guasca*.

Guassú, *adj.* voc. tupi, significando *grande*, e do qual nos servimos muitas vezes para distinguir certos objectos maiores que outros. Os menores distinguimol-os pelo adj. da mesma lingua *mirim* : Arassá *guassú*, Arassá *mirim* ; Tamanduá *guassú*, Tamanduá *mirim*. ‖ Tambem, por motivo de euphonia se pronuncia *assú*, *uassú*, *ossú* e *ussú*. Quando a penultima syllaba do substantivo é aguda se usa de *ussú* (Anchieta) : Taquára, Taquarussú, etc.

Guaxe, *s. m.* nome vulgar do *Cassicus haemorrhous*, especie de passere commum a todas as provincias do Brazil e em geral á America intertropical. Vive em grandes bandos, e é notavel, não só pelo canto que lhe é proprio, como pela facilidade de imitar o de

outras aves e a voz de quaesquer animaes. Seus ninhos têm a forma de uma bolsa pendurada nos ramos das arvores altas. Tem outros nomes vulgares conforme as provincias Xexéu, Xiéu, Japú, Japujuba, Japim, João-Congo, etc. Além da especie comprehendida nesta extensa synonymia, conta-se mais o Japú-assú (*Cassicus cristatus)* e o Japú-mirim (*Cassicus icteronotus*).

Guaxíma *s. f.* nome commum a diversas especies de Malvaceas, de cuja fibra se fazem cordas. Em alguns logares lhe chamam *Guaxuma*. || *Etym.* E' corruptela do tupi *Aguaixŷma* (*Voc. Braz.).*

Guaxinim, *s. m.* especie de mammifero do genero *Galictis* (*G. vittata* ex-Martius) da ordem dos Carniceiros.

Guaxúma, *s. f.* o mesmo que *Guaxima.*

Guayába, *s. f.* fructa da Guayabeira, de que ha varias especies indigenas, pertencentes ao genero *Psidium*, da familia das Myrtaceas, e se compõe de arbustos, arvoretas e arvores. || *Etym.* Não sei se este vocabulo, geralmente usado no Brazil, é indigena ou exotico. O certo é que os mais antigos escriptores das cousas do Brazil, como G. Soares, Gandavo e outros, não o mencionam e só fallam do *Arassá*, nome ainda vulgar entre nós, designando a fructa de outras especies de *Psidium*

Guayabáda, *s. f.* doce secco feito com a guayába á maneira da marmellada. E' o que em Portugal chamam tambem *doce de tijolo*. Na Bahia lhe chamam *Doce de arassá.*

Guayáca *s. f. (R. Gr. do S.)* bolsa de couro presa a uma cinta, e na qual o viajante guarda dinheiro e outros objectos de pequenas dimensões. || *Etym.* Do quichua *huayaca* (Zorob. Rodriguez).

Guenzo, *adj. (Campos, S. João da Barra)* diz-se do individuo que, por fraqueza ou outro qualquer soffrimento, anda penso de um lado (Coutinho). || *(Pern., Par. e R. Gr. do N.) s.*, e *adj.*, magriço, enfesado, pernilongo.

Guinilha, *s. f. (Rio Gr. do S.)* o mesmo que *Esquipado.*

Gupiára, *s. f. (Minas-Geraes)* nome que nas regiões auriferas dão a uma especie de cascalho em camadas inclinadas nas fraldas das montanhas, e donde se extrahe ouro.

Gurí (1º), *s. m. (R. Gr. do S.)* denominação geralmente dada ás crianças. || *Etym.* Do guarani *Ngyrî*, titulo que dão os pais ás crianças do sexo feminino (Montoya).

Gurí (2º), *s. m. (Rio de Jan. e algumas prov. do N.)* nome que dão ao bagre pequeno. Em Alagôas ao bagre grande chamam Gurí-guassú. || *Etym.* E' voc. tupi.

Guríba, *adj. m.* e *f. (Rio de Jan.)* que tem as pennas arripiadas: Gallinha *guriba*. Gallo *guriba.*

Gurirí, *s. m. (Rio de Jan., Bahia)* nome vulgar de uma especie de Palmeira pertencente ao genero *Diplotemium (D. maritimum).* || *Etym.* E' voc. tupi.

Guríta, *s. f. (sertão da Bahia)* egua velha.

Gurugumba, *s. f. (Campos, S. Fidelis)* especie de cacete. || *Etym.* E' o nome de certa madeira mui rija, propria para bengalas (S. Coutinho).

Gurupêma, *s. f.* o mesmo que *Urupêma.*

Haragâno, *adj. (R. Gr. do S.)* diz-se do cavallo difficil de pegar-se, por isso que foge, quando delle se aproximam. || *Etym.* E' vocabulo castelhano, com a significação de mandrião, ocioso, preguiçoso, e diz-se de quem foge ao trabalho e vive no ocio. Ha uma certa analogia entre o sentido moral desta expressão e o mau habito do animal que, não se deixando prender, foge ao serviço a que o querem obrigar.

Hechôr, *s. m. (R. Gr. do S.)* asno ou burro que serve de garanhão em uma manada de eguas, afim de promover a hybridação, de que resulta o gado muar. || *Etym.* E' vocabulo castelhano antiquado, com a significação de *fazedor.*

Hep! *int. (R. Gr. do S.)* Usa-se no campo para excitar os animaes a andar. O *h* é aspirado (Coruja).

Herva, *s. f. (R. Gr. do S., Paraná)* antonomasia da *Congonha*. || Tambem

chamam *Herva* a qualquer planta venenosa que se encontra nas pastagens, e essa denominação é geral a todo o Brazil.

Herval, *s. m. (R. Gr. do S., Paraná)* matta em que domina a Herva-mate ou Congonha.

Hervateiro, *s. m. (R. Gr. do S.)* individuo que negocia em herva-mate.

Hiapiruára. V. Iapiruára.

Hôsco, *adj. (R. Gr. do S.)* designativo do animal vaccum de côr escura, com o lombo tostado. ‖ *Etym.* E' vocabulo castelhano, significando *fusco.* (Coruja).

Iáca, *s. f. (Maranhão)* o mesmo que *inháca.*

Iapiruára, *s. m. (Pará)* nome que os indios do Baixo Tapajoz dão aos que habitam o Alto Tapajoz, e significa *gente do sertão* (Baena). Este auctor escreve *Hiapiruára ;* mas eu entendi dever supprimir o *H*, por desnecessario.

Igapó, *s. m. (Pará)* pantano, charco, brejo coberto de mattos. ‖ *Etym.* E' vocabulo de origem tupi e mui usado naquella provincia. Em guarani, *Yapó* tem tambem a significação de pantano. Na provincia do Paraná, temos o rio *Yapó.* ‖ O nome de *Oyapoc*, dado ao rio que nos serve de limite ao norte com a Guiana-Franceza, tem a mesma origem, tanto mais que ha cartas em que, em logar daquelle nome, se usa de *Iapoc* e *Yapoc* (J. C. da Silva).

Igára, *s. f.* fórma vulgar de *ÿgára*, nome que em lingua tupi se applica genericamente a todas e quaesquer embarcações, salvo os designativos especiaes para as distinguir umas das outras, conforme o systema e materiaes adoptados em sua construcção. Como tal, ainda hoje entra na composição de muitos vocabulos usuaes, como *Igarapé. Igarité*, etc.

Igarapé, *s. m. (Pará)* rio pequeno ou riacho navegavel. ‖ Longo e estreito canal comprehendido entre duas ilhas ou entre uma ilha e a terra firme. ‖ No littoral do Maranhão e Piauhy, dão este nome áquelles pequenos esteiros a que em outras provincias chamam *Gambôa* ou *Cambôa*, e cuja navegabilidade depende do estado da maré. ‖ *Etym.* E' vocabulo do dialecto tupi do norte do Brazil, significando *Caminho de canôa*, isto é, *Rio ;* e assim o traduz o *Dicc. Port. Braz.*

Igarité, *s. m. (Pará)* pequena embarcação, cujo fundo, como as canôas, é de um só madeiro, alteada de falcas e chanfradas á prôa e pôpa, tendo á ré uma tolda, a que chamam *Panacarica* (H. Barbosa). ‖ Em Matto-Grosso dão o mesmo nome a uma especie de *Chata* (Cesario C. da Costa). ‖ *Etym.* E' vocabulo tupi ligeiramente alterado pela substituição do *êtê* em *itê.* Os Tupinambás davam o nome de *ÿgarêtê* á canôa construida de uma só peça de madeira, para a differençar da *ÿpé-ÿgára*, que era feita de casca de pau ; da *ÿgapeba*, jangada ; e da *Piripiriÿgára*, que o era de junco. A palavra *ÿgarêtê* decompõe-se em *ÿgára*, canôa, e *êtê*, expressão de superioridade qualitativa. Tambem lhe chamavam *ÿbÿráÿgára*, canôa de madeira.

Igarvana. Encontro este vocabulo em Moraes e em Aulete, com a significação de *homem navegador.* Moraes funda-se na auctoridade de Vieira. Ha, porém, manifesto erro de escripta ; e deve-se ler *Igaruána*, cuja traducção litteral é morador na canôa, e portanto navegador.

Igassába, *s. f. (Pará)* pote de barro de bocca larga geralmente, quer se destine a agua, quer sirva para guardar farinha, ou outros quaesquer generos. Tambem se applica o mesmo nome a grandes cabaças preparadas para o mesmo fim. D'antes se serviam os selvagens do Brazil (e talvez outro tanto façam as tribus que nos são pouco conhecidas) das *Igassabas* de barro á guisa de urnas funerarias, que enterravam com os despojos de seus defuntos. Ainda hoje se encontram dessas urnas nos seus antigos cemiterios. Em Montoya ha *Ïaçá*, correspondendo ao tupi *Igassaba.* ‖ Tambem dizem *Gassaba.*

Ilhápa, *s. f. (R. Gr. do S.)* nome que dão á parte mais grossa do *Laço*, a qual tem proximamente 2^{m},2 de comprimento e é presa na argola do laço (Cesimbra).

Imbondo, *s. m. (S. Paulo, Rio de Jan.)* difficuldade, embaraço, obstaculo: Custou-me a sahir d'aquelle *imbondo*, em que me haviam collocado as minhas relações politicas.

Imbú, *s. m. (provs. do N.)* fructa do Imbuzeiro *(Spondias tuberosa)*, arvore da familia das Terebinthaceas. Tambem dizem *Umbú*.

Imburí, *s. m. (Bahia)* o mesmo que *Burí*.

Imbuzáda, *s. f. (sertões do Norte)* nome de um alimento feito de leite misturado com o sumo da fructa *Imbú*. Tambem dizem *Umbuzáda*.

Inajá, *s. m. (Pará, Maranhão)* palmeira do gen. *Maximiliana (M. regia)*. || *Etym.* E' voc. tupi, identico a *Indaiá*, bem que se appliquem às vezes a palmeiras de generos diversos. || Os Tupinambás davam tambem o nome de *Inajá* á fructa da palmeira Pindóba.

Inambú, *s. f.* nome commum á diversas especies de aves do genero *Crypturus*, da familia das Perdiceas. Tambem lhe chamam *Nambú*, *Nhambú*, e *Inhambú*. || *Etym.* E' voc. de origem tupi.

Indaiá, *s. m.*, palmeira do genero *Attalea (A. Indayá)*. || *Etym.* E' voc. de origem tupi.

Indaiá-rasteiro, *s. m. (Goyaz)* palmeira do genero *Attalea (A. exigua)*.

Indio, *s. m.* nome que se applica geralmente aos aborigenes da America, o que os confunde com os naturaes das Indias Orientaes. E' um erro ethnographico que se commetteu desde a descoberta da America, pela crença em que ficára Colombo de ter chegado á India. Modernamente tem sido propostos differentes nomes para distinguir os aborigenes americanos dos asiaticos, mas parece que a esse respeito nada se tem resolvido. No Brazil o vocabulo *Indio* é geralmente usado, mas ha outros alcunhas com que os designam, taes são *Tapuio*, *Cabôclo* e *Bugre*.

Ingá, *s. m.* fructa da Ingazeira, arvore do genero *Inga* da familia das Leguminosas, de que ha varias especies. || *Etym.* E' nome tupi. G. Soares lhe chama *Engá*.

Ingurúnga, *s. f. (Bahia)* terreno mui accidentado, com subidas e descidas ingremes por entre morros, e de difficil transito (Aragão).

Inháca, *s. f.* mau cheiro particular a certas cousas. A *inháca* da barata, da cobra, do persevejo, da febre (S. Roméro). || No Maranhão dizem *Iáca* (B. de Jary).

Inhambú, *s. m.* o mesmo que *Inambú*.

Inhúma, *s. f. (Valle do Amaz.)* o mesmo que *Anhuma*.

Intaipába, *s. f.* corruptela de *Itaipáva*.

Intaipáva, *s. f.* corruptela de *Itaipáva*.

Intân, *s. f.* corruptela de *Itân*.

Inubia.— Os poetas, nos seus versos, têm fallado da *inubia*, cousa que nem os guaranis das Missões, nem os tupis da costa, nem os omaguas do sertão conheceram: o nome generico de flauta em *abañeênga* era *mimby*, que, escripto *mŷbu* e tambem *mubu*, depois tornou-se *inubie*, expressão que a meu ver ajunta lettras de um modo avesso á indole do *abañeênga* (Baptista Caetano).

Invernáda (1°), *s. f. (provs. do N.)* chuvas rigorosas e prolongadas durante a estação pluvial, a que chamam *Inverno*, bem que tenha lugar no estio e outono do hemispherio austral. || Em Portugal, a palavra *Invernada* tem a significação de inverno rigoroso, invernia; longa duração de mau tempo; chuveiros, frios, neves, ventos tempestuosos como ha no inverno (Aulete).

Invernáda (2°), *s. f. (provs. merid.)* nome que dão a certas pastagens convenientemente cercadas de obstaculos naturaes ou artificiaes, onde se guardam animaes cavallares, muares ou bovinos, para descançarem e recuperarem as forças perdidas nas viagens ou nos serviços que prestaram. Nas estancias do R. Gr. do S. a *Invernada* é tambem destinada para, durante o inverno, engordarem os novilhos, e fazer-se ás vezes alguma criação especial, como cruzamentos, etc.

Invernista, *s. m.* nome que dão áquelle que tem por industria proporcionar campos de pastagens para a *invernada* de gados.

Inverno, *s. m. (provs. do N.)* estação das chuvas, as quaes principiam ordinariamente em janeiro e vão até junho, julho e ás vezes até agosto.

Ipú, *s. m. (Ceará)* o mesmo que *Ÿpú*.

Ipueira, *s. f. (Sertões da Bahia, e de outras provs. do N.)* o mesmo que *Ÿpueira*.

Irára, *s. f.* nome vulgar de uma especie de mammifero carniceiro do genero *Galictis (G. Barbara)*. Tambem lhe chamam *Papa-mel*, pela preferencia que dá a esse genero de alimento.

Iriz, *s. m. (Macahé, prov. do R. de Jan.)* nome de certa epiphytia particular ao caféeiro (Corrêa Netto).

Irizar, *v. intr. (Macahé)* ser o caféeiro atacado da epiphytia a que dão vulgarmente o nome de *Iriz*: Este anno *irizou* grande parte dos meus caféeiros (Corrêa Netto). || Em portuguez, o v. tr. *irizar* significa abrilhantar com as côres do arco iris, o que não tem relação alguma com a molestia do caféeiro.

Isca! *int.* Voz com que se estimulam os cães: Isca ! Isca !

Iscar, *v. tr. (R. Gr. do S.)* o mesmo que *estumar*. || Ha na lingua portugueza o homonymo *iscar*, com varias significações tambem usuaes no Brazil.

Isqueiro, *s. m.* pequena caixa de algibeira de ponta de chifre, onde os fumantes guardam a isca. || Moraes menciona *isqueiro* como synonymo de Eriophoro bastardo : Cardo *isqueiro*. Aulete não trata deste vocabulo.

Issá, *s. f. (S. Paulo) V. Saúba.*

Itá, *s. m.* voc. tupi significando pedra, rochedo. Não usamos delle senão em nomes compostos, applicados sobretudo a localidades: Itaúna, Itáporanga, Itápuân, Itápéva, Itápuca, etc. Ha, entretanto, muitos nomes que se acham estropiados pela erronea anteposição do *I* ; taes são Tapémirim, Tapétininga, Tapirussú, Tapirapuan ; hoje convertidos em Itapémirim, Itapétininga, etc. o que lhes transtorna completamente a significação, e põe em embaraços os etymologistas menos adestrados na interpretação dos vocabulos de origem tupi.

Itacuân, *s. m. (Pará)* nome de certa pedra amarella, que serve para alisar as panellas feitas á mão (Baena). || *Etym.* Em guarani, é esse o nome que dão á pedra que serve de prumo ao anzól ; e se decompõe em *Itá*, pedra, e *cuân*, cascalho, e assim dizem *Pindá itacuân*, que se traduz litteralmente por *cascalho de pedra do anzol* (Montoya).

Itaimbé, *s. m. (R. Gr. do S. Paraná)* despenhadeiro, precipicio : O monte Corcovado do lado do mar termina por um *Itaimbé*. || Em Matto-Grosso lhe chamam *Itambé* ou *Tromba* (J. S. da Fonseca). Em varias provincias do Brazil ha logares denominados *Itambé*, visivel corruptela de *Itaimbé*. || *Etym.* E' voc. tupi, composto do *Itá*, pedra, rochedo; e *aimbé*, afiado, e tambem aspero como pedra pomes para raspar (Montoya). Tambem dizem *Taimbé*.

Itaipáva, *s. f.* recife que, atravessando o rio de margem a margem, o torna vadeavel nesse logar. Como expressão topographica, é termo util e digno de ser adoptado. || *Etym.* E' voc. tupi. Em guarani dizem *Itaipá* (Montoya). || Em Goyaz dão-lhe o nome de *Intaipava* e *Intaipaba* (Couto de Magalhães), o que não é mais do que uma corruptela. Leite de Moraes escreve *Itaipava*, quando se refere á navegação do Araguaya, e diz que é synonymo de *Travessão*. Nos rios do Maranhão, o *Travessão* é formado de areia. || No Amazonas dizem *Entaipava* (Castelnau).

Itambé, *s. m. (Matto-Grosso)* o mesmo que *Itaimbé*.

Itân, *s. f. (Pará)* nome de certos ornatos de pedra polida que se encontram nas urnas funerarias de antigos povos aborigenes (Couto de Magalhães). || Especie de conchas bivalves que se encontram nas areias dos rios. || *Etym.* E' voc. tupi e guarani. || *Obs.* A estas conchas chamam geralmente *intan*, por corruptela (Meira).

Itapéva, *s. f. (Maranhão)* especie de recife parallelo á margem do rio. || *Etym.* E' voc. tupi, significando pedra chata, pedra larga. || E' nome de varias localidades do Brazil, e entre ellas a de uma villa em S. Paulo.

Ité, *adj. (S. Paulo)* insipido, insulso, sem gosto: Uma comida *ité*. Uma fructa *ité*.

Itupáva, *s. f. (S. Paulo)* corredeira, encachoeiramento nos rios (B. Homem de Mello).

Ixe! *int. ironica (S. Paulo e R. de Jan.)* Pois não! Essa é boa! || Em Montoya ha *yché* ou *niché* com a significação de *certamente*, parecendo porém ser no sentido serio.

Jabá, *s. m. (Bahia, Serg.)* o mesmo que *Charque*.

Jabutí, *s. m.* nome commum a diversas especies de tartarugas terrestres. || *Etym.* E' voc. tupi.

Jabuticába, *s. f.* fructo da Jabuticabeira, de que ha varias especies, arvores, arvoretas e arbustos pertencentes ao genero *Myrciaria*, da famliia das Myrtaceas. || No Paraguay e em Bolivia lhe chamam *Guapurunga*, nome que no Brazil pertence a outra especie de Myrtacea. || *Etym.* E' voc. de origem tupi.

Jacá, *s. m.* especie de cesto de fórma variavel, feito de taquara ou cipó, para conduzir, ás costas de animaes, carnes salgadas, peixe, toucinho, queijos, etc. || *Etym.* E' corruptela de *Aiacá* vocabulo tanto tupi, como guarani.

Jacamim, *s. m. (valle do Amaz.)* nome commum a diversas especies de aves ribeirinhas, do genero *Psophia*, todas notaveis pela facilidade com que se domesticam. || *Etym.* E' voc. tupi.

Jacaré, *s. m.* nome commum a diversas especies de *Crocodilus* que vivem nos rios. || *Etym.* E' voc. tupi.

Jaçatirão, *s. m. (R. de Jan., S. Paulo)* arvore do gen. *Miconia (M. Candoleana* Trian ι) da familia das Melastomaceas (Glaziou). Como madeira de construcção, serve para caibros. Em S. Paulo extrahem d'ella uma resina que empregam como verniz.

Jacatupé, *s. m.* planta trepadeira do genero *Pachirrhisus (P. angulatus)* da familia das Papilionaceas, e cuja raiz tuberosa é comestivel. || *Etym.* E' provavelmente de origem tupi.

Jacitára, *s. f. (Pará)* nome commum a diversas plantas do genero *Desmoncus*, da familia das Palmeiras. Na Bahia e outras provs. do N., lhes chamam *Titára*, e em Matto-Grosso *Urumbamba*. || *Etym.* Todos esses synonymos são provavelmente de origem tupi.

Jacú, *s. m.* nome commum a diversas aves do genero *Penelope*, da ordem das Gallinaceas: *Jacú-tinga, Jacúcáca, Jacú-pemba, Jacú-assú,* etc.

Jacúba, *s. f.* especie de alimento ralo feito de farinha de mandioca, que se deita em agua fria. No Pará e Maranhão, tambem lhe chamam *tiquára* e *xibé*. Usam della os viajantes do interior para applacar a fome, emquanto não ha outro meio de a satisfazer. Quando as circumstancias o permittem, addicionam-lhe assucar e summo de limão, o que a torna um refresco mui agradavel. || *Etym. Jecuacúba*, em tupi, e *Jecoacú*, em guarani, significam jejum. Não duvido que d'ahi provenha o vocabulo *jacúba*, attendendo a que, em falta de pão de trigo, é provavel que os jesuitas sujeitassem seus penitentes, em dias de jejum, ao uso da farinha de mandioca molhada em agua fria. J. Verissimo pensa, porém, que é voc. de origem africana.

Jacumân, *s. m. (valle do Amaz.)* pôpa da canôa e por extensão o leme, que o selvagem não conhecia. || O homem do *jacumân*, o arraes. || No Pará não se dá ao leme o nome de *jacumân*, e simplesmente se emprega este termo, em relação a pequenas canôas (montarias e pequenos igarités) que o não tem e são governadas por diversos movimentos que dá ao remo o sujeito sentado á pôpa. A expressão usada é *pegar o jacumân*: Este curumim já sabe pegar o *Jacumân*, isto é, este rapazinho já sabe governar uma canôa (J. Verissimo). || Os Tupinambás da costa do Rio de Janeiro davam o nome de *jacumân* ou *nhacumân* á balisa de pescaria ou a umas varas a que se atava a embarcação, emquanto se pescava *(Voc. Braz.)*.

Jacumaúba, *s. m. (Pará)* piloto de uma canôa. || *Etym.* E' voc. tupi. O *Dic. Port. Braz.* escreve *jacumayba*. Segundo Montoya, *ïgaropïtá cocára*, em guarani, é a traducção de piloto. Diz J. Verissimo que o termo

Jacumaúba é hoje desusado, sendo substituido pela expressão *homem do jacumân*.

Jacutinga (1°), *s. m.* nome de uma ave da ordem das gallinaceas, pertencente ao genero *Penelope* e uma das melhores caças do Brazil.

Jacutinga (2°), *s. f.* (*Minas-Geraes*) schisto ferruginoso e manganifero decomposto, ou pelo menos facilmente alteravel, o qual serve de ganga ao ouro (Cartelnau). Este autor escreveu erradamente *jacotinga*.

Jaguané (1°), *s. m.* nome de um pequeno cão bravio, refeito e com riscas (Costa Rubim).

Jaguané, (2°) *adj.* (*R. Gr. do S.*) qualificativo do boi ou vacca que tem branco o fio do lombo, preto ou vermelho o lado das costellas e de ordinario a barriga branca (Coruja). ‖ Tambem se pronuncia *Jaguanés* (B. Homem de Mello). ‖ No Chile, dizem *Aguanés*: Um hermoso toro *aguanés* (Blest Gana).

Jaguapéba, *s. m.* (*S. Paulo*) nome de uma variedade de pequenos cães domesticos de pernas curtas. ‖ *Etym.* E' vocabulo tupi que se decompõe em *Jaguá*, cão, e *péba*, chato.

Jaguára, *s. m.* nome que em lingua tupi se dá indifferentemente ao cão e á onça, e que muitas vezes se estende a mammiferos de outros generos, distinguindo-se, porém, uns dos outros por meio de epithetos. ‖ Em S. Paulo, ainda é usual o nome de *jaguára* applicado ao cão que não tem prestimo para a caça.

Jagunso, *s. m.* (*Bahia*) o mesmo que *Capanga* (2°). ‖ Aulete menciona este voc. brazileiro; mas escreve *jagunço*.

Jamanta, *s. m.* jangaz, homemzarrão mal feito de corpo, desageitado. ‖ Em algumas provincias do Norte, dão esse nome ao calçado proprio para andar por casa: Um par de *jamantas* (Meira).

Jamarú, *s. m.* (*Valle do Amazonas*) especie de cucurbitacea grande, preparada como cuiambuca, afim de servir de vasilha para agua (J. Verissimo).

Jandiróba, *s. f.* V. *Andiróba*.

Jangáda, *s. f.* especie de balsa de sete a oito metros de comprimento sobre 2m,60 de largura, feita de seis paus de uma certa madeira mui leve, ligados entre si por meio de cavilhas de madeira rija. A jangada é principalmente destinada á pesca desde o norte da Bahia até o Ceará. Tambem a empregam como meio de transporte de passageiros, e neste caso são guarnecidas de um toldo, o dão-lhe o nome de *paquete*. Os dous paus do centro são os *meios*; os dous immediatos os *bordos*; e os dous ultimos as *membúras*. Segundo Juvenal Galeno, de prôa a pôpa, as suas partes accessorias são: 1°, *Banco de vela*, que serve para sustentar o mastro; 2°, *Carlinga*, taboleta com furos em baixo do banco de vela e em que se prende o pé do mastro, mudando-o de um furo para outro, conforme a conveniencia da occasião; 3°, *Bolina*, taboa que, entre os dous meios e junto ao banco de vela, serve para cortar as aguas e evitar que a jangada descaia para sotavento; 4°, *Vela*, uma grande e unica vela cosida em uma corda junto ao mastro, o que se chama palombar a vela; 5°, *Ligeira*, corda presa á ponta do mastro e nos espeques para segurar aquelle; 6°, *Retranca*, vara que abre a vela; 7°, *Escôta*, corda amarrada na ponta da retranca e nos caçadores. Para encher a vela de vento, puxa-se a escôta. 8°, *Caçadores*, dous tornos pequenos na prôa; 9°, *Espeques*, dous tornos de 0m,22, com uma travessa e no meio uma forquilha. Na forquilha cada pescador amarra uma corda, e, quando é preciso, nella segura-se derreando o corpo para o mar, e assim *aguentando a queda da jangada*. Nos espeques e forquilha, colloca-se o barril d'agua, o *tauassú*, a *quimanga*, a *cuia de vela*, a *tapinambaba*, o *samburá* e a *bicheira*; 10, *Tauassú*, pedra furada, presa a uma corda, e serve de ancora; 11, *Quimanga*, cabaça que guarda comida; 12, *Cuia de vela*, concha de páu, com que se molha a vela; 13, *Tapinambaba*, maçame de linhas com anzoes; 14, *Samburá*, cesto de bocca apertada em que se guarda o peixe; 15, *Bicheira*, grande anzol preso a um cacete, com que se

puxa o peixe pesado para cima da jangada, afim de não quebrar a linha; 16, *Banco de governo*, banco á pôpa em que se assenta o mestre; 17, emfim, *macho e femea*, dous calços a pôpa, onde se mette o remo, servindo este de leme. || *Etym*. E' termo usual em Portugal, bem que a *Jangada* de lá não tenha a applicação que lhe dão no Brazil. Parece que este vocabulo é relativamente moderno na lingua portugueza. E' certo que, em 1587, já delle se serve Gabriel Soares; mas anteriormente, em 1500, Vaz de Caminha, descrevendo a *Jangada* que vira em Porto-Seguro, lhe dá o nome de *Almadia*. Em tupi tem a *Jangada* o nome de *Igapéba*, que se traduz em *Canoa chata*.

Jangadeira, *s. f. (provs. do N.)* nome vulgar da *Apeiba cymbalaria*, arvore da familia das Tiliaceas, e cuja madeira, notavelmente leve, serve para a construcção das jangadas. Tambem lhe chamam *Embira-branca*. Os Tupinambás a denominavam *Apeÿba*.

Jangadeiro, *s. m.* dono ou patrão de uma *Jangada*.

Jangalamaste, *s. m. (Pern.)* o mesmo que *Gangorra* (1°).

Janipába, *s. m.* V. *Jenipapo*.

Janipápo. *s. m.* V. *Jenipapo*.

Japá, *s. m. (Valle do Amaz.)* esteira tecida de folhas de palmeira. Serve de tolda á canoa, de tecto á barraca improvisada e de porta á casa (J. Verissimo). || E' tambem usual no Maranhão (B. de Jary).

Japecanga, *s. m.* nome commum a diversas plantas medicinaes do genero *Smilax*, da familia das Smilaceas, e portanto congeneres da Salsaparrilha.

Japim, *s. m.* o mesmo que *Guaxe*.

Japú, *s. m.* o mesmo que *Guaxe*.

Japujuba, *s. m.* o mesmo que *Guaxe*.

Jaracatiá. *s. m.* nome commum a duas ou mais especies de arvores do genero *Caryca*, da familia das Papayaceas, e cuja fructa é comestivel.

Jaraiúva, *s. f. (Amaz.)* palmeira do genero *Leopoldinia (L. pulchra* Martius).

Jaramacarú, *s.m. (Valle do Amaz.)* o mesmo que *Mandacarú*.

Jararáca, *s. f.* nome commum a diversas especies de serpentes, e entre ellas o *Cophia atrox*. || *Etym*. Segundo Gab. Soares, os Tupinambás lhe chamavam *gereraca*. A descripção que elle faz deste ophidio cabe bem á chamada *jararáca preguiçosa*.

Jareré, *s. m.* o mesmo que *Jereré*.

Jarivá, *s. m.* o mesmo que *Jerivá*.

Jassanân, *s. f.* pequena ave ribeirinha do genro *Parra* (P. Jaçana).

Jatahí (1°), *s. m.* especie de Mellipona, cujo mel é mui apreciado. Tambem lhe chamam *Jati*.

Jatahí (2°), *s. m.* nome commum a diversas especies de arvores do genero *Hymenaea*, da familia das leguminosas. Ha especies congeneres, a que chamam *Jatobá*.

Jatí, *s. m.* o mesmo que *Jatahi* (1°).

Jatobá, *s. m.* o mesmo que *Jatahi* (2°).

Jauára-icíca, *s. f. (Pará)* especie de resina ou breu de côr escura, cheiro activo e sabor acre, o qual se emprega como betume (F. Bernardino de Souza). || *Etym*. E' vocabulo do dialecto tupi do Amazonas e significa *resina de cão*.

Jauarí, *s. m. (Amaz.)* palmeira do genero *Astrocaryum* (*A. Javari*).

Javevó, *adj.* (*S. Paulo*) de aspecto desagradavel, em relação ás pessoas; feio, mal amanhado no vestuario; de gordura balofa: O noivo é bonito; mas a noiva é *javevó*. Apresentou-se *javevó* no baile; isto é, mal arranjado. — F., depois da molestia, ficou *javevó* (D. Anna Azevedo).

Jembé, *s. m.* (*Minas-Geraes*) nome de um esparregado de quiabo e outras hervas, com lombo de porco salgado e angú. E' quasi o mesmo que o *Carurú* da Bahia, sem azeite de dendê.

Jenipapáda, *s. f.* (*Alagôas*) nome de uma especie de doce feito de Jenipapo cortado em pequenos pedaços e misturado com assucar a frio (B. de Maceió).

Jenipápo, *s. m.* fructa do Jenipapeiro, arvore do genero *Genipa*, da familia das Rubiaceas, de que ha varias especies. ‖ *Etym.* E' vocabulo de origem tupi. ‖ No Pará lhe chamam *Janipápo* (Baena), e assim se encontra em alguns chronistas antigos. Tambem se tem escripto *Janipába* e *Genipápo*.

Jerebita, *s. f.* o mesmo que *Mandurèba*. ‖ Moraes e Aulete escrevem *Gerebita*.

Jêrêré, *s. m.* (*Pern. Par.* e *Rio Gr. do N.*) especie de redefolle para pescar camarões. Tem a rede a forma de um sacco preso a um semicirculo de madeira com uma travessa diamentral, e é munido de um cabo de madeira no meio no arco. O pescador segurando nesse cabo e mergulhando o *Jêrêré*, passeia com elle pela agua e colhe a porção de camarões que lhe convem. ‖ No Rio de Jan. lhe chamam *Pussá*. Na Bahia o *Pussá* é um pequeno *Jêrêré*, destinado á pesca do siri. ‖ Ao *Jêrêré* tambem chamam *Jarêré*.

Jerimú, *s. m.* o mesmo que *Jirimú*.

Jerivá, *s. m.* (*R. Gr. do S.*) Palmeira do gen. *Cocos* (*C. Martiana*, Drude, Glaziou). *Etym.* Origina-se do tupi *Jara"bá*, nome que tambem lhe davam, ou a alguma especie congenere os Guaranis do Paraguay. Entre nós ha quem lhe chame *Jarivá*. No Rio de Jan. é mais conhecido por *Baba-de-boi* Na prov. de Matto-Grosso lhe chamam indifferentemente *Jerivá* ou *Juruvá*.

Jevúra, *adj. m.* (*S. Paulo*) nome que dão ao feijão plantado em fevereiro ou março, que é a estação da secca (S. Villalva).

Jía, *s. f.* *(Bahia)* nome vulgar da Ran. ‖ *Etym.* E' alteração de *Juÿ*, um dos nomes que, tanto no Brazil como no Paraguay, davam os aborigenes a essa especie de Batracio.

Jibóia, *s. f.* especie de ophidio de grande dimensão, pertencente ao genero *Boa*. E' congenere do *Sucuri*, mas vive em terra, entretanto que o outro habita as aguas doces.

Jiló, *s. m.* fructa do Jiloeiro, planta hortense do genero *Solanum* *(S. Gilo)*, da familia das Solaneas. ‖ *Etym.* E' de origem africana tanto o producto como o respectivo nome. ‖ Tambem se tem escripto *Giló*.

Jimbelê, *s. m.* *(S. Paulo)* nome que dão á *Canjica* (2º) (B. Homem de Mello).

Jimbo, *s. m.* dinheiro. ‖ *Etym.* E' voc. da lingua bunda, e é o nome que no Congo dão á moeda representada por uma certa especie de concha. A outra qualquer especie de dinheiro chamam *Qui-tare* (Capello e Ivens). Tambem dizem *Jimbongo*. ‖ *Obs.* E' tão sómente por gracejo que nos servimos do termo *Jimbo* : Si eu tivesse *Jimbo*, compraria uma casa para minha residencia. ‖ Moraes escreve *Gimbo* e *Gimbongo*. Aulete menciona *Gimbo* como nome de um passaro africano.

Jimbongo, *s. m.* o mesmo que *Jimbo*.

Jiquí, *s. m.* *(De Alagôas até o Pará)* especie de nassa, que consiste em um cesto mui oblongo e afunilado, feito de varas finas e flexiveis. Para que o *Jiqui* funccione convenientemente, praticam os pescadores uma cerca que toma toda a largura do riacho, deixando no meio uma abertura na qual collocam a parte larga daquella nassa, ficando a estreita no sentido da corrente. O peixe impellido pela força da correnteza precipita-se no *Jiqui* e ahi fica preso. ‖ No Pará lhe chamam *Cacuri* (Baena) e tambem *Jequi* (J. Verissimo) ; no R. de Jan. *Cacumbi* (Silva Coutinho) ; em Matto-Grosso *Juquiá* (Cesario C. da Costa), nome que, no Espirito-Santo, se applica a outra especie de nassa, e em Guarapuava a uma armadilha para tomar passaros. ‖ Nas provincias do Norte, dão tambem o nome de *Jiqui* a uma entrada mui estreita nos curraes de pescaria, pela qual entra o peixe, sem mais poder sahir ; e figuradamente a qualquer passagem nimiamente estreita. ‖ *Etym.* E' voc. de origem tupi, tanto usual entre os Tupinambás do Brazil, como entre os Guaranis do Paraguay.

Jiquitáia, *s. f.* pó de qualquer pimenta do genero *Capsicum*, que, depois de bem madura e secca, é convenientemente triturada. Este pó, lançado em caldo, vinagre ou sumo de limão, serve de tempero á mesa. ‖ *Etym.* Do

tupi *Juquitaia*, significando *sal ardente*. || E' o que em Portugal chamam *sal-pimenta*.

Jiráu, *s. m.* especie de grade de varas sobre esteios fixados no chão, e mais ou menos elevados, segundo o mister a que se deve prestar. Ora é destinado a leito do dormir nas casas pobres; ora serve de grelha para *moquear* a carne ou peixe, ora para nelle expor ao sol objectos quaesquer. Tambem dizem *Jurâu*. || Em algumas provincias do Norte, applicam igualmente o nome de *Jiráu* a uma esteira suspensa e presa ao tecto da casa por quatro ou mais cordas, e serve para nella se guardarem queijos e outros generos, que ficam desta sorte ao abrigo dos ratos e demais alimarias damninhas (Meira). || *Etym.* E' voc. da lingua tupi, e parece corruptela de *Jurâu*. Tem-se escripto *Girdo* e *Girâu* (Moraes, Aulete).

Jirimú, *s. m.* nome que, sobretudo nas provincias do Norte, dão á abobora amarella, especie de cucurbitacea de que existem muitas variedades. || *Etym.* E' voc. de origem tupi, que se pronuncia diversamente segundo as localidades: *Jirimú*, *Jirimum*, *Jurumú*, *Jurumum*. Gabriel Soares, tratando das variedades indigenas desta planta, a chama *Gerumú*. E' essa sem duvida a origem do *Giromon* dos Francezes, embora Larousse a vá procurar no Japão.

Jirimum, *s. m. (Pern. Alagôas)* o mesmo que *Jirimú*.

Jissára, *s. f.* o mesmo que *Assahi*.

João-Congo, *s. m.* o mesmo que *Guaxe*.

João-Fernandes, *s. m. (R. Gr. do S.)* nome de uma das variedades desses bailes campestres a que chamam geralmente *Fandango*.

João-Galamarte, *s. m. (Par. do N., R. Gr. do N., Ceará)* o mesmo que *Gangorra* (1°).

Johô, *s. m. (Goyaz, Matto-Grosso)* ave do genero *Cryturus (C. noctivagus)* da familia das Perdiceas. Em outras provincias lhe chamam *Zabêlê*. || *Etym.* E' vocabulo onomatopaico, que se deriva do canto desta ave, que mais se faz ouvir durante a noute. Será talvez o *Inambú-hôhô* dos Guaranis, e o *Inambú-toró* do Pará. || Esta ave pertence tambem á Fauna do Mexico; mas ignoro o nome vulgar que alli tem.

Jongar, *v. intr. (Rio de Jan., Minas-Geraes, S. Paulo)* dançar o jongo (B. Homem de Mello).

Jongo, *s. m. (Rio de Jan., Minas-Geraes, S. Paulo)* especie de dança de que em seus folguedos usam os negros nas fazendas. E' acompanhado por seus rudes instrumentos musicaes, como a puita, o tambor, etc. (B. Homem de Mello). || E' analogo ao *candombe*, que se pratica nas mesmas provincias, e ao *Maracatú* de Pernambuco.

Juá, *s. m. (Bahia e outras provs. do N.)* fructa do Juazeiro, arvore do genero *Zizyphus (Z. juazeiro)* da familia das Rhamnaceas. || Tem o mesmo nome nas provs. do Sul diversas fructas da familia das Solaneas.

Júba, *adj. m. e f.* vocabulo tupi significando *amarello*. Este adjectivo não se manifesta senão em nomes compostos, cuja etymologia bem poucas pessoas conhecem, taes como *Jurujúba*, *Guarájúba*, *Piracanjuba* e outros. || No dialecto amazoniense, em vez de *júba* diziam *taguá (Dicc. Port. Braz)*. || V. *Tauá*.

Juláta, *s. f. (Matto-Grosso)* peça de panno em que se envolvem os Indios e Indias em falta de outra qualquer roupa. Corresponde á *Tanga* dos Africanos. || *Etym.* Parece-me ser vocabulo guaicurú.

Jundiá, *s. m.* nome commum a diversas especies de peixes d'agua doce, e entre elles o *Platystoma Spatula*. Tambem lhe dão o nome portuguez de Bagre. || *Etym.* E' vocabulo tupi.

Jupatí, *s. m. (Valle do Amazonas)* palmeira do genero *Rhaphia (R. vinifera)* de que ha uma sub-especie ou variedade com o nome botanico de *R. taedigera* (Flor. Bras.). || *Etym.* E' voc. tupi.

Jupiá, *s. m.* remoinho nas aguas de um rio, especie de voragem, que o navegador deve evitar para se não expôr a grande perigo. A respeito deste accidente fluvial, Silva Braga, na sua memoria *A bandeira do Anhangüera a*

Goyaz em 1772, diz o seguinte : « A minha canôa se viu perdida, porque, sahida das pedras, deu em um *Jupiá*, donde depois de dezesete ou dezoito voltas que nelle deu, a mesma violencia da agua a lançou para fóra (*Gazeta Litteraria*).» Ainda em 1846, navegando eu nas aguas do Paraguay, deram os tripolantes da minha canôa o nome de *Jupiá* a um remoinho junto do qual passámos. Creio, porém, que esse vocabulo já não se conserva alli na linguagem popular. Em Goyaz está de todo perdido. Como nome proprio de localidade, existe em certa paragem do rio Paraná, abaixo da fôz do Tieté. || No valle do Amazonas chamam-lhe *Caldeirão*.

Juquiá, *s. m. (Esp.-Santo)* especie de nassa feita de ubá e aberta nas duas extremidades. Terá uns $0^{m},80$ de altura. E' destinado á pescaria nos logares rasos e lodosos dos rios e lagôas. O pescador levanta-o e fal-o cahir rapidamente na agua assentando no fundo a parte larga. Se acontece ficar preso um peixe, introduz o braço pela estreita abertura superior e o toma á mão (Saint-Hilaire). || Na prov. de Alagôas, dão a essa nassa o nome de *Cuvú* (B. de Maceió). Em Guarapuava, no Paraná, o *Juquiá* é uma especie de ratoeira ; mas designa-se mais particularmente com este nome uma certa armadilha para apanhar passaros, a qual consiste em um cestinho redondo com uma abertura de fórma conica por onde entra o animalzinho, e cuja extremidade interior termina por lascas ponteagudas de taquara, que lhe impedem o regresso (L. D. Cleve). || Em Matto-Grosso, como instrumento de pesca, o *Juquiá* é o mesmo que *Jiquí*.

Juráu, *s. m.* o mesmo que *Jiráu*.

Jurubéba, *s. f. (Pern.)* planta medicinal do genero *Solanum (S. paniculatum)* da familia das Solaneas. || *Etym.* E' provavelmente de origem tupi

Jurumbéba, *s. f. (R. de Jan.)* planta da familia das Cactaceas. || *Etym.* Alteração de *Ururumbéba*, nome tupi deste vegetal.

Jurumú, *s. m. (Pará)* o mesmo que *Jirimú*.

Jurumum, *s. m. (Pará)* o mesmo que *Jirimú*.

Jurupêma, *s. f.* o mesmo que *Urupêma*.

Jururú, *adj.* triste. Applica-se sobretudo ás aves e outros animaes que se conservam tristes, sem que nada os desperte, nem mesmo o pasto. Entretanto, se usa ás vezes deste vocabulo em relação ao homem : Que tens que te vejo tão *jururú* ? || *Etym.* E' vocabulo de origem tupi e guarani. Os Tupinambás diziam *Xe arurú*, por *estar tristonho (Voc. Braz.)*.

Juruté, *s. m. (S. Paulo)* nome de uma planta fructifera da familia das Cordiaceas.

Jurutí, *s. f.* nome de uma ou mais especies de aves do genero *Columba*, da familia das Gallinaceas.

Juruvá, *s. m. (Matto-Grosso)* o mesmo que *Jerivá*.

Jussára, *s. f.* o mesmo que *Assahi*. || No Pará dão o nome de *Jussára* á fasquia do caule da palmeira Assahi, de que se fazem ripas.

Laçáço, *s. m. (R. Gr. do S.)* golpe dado com o laço. Dar *laçaços* é açoutar com elle (Coruja). || *Etym.* E' termo que recebemos dos nossos vizinhos platinos.

Laçadôr, *s. m. (R. Gr. do S.)* homem dextro no exercicio de laçar (Cesimbra).

Laçar, *v. tr.* apprehender um homem, um cavallo ou boi por meio do laço, que se lhe atira quando vai a correr. || Tambem dizem *enlaçar* (Cesimbra). || *Fig.* Embair, adquirir predominio sobre alguem (Meira). || *Etym.* Tanto *laçar* como *enlaçar* são verbos portuguezes, salvo o sentido peculiar que têm no Brazil.

Láço, *s. m.* arma de apprehensão que consiste em uma corda de couro trançado, de 15 a 25 metros de comprimento, com um nó corredio em uma das extremidades, ficando a outra extremidade presa ao *cinchador*, por meio de uma presilha, se o laçador está montado. Joga-se o laço ao pescoço ou aos pés do homem ou do animal, e desta sorte o seguram. || *Obs.* Segundo Cesimbra, o laço era uma arma usual entre os aborigenes, e delles o receberam os primeiros povoadores de raça

portugueza. ‖ Chesnel, citando Pausanias, diz que os antigos Sarmatas prendiam e subjugavam seus inimigos atirando-lhes o laço. ‖ Dá-se o nome de *tiro de laço* ao acto de jogar o laço com o fim de laçar o individuo que se quer segurar.

Lageádo, *s. m. (R. Gr. do S., Paraná)* arroio ou regato, cujo leito é de rocha.

Lambamba, *s. m. (Serg.)* beberrão de cachaça (João Ribeiro).

Lambança, *s. f. (provs. do N.)* jactancia, bazofia de que usam aquelles que se querem inculcar.

Lambanceiro, *s. m. (provs. do N.)* individuo que se inculca, contando de si grandes proezas, e sempre disposto a fazer de tudo questão, a fallar longamente e a ralhar,

Laranjinha (1°), *s. f.* aguardente de canna aromatizada com casca de laranja.

Laranjinha (2°), *s. f. (Bahia, Serg., Alagoas, Pern.)* como instrumento de entrudo, o mesmo que *Cabacinha.*

Laranjinha (3°), *s. f. (Pern.)* especie de arvore de construcção, cuja madeira é de côr amarella (Rebouças).

Laranjo, *adj.* laranjado, alaranjado; diz-se do animal vaccum que tem côr de laranja; Boi *laranjo.* ‖ Nas provincias do norte, tambem se diz boi *laranja* (Meira).

Largádo, *adj. (S. Paulo, R. Gr. do S.)* abandonado, desprezado; diz-se do cavallo de que ninguem mais cuida, por ser indomavel, ou tambem d'aquelle que, sendo manso, ha muito tempo não é montado. Figuradamente applicam-o, no primeiro sentido, ao homem, quando se perdeu a esperança de o corrigir (Coruja).

Látego, *s. m. (R. Gr. do S.)* tira de couro cru que terá 1m,30 de comprimento sobre 0m,04 de largura, com a qual se apertam os arreios; faz parte da cincha (Coruja). ‖ *Obs.* Este voc. é usual em Portugal, já com a significação de açoute de correia ou de corda, e já com a de corda da cilha da sobrecarga, a que se chama tambem *inquerideira* (Aulete). ‖ *Etym.* Deriva-se do castelhano *látigo.*

Lavarinto, *s. m. (Ceará e outras provs. do N.)* trabalho de agulha, a que, tanto em Portugal como nas nossas provincias meridionaes, chamam crivo. ‖ *Etym.* Talvez venha do portuguez *lavor*, obra feita com agulha e por desenho, como rendas, bordados, tecidos, etc. Não me parece acertada a opinião d'aquelles que o fazem derivar de *labyrintho.*

Leite-de-côco, *s. m.* nome que dão ao sumo da amendoa do côco *(Cocos nucifera)*, depois de ralado. E' um tempero mui usado em muitas preparações culinarias.

Liamba, *s.f.* o mesmo que *Pango.*

Libambo, *s. m.* cadêa de ferro a que se liga pelo pescoço um lote de condemnados, quando tem de sahir das prisões a serviço. ‖ *Etym.* E' voc. da lingua bunda.

Ligá, *s. m. (S. Paulo, Minas-Geraes, Goyaz, R. Gr. do S. e Matto-Grosso)* couro crú de boi, com o qual se cobrem as cargas transportadas por animaes, afim de as pôr ao abrigo da chuva. ‖ *Etym.* Tem provavelmente origem no verbo *ligar.*

Ligeira, *s. f. (Par. do N.)* especie de chicote de que usam os vaqueiros para açoutar os cavallos (Santiago). ‖ O mesmo nome dão nas provincias do norte a uma corda que prende o chifre do boi por uma de suas extremidades, e é a outra amarrada a um fueiro do carro, com o fim de dirigir e amansar o boi novo (Meira).

Ligeiro, *s.m. (Amaz.)* remador de *Igarité*, *Montaria*, etc. (L. Amazonas).

Limão-de-cheiro, *s. m. (R. de Jan.)* o mesmo que *Cabacinha.*

Lindáço, *adj. sup. (R. Gr. do S.)* mui lindo (Cesimbra).

Lingua-de-vacca, *s. f. (Bahia)* o mesmo que *Maria-Gomes.*

Listário, *s. m. (Minas-Geraes)* nome que davam antigamente ao feitor incumbido de escrever o numero e peso dos diamantes achados (Saint-Hilaire).

Lobúno, *adj. (R. Gr. do S.)* qualificativo do cavallo que tem côr de lobo. ‖ *Etym.* E' voc. castelhano.

Logradôr, *s. m (Ceará)* nome que dão a uma secção da fazenda de criação, em logar retirado no qual se

estabelecem curral, aguada, , etc. e onde vai o vaqueiro tratar do gado e principalmente das vaccas feridas que alli se estabelecem. Todas as grandes fazendas têm seus *logradores*. || *Etym*. E' corruptela de logradouro.

Lombeira, *s. f.* mulleza de corpo; quebrantamento de forças: Estou hoje de *lombeira*, e não posso trabalhar (J. Norberto).

Lombiar, *v. tr. (Paraná)* ferir a sella o lombo do animal (S. Roméro).

Lombilho, *s. m. (provs. merid.)* nome do apeiro que substitue, nos arreios usados nesta parte do Brazil, a sella, o sellim e o serigote. || *Etym*. De *Lombo*.

Lonca, *s. f. (R. Gr. do S.)* couro de que se rapou o pêlo (Coruja).

Lonquear, *v. tr. (R. Gr. do S.)* rapar o pêlo de um couro emquanto fresco (Coruja).

Lóte, *s. m.* grupo de bestas de carga, cujo numero não excede ordinariamente a dez. Essas caravanas, a que no Brazil chamam *Tropas*, são divididas em *lótes*, e cada *lóte* tem seu conductor. A esse conductor dão, conforme as regiões, o nome de *Camarada*, *Tocador* e *Tangedor*. || Nas provincias do norte onde ha criação de gados, dão tambem o nome de *lóte* a uma certa porção de eguas a cargo de um garanhão (Meira). A isso chamam no R. Gr. do S. *Manada de eguas*. || Boi de *lóte* se diz para distinguir o touro do boi manso acostumado ao trabalho.

Luminária, *s. f. (S. Paulo)* especie de doce de côco contido em um pequeno vaso feito de massa de farinha de trigo. No Rio de Janeiro chamam a isso *Viuva*. No norte *Queijadinha*.

Lunanco, *adj. (R. Gr. do S.)* náfego; diz-se do cavallo mal conformado dos quartos, por ter uma anca mais alta que a outra. || *Etym*. E' voc. castelhano.

Lunarêjo, *adj. (R. Gr. do S.)* nome que dão ao animal que se distingue por qualquer signal no pêlo: Um cavallo *lunarejo*. Um novilho *lunarejo* (Cesimbra). || *Etym*. Este vocabulo é evidentemente importado das republicas platinas, tanto que no Rio Grande do Sul o pronunciam á castelhana. Entretanto o seu radical *Lunar* é tanto portuguez como castelhano.

Lundú (1º), *s. f.* nome de uma dança popular que se executa ao som de musica mui attrahente. Entre gente grosseira é dança mais ou menos indecente; mas, entre pessoas moralisadas, é sempre praticada de modo conveniente. O mesmo nome tem a musica que a acompanha. || *Etym*. Segundo Moraes, é voc. da lingua congueza e bunda. Póde ser que assim seja; mas Capello e Ivens não a mencionam em parte alguma da sua obra.

Lundú (2º), *s. m. (Par. do N. e R. Gr. do N.)* o mesmo que *Calundú*.

Macáco, *s. m. (R. de Jan.)* pilar em cuja construcção se empregam apenas dous tijolos por camada. || Além desta accepção, tem no Brazil este vocabulo todas as significações usuaes em Portugal, tanto applicadas a certas especies de quadrumanos, como a machinas bem conhecidas.

Macahíba, *s. f. (Pern.)* o mesmo que *Macahúba*.

Macahúba, *s. f. (Minas-Geraes)* palmeira do genero *Acrocomia*, de que se contam tres especies em todo o Brazil intertropical, variando, porém, de nome vulgar conforme as provincias: No Pará e Maranhão, *Mucajá*; em Pernambuco, *Macahiba*; em Matto-Grosso, *Bacayuba* e *Bocayuba*; e finalmente no Rio de Jan. *Coco de catarrho*. || *Etym*. Afóra este ultimo nome, são os mais de origem tupi. O de *Côco de catarrho*, vem, segundo dizem, de se empregar a polpa mucilaginosa d'esta fructa no tratamento do catarrho.

Macamba, *s. m.* e *f. (R. de Jan.)* nome com que as quitandeiras designam seus freguezes (Valle Cabral). || E' vocabulo frequente entre os escravos do littoral do Rio de Janeiro para designarem os seus parceiros, conviventes na mesma fazenda, ou sujeitos ao mesmo senhor (Macedo Soares). || *Etym*. Na lingua ou dialecto da Lunda, em Africa, este voc. é o plural de *e-camba*, amigo (Capello e Ivens).

Macaná, *s. m. (Valle do Amaz.)* instrumento de guerra offensiva e defensiva, especie de maça feita de madeira rija e pesada, da qual usam os selvagens, e é semelhante áquella de que se serviam os Romanos nos circos (F. Bernardino).

Macauân, *s. m. (Piauhy)* o mesmo que *Acauân*.

Macaxeira, *s. f. (provs. do N.)* o mesmo que *Aipim*.

Macéga, *s. f. (provs. merid.)* nome que dão ao capim dos campos, quando está secco e tão crescido que fórma um massiço cuja altura excede a da metade de um homem e se torna desta sorte de difficil transito. E' nestas circumstancias que se lhe põe fogo para que, brotando de novo, possa servir de pasto ao gado. || *Etym.* E' vocabulo portuguez significando, segundo Aulete, herva brava e damninha que nasce nas terras semeadas.

Macegal, *s. m. (provs. merid.)* grande extensão de terreno coberto de Macéga.

Maceió, *s. m. (Pern., Par. e R. Gr. do N.)* lagoeiro que se fórma no littoral, por effeito das aguas do mar nas grandes marés, e tambem das aguas da chuva. || Ordinariamente pronunciam *Massaió*. || Maceió é tambem o nome da capital da provincia de Alagôas. || A essa especie de lagoeiros chamam *Caponga* no Ceará, ao sul da cidade da Fortaleza.

Macêta, *adj. (R. Gr. do S.)* diz-se do cavallo doente das mãos ou com defeito nellas, isto é, que tem os machinhos mais grossos do que é ordinario (Coruja). Ha tanto em portuguez como em castelhano o vocabulo *Macêta*, não, porém, com a significação que lhe dão no Rio-Grande do Sul.

Macóta, *s. m.* homem de prestigio e influencia na localidade: Se queres ser eleito vereadôr, procura a protecção do Commendador, que é o *Macóta* do municipio. || *Etym.* E' vocabulo da lingua bunda, significando fidalgo, conselheiro do sóva ou chefe da tribu (Serpa Pinto).

Macúco, *s. m.* ave do genero *Tinamus (T. brasiliensis)*, da ordem das Gallinaceas, familia das Perdiceas. Vive nas mattas, e é uma das melhores caças do Brazil. || *Etym.* E' abreviação de *Macucagud*, nome tupi.

Macúlo, *s. m.* especie de diarrhéa com prolapso da mucosa do anus, caracterisada principalmente pelo relaxamento do esphincter e dilatação da abertura respectiva (B. de Maceió). || Tambem lhe chamam *Corrução*. || *Etym.* E' de origem africana, e mui provavelmente pertence á lingua bunda. Capello e Ivens fallam desta molestia e indicam-lhe o tratamento usado na Africa; mas não a incluem em nenhum dos seus vocabularios.

Macurú, *s. m. (Valle do Amaz.)* balanço formado por dous circulos de grossas talas ou madeira flexivel, separados de 0^m,22 um do outro, e ligados por cordas que o suspendem do tecto, onde deixam as crianças na primeira infancia entregues a si proprias. Os dous arcos são revestidos de panno, sendo o de baixo forrado de modo a que a criança fique assentada com as perninhas pendentes. Collocam-a debruçada sobre o primeiro arco, e ella, com o movimento natural das pernas, tem esta armadilha em continuo movimento, sem haver risco de bater-se e magoar-se (J. Verissimo). || *Etym.* Segundo o auctor deste artigo, é vocabulo de origem tupi, que elle decompõe em *mã*, atar, ligar, envolver, amarrar, prender, e *Kyry*, o pequerrucho, a criancinha.

Madeireiro, *s. m.* negociante de madeiras. Chamam-lhe em Portugal *Estanceiro de madeiras*.

Madrijo, *s. f. (Bahia)* nome que dão á baleia mãe, para a distinguir do baleáto (Aragão).

Madrinha, *s. f.* nome que dão á egua que serve de pastora e guia de uma tropa de bestas muares. Penduram-lhe ao pescoço uma especie de campainha a que chamam *cincerro*. E' singular a influencia que este animal exerce sobre todos os outros da tropa, evitando desta sorte que se dispersem e extraviem.

Madúro, *s. m. (R. de Jan.)* especie de bebida fermentada feita com mel de tanque misturado com agua. Constitue uma especie de cerveja que

dizem ser pouco sadia. ‖ *Etym.* Em Portugal dão o nome de vinho *maduro*, ao que é feito em geral de uva bem madura; mas isto não me parece poder ser a origem do nosso vocabulo. Quero antes crer que seja o metaplasmo de *Maluvo*, que na lingua bunda significa vinho, tanto mais que o *Maluvo* dos Africanos é feito com mel fermentado.

Mãe-d'agua, *s. f.* o mesmo que *Uyára.*

Maguarí, *s. m. (Pará)* o mesmo que *Baguarì.*

Maláca, *s. f. (S. Paulo)* molestia. ‖ *Etym.* Talvez seja uma alteração de *Malácia*, no sentido pathologico deste termo.

Malacafento, *adj.* adoentado: Tenho estado ha dias *malacafento.* ‖ *Etym.* Parece originar-se de *maláca.*

Malacára, *adj.* e *s. m.* e *f. (R. Gr. do S.)* diz-se do cavallo que tem a testa branca com uma listra da mesma côr, desde o focinho até o alto da cabeça. Exceptua-se, porém, desta denominação o cavallo de côr escura, ao qual, ainda que tenha o mesmo signal, se chama *picaço.* Do boi se diz *malacára bragado.* ‖ *Etym.* Do castelhano *mala cara* (Coruja).

Malampansa, *s. f. (R. de Jan.)* o mesmo que *Manampansa.*

Malandéu, *s. m. (Bahia)* malandrim.

Mal-arrumado, *s. m. (S. Paulo)* terreno coberto de grandes pedaços de rocha, por meio dos quaes se transita com difficuldade. E' o que no Piauhy e outras provincias chamam *Bòròcòtò.*

Malcasado, *s. m. (Serg.)* especie de Beijú, a que tambem chamam *Malcassá.* Fazem-o de tapioca, a que se ajunta leite de côco, e assam-o a fogo brando, envolto em folhas de bananeira (João Ribeiro).

Malcassá, *s. m. (Serg.)* o mesmo que *Malcasado.*

Mal-de-escancha, *s. m. (Maranhão)* o mesmo que *Quebra-bunda.*

Mal-de-vaso, *s. m. (R. Gr. do S.)* ferida cancerosa na raiz dos cascos dos cavallos ou bestas muares. ‖ *Etym.* *Vaso* em castelhano, além de outras accepções, significa casco de cavallo, e dahi vem a denominação da molestia de que se trata.

Malóca, *s. f. (Valle do Amaz.)* aldeia composta de indios, quer selvagens quer mansos. ‖ *(Ceará)* magote de gado que os vaqueiros ajuntam, por occasião das vaquejadas, e conduzem para os curraes; ou daquelle que costuma pascer em certos e determinados pastos nas fazendas de criação. ‖ Em geral, magote de gente de pouca confiança: Uma *malóca* de ciganos. Uma *malóca* de desordeiros. Uma *malóca* de selvagens. ‖ *Etym.* E' vocabulo de origem araucana com a significação de correrias em terras inimigas (Zorob. Rodriguez). Nós o devemos, sem duvida, a qualquer das republicas nossas vizinhas; mas não sei por que ponto da fronteira entrou elle para o Brazil. Em todo o caso, nesse trajecto, alterou-se-lhe muito a primitiva accepção.

Malpinguinho, *s. m. (Alagôas)* o mesmo que *Mapinguim.*

Malungo, *s. m.* camarada, companheiro, titulo que os escravos africanos davam áquelles que tinham vindo para o Brazil na mesma embarcação. Depois da extincção do trafico, tem perdido este vocabulo a sua antiga razão de ser; todavia, na linguagem vulgar, tem-se mantido como expressão depreciativa na accepção de companheiro da mesma laia: Elles são *malungos*, lá se avenham. Não me tome por seu *malungo.* ‖ *Etym.* E' provavelmente palavra africana, mas não a vejo mencionada em vocabulario algum.

Mamalúco (1º), *s. m.* o mesmo que *Mamelúco.*

Mamalúco (2º), *s. m.* (*Alagôas*) nome vulgar de uma especie de arvore de construcção.

Mamelúco, *s. m.* mestiço filho de europeu e de mulher india. ‖ *Etym.* Este vocabulo, de origem arabe, era aquelle com que se designava a celebre milicia do Egypto, que depois de ter adquirido a maior preponderancia naquelle paiz, teve de ser destruida como unico meio de pôr um paradeiro aos desacatos que commettia. Achou-se sem duvida toda a analogia entre os Mamelucos do Egypto e os mestiços do

Brazil, os quaes eram com effeito mui accusados de insubordinação, e foi por isso que lhes consagraram aquelle nome historico. || Tambem se diz *Mamalúco*. || No Pará, o *Mamelúco* provém da mistura do sangue branco com o *Curibóca* (J. Verissimo).

Mamparras, *s. f. pl.* subterfugios, evasivas : Executa as minhas ordens, e deixa-te de *Mamparras*.

Mamulengos, *s. m. pl. (Pern.)* especie de divertimento popular, que consiste em representações dramaticas, por meio de bonecos, em um pequeno palco alguma cousa elevado. Por detraz de uma empannada, esconde-se uma ou duas pessoas adestradas, e fazem que os bonecos se exhibam com movimento e falla. A esses dramas servem ao mesmo tempo de assumpto scenas biblicas e da actualidade. Tem logar por occasião das festividades de Igreja, principalmente nos arrabaldes. O povo applaude e se deleita com essa distracção, recompensando seus auctores com pequenas dadivas pecuniarias. Os *Mamulengos* entre nós são, mais ou menos, o que os Francezes chamam *Marionette* ou *Polichinelle*. Em outras provincias, como no Ceará e Piauhy, dão a esse divertimento a denominação de *Presepe de calungas de sombra*. Ahi os bonecos são representados por sombras, e remontam-se á historia da creação do mundo (J. A. de Freitas). Na Bahia dão aos *mamulengos* o nome de *Presepe*, e representam grotescamente as passagens mais salientes do Genesis.

Manáda, *s. f. (R. Gr. do S.)* magote de eguas ou de burras (trinta a quarenta) dominadas por um garanhão. || *Etym.* E' vocabulo portuguez, com a significação de rebanho de gado grosso. Nas provincias do norte, em logar de *Manáda* de eguas, dizem *Lote de eguas*.

Manampansa, *s. f. (R. de Jan.)* especie de beijú espesso feito da massa da mandioca, temperado com assucar e herva doce, o qual se colloca entre folhas de bananeira e se põe a tostar no forno da farinha de mandioca. Tambem se diz *Malampansa*. E' isto o que, em Pernambuco, Alagôas, Pará e talvez em outras provincias do norte, se chama *Beijú*, com a unica differença de ser a massa simplesmente temperada com sal e se chama *Beijú pagão*, e as vezes misturada com côco ralado, sem nenhum outro tempero, e é isto o *Beijú de côco*.

Manangüêra, *adj. m.* e *f.* *(S. Paulo)* magro, fanado. Diz-se do homem e da mulher. || *Etym.* Parece ser alteração de *Manen-cuéra*; e tem muita analogia com *Mandingüêra*, bem que este se applique especialmente aos leitões que nascem acanhados.

Manapussá, *s. m. (Ceará)* arvore fructifera, talvez do genero *Mouriria*, da familia das Melastomaceas.

Manauê, *s. m.* especie de bolo feito de fubá de milho, mel e outros ingredientes. Dão o mesmo nome á *Pamonha de mandioca-puba*. Em Pernambuco e Alagôas lhe chamam *Pé de moleque*.

Mancuêba, *s. m. (S. Paulo)* o mesmo que *Cuba*.

Mandacarú, *s. m.* nome commum a diversas plantas do genero *Cactus* da familia das Cactaceas. Segundo o *Voc. Braz.*, seu nome tupi era *Nhamandacarú*. No Pará lhe chamam *Jaramacarú*.

Mandingüéra, *s. m. (S. Paulo)* nome com que, em relação ao gado suino, se designam os leitõesinhos que nascem acanhados, e que por isso os bons criadores supprimem desde logo para vingarem melhor os outros mais robustos (B. H. de Mello).

Mandióca, *s. f.* planta do genero *Manihot (M. utilissima)* da familia das Euphorbiaceas, da qual ha muitas especies. || *Etym.* E' voc. de origem tupi, hoje universalmente adoptado, ainda que variando de fórma de uma para outra lingua européa; em francez e inglez *manioc*, em italiano *manioca*; Os hespanhoes lhe chamam, porém, *yuca*, nome que não se deve confundir com o do genero *yucca*, da familia das Liliaceas.

Mandiocal, *s. m.* terreno plantado de mandioca. || Em Pern. lhe dão especialmente o nome de *roça*.

Mandubí, *s. m.* nome tupi do *Arachis hypogœa*, planta da tribu das

Papilionaceas, familia das Leguminosas. Hoje dizem geralmente *Mendubi* e tambem *amendoï*, como já no seu tempo o fez G. Soares. || No Ceará lhe chamam *Mudubim* (P. Nogueira).

Manduréba, *s. f. (Ceará)* nome chulo da cachaça (Araripe Junior). Tambem lhe chamam em diversas provincias do norte *Branca*, *Branquinha*, *Bicha*, *Jerebita*, *Piloia*, *Teimosa*, *Cotréa*, *etc*.

Mané, *s. m.* individuo inepto, indolente, desdeixado, negligente, palerma. || Tambem dizem *Manécôco* e no Amazonas *Manembro*. || *Etym.* E' a apocope do termo *Manêma*, que, tanto em tupi como em guarani, significa frouxo (Montoya) e mofino *(Voc. Braz.)*, o que está de accôrdo com a nossa definição. || E' syn. de *Bocó* e *Bocório*, de que igualmente se usa no mesmo sentido depreciativo. || *Obs.* Ha o termo homonymo *Mané*, de que se serve a gente da plebe, como diminutivo de Manoel.

Manêa, *s. f. (R. Gr. do S.)* correia de couro trançada com que se peiam os animaes, ou pelas mãos, o que é mais usual, ou pelos pés. As melhores são as que têm argola, botão, etc.

Maneadôr, *s. m. (R. Gr. do S.)* tira de couro crú garroteada, que serve no Fiador ou Buçal. Quando é trançado, a trança é achatada (Coruja).

Manear, *v. tr. (R. Gr. do S.)* prender o cavallo com a *manêa*. || *Etym.* E' verbo castelhano. || Em portuguez, *manear* exprime o mesmo que manejar (Aulete).

Manécôco, *s.* e *adj. m.* o mesmo que *Mané*.

Manêma, *s.* e *adj. m.* e *f.* o mesmo que *Mané*.

Manembro, *s. m. (Valle do Amaz.)* o mesmo que *Mané*.

Manga (1°), *s. f.* fructa da Mangueira (1°).

Manga (2°), *s. f. (Bahia)* pequeno pasto cercado, onde se guardam cavallos e bois. || *(Piauhy)* extenso cercado com pasto, onde se põe o gado em certas occasiões (Meira).

Mangába, *s. f.* fructa da Mangabeira, arbusto do genero *Hancornia (H. speciosa)*, da familia das Apocyneas. || *Etym.* E' termo tupi.

Mangabal, *s. m.* terreno geralmente coberto de mangabeiras, que nelle crescem espontaneamente.

Mangangá, *s. m.* especie de insecto da ordem dos Dipteros, pertencente talvez ao genero *Asilus*. E' o terror dos outros insectos; e sua ferroada no homem produz uma dôr intensa, acompanhada de calafrios e febre (B. de Maceió). || Em Sergipe dão figuradamente o nome de *Mangangá* ao maioral da localidade, ao homem de prestigio pela influencia de que gosa (S. Roméro). || *Etym.* E' voc. commum ao tupi e guarani.

Mangará (1°), *s. m.* nome que davam os Tupinambás aos tuberculos comestiveis de diversas especies de plantas do genero *Caladium*, familia das Aroïdeas.

Mangará (2°), *s. m. (Pern.)* ponta terminal da inflorescencia da bananeira, constituida pelas bracteas que cobrem as pequenas pencas de flores abortadas (Glaziou).

Mangaríto, *s. f.* planta do genero *Caladium* (*C. sagittaefolium)* da familia das Aroïdeas, cujos tuberculos são comestiveis. || *Etym.* E' vocabulo de origem tupi. Seu nome primitivo era *Mangará-mirim*.

Manguá, *s. m. (Bahia)* correia com que se açoutam os animaes. Tambem lhe chamam *Táca*.

Manguára, *s. f. (Bahia)* especie de bastão mais grosso na parte inferior, e mui usado para auxiliar a marcha em terreno escorregadio (E. de Souza).

Manguarí, *s. m. (S. Paulo)* o mesmo que *Galalau*.

Mangue, *s. m. (littoral)* nome que dão ás margens lamacentas, não só dos portos, como dos rios até onde chega a acção da agua salgada, e onde vegetam os bosques dessas plantas a que tambem dão o nome de *Mangue*, pertencentes aos generos *Rhizophora*, *Avicenia*, *Laguncularia*, etc. Esses lamaçaes são o viveiro de diversas especies de caranguejos. || Aulete erra nas tres primeiras definições que dá de *Mangue*. Não cabe o nome de *Mangue* a qualquer terreno pantanoso, nem á manga, fructa da mangueira, nem tampouco é synonymo de mangueira.

Manguear, *v. tr.* *(R. Gr. do S.)* repontar os animaes no intuito de os dirigir e fazer entrar nessa especie de curral a que chamam *Mangueira*. Outro tanto se diz quando, em canôa, se repontam os animaes, no acto de atravessar a nado algum rio (Coruja).

Mangueira (1°), *s. f.* arvore fructifera do genero *Mangifera (M. Indica)* da familia das Terebinthaceas, oriunda das Indias Orientaes, e geralmente cultivada nas provincias intertropicaes do Brazil.

Mangueira (2°), *s. f. (R. Gr. do S.)* curral grande para onde se podem *manguear* (dirigir) animaes, tanto mansos como bravos. Fazem-a no prolongamento de uma cerca, por onde os animaes seguem como illudidos. Differe do que se chama propriamente *curral*, não só no tamanho, como porque ao curral só acodem os animaes mansos (Coruja).

Mangúxo, *s. m. (Bahia)* o mesmo que *Bambão*.

Maníca, *s. f. (R. Gr. do S.)* nome da menor das tres bolas, na qual se péga para manejar as outras duas. || *Etym.* Vem do castelhano *mano* ou do portuguez *mão* (Coruja). || V. *Bolas*.

Manicuéra, *s. f. (Pará)* succo de uma especie de mandioca assim chamada, com a qual fazem cozinhar o arroz, e é tão doce que dispensa o assucar. || Em Pern. e outras provs. do N., o succo de qualquer especie de mandioca tem geralmente o nome de *Manipueira*, significação identica á de *Manicuéra*, salvo as qualidades especiaes desta. Aulete escreve erroneamente *Maniqueira*.

Manipueira, *s. f. (Pern. e outras provs. do N.)* liquido que, por meio da pressão, se extrahe da mandioca ralada. Neste liquido se contém todo o veneno da raiz da mandioca, veneno analogo ou semelhante ao acido cyanhydrico, o qual, sendo exposto á acção do sol ou do fogo, evapora-se; e então torna-se a *Manipueira*, convenientemente temperada com pimenta e outros condimentos, um excellente molho, ao qual no Pará chamam *Tucupi*. || *Etym.* Fórma vulgar do tupi *Manipuéra*.

Manissóba, *s. f. (Pern. e outras provs. do N.)* a folha da mandioca. || *Etym.* E' vocabulo tupi composto de *Mani* e *sóba*. Em guarani *Mandii hoba* tem a mesma significação. || Naquellas provincias chamam tambem *Manissóba* a um esparregado preparado com a folha da mandióca, e a que se ajunta carne e peixe. || *Manissóba* é tambem o nome de uma planta semelhante pela folha á mandióca e de cuja raiz se faz farinha em tempos de penuria. Ha tambem com este nome uma especie de *Jatropha* de que se extrahe gomma elastica.

Maníva, *s. f. (provs. do N.)* caule da mandioca. || A *maniva*, dividida em pedaços de uns vinte centimetros de comprimento, e plantada de estaca, reproduz o arbusto, cuja raiz é a materia prima para a fabricação da farinha. || No Rio de Janeiro e outras provincias do Sul dão á *maniva* o nome de *rama de mandióca*. || *Etym.* Este voc. de origem tupi decompõe-se em *mani*, cuja significação é duvidosa, e *ÿba*, arvore ; e portanto quer dizer *arvore do mani*. Os guaranís lhe chamavam *mandiÿ ÿba*. A differença que se observa entre *mandiÿ* e *mani* é méra questão de pronuncia.

Manja, *s. f. (Ceará)* folguedo de crianças semelhante ao *Tempo-será*. || Moraes menciona *Manja*, com a significação de cousa que se desfructa sem trabalho. Aulete não trata deste vocabulo em sentido algum.

Manjaléco, *s. m. (Pern. e Ceará)* marmanjo.

Manjangôme, *s. m. (Pern. e Par. do N.)* o mesmo que *Maria-Gomes*.

Manjúba (1°), *s. f. (R. de Jan.)* especie de peixe miudinho, talvez o mesmo a que na Bahia chamam *pititinga* (C. Lellis). || A *manjúba* de Pern. é a mesma *pititinga* da Bahia (Valle Cabral).

Manjúba (2°), *s. f. (Bahia)* comida : São horas da *manjúba*. Meu cozinheiro nos deu hoje uma boa *manjúba*. || *Etym.* Parece ser alteração de *mânjua* (Moraes).

Manóca, *s. f. (Bahia)* mólho de cinco a seis folhas de tabaco, assim dispostas para as fazer seccar (Aragão).

|| Em Moraes encontro *Manojo*, termo derivado do castelhano, com a significação de mólho ou rolo pequeno manual, por exemplo, de folhas de tabaco atadas. Moraes e Aulete trazem tambem *manólho* com a significação de *manojo*.

Manocar, *v. tr. (Bahia)* fazer manócas de folhas de tabaco (Aragão).

Manotáço, *s. m. (R. Gr. do S.)* pancada que dá o cavallo com a mão para adiante ou para o lado. Sendo contra o chão é *patáda* (Coruja). || *Etym.* Do castelhano *Manotázo*, que tambem se diz *Manotáda*, significando palmada, bofetada, pancada com a mão (Valdez).

Manotear, *v. tr.* e *intr.* (*R. Gr. do S.*) dar manotaços o cavallo. || *Etym.* E' verbo castelhano.

Mapiação, *s. f. (Matto-Grosso)* o mesmo que pauteação.

Mapiar, *v. intr. (Matto-Grosso)* o mesmo que pautear. || *Etym.* E' talvez corruptela de *papear*.

Mapinguim, *s. m. (Ceará)* nome que dão ao tabaco de fumo importado das provincias do sul, para o distinguir do *fumo da terra*, producto daquella provincia (J. Galeno). || Em Alagôas é esse o nome do tabaco em *rôlo fino*, importado do sul. Tambem lhe chamam *Malpinguinho* (B. de Maceió) e *Mapinguinho* (Meira).

Mapinguinho, *s. m. (Ceará)* o mesmo que *Mapinguim*.

Maqueira, *s. f. (Valle do Amaz.)* especie de rede de dormir que os Indios fazem com a fibra de *Tucum*, e ornam com pennas de aves. || A rede de *Maqueira* não é, como o diz Aulete, uma rede de pescar.

Mará, *s. m. (Pará)* vara que serve tanto para impellir a canôa, quando ella é posta em movimento, como para prendel-a no porto fixando-a no chão. || *Etym.* E' corruptela de *ymyrá*.

Maracá, *s. m. (Pern. e outras provs. do N.)* chocalho com que brincam as crianças. || *Etym.* E' o nome que os aborigenes, tanto no Brazil como no Paraguay, davam aos chocalhos feitos de cabaça ôca com pedrinhas dentro, e de que usavam como instrumento musical nas suas danças e festas. || Em S. Paulo dão a esse chocalho o nome de *Caracaxá*.

Maracajá, *s. m.* nome vulgar de uma especie de gato indigena e silvestre *(Felis Pardalis*, Neuw.) || *Etym.* E' vocabulo tupi. || Tambem lhe chamam *Gato do Matto*.

Maracanân, *s. m.* nome commum a diversas especies de aves pertencentes á familia dos Papagaios. || *Etym.* E' vocabulo tupi.

Maracatim, *s. m. (Pará)* embarcação do tamanho da *Igarité*, mais geralmente usada nas costas da região oriental desta provincia. || *Etym.* De *maracá*, chocalho; e *tim*, nariz, rostro. As antigas canôas dos indios traziam á prôa aquelle instrumento, e assim se chamavam. Comquanto elle tenha desapparecido, o nome, embora em decadencia de uso, ainda existe (J. Verissimo).

Maracatú, *s. m. (Pern.)* especie de dança, com que se entretêm os negros boçaes (Abreu e Lima). || E' analago ao *candombe* e ao *jongo* das provincias meridionaes. || *Etym.* Deve talvez seu nome ao uso que fazem do *maracá*, como instrumento musical.

Maracujá, *s. m.* fructa do Maracujazeiro, planta do genero *Passiflora*, da familia das Passifloraceas, de que ha innumeras especies, umas sarmentosas e outras arboreas. || *Etym.* Alteração do tupi *Murucujá*.

Marajá, *s. m. (Pará)* nome commum a duas palmeiras, sendo uma do genero *Astrocaryum (A. aculeatum)* e outra do genero *Bactris (B. Marajá)*, e cujas fructas são comestiveis. || *Etym.* E' vocabulo tupi.

Marandúva, *s. f. (Maranhão)* pêta, fabula, conto: Isto que me dizes é uma *marandúva*. Não creias em taes *marandúvas*. || *Etym.* Corruptela de *moranduba*, vocabulo tupi e guarani, com a significação de noticia, historia, narração, relação, etc. Em ambos os dialectos é indifferente dizer *moranduba* ou *poranduba*. || Na Bahia *póssóca* é o equivalente de *marandúva* (Valle Cabral).

Maranhense, *s. m.* e *f.* natural da prov. do Maranhão. || *adj.* que é relativo á mesma provincia.

Marca-de-Judas, *s. m.* e *f.* *(provs. do N.)* pessoa de baixa estatura.

Marcádo, *s. m. (R. Gr. do S.)* homem que gosta de enganar os outros, e mais especialmente se applica àquelle que negocia. Os habitantes da roça chamam tambem *marcádos* aos da cidade, suppondo-os sempre dispostos a illudil-os (Coruja).

Maré, *s. f. (Pará)* nas viagens fluviaes em que se faz sentir a acção do fluxo e do refluxo do mar, designa-se por *maré* a distancia itineraria de um ponto a outro. Tendo, por exemplo, de subir ou descer um rio, aproveita-se, no primeiro caso, da enchente, e no segundo, da vasante, e viaja-se até que cesse o fluxo ou refluxo, parando então, á espera de outra maré, e assim por diante, até attingir o ponto a que se destinava. Assim, pois, quando se diz que entre o sitio tal e tal ha uma, duas, ou mais *marés*, dá-se uma idéa do tempo que se gasta em vencer essa distancia.

Maria-Gômes, *s. f. (R. de Jan.)* planta hortense do gen. *Talinum (T. patens)* da familia das Portulacaceas. Tambem lhe chamam *Mariangombe*. E' o *Manjangôme* de Pernambuco e a *Lingua de vacca* da Bahia. Cresce tão espontaneamente por toda a parte que ninguem se dá ao trabalho de a cultivar.

Maria-molle, *s. f. (Paraná)* o mesmo que *Umbú* (2º).

Maria-mucanguê, *s. f. (R. de Jan.)* certo divertimento de crianças.

Maria-Rósa, *s. f. (Minas-Geraes)* palmeira do gen. *Cocos (C. Procopiana*, Glaz.). || O nome especifico desta palmeira lhe foi dado pelo illustre classificador, em memoria de Mariano Procopio Ferreira Lage, em cujas terras a encontrou.

Mariangombe, *s. m. (R. de Jan.)* o mesmo que Maria-Gomes.

Marianinha, *s. f. (Pará, Maranhão e Bahia)* o mesmo que *Trapoeraba*.

Maribondo, *s. m.* nome commum a todas as especies de vespas, menos no Maranhão e valle do Amazonas, onde é ainda usual o nome tupi de *Caba*, e em S. Paulo onde se servem geralmente de denominação portugueza de *vespa*. || *Etym.* E' vocabulo da lingua bunda, e nella se diz indifferentemente *Maribondo*, *Maribundo* e *Malibundo*. || Aulete define mal o nosso vocabulo, dando-o como nome de uma só especie de vespão.

Marímarí, *s. m. (Pará)* nome vulgar de uma arvore fructifera do genero *Cassia (C. brasiliana)*. || *Etym.* Pertence ao dialecto tupi do Amazonas.

Maritacáca, *s. f. (Pern. e outras provs. do N.)* nome vulgar do *Mephitis suffocans*, pequeno mammifero da ordem dos Carniceiros, o qual, quando é atacado, despede de si tamanho fedor que faz recuar tanto o homem como qualquer féra. Em algumas partes o chamam *Cangambá*, e no Rio Gr. do S. *Zorrilho*.

Maromba, *s. f. (Piauhy e outras provs. do N.)* nome que os vaqueiros dão a um magote de bois. || Em portuguez, o termo *Maromba* significa a vara comprida com que se equilibram os dançarinos de corda, e esse termo é tambem neste sentido usual em todo o Brazil. || Em Niteroy dão a certa variedade de sardinha grande o nome de *Sardinha maromba* (J. Norberto).

Marruá, *s. m. (provs. do N.)* touro.

Martiníca, *s. f. (Piauhy)* calças. || Diz Costa Rubim que, no Maranhão, é uma especie de calça larga de que usa a gente miuda ; e dahi vem o ditado : *homem de martinica e jaqueta*, com que se designa a gente rustica.

Mascataría, *s. f.* profissão do mascate : A *mascataria* me tem feito ganhar bastante dinheiro.

Mascáte, *s. m.* mercador ambulante que percorre as ruas e estradas, a vender objectos manufacturados, pannos , joias, etc. || Este nome figura na historia do Brazil desde o anno de 1710, em que houve a celebre *Guerra dos Mascates*, entre os habitantes de Olinda e os *Mascates* do Recife.

Mascateação, *s. f.* acção de mascatear.

Mascatear, *v. intr.* exercer a profissão de mascate.

Massa, *s. f.* mandióca rallada, a qual, depois de expremida no tipiti, é peneirada antes de ir ao forno, onde

pelo cozimento se completa a fabricação da farinha e das diversas especies de beijús. A' parte mais grossa da *massa*, que não passa pelas malhas da peneira, dão, conforme as provincias, o nome de *crueira* e outros mais, todos derivados do tupi. || V. *Crueira*.

Massaió, *s. m. (Pern., Par. do N., Rio Gr. do N.)* o mesmo que *Maceió*.

Massapé, *s. m.* nome que dão a certas qualidades de terras notaveis por sua fertilidade, em consequencia dos alcalis de que são abundantes. O *Massapé* da Bahia é o resultado da decomposição de schistos cretaceos, e é mui proprio para a cultura da canna de assucar. O das provincias do Sul é uma argila que resulta da decomposição de certas rochas graniticas, e é mui proprio para a cultura do café, e tão boa como a terra roxa de S. Paulo. Moraes escreve *Maçapé*, e Aulete *Massapez*. Este ultimo auctor, alem de dizer do *Massapez* o mesmo que diz Moraes do *Maçapé*, accrescenta mais: «Pozzolana dos Açores, formada á custa da decomposição das rochas volcanicas. »

Massará, *s. m. (Pará)* especie de *Pari*, com porta, por onde entra o peixe.

Massarandúba, *s. f.* nome commum a diversas arvores pertencentes á familia das Sapotaceas, e cujas fructas são comestiveis. || *Etym.* E' vocabulo tupi.

Máta, *s. f. (R. Gr. do S.)* matadura ; ferida no lombo do animal feita pela sella, cangalhá e outros arreios.

Matabôi, *s. m. (R. Gr. do S.)* correia de couro crú, que nas carretas prende o eixo ao leito, para que em algum salto os cocões não saiam fóra do eixo (Coruja).

Matádo, *adj. (R. Gr. do S.)* cheio de mataduras ; diz-se dos cavallos (Coruja).

Matâime, *s. m. (Pará)* o mesmo que *matâme* (B. de Jary).

Matâme, *s. m. (R. de Jan. e outras provs.)* recortes angulares na extremidade de folhos, camisas de mulher, toalhas, lenços, lençóes e outras roupas brancas. || No Pará lhe chamam *matâime* ; na Bahia *bicão* ; e no Maranhão *sirito*.

Matapí, *s. m (Pará)* especie de nassa semelhante ao *Cacuri*, sendo porém mais oblonga. No *Dicc. Port. Braz.*, *Matapÿ* tem a significação de *côvos de peixe miúdo*.

Matarú, *s, m. (Matto-Grosso)* especie de vaso de barro destinado á fabricação de azeite de peixe (Cesario C. da Costa).

Máte, *s. m.* folha de Congonha, que, convenientemente preparada e posta de infusão, constitue uma bebida usual em grande parte da America Meridional. || *Mâte chimarrão* é aquelle que se toma sem assucar. || *Obs.* No Paraguay, onde me achei anteriormente á guerra, dão ao *Mâte* o nome de *yerba*, e chamam *Mâte* a vasilha em que o tomam, e a que damos no Brazil o nome de *Cuia*. Segundo o Sr. Zorob. Rodriguez, o vocabulo *Mate* ou *Mati* pertence á lingua quichua e significa cabaça

Matear, *v. intr. (R. Gr. do S.)* o mesmo que *congonhar*.

Materialista, *s. m. (R. de Jan.)* nome burlesco com que são designados os mercadores de materiaes de construcção.

Mathambre, *s. m. (R. Gr. do S.)* carne magra que ha no costilhar do boi, entre o couro e a carne. Este *Mathambre* tira-se do couro com facilidade, e não se come sinão depois de bem amaciado. || *Etym.* Vem do Castelhano *Matahambre*, mata fome, por ser a primeira parte que se póde tirar da rez depois da lingua (Coruja). || A esta etymologia, do Sr. Coruja, accrescentarei que Valdez menciona *Matahambre* como termo cubano significando Maçapão feito de farinha de mandioca com assucar e outros ingredientes.

Matintapêréra, *s. f. (Pará)* nome vulgar de uma ave, cujo canto só se ouve á noute. Dá dous assobios *fifi, fifi*, e logo em seguida, em voz mais cantada, profere as syllabas *matintaperêra* (B. de Jary).

Matirí, *s. m. (Pará)* especie de sacco feito da fibra do tucum (Baena).

Matolão, *s. m. (provs. do N.)* especie de surrão ou alforge de couro, em que os sertanejos conduzem ás costas a roupa e utensilios de viagem

(Araripe Junior). Ordinariamente são feitos de couro de carneiro cortido com a lan, tendo boccal de couro cortido sem lan, e correias para o fechar. || *Etym.* O vocabulo portuguez *Malotão* significa mala grande, em que se mette a roupa ou a cama para ser transportada nas jornadas. Malotão e *Matolão* envolvem a mesma idéa. Parece-me evidente que o vocabulo brazileiro não é senão o resultado de uma metathese.

Matombo, *s. m. (Pern. e outras provs. do N.)* pequena leira circular, em que se planta a estaca da mandióca. || Tambem dizem *Matumbo* (Meira). No R. de Jan. dão ás leiras com destino a esta cultura o nome de *Côvas de mandioca;* mas são oblongas e parallelas entre si.

Matto, *s. m. (Pern. e outras provs. do N.)* o mesmo que *Roça* (1º).

Matto-Grossense, *s. m.* e *f.* natural da prov. de Matto-Grosso. || *adj.* que pertence á mesma provincia.

Matto-bom, *s, m. (Paraná)* matto cuja vegetação robusta revela a fertilidade do terreno em que se desenvolve, e o torna proprio, depois da derrubada, para a cultura do feijão, dos cereaes e de outras plantas economicas. *Matto-bom* tem sempre a significação de terreno fertil.

Matto-mau, *s. m. (Paraná)* o mesmo que *Cahiva.*

Mattutice, *s. f. (Pern.)* apparencia, modos e acção de mattuto.

Mattuto, *s. m.* o mesmo que *Caipira.*

Matumbo, *s. m. (Pern. e outras provs. do N.)* o mesmo que *Matombo.*

Matungo, *s. m. (R. Gr. do S.)* cavallo velho, sem prestimo algum, ou que para pouco presta (Coruja). || *Etym.* E' termo provincial de Cuba, e significa enfezado, debil, fraco, definhado, applicado particularmente aos animaes (Valdez).

Matupá, *s. m. (Valle do Amaz.)* grupo consideravel e compacto de capim aquatico, que se encosta á beira dos rios e lagos. Tambem lhe chamam *Periantan.* || *Etym.* E' vocabulo tupi (J. Verissimo).

Maturí, *s. m. (Piauhy, e de Pern. até o Ceará)* castanha ainda verde do cajú, de que se fazem diversas iguarias e confeitos. Na Bahia lhe chamam *Muturi.* || *Etym.* E' provavelmente de origem tupi.

Maturrango, *adj. (R. Gr. do S.)* máo cavalleiro. || *Etym.* E' termo provincial da America hespanhola (Valdez). || Tambem dizem *Maturrengo* (Cesimbra).

Maturrengo, *s. m. (R. Gr. do S.)* o mesmo que *Maturrango.*

Maxíxe (1º), *s. m.* fructa hortense de genero *Cucumis (C. anguria)* da familia das Cucurbitaceas.

Maxíxe (2º), *s. m. (R. Gr. do S.)* especie de batuque.

Mazanza, *s. m.* e *f. (Pern., Par.* e *R. Gr. do N.)* indolente, preguiçoso, relaxado, toleirão.

Mazombo, *s. m. (Pern.)* filho de portuguez nascido no Brazil. Moraes o dá como termo injurioso, sem dizer porém d'onde partia a má intenção de alcunhar desta sorte aquelles que eram della objecto. O termo não é tupi, e mais parece africano. Como quer que seja, creio que este voc. cahiu em desuso.

Mbayá, *s. m. (Matto-Grosso)* caçada de *mbayá* é áquella em que o caçador se envolve em ramagens verdes, afim de que, com a apparencia de arbustos, possa illudir os animaes e approximar-se delles, sem os fazer desconfiar. Este meio de caçar é sobretudo applicado ás perdizes. Neste caso o caçador arma-se de uma vara, de cuja extremidade pende um laço que passa ao pescoço da ave, e desta sorte a apanha viva. O termo *Mbayá* é guarani, e o encontro em Montoya com a significação de *empleitas grandes* (tiras grandes) *de paja que sirven de reparo en las casas*; e ainda mais *Caá mbayá* com a de *cerca que hazen de ramones en los arroyos para coger pescado.* || *Mbayá* é tambem o nome que os Paraguayos dão á nação de aborigenes a que chamamos Guaicurú.

Mbetára, *s. f.* o mesmo que *Metára.*

Mêcê, *(S. Paulo)* forma pronominal de tratamento correspondente a *você* ou *vossemecê*, e mui usada nas relações familiares, sobretudo entre pessoas da classe baixa.

Medeixes, *s. m. pl. (Bahia)* esquivança, desdem, desprezo pela pessoa que nos procura (F. Rocha). || *Etym.* Não é mais do que a contracção da locução *Me deixe*, com que ordinariamente repellimos aquelles que nos aborrecem.

Meia-canha, *s. f. (R. Gr. do S.)* nome de uma das variedades desses bailes campestres a que chamam geralmente *Fandango*. No Paraguay ha tambem uma dança a que chamam *Media-caña*.

Meia-cára, *s. m.* e *f.* nome que davam aos africanos que, depois da abolição do trafico, eram introduzidos, por contrabando, no Brazil. || Ainda se usa deste vocabulo para designar a acquisição de um objecto sem dispendio de dinheiro: Este chapeu tive-o de *meia cára*.

Mel, *s. m.* nome que dão á calda do assucar que se filtra das formas que estão a purgar, para se lavar o assucar e alvejar (Moraes). Para as diversas especies de *Melles*, V. *Melado* (1°). || *Mel de pau;* nome vulgar do mel de abelhas, por isso que a generalidade das abelhas do Brazil fazem seus cortiços nas cavidades de arvores. E' a traducção litteral do guarany *ybyraei*. || Descobridor de *mel de pau* diz-se do individuo que depára facilmente com aquillo que deseja: Tu que és descobridor de *mel de pau*, me poderás indicar um protector para com o presidente do conselho.

Meládo (1°), *s. m.* nome do caldo da canna de assucar, limpo na caldeira e pouco grosso; depois passa ás tachas onde se engrossa mais, e se diz *mel de engenho:* o liquido, que se destilla do assucar bruto, quando leva barro, ou cevadura do barro de purgar e agua na casa de purgar, chama-se *mel de furo;* e quando sahe claro do assucar quasi purgado, *mel de barro* (Moraes). Ao *mel de furo* chamam no Rio de Janeiro *mel de tanque*. || Com o novo systema de engenhos de assucar, tendem a desapparecer todas estas denominações.

Meládo (2°), *adj. (R. Gr. do S.)* diz-se do cavallo que tem o pêlo e a pelle brancos. Nota-se que essa variedade de cavallos tem os olhos ramelosos e pequenas sarnas ao redor delles. Para os differençar dos *melados* que tem o pêlo branco e a pelle preta, e não são sujeitos a essa enfermidade, dá-se-lhe tambem o nome de *melado sapiróca* (Coruja). || Nas provincias do norte, dão o nome de *melado* ao cavallo que tem côr de mel (Moraes).

Meladúra, *s. f. (provs. do N.)* nome que dão á quantidade de caldo de canna, que, nos engenhos de assucar, leva a caldeira onde primeiro se limpa, ou descachaça e escuma, logo depois de expremido. Assim dizem:—Faz este engenho oito meladúras por tarefa, isto é, em 24 horas. || Nos engenhos movidos por animaes, chama-se tambem *meladúra* o tempo que se gasta em moer ou expremer a canna cujo caldo enche a caldeira. Assim se diz:—Estes animaes já tiraram uma *meladúra* (B. de Maceió).

Meleiro, *s. m. (provs. do N.)* homem que compra mel nos engenhos; almocreve que o leva e conduz delles para distillar, etc.; o que trata em mel (Moraes). || Dão o mesmo nome ao individuo que costuma embriagar-se com aguardente (B. de Maceió).

Membéca, *adj.* vocabulo tupi significando molle, brando, tenro, e do qual nos servimos em composição com outras palavras da mesma lingua: *Cadmembéca*, *Capim-membéca*, etc. Em guarani *membeg*.

Membúra, *s. f. (littoral do N.)* nome que dão a cada um dos páus que formam os extremos lateraes da Jangada (J. Galeno). || *Etym ?* Em lingua tupi, ao filho em relação ao pae chamam *tayra*, e em relação á mãe *membyra*. Não sei por que especie de figura se dará áquelles páos da jangada o nome correspondente á filha da mulher.

Mendácula, *s. m. (Bahia)* senão, defeito moral. || *Etym.* Talvez tenha origem no vocabulo portuguez *Mendaz*, com a significação de mentiroso, falso.

Mendubí, *s. m.* o mesmo que *Mandubi*.

Mesquinho, *adj. (R. Gr. do S.)* diz-se do cavallo que não consente que se lhe ponha o freio, senão com muita difficuldade (Coruja).

Metára, *s. f.* rodella de pedra que os Tupinambás traziam no beiço inferior, previamente furado desde a infancia. Chamavam-lhe tambem *Tametára (Dicc. Port. Braz.)*, *Mbetára* e *Tembetára* (Anchieta). || Ha ainda no Brazil outras hordas de selvagens que usam desse singular ornamento, a que chamamos *Botóque* e são feitos de madeira.

Milongas, *s. f. (Pern.)* enredos, mexericos, desculpas mal cabidas : Conta-me a cousa como ella se deu, e deixa-te de *milongas*. || *Etym.* E' vocabulo de origem bunda. *Milonga* é o plural de *Mulonga*, e significa *palavras* (Saturnino e Francina). Em certos casos póde ter a accepção de *palavrorio*. || Segundo Cannecatim, tem tambem a significação de *questão*.

Mineiro, a, *s.* e *adj.* natural da provincia de Minas-Geraes : F. foi um *Mineiro* que se illustrou pelos serviços prestados á sua provincia. Fiz a acquisição de um excellente cavallo *mineiro*. || Afóra estes casos especiaes, o termo *Mineiro* tem a significação commum de explorador de minas.

Minéstra, *s. f. (Bahia)* nome que dão a certo geito, certo artificio para se obter as cousas que se cubiçam (F. Rocha).

Minéstre, *s. m. (Bahia)* pessoa geitosa nos meios que emprega para conseguir seus intentos (F. Rocha).

Mingáu, *s. m.* nome commum ás papas feitas de qualquer especie de farinha, de amido, de fecula ou da polpa de certas fructas, simplesmente temperadas com assucar e a que se póde ajuntar tambem leite e gemma de ovo: *Mingáu* de tapióca, de carimân, de sagú, etc. || No Pará, onde é aliás usual o termo *Mingáu*, dão comtudo o nome portuguez de *papas* ás que são feitas de farinha de trigo. || Em Pernambuco chamam *Mingáu-petinga* o que é feito com a mandioca *púba* e temperado com pimenta e hortelã (Moraes). || No Pará dão o nome de *Tacacá* a uma especie de *Mingáu* de tapioca que se tempera com o molho de *tucupi*. || *Etym.* E' vocabulo de origem tupi e guarani. A primitiva pronunciação era *Mingaú*.

Mingólas, *s. m. (Serg.)* avarento (João Ribeiro).

Minjólo, *s. m.*, o mesmo que *Munjólo* (2º).

Minuâno, *s. m. (R. Gr. do S.)* vento do sudoéste, secco e frigidissimo, que se manifesta no inverno depois de chuvas. || *Etym.* Provém de vir do lado que habitavam os selvagens Minuanos, hoje extinctos.

Mirim, *adj.* vocabulo tupi significando pequeno, e de que nos servimos para distinguir certos productos menores que outros. Os maiores distinguimol-os pelo adjectivo *guassú* : Arassá-*mirim*, Arassá-*guassú*, Tamanduá-*mirim*, Tamanduá-*guassú*.

Mirinzal, *s. m. (Maranhão)* matagal composto especialmente da planta chamada *Mirim*. || *Etym.* E' vocabulo oriundo da lingua tupi.

Missioneiro, *s. m. (R. Gr. do S.)* indigena ou habitante das antigas missões jesuiticas.

Mixíra, *s. f. (Pará)* conserva de carne ou de peixe, que, depois de cozido e frito, e estando frio, é posto em potes com azeite de tartaruga ou de peixe-boi. || *Etym.* E' voc. tupi, de que tambem se serviam os guaranis do Paraguay, sob a fórma *mbixi*.

Mobíca, *s. m.* e *f. (Bahia)* liberto, forro, individuo que deixou de ser escravo. || *Etym.* Farei apenas observar, como elemento de estudo, que, em lingua bunda, *M'bica* significa escravo.

Mocamáus, *s. m. plur. (provs. do N.)* negros fugidos que vivem nas mattas refugiadas em *Mocambos* (Moraes, Aulete). || *Obs.* Nunca tive occasião de ouvir pronunciar este nome, mas sim o de *Mocambeiro*, com a mesma significação. Moraes escreveu *Mocamáos*, e Aulete *Mocamáus*.

Mocambeiro, *s. m.* escravo fugido ou malfeitor refugiado em mocambo. || No Ceará chamam *mocambeiro* ao gado acostumado a esconder-se naquellas moutas do sertão, a que chamam *mocambo* (J. Galeno).

Mocambo (1º), *s. m.* o mesmo que *Quilombo*. || *Etym.* Desconheço a origem deste vocabulo e dos seus homonymos abaixo mencionados. Segundo

Bluteau, era o nome de um antigo bairro de Lisboa. Ha na Africa occidental portugueza uma serra com a denominação de *Mocambe*.

Mocambo (2°), *s. m. (Ceará* e *Matto-Grosso)* grandes moutas no sertão nas quaes se esconde o gado.

Mocambo (3°), *s. m. (Pern.* e *Alagôas)* cabana ou chóça, quer sriva de habitação, quer apenas de abrigo aos que vigiam as lavouras. Ao *mocambo* de duas aguas tambem chamam *Tijupá*, na Bahia e outras provincias.

Mocó (1°), *s. m. (provs. do N.)* nome vulgar de uma especie de mammifero, pertencente à ordem dos Roedores *(Kerodon rupestris)*.

Mocó (2°), *s. m. (provs. do N.)* especie de pequena bolsa, a que tambem chamam *Bocó*, e em Minas-Geraes e Bahia *Capanga*. Usam delle a tiracollo os viajantes, para levarem pequenos objectos necessarios para a jornada. No *Mocó* levam os meninos de escola seus papeis e livrinhos de estudo. Serve tambem de embornal para dar a ração do milho ás bestas. ‖ *Etym.* Como, além de outras pelles, se emprega geralmente a do *Mocó* (1°) para a fabricação desta bolsa, talvez desta circumstancia lhe provenha o nome (Meira).

Mócóróró (1°), *s. m. (provs. do N.)* nome commum a diversas bebidas refrigerantes. A de que usam no Ceará é feita com o sumo de cajú (Santos Souza). No Maranhão é preparada com arroz contuso de que se fazem papas grossas pouco cozidas, as quaes se deitam em uma vazilha de barro com agua e algum assucar e fica a fermentar durante dous dias; corresponde ao *Aluá* das outras provincias (D. Braz). No Pará é feita de mandioca e della usavam os aborigenes *(Thes. do Amazonas)*.

Mócóróró (2°), *s. m. (sertão da Bahia)* nome que, nas minas de Assuruá, comarca de Xique-Xique, dão ao limonito concrecionado. Naquellas minas o cascalho aurifero tem a possança media de um metro, é coberto por camadas de argila e de limonito, tendo a espessura media de $4^{m},50$, sendo $1^{m},50$ para a argila, e 3^{m} para o *Mócóróró* (P. de Frontin).

Mócótó (1°), *s. m.* mãos de vacca ou boi ainda cruas, ou depois de guisadas. E' um prato geralmente destinado ao almoço.

Mócótó (2°), *s. m. (Pará)* especie de sapo (Baena).

Mofina, *s. f.* insistencia em alguma idéa de interesse publico ou particular; empenho na realisação de algum projecto: Cada um tem a sua *mofina* ; a minha é a extincção da escravidão. A construcção de uma ponte naquelle rio é a minha *mofina*. ‖ Publicação repetida diariamente nos jornaes contra certa e determinada auctoridade ou pessoa: Ha dias que a *Gazeta* traz uma *mofina*, relativamente à demora na distribuição das esmolas deixadas pelo Commendador.

Mojíca, *s. f. (Valle do Amaz.)* processo de engrossar um caldo com uma fecula qualquer (J. Verissimo). ‖ Tambem se póde engrossar o caldo com peixe moqueado e esfarelado (B. de Jary). ‖ *Etym.* Do tupi *moajýca*, significando engrossar o liquido *(Dicc. Port. Braz.)*.

Mojicar, *v. tr. (Valle do Amaz.)* engrossar um caldo com qualquer fécula. E' mais usado o substantivo *Mojica*, com um auxiliar, do que esta forma verbal (J. Verissimo).

Molambo, *s. m.* trapo, farrapo, andrajos. ‖ Nem Moraes, nem Lacerda tratam deste vocabulo. Aulete o menciona como voz brazileira, sem nada dizer de sua etymologia, a qual eu tambem não conheço.

Moléca, *s. f.* menina negra.

Molecáda, *s. f.* magote de moleques.

Molecágem, *s. f.* procedimento mau, digno de moleque. Tambem dizem *molequeira*.

Molecão, *s. m.* moleque taludo. Tambem dizem *molecóte*.

Molecar, *v. intr.* proceder ou divertir-se como moleque.

Molecóte, *s. m.* o mesmo que *molecão*.

Moléque (1°), *s. m.* nome que davam ao negrinho no tempo da escravidão. Era injuria applical-o aos negrinhos livres. ‖ *Fig.* pessoa de maus sentimentos, de procedimentos baixos,

dignos de um pobre escravinho sem educação, nem moralidade. || *Etym.* Segundo Fr. Francisco de S. Luiz, *Molèque* e *Molèca* são termos angolenses, com a mesma significação que lhe dão no Brazil.

Molèque (2º), *s. m. (Minas-Geraes)* barra de iman com a qual se extrahem as particulas de ferro, que estão de mistura com o ouro em pó.

Molequeira, *s. f.* o mesmo que *molecàgem*.

Molequinho, a, *s. dim.* de *molèque* e *molèca*.

Molleirão, *adj.* e *s. m.* mollangueirão, individuo vagaroso, preguiçoso, negligente. || *Etym.* Deriva-se, sem duvida, do radical *molle*, tomado no sentido moral. Posto que seja usualissimo no Brazil; não o mencionam nem Moraes, nem Aulete e outros, o que me faz pensar que não é corrente em Portugal. || E' syn. de *Molongó*, de que usam no Pará.

Molleirona, *s.* e *adj. f.* de *Molleirão.*

Molongó, *adj.* e *s. m. (Parà)* o mesmo que *Molleirão.*

Momboia-xió, *s. f. (Parà)* especie de gaita de que se servem os caboclos, e é feita com uma tabóca de tres furos e uma lingua de tucano em logar de palheta. Produz sons maviosos e que têm provocado em algumas pessoas tristeza e pranto (Baena). V. *Embeaxió.*

Monarca, *s. m. (R. Gr. do S.)* homem do campo, vestido como tal e carregado de armas. E' gente sem educação, tanto que a seu respeito ha o seguinte proverbio: Moço *monarca* não assigna, mas risca a marca; isto é, não sabe ler nem escrever (Coruja).

Mondé, *s. m. (Bahia e outras provs. do N.)* o mesmo que *Mundé*.

Mondéu, *s. m.* o mesmo que *Mundé*.

Mondongo, *s. m. (Parà)* nome que na ilha de Marajó dão ás baixas que occupam grande extensão das campinas, e são cheias de atoleiros, de ordinario ocultos sob a espessura de plantas palustres. Dá-se, porém, especialmente este nome a um extensissimo pantanal que, distando da costa norte dez a doze milhas, prolonga-se de oeste a leste, desde as cabeceiras do rio Cururú até mui perto da costa oriental (Ferreira Penna). || *Obs.* Este vocabulo, com a significação de intestinos miudos de carneiro, do porco e de outros animaes, pertence tanto ao portuguez como ao castelhano.

Montádo, *adj.* diz-se do animal domestico, que se tornou bravio e vive fóra de qualquer sujeição. || *Etym.* E' corruptela de *amontàdo.* || No Pará e outras provincias, dizem, como em Portugal, *amontàdo*.

Montaría, *s. f.* pequena canôa ligeira, construida de um só madeiro. Na maior parte dos casos, é seu destino, nas viagens fluviaes, acompanhar as canôas de voga e servir para a pesca e caçada. || *Etym.* Seu nome primitivo era *canôa de montaria* || E' mui usada no valle do Amazonas, em Matto-Grosso, Goyaz e outras provincias.

Moponga, *s. f. (Parà)* meio de pescar, que consiste em bater a agua com os braços, afim de fazer o peixe remontar o riacho até o logar onde está estendida a rede, ou onde intentam construir *Mucuóca* (Baena).

Moqueação, *s. f.* acto de *moquear.*

Moquear, *v. tr.* assar a meio a carne ou peixe, para melhor conserval-os, operação que se executa sobre uma grade de páos a que dão o nome de *Moquem.* || No Minho, em Portugal, dizem encallir, por *moquear* (Moraes). || *Etym.* E' voc. de origem tupí, como o é tambem o verbo *boucaner* que Jean de Léry introduziu na lingua franceza, facto este que ainda hoje é ignorado pelos respectivos lexicographos, sem exceptuar os mais modernos, como Larousse e Littré. Em prova disto, attentemos para o que nos diz aquelle estimavel viajante, tão sagaz em suas observações, quanto exacto em suas descripções: « Touchant la chair de ce *Tapiroussou*, elle a presque même gout que celle de bœuf; mais quant à la façon de la cuire & aprester nos Sauuages, à leur mode, la font ordinairement *Boucaner*. Et parce que i'ai ia touché ci deuant, & faudra encor que ie reitere souuent

ci apres ceste façon de parler *Boucaner :* afin de ne plus tenir le lecteur en suspens, ioint aussi que l'occasion se présente maintenant ici bien à propos, ie veux declarer quelle en est la manière. Nos Ameriquains, doncques, fixans assez auant dans terre quatre fourches de bois, aussi grosses que le bras, distantes en quarré d'enuiron trois pieds, & esgalement hautes eleuees de deux & demi, mettans sur icelles des bastons à trauers, à vn pouce ou deux doigts pres l'vn de l'autre, font de ceste façon vne grande grille de bois, laquelle en leur langage ils appelent *Boucan*. Tellement qu'en ayant plusieurs plantez en leurs maisons, ceux d'entr'eux qui ont de la chair, la mettans dessus par pieces, et auec du bois bien sec, qui ne rend pas beaucoup de fumee, faisant vn petit feu lent dessous, en la tournant & retournant de demi quart en demi quart d'heure, la laissent ainsi cuire autant de temps qu'il leur plaist. »

Moquéca, *s. f.* especie de iguaria feita de peixinhos ou camarões, tudo bem apimentado e envolto em folhas de bananeira. No Pará lhe chamam *Poquéca*. Além dessa especie de *Moquéca*, que é secca, ha tambem outra feita de peixe ou mariscos, com molho de azeite e muita pimenta.

Moquem, *s. m.* grade de paus em fórma de grelhas, com uns $0^{m},60$ de altura, e sobre a qual se põe a carne ou o peixe, que deve ser *moqueado*, isto é, assado a meio para se conservar. || *Etym.* E' vocabulo de origem tupi, como o é tambem *Boucan*, adoptado pelos francezes, como se póde reconhecer pelo testemunho de Léry.

Morcilha, *s. f. (R. Gr. do S.)* murcella. || *Etym.* Do castelhano *Morcilla*.

Moringa, *s. f.* o mesmo que *Moringue*.

Moringue, *s. m.* bilha de barro para agua. Ha *Moringues* de duas especies : o de um só gargalo, e o de dous gargalos, sendo um mais largo por onde se introduz a agua, e outro mais estreito por onde se bebe ; e entre estes dous gargalos ha uma asa, a que se applica a mão para suspendel-o. || Tambem dizem *Moringa*.

Morobixába, *s. m.* o mesmo que *Tuxdua*.

Morotinga, *adj.*, o mesmo que *tinga*.

Mosquête, *s. m. (Sergipe)* cavallo de pequena estatura e bom corredor (S. Roméro).

Mouro, *adj. (R. Gr. do S.)* diz-se do cavallo que tem o pêlo mesclado de preto e branco. O cavallo *mouro* é mais escuro que o tordilho negro (Coruja).

Muamba, *s. f. (Ceará e outras provs. do N.)* velhacaria, patranha, fraude. Negocio illicito que consiste em comprar e vender objectos furtados : « Temos aqui uma tal Rita dos Santos, que, segundo consta, negocia ha tempos em *Muambas.* » *(Jornal do Commercio.)*

Muambeiro, *s. m. (Ceará e outras provs. do N.)* velhaco, patranheiro, fraudulento. Pessoa que faz negocios illicitos comprando e vendendo objectos furtados. Este nome era especialmente applicado áquelles que, durante a ultima secca do Ceará (1877 - 1880), tiravam proveito da sua posição para se locupletarem, desviando do seu destino os generos alimenticios e outros recursos, que o governo mandava ás victimas daquella calamidade.

Mucajá, *s. m. (Pará* e *Maranhão)* o mesmo que *Macahúba*.

Mucâma, *s. f.* o mesmo que *Mucamba*.

Mucamba, *s. f.* escrava predilecta e moça, que servia ao lado de sua senhora e a acompanhava aos passeios. Tambem lhe chamavam *Mucâma* e em Pernambuco *Mumbanda*. || *Etym.* Talvez se derive de *Mocambuara*, voc. tupi, significando *ama de leite (Voc. Braz.)*. No guaraní ha no mesmo sentido *Poro mocambuara* (Montoya). A *Mucamba* não tinha certamente por officio amamentar crianças ; mas póde acontecer que, por uma degeneração de sentido, se lhe désse o nome que era d'antes o attributo da ama de leite. Na Bahia, por exemplo, dão á criada o nome de ama, sem que lhe incumba amamentar quem quer que seja.

Muchácho, *s. m. (R. Gr. do S.)* pontalete que sustenta horizontalmente

o cabeçalho do carro, quando está parado, e é preso ao mesmo cabeçalho por meio de uma tira de couro. Em lingua portugueza lhe chamam *burro*. || *Etym.* E' voc. castelhano, com a significação de *rapaz*; e é no sentido figurado que o empregam. O Sr. Coruja escreve *Mochacho*, e o faz derivar de *Mocho*, com o que não concordamos.

Mucíca, *s. f. (Pern.* e *Par. do N.)* sacadela, empuxão que o pescador dá á linha, quando sente que o peixe mordeu a isca. || *(Piauhy)* Derribar de *mucica*, é derribar uma rez torcendo-lhe a cauda com força até fazel-a cahir. || *Etym.* E' voc. de origem tupi e vem de *Aimocic*, significando dar sacadela *(Voc. Braz.)*. O *Dicc. Port. Braz.* menciona *Ceky*, como traducção de puxar.

Mucujê, *s. m. (Bahia)* fructa primorosa de uma arvore do mesmo nome pertencente á familia das Apocyneas. || G. Soares lhe chama *Macujê*, e, a não ser isso devido a um erro de copia ou de imprensa, provavel é que seja o nome primitivo dessa fructa em lingua tupi.

Mucunzá, *s. m.* o mesmo que *Canjica* (1°).

Mucuóca, *s. f. (Pará)* cerca ligeiramente construida nos riachos, por meio de paus fincados a prumo, ramos de *aninga* e *tujuco*, afim de paralysar um tanto a corrente da agua, e dar logar á pesca chamada de *Gapuia* (Baena). || *Etym.* Deriva-se de *Mocoóca*, termo do dialecto tupi do Amazonas (Seixas).

Mucúra, *s. f. (Pará e Maranhão)* o mesmo que *Saruê*.

Mudubim, *s. m. (Ceará)* o mesmo que *Mandubi*.

Mujangüê, *s. m. (Pará)* especie de massa feita de ovos de tartaruga ou de tracajá e farinha de agua, e depois desfeita em agua, para ser bebida (F. Bernardino).

Muláda, *s. f.* porção de mulas.

Muláto-vélho, *s. m. (R. de Jan.)* o mesmo que *Paturéba*.

Mumbáca, *s. f. (Valle do Amaz.)* palmeira do genero *Astrocaryum (A. Mumbaca) (Flora Bras.)*.

Mumbanda, *s. f. (Pern.)* o mesmo que *Mucamba*. || *Etym.* Em lingua bunda, na Africa Occidental portugueza, *Mi-n'banda* significa mulher (Capello e Ivens). Talvez seja essa a origem de *Mumbanda*.

Mumbávo, *s. m. (Paraná)* o mesmo que *Xerimbábo*.

Mumbíca, *s. (Ceará)* bezerro do anno, magro, enfezado (S. Roméro).

Mumúca, *s. f. (S. Paulo)* ente phantastico, que chamam para metter medo ás crianças quando choram. Equivale a *Tutú* (2°).

Munân, *s. f. (Sertão da Bahia)* nome que, na giria dos vaqueiros, significa *Egua*.

Mundé, *s. m.* especie de armadilha para apanhar caça, esmagando-a com o peso que lhe cahe em cima, logo que desloca o pinguélo. || *Etym.* E' vocabulo commum a todos os dialectos da lingua tupi, e comprehendia d'antes diversas especies, algumas das quaes apanhavam vivos os animaes; taes eram o *Mundé-aratáca* e o *Mundé-pica* de passarinhos *(Voc. Braz.)*. || Tambem se diz *Mundéu*, *Mondé* e *Mondéu*. || *Fig.* applica-se a uma casa velha, arruinada, que ameaça cahir e esmagar os que nella habitam. Ainda no sentido figurado se diz que *cahiu no mundé*, aquelle que, mal aconselhado, se arriscou em maus negocios.

Mundéu, *s. m.* o mesmo que *Mundé*.

Munganga, *s. f. (provs. do N.)* tregeito, careta, momice (S. Roméro). || *Etym.* Talvez seja corruptela de monganguice, ou mogiganga.

Mungunsá, *s. m.* o mesmo que *Canjica* (1°).

Mungunzá, *s. m. (provs. do N.)* o mesmo que *Canjica* (1°).

Munjólo (1°), *s. m. (provs. merid.)* especie de machina rustica, a qual movida por agua serve para pulverizar o milho e tornal-o idoneo para a fabricação da farinha.

Munjólo (2°), *s. m. (algumas provs. do N.)* bezerrinho. Tambem dizem *Minjólo*. Quando chega a ter chifres chamam-lhe *Garrote*.

Munjólo (3°), *s. m. (R. de Jan.)* nome vulgar de uma arvore da familia das Leguminosas.

Munjólo (4°), *s. m.* e *f. (R. de Jan.)* nome de uma nação de Africanos

que eram d'antes importados como escravos.

Munzuá, *s m.* especie de côvo, feito de fasquias de taquára com uma bocca afunilada, a que chamam no norte *sanga* e no Rio de Janeiro *nassa*, por onde entra o peixe sem mais poder sahir. || *Etym.* E' provavelmente de origem africana.

Mupicar, *v. intr.* *(Pará)* remar amiudada e ligeiramente, para apressar o andamento da canôa. || *Etym.* Deriva-se de *mupica* e *mopÿpÿc*, verbos da lingua tupi significando *remar apressadamente (Dicc. Port. Braz.)*.

Muquirâna, *s. f* piolho do corpo, tambem chamado piolho da roupa *(Pediculus vestimenti)*. || *Etym.* Do tupi *Moquÿrana (Voc. Braz.)*.

Murassanga, *s. f.* *(Valle do Amaz.)* o mesmo que *Burassanga*.

Murici, *s. m.* nome commum a diversos arbustos e arvoretas do genero *Byrsonima*, da familia das Malpighiaceas, cuja fructa, segundo o faz observar G. Soares, sabe a queijo do Alemtejo, e macerada em agua fria com assucar se converte em um alimento a que no Ceará chamam *Cambica*, e é geralmente apreciado.

Muritì, *s. m.* *(Valle do Amaz.)* o mesmo que *Buriti*.

Muritim, *s. m.* *(Maranhão)* o mesmo que *Buriti*.

Muritinzal, *s. m.* *(Maranhão)* o mesmo que *Buritizal*.

Murucú, *s. m.* *(Valle do Amaz.)* especie de lança feita de pau vermelho com a ponta remontada de diversa madeira delgada, frangivel e hervada. Della se servem os Muras e outras hordas de selvagens (Baena, F. Bernardino).

Murucujá, *s. m.* nome antigo do *Maracujá*. || *Etym.* E' vocabulo tupi. || Os guaranis do Paraguay lhe chamam *Mburucuyâ* (Montoya).

Murumurú, *s. m.* *(Valle do Amaz.)* nome commum a diversas plantas do genero *Astrocaryum*, da familia das Palmeiras *(Flora Bras.)*. || *Etym.* E' voc. tupi.

Murumuxáua, *s. m.* *(Amaz.)* o mesmo que *Tuxáua*.

Murundú, *s. m.* *(Rio de Jan.)* montão de cousas : *Murundú* de roupa, de pedras, de esterco, etc. || *Etym.* E' corruptela de *Mulundú*, monte, na lingua bunda.

Mururú, *s. m.* *(provs. do N.)* usa-se na phrase *estar de mururú*, em relação á pessoa que se conserva na cama, com achaque ou atacado de mal periodico, intermittente (F. Tavora).

Murutí, *s. m.* *(Valle do Amaz.)* o mesmo que *Burití*.

Muruxába, *s. f.* *(Maranhão)* nome que dão á *brancarana* de mau comportamento (J. Serra).

Muruxáua, *s. m.* *(Valle do Amaz.)* o mesmo que *Tuxáua*.

Mussununga, *s. f.* *(Bahia)* nome de certos terrenos fofos, arenosos e humidos (J. Przewodowski).

Mutá, *s. m.* *(Valle do Amaz.)* especie de estrado construido no matto, com assento alto, na qual se colloca o caçador á espera da caça. Havendo uma arvore idonea para esse fim, póde o assento ser construido nella. || *Etym.* E' voc. tupi *(Voc. Braz.)*. || No dialecto do Amazonas dizem *Metá* (Seixas). O Sr. J. Verissimo lhe chama *Mutân*; e diz que serve tanto para a caçada no matto, como para a pesca á beira d'agua.

Mutamba, *s. f.* nome vulgar de uma planta do genero *Guazuma (G. ulmifolia)* da familia das Büttneriaceas. || *Etym.* Em lingua bunda, *Mutamba* é o nome do Tamarindeiro. Sem duvida, foram os Africanos de origem angolense os que impuzeram este nome á planta brazileira, pela analogia que lhe acharam com aquella arvore do seu paiz. Seu nome tupí, segundo Piso e Marcgraf, era *Ibixuma*.

Mutân, *s. m.* *(Valle do Amaz.)* o mesmo que *Mutá*.

Mutirão, *s. m.* *(S. Paulo, Paraná e Minas-Geraes)* o mesmo que *Muxirom*.

Mutirom, *s. m.* *(S. Paulo, Paraná)* o mesmo que *Muxirom*.

Mutirum, *s. m.* *(Pará)* o mesmo *Muxirom*.

Mutum, *s. m.* ave do genero *Crax*, da familia das Gallinaceas, da qual ha diversas especies.

Muturí, *s. m. (Bahia)* o mesmo que *Maturi.*

Muxíba, *s. f.* pelhancas, carne magra. ‖ *Etym.* Na lingua bunda, o termo *Muxiba* significa arteria, veia (Francina e Oliveira). E' provavel que d'ahi nos venha este vocabulo ainda que alterado em sua significação.

Muxinga, *s. f.* surra, sóva. ‖ Azorrague. ‖ *Etym.* E' voc. da lingua bunda com a mesma significação que lhe damos no Brazil. ‖ *Obs.* Aulete escreve *Muchinga;* e Moraes *Moxinga* e *Muxinga.*

Muxirom, s. *m. (S. Paulo, Paraná)* auxilio que se prestam mutuamente os pequenos agricultores em tempo de fazer suas roças, plantações ou colheitas, mas principalmente serviço de roçar. Dura este auxilio invariavelmente um só dia, em que todos trazem sua ferramenta de trabalho e fazem o serviço gratis, sendo regalados pelo dono da casa com uma boa ceia e o indispensavel fandango, ou outro qualquer divertimento. Costumam fazer taes ajuntamentos para o trabalho, quando escassea o tempo e vai se fazendo tarde para effectuar as queimas, plantações, etc. Se, porém, o serviço dura mais de um dia, então não é *muxirom,* é *ajutorio* (adjutorio) e neste caso os dias de trabalho devem ser restituidos (L. D. Clève). ‖ Este vocabulo tem uma extensa synonymia. No Paraná e S. Paulo, além de *Muxirom,* dizem tambem *Mutirom, Mutirão, Putirão* e *Puxirum;* no Pará *Potirom, Putirum, Puxirum, Mutirum;* em Minas-Geraes, *Mutirão;* no R. Gr. do S., *Puxirão;* na Bahia e Sergipe, *Batalhão;* na Par. do N., *Bandeira.* ‖ *Etym.* Afóra *Batalhão* e *Bandeira,* todos os synonymos apontados pertencem a diversos dialectos da lingua tupi, e derivam-se do mesmo radical, embóra tenham por iniciaes uns a letra *P* e outros a lettra *M,* o que não é raro nesta lingua, como se observa em *Piân* e *Miân; Perêba* e *Merêba,* etc. Da mesma sorte, o *T* é muitas vezes substituido por *X: Aratixú, Araxixú.* No guarani, *potŷrom* significa *pôr mãos á obra* (Montoya), significação que está bem no espirito dessa associação ephemera. ‖ O trabalho executado por este systema é de grande vantagem para os lavradores pobres, porque os liberta do salario. O que póde ter de reprehensivel é o divertimento nocturno, que se lhe segue, em logar do somno reparador. A policia municipal deveria prohibir que esse folguedo se prolongasse além de certa hora da noute.

Muxôxo, *s. m.* estalo dado com os beiços á semelhança de um beijo, para mostrar desdem ou pouco caso de alguem ou de qualquer cousa: Aquelle individuo, a quem fiz tão cordialmente a offerta dos meus serviços, mostrou-se tão ingrato que me respondeu com um *muxôxo.* ‖ Em Sergipe dizem *Tunco* (S. Roméro).

Muxuango, *s. m. (Campos)* o mesmo que *Caipira.*

Nambí, *s. m.* orelha, em lingua tupi. No R. Gr. do S., este nome adjectivado se applica ao cavallo que tem uma das orelhas cahida: Cavallo *nambi.* E' uma abreviação do tupi *nambi xoré,* ou do guarani *nambi yeroá,* com a significação de orelhas cahidas ou derrubadas. Nos sertões da Bahia e de outras provincias do norte, o nome de cavallo *nambi* designa aquelle que tem a cauda curta (Aragão). Neste caso, não vejo o fundamento de semelhante denominação.

Nambú, *s. m.* o mesmo que *Inambú.*

Naná, *s. m.* nome tupi do *Ananaz (Ananassa sativa).*

Nanân, *s. f. (provs. merid.)* o mesmo que *Nhanhân.*

Napéva, *adj. (S. Paulo)* nanico; gallo ou gallinha de pernas curtas: Gallo *napéva,* Gallinha *napéva.*

Neblinar, *v. intr.* choviscar quasi que imperceptivelmente.

Negreiro, *adj.* dizia-se do navio que d'antes se empregava no trafico de escravos. ‖ Applica-se tambem ao homem branco, que tem predilecção pelas negras.

Nhá, *s. f.* o mesmo que *Nhóra.*

Nhambú, *s. m.* o mesmo que *Inambú.*

Nhandiróba, *s. f.* V. *Andiróba.*

Nhandú, *s. m.* nome tupi da *Ema.*

Nhanhân, *s. f. (provs. merid.)* tratamento familiar das meninas. || *Etym.* E' a fórma infantil de senhora. || Tambem se diz, *Nanân, Nházinha, Sinhá, Sinházinha, Sinhára, Sinharinha.* || Nas provs. do N., a partir da Bahia, dizem universalmente *Yayá, Yayázinha, Yazinha;* e estes vocabulos já se têm introduzido nas prov. meridionaes.

Nházinha, *s. f.* diminutivo de *Nhanhân.*

Nhô, *s. m.* o mesmo que *Nhôr.*

Nhonhô, *s. m. (provs. merid.)* tratamento familiar dos meninos. || *Etym.* E' a fórma infantil de senhor. || Tambem se diz *Nonô, Nhôzinho, Sinhô,* e *Sinhôzinho.* || Nas prov. do N., a partir da Bahia, dizem universalmente *Yoyô,* o que, segundo penso, não é senão a fórma adocicada de *Nhonhô.*

Nhôr, *s. m.* abreviatura popular da palavra senhor: *Nhôr* João, *Nhôr* Joaquim. Tambem dizem *Nhô.*

Nhóra, *s. f.* abreviatura popular da palavra senhóra: *Nhóra* Maria, *Nhór'*Anna. Tambem dizem *Nhá.*

Nhôzinho, *s. m. (provs. merid.)* abreviatura popular do diminutivo *Senhorzinho.*

Nonô, *s. m.* o mesmo que *Nhonhô.*

Noruéga, *s. f. (R. de Jan.)* encosta meridional de montanha ou cordilheira. Os terrenos de *noruéga* são sombrios, frescos e até frios, e pouco idoneos para certas culturas. A elles se contrapoem os terrenos soalheiros, que, no hemispherio austral, occupam as vertentes septentrionaes das montanhas. || *Etym.* E' provavelmente uma allusão ao clima frio da Noruéga.

Oigalé!, *int. (R. Gr. do S.)* voz de admiração: *Oigalé!* moço lindo (Cesimbra).

Oitáva, *s. f. (Matto-Grosso)* quantia de dinheiro igual a 1$200. || *Etym.* No tempo em que a industria capital daquella provincia consistia na extracção do ouro, todas as transacções, na falta absoluta de moeda cunhada, se faziam por meio de ouro em pó, regulando a 1$200 o preço de cada oitava (3 gr., 586). Hoje ellas se fazem por meio do papel-moeda, mas nem assim se perdeu o uso de tomar por unidade a *oitava,* e dividil-a em fracções: *Meia oitava* = 600 rs.; *um quarto* = 300 rs. Ao *quarto* tambem chamam *pataca-aberta,* distinguindo se deste modo da *pataca-fexada* = 320 rs.; o cruzado = 720 rs.; um *vintem* = 40 rs. A todo esse systema pecuniario dão o nome de *Conta do ouro.*

Oitituribá, *s. m.* o mesmo que *Cutitiribá.*

Orear, *v. tr. (R. Gr. do S.)* arejar, expôr ao ar a roupa humida para seccar. || *Etym.* E' vocabulo castelhano.

Origône, *s. m. (R. Gr. do S.)* talhadas de pecego seccas ao sol, com as quaes se faz um doce de calda. Essas talhadas são sobrepostas umas ás outras formando um solido de alguns centimetros de comprimento. || *Etym.* Provirá ou do termo antiquado portuguez *Orijones* (Moraes) ou do castelhano *Orejon,* que Valdez traduz por *Orijão.* Aulete nada diz a semelhante respeito.

Orelha-livre, *(R. Gr. do S.)* locução usada nas parelhas. Se os cavallos empatam na carreira, aquelle que apostou que o cavallo do contrario só lhe ganharia com *orelha-livre,* ganha a aposta, porque o outro não se adiantou um poucochinho mais quanto fosse bastante para da raia se distinguir se *sacou a orelha* ou não, isto é, se se adiantou (Coruja).

Orelhâno, a, *adj. (R. Gr. do S.)* diz-se do boi ou vacca que não tem marca ou signal na orelha ou orelhas, como se costuma fazer, antes de ser definitivamente marcado a ferro (Coruja). E' tambem expressão do Paraná. Nos sertões da Bahia chamam a isso *Orelha-redonda,* e no Ceará *Orelhudo.* || *Etym.* O termo *Orelhano* procede de *Orejano,* que Valdez menciona como vocabulo americano. || Erra Aulete dizendo que orelhano é o gado vaccum que tem marca ou signal na orelha. E' justamente o contrario.

Orelha-redonda, *s. m. (sertão da Bahia)* o mesmo que *orelhano.*

Orelhudo, *adj. (Ceará)* o mesmo que *orelhano.*

Ossú, *adj.* o mesmo que *guassú.*

Ostreira, *s. f. (S. Paulo, Esp.-Santo)* o mesmo que *Sambaqui*.

Ota! *int. (R. Gr. do S.)* voz de admiração: *Ota!* cavallo arisco. *Ota!* cavallo bom (Cesimbra).

Ouriço-cacheiro, *s. m.* V. *Quandú*.

Ovádo (1°), *adj. (R. Gr. do S.)* diz-se do cavallo doente dos machinhos (Coruja). || *Etym.* Provavelmente vem de *ovas*, certa molestia que ataca os cavallos.

Ovádo (2°), *adj. (algumas provs. do N.)* diz-se do peixe que se acha com ovas: Estamos na estação em que o peixe está geralmente *ovado*. Tive ao jantar uma tainha ovada (Meira). || *Etym.* Vem de *ova*, ovario do peixe.

Oveiro, *adj. (R. Gr. do S.)* diz-se do cavallo ou boi que tem malhas vermelhas ou pretas sobre o corpo branco ou *vice-versa* (Coruja). || *Etym.* Do castelhano *overo*. || *Obs.* Em Portugal a palavra *oveiro* tem outras significações, usuaes tambem no Brazil. Neste caso origina-se do radical *ovo*.

Pá, *s. f. (R. de Jan.)* o mesmo que *Quibando*.

Pabulágem, *s. f.* impostura, pedantismo: Aquelle homem é notavel pela sua *pabulagem*. Deixa-te dessas pabulagens, que te fazem perder a estima da gente seria (João Ribeiro). || *Etym.* Do portuguez *pabulo*, com a significação figurada de materia e assumpto para maledicencia ou escarneo.

Páca, *s. f.* mammifero do genero *Cœlogenys (C. Paca)* da ordem dos Roedores, e uma das melhores caças do Brazil. || *Etym.* E' vocabulo tupi. || Os guaranis do Paraguay lhe chamam *Pag* (Montoya).

Pacará, *s. m. (Pará, Goyaz)* especie de pequeno bahú ou cesto construido de folhetas de madeira leve, forradas por dentro e por fóra de palha do grelo de palmeiras. Tambem os fazem simplesmente tecidos de palhas, as quaes, em um e outro caso, são previamente tintas de diversas côres, o que torna mui elegante o matiz (Baena).

Pacóba, *s. f.* nome que davam os povos da raça tupi, ás especies de Bananas naturaes do Brazil e do Paraguay. Este nome, sob a forma *Pacóva*, ainda é usual no Piauhy, Maranhão e Pará. Nesta ultima provincia, só dão o nome de Banana ás especies exoticas. No Rio de Janeiro se applica exclusivamente o nome de *Pacóba* a uma especie notavel pelo grande desenvolvimento da fructa. No Paraguay dizem *Pacová*, e bem que Montoya tivesse escripto *Pacobá*, cumpre attender a que o *b* hespanhol é igual ao *v* portuguez.

Pacóva, *s. f.* o mesmo que *Pacóba*.

Pacová, *s. m. (S. Paulo)* nome vulgar da *Alpinia nutans*, planta da familia das Amomeas, a que se attribuem qualidades medicinaes (Martius). || *Etym.* Provavelmente resulta seu nome da tal ou qual semelhança da planta com a da bananeira, a que os aborigenes assim chamavam.

Pacú, *s. m. (Matto-Grosso, valle do Amaz.)* nome commum a diversas especies de peixes d'agua doce, dos generos *Prochilodus* e outros. || *Etym.* E' vocabulo tupi e guarani.

Pacuêra, *s. f. (S. Paulo)* fressura de boi, carneiro ou porco. || *Etym.* E' termo de origem tupi. Em guarani *Píacuê*; e isso me faz crer que o nosso vocabulo não é senão a syncope de *Piacuêra*. || Bater a *pacuêra*, phrase mineira correspondendo a estas outras mui usuaes em todo o Brazil: Bater a bota; dar á casca; bater a linda plumagem; bater as azas e voar; rebentar; dar com tudo em pantánas; e tudo isto com a significação de acabar, morrer, ir-se embora, botar fóra os bens, arruinar-se, ficar destruido, quer da vida, quer da fortuna (Macedo Soares).

Pagará, *s. m. (R. Gr. do S.)* nome de uma das variedades desses bailes campestres, a que chamam geralmente *Fandango*.

Pagos, *s. m. pl. (R. Gr. do S.)* os lares penates, a habitação de cada um: Depois de tamanha ausencia, regresso emfim aos meus *pagos*, onde me esperam a mulher e filhos. || *Etym.* Do latim *pagus*, significando aldêa, logar pequeno.

Paina, *s. f.* nome da felpa sedosa contida na fructa capsular de diversas especies de Bombaceas, ás quaes são por isso chamadas *Paineiras*. Serve a

Paina para enchimento de colxões, almofadas, etc.

Paiol, *s. m. (S. Paulo, Paraná, Minas-Geraes)* nome que dão os lavradores ao compartimento ou dependencia da casa de habitação, onde arrecadam o milho em casca. Em S. Paulo tambem chamam *Paiol* à casa que o fazendeiro faz longe da sua residencia como ponto de arrecadação dos generos alli colhidos. Corresponde ao *Retiro* das fazendas de criar (B. Homem de Mello). || Nas provincias do norte, o *Paiol* é a casa em que se arrecadam quaesquer productos da grande lavoura: algodão, milho, farinha, etc. (Meira). || *Etym.* E' vocabulo portuguez, significando, tanto em Portugal como no Brazil, divisões internas de um navio onde se arrecadam diversos artigos. Ha *Paiol* de polvora, de bombas, de mantimentos, do panno, das amarras *(Dicc. Mar. Braz.)*. Em Portugal e assim tambem no Brazil, dá-se o nome de *paiol* da polvora à casa em que se arrecada esse genero tanto nas fortificações, como fóra dellas.

Pajé, *s. m. (Pará)* feiticeiro. || *Etym.* E' voc. oriundo tanto do dialecto tupi como do guarani, e com o qual designavam os selvagens aquelles que exerciam um certo sacerdocio, tendo tambem a missão de curar as enfermidades.

Pála, *s. m. (R. Gr. do S.)* especie de poncho feito de uma fazenda mais fina que a do *bixard*, com as pontas arredondadas, mais leve, mais curto, e considerado mais decente na campanha (Coruja). || *Etym.* Provavelmente tem este nome a sua origem no castelhano *Pálio*, com a significação de capa. Por sua vez, o *Pálio* dos hespanhoes não é mais do que o *Pallium* dos latinos.

Palanque, *s. m (R.Gr. do S.)* mourão de dous metros, mais ou menos, de altura, fincado no meio do curral, ou na frente delle, e ao qual se prende o potro ou cavallo bravo, para arreal-o (Coruja). || Com diversa accepção, o termo *palanque* é portuguez : significa cadafalso com degraus de que se cercam os corros, para os espectadores verem os touros, sem perigo (Moraes).

Palêta, *s. f. (R. Gr. do S.)* nome do osso das mãos que compõe as cruzes, tanto no boi, como no cavallo (Coruja). Como expressão anatomica, *Paleta* é termo castelhano significando *Pá*, nome vulgar da espadua ou omoplata (Valdez).

Paletear, *v. tr. (R. Gr. do S.)* esporear o animal na paleta (Coruja).

Palha, *s. f. (Minas-Geraes)* o mesmo que *Tigüéra*.

Palháda, *s. f. (Minas-Geraes)* o mesmo que *Tigüéra*.

Palmito, *s. m.* rebento central das Palmeiras, de que se usa como legume, tanto nos guisados, como nas empadas, e até crú em salada. Bem que todas as plantas desta familia produzam *palmitos* comestiveis, todavia algumas especies ha a que se dá a preferencia, e a estas dão por excellencia o nome de *Palmito* ; taes são o *Palmito-molle* (*Euterpe edulis*), o *Palmito-amargoso (Cocos Mikaniana)*, aos quaes tambem chamam, o primeiro, *Assahi*, *Jissára* ou *Jussára*, e o segundo *Guariróva*. || O voc. *Palmito* é bem antigo na lingua portugueza, e ha perto de quatrocentos annos que delle se serviu Vaz de Caminha, na carta que, de Porto-Seguro, em 1 de Maio de 1500, dirigiu a el-rei D. Manoel, relatando-lhe a descoberta do Brazil.

Pamonân, *s. m. (S. Paulo, Matto-Grosso)* especie de comida que consiste na mistura de farinha de mandioca ou de milho com feijão, carne ou peixe, e constitue uma excellente matolotagem para aquelles que viajam em logares ermos e faltos de recursos, por isso que dura em bom estado muitos dias. || *Etym.* E' voc. de origem tupi e guarani. No guarani *Apamonân* e no tupi *Aiapamonân* significam misturar. || Ao *Pamonân* tambem chamam *Viràdo* e *Reviràdo*. No R. de Jan. ao *Pamonân* de feijão chamam *Tutú*.

Pamonha, *s. f.* especie de bolo feito de fubá de milho ou de arroz, e tambem de tapióca ou de mandióca puba, a que se ajunta assucar e leite de vacca ou de côco, e é envolto em folhas de bananeira. || A' *Pamonha* de mandióca puba dão particularmente, tanto no R. de Jan. como na Bahia e

outras provincias, o nome de *Manauê;* e em Pernambuco e Alagôas e de *Pé-de-moleque*. ‖ Em Pernambuco e Alagôas chamam *Pamonha de garápa* ao *Acassá*. ‖ *Fig. s. m.* e *f.*, pessoa inerte, desmazelada: Meu criado é um *pamonha*, e sua mulher a maior *pamonha* que conheço.

Pampa (1°), *s.f.* nome que, na America Meridional de origem hespanhola, dão ás vastas campinas que servem de pastagem a gados e animaes silvestres. A esses accidentes naturaes damos no Brazil o nome de *Campo*; e só nos servimos do termo *Pampa* quando nos referimos aos paizes em que é elle usual: A *pampa* argentina; a *pampa* do Sacramento, etc. ‖ *Etym.* E' voc. quichua (Zorob. Rodriguez).

Pampa (2°), *adj. (provs. merid.)* nome que dão ao cavallo que tem orelhas de côres differentes, ou que tem um lado do corpo de côr diversa do outro, ou o corpo de uma côr e a cabeça de outra, ou qualquer parte notavel do corpo de uma côr e o resto de outra; mas este ultimo melhor se póde chamar *bragado* ou *oveiro*, segundo a posição das manchas (Coruja).

Pampeiro, *s. m.* nome de um vento violento de sudoéste, em parte da costa do Brazil e Rio da Prata. ‖ *Etym.* E' assim chamado porque sopra do lado da pampa meridional da Republica Argentina.

Panacarica, *s. f. (Pará)* toldo de palha nas embarcações chamadas *Igarité*. ‖ Dão o mesmo nome ao chapeu de palha de abas largas, para resguardar do sol e da chuva. ‖ *Etym.* E' voc. do dialecto tupi do Amazonas (Seixas, *Dicc. Port. Braz.*).

Panacú, *s. m. (provs. do N.)* especie de condeça oblonga, de fundo oval, com a competente tampa, para arrecadar roupa; e tambem o empregam como berço de crianças. ‖ No Pará dão o mesmo nome a um cesto de talas em uso nas roças (J. Verissimo). ‖ E' voc. tupi. Montoya o menciona com a significação de canastra comprida.

Panásio, *s. m. (Pern.)* pranchada, pancada dada com a espada de prancha.

Pancas, *s. f. plur.* Dar *pancas* é distinguir-se, brilhar em qualquer acto, fazer proezas; e não só se diz assim dos actos louvaveis, como tambem d'aquelles que a moral repelle. O salteador que tem assolado a região, sem que a policia o tenha podido impedir, tem dado *pancas*. ‖ Em Portugal, ver-se ou andar em *pancas* é ver-se em difficuldade, andar aos trambolhões (Aulete).

Pandórga, *s. f. (R. Gr. do S.)* papagaio de papel com que se divertem os rapazes, e a que os Francezes chamam *Cerf-volant*, e os Hespanhóes *Comêta*. ‖ *Etym.* E' termo oriundo de um provincialismo hespanhol. ‖ Em portuguez, *Pandorga*, tem a significação de musica descompassada e ruidosa, charivari; e ainda mais a de mulher gorda e barriguda (Aulete), e nesta ultima accepção é tambem popular nas provs. do N. do Brazil.

Paneiro, *s. m. (Pern.)* o mesmo que *Tipiti*. ‖ *Etym.* E' voc. portuguez com a significação de cesto, e neste sentido é usado no Pará: Um *paneiro* de farinha (B. de Jary).

Panella, *s. f.* nome que dão a cada um dos compartimentos subterraneos de que se compõe um formigueiro de saúba, e onde se acham as respectivas larvas. Ao conjuncto dessas *Panellas*, ligadas entre si por meio de galerias, chama-se *Cidade*. ‖ *Etym.* Deve o nome de *Panella* á forma aproximada do vaso de barro deste nome.

Panêma, *adj. m.* e *f.* *(Pará)* infeliz, desditoso. Applica-se particularmente áquelle que, tendo ido á caça ou á pesca, nada colheu. ‖ Tambem significa mollangueirão, indolente (B. de Jary). ‖ No Ceará se traduz por poltrão, podre, sem espirito (Araripe Junior). ‖ *Etym.* E' vocabulo tupi e guarani e synonymo de *Manêma*.

Pangaré, *adj. m.* e *f.* *(R. Gr. do S.)* diz-se do cavallo mais claro que o douradilho (Coruja). ‖ *s. m. (S. Paulo)* cavallo estragado, sem mais prestimo algum: Mandaram-lhe para o regresso um *Pangaré* que lhe deu que fazer. (B. Homem de Mello).

Pango, *s. m.* nome angolense do canhamo (*Cannabis sativa*). Usam os

Africanos das folhas desta planta á guisa do tabaco de fumo, para cachimbarem ; mas, sendo esse uso pernicioso á saude, é prohibido, pelas posturas municipaes da cidade do Rio de Janeiro, a venda desse producto no mercado. Em lingua bunda tambem lhe chamam *Liamba* e *Riamba*.

Pantim, *s. m. (Par. do N.)* boato, ou noticia que póde incutir temor. ‖ Fazer *pantim*: ser novidadeiro (Santiago).

Papagaio, *s. m. (Rio de Jan.)* nome que dão, nas secretarias de estado e outras repartições, a uma tira de papel contendo uma ordem, uma recommendação ou uma pergunta dirigida a algum empregado do estabelecimento, o qual a devolve com a sua resposta.

Pápa-mel, *s. m.* o mesmo que *Irára*.

Papocar, *v. tr.* e *intr. (Ceará)* o mesmo que *pipocar*.

Papôco, *s. m. (Ceará)* o mesmo que *pipôco*.

Papúco, *s. m. (Bahia)* o mesmo que *Batuéra*.

Paqueiro, *s.* e *adj. m.* diz-se do cão adestrado na caçada da paca.

Paquete, *s. m. (de Alagôas até o Ceará)* jangada com tolda, especialmente destinada ao transporte de passageiros.

Paráense, *s. m.* e *f.* natural da provincia do Pará. ‖ *adj.* que é relativo ao Pará: A industria *paraense* consiste principalmente na extracção da gomma elastica e outros productos vegetaes.

Parahybâno, a, *s.* natural da prov. da Parahyba do Norte: Dizia o general Labatut que os *Parahybanos* eram os melhores soldados de infantaria que elle conhecêra. ‖ *adj.*, que é relativo á Parahyba do Norte: A industria *parahybana* consiste na cultura da canna de assucar, e na criação de gados.

Paranaense, *s. m.* e *f.* natural da prov. do Paraná. ‖ *adj.* relativo á mesma provincia.

Paranamirim, *s. m. (valle do Amaz.)* rio pequeno ; braço de rio ; porção estreita de um grande rio formada e apertada entre ilhas durante o curso ; furo que communica entre si dous rios, ou as aguas de um mesmo rio, no meio do qual se atravessam ilhas. ‖ *Etym.* Do tupi *Paranã*, rio, e *mirim*, pequeno. Começa a agglutinar-se em *paranã* = *paranan* (J. Verissimo).

Paratí (1º), *s. m.* nome vulgar de uma especie de peixe menor, porém mui semelhante á nossa tainha *(Mugil brasiliensis)*. Não tenho podido saber se o *Parati* é apenas o filhote da tainha ou se é especie distincta do mesmo genero. O que é certo é que os Tupinambás chamavam *Parati* ao peixe a que hoje chamamos tainha *(Dicc. Por-Braz.*, G. Soares). Actualmente só damos o nome de *Parati*, ao peixinho semelhante ou congenere da tainha. J. de Lery tambem falla do *Parati*, como especie de Mugem.

Paratí (2º), *s. m.* aguardente de canna de primorosa qualidade, fabricada no municipio deste nome.

Parelheiro, *s. m.* e *adj. (R. Gr. do S.)* diz-se do cavallo acostumado a correr parelhas, e para isso ensinado (Coruja).

Parí, *s. m.* nome de certa armadilha que fazem nos riachos, para apanhar peixe. Consiste em uma cerca transversal á corrente do riacho, com uma abertura no meio, á qual se adapta do lado inferior um extenso cesto. O peixe impellido pela correnteza da agua, precipita-se por essa abertura e fica em secco no cesto. Fazem-se pescarias immensas por esse modo, tendo porém o inconveniente de apanhar, com o peixe grande que se utilisa, grande quantidade do pequeno, de que ninguem se aproveita. ‖ No Pará, é o *Pari* uma esteira feita de marajá, com a qual se intercepta o riacho, atando-a em varas cravadas a que chamam *Paritá* (Baena). ‖ *Etym.* E' voc. tupi e guarani. Montoya o define *zarzo en que cae el pescado*.

Paricá, *s. m. (Pará)* arvore do genero *Mimosa (M. acacioides*, Bth.), da familia das Leguminosas, e de cuja fructa torrada e triturada usam os selvagens á guisa de tabaco em pó.

Pariparóba, *s. f. (Rio de Jan.)* o mesmo que *Capéba*.

Paritá, *s. m. (Pará)* nome que dão ás varas a que se atam as extremidades do *Pari*. || *Etym.* E' voc. do dialecto tupi do Amazonas.

Parnahiba, *s. f. (Bahia)* especie de terçado com cabo de madeira, de que se usa nos açougues para retalhar a carne. || *Etym.* Como denominação de diversos rios do Brazil, é o voc. *Parnahiba* de origem tupi; mas como instrumento cortante, não lhe posso descobrir a etymologia.

Partído, *s. m.* certa extensão de terreno plantado de canna de assucar. Nas terras de um engenho, pódem-se cultivar diversos *partidos*, segundo as forças do proprietario, e serem uns maiores que os outros (Soriano, Saldanha da Gama).

Passageiro, *s. m. (provs. merid.)* nome que dão ao encarregado de dar passagem, em canôa ou balsa, aos que têm de atravessar um rio. Equivale ao termo portuguez *passador*. Entretanto no Brazil o termo *passageiro* tem tambem a geral significação que lhe dão em Portugal, quando se refere aos que seguem em viagem a bordo de uma embarcação, ou transitam pelas estradas.

Passagem, *s. f.* local por onde os viandantes atravessam ordinariamente um rio, quer a vau, quer embarcado: Cada *Passagem* tem sua denominação particular que a distingue das outras: Na *Passagem* do Juazeiro é o rio de S. Francisco mui largo. || No Rio-Grande do Sul dão a isso o nome de *Passo.*

Passarinhar, *v. intr.* espantar-se o cavallo. || No sentido de andar á caça de passaros, é verbo portuguez, mui usado no Brazil.

Passarinheiro, *adj.* espantandiço; diz-se do cavallo que, montado e em viagem, se espanta de qualquer cousa (Coruja). || Moraes, mencionando este vocabulo, cita a auctoridade de Antonio Pereira Rego na sua obra *Instrucção de cavallaria e Simula de Alveitaria*, impressa em Coimbra em 1673. A vista disto, era natural suppol-o de uso portuguez; Aulete, porém, o considera exclusivamente brazileiro, o que me faz pensar que cahiu em desuso em Portugal. Valdez, no seu artigo *Pajarero*, além do sentido em que o empregam na Hespanha, o indica como termo da America meridional significando *fogoso*, em relação ao cavallo forte e brioso; e diz tambem que no Mexico o applicam ao cavallo espantadiço, o que está de accôrdo com a accepção em que o empregamos no Brazil.

Passo, *s. m. (R. Gr. do S.)* o mesmo que *Passagem.*

Passóca, *s. f.* especie de comida feita de carne, que, depois de assada, é pisada de mistura com a farinha de mandioca ou de milho, constituindo assim um alimento mui usual e precioso para o viajante que caminha por logares ermos, por isso que dura em bom estado durante quarenta e mais dias e della póde servir-se ou fria como está ou aquecida. O fallecido Marquez do Herval considerava a *passóca* como um grande recurso para um exercito em marcha. || No Pará dão o nome de *passóca* a um alimento feito de castanha do Maranhão torrada e pisada com farinha de mandioca e assucar. || *Etym.* E' voc. de origem tupi e guarani.

Pastôr, *s. m.* garanhão de uma manada de eguas ou burras. O mesmo nome se applica ao touro em relação ás vaccas mansas (Coruja). || Em algumas provincias do Norte, dão ao garanhão o nome de *Alotadôr.*

Patáca, *s. f.* quantia de dinheiro igual a 320 réis. D'antes havia a pataca de prata, a qual, porém, desappareceu da circulação. || Em Matto-Grosso ha a *pataca-aberta* = 300 réis, e a *pataca-fechada* = 320 réis.

Patacão, *s. m.* moeda de prata do valor intrinseco de 960 réis, e hoje recunhada com o de 2$000.

Patauá, *s. m. (Pará)* palmeira do genero *Œnocarpus (Œ. Batauá).* || Em Matto-Grosso chamam-lhe *Batauá.*

Patetear, *v. intr. (provs. merid.)* ficar como pateta, sem saber deliberar em occasião opportuna, quando aliás toda a actividade é necessaria, como em algum perigo. Assim, pois, quando, por exemplo, um navio se mette entre recifes, dizem que o capitão *pateteou*, se, vencido pelo medo, não soube lançar

mão dos recursos mais apropriados para evitar o naufragio. || Ha em portuguez o verbo *patetar* com a significação de estar pateta; dizer ou fazer patetices (Aulete).

Patí, *s. m.* palmeira do genero *Syagrus (S. Botryophora*, Mart.). || *Etym.* E' voc. tupi.

Patife, *s.* e *adj. m.* e *f. (S. Paulo)* pessoa debil, fraca, timida, e neste sentido nada tem de injurioso este vocabulo; todavia, no geral, o termo *patife* importa um insulto àquelle a quem é dirigido.

Patiguá, *s. m.* o mesmo que *patuá.*

Patóta, *s. f.* pronuncia brazileira do termo portuguez *batota;* e outro tanto se observa em *patoteiro* por *batoteiro.*

Patuá, *s. m.* nome commum a diversas especies de receptaculos moveis, onde se arrecadam e transportam objectos quaesquer. || Em algumas provincias do norte, é uma bolsa de couro, de que se servem os sertanejos para o transporte de favos de mel. || No Pará, é uma especie de cesto ou balaio, e dão particularmente o nome de *Patuá-balaio* a uma caixa com repartimentos para comida, louça, vidros, talheres, de que se usa nas viagens fluviaes (B. de Jary). || Especie de amuleto que consiste em um saquinho de couro,contendo cabeças de cobras e outras cousas a que attribuem virtudes milagrosas, e que os credulos trazem pendurado ao pescoço, para os livrar de maleficios(Abreu e Lima). || Entre os Indios da região amazonica significa bahú,caixa(Seixas). || Em S. Jorge de Ilhéos, na provincia da Bahia, é uma caixa com tampa de forma elliptica feita de palha de palmeira; mas alli lhe dão o nome de *Patiguá* (Ennes de Souza). || *Etym. Patuá* e *Patiguá* são pronuncias differentes do mesmo voc., pertencente á lingua tupí. No dialecto do Amazonas, se pronuncia *Patúa* (Seixas). Os tupis do Brazil meridional davam á canastra o nome de *Patuguá (Voc. Braz.).*

Patuguá, *s. m.* o mesmo que *Patuá.*

Paturéba (1°), *s. f. (Rio de Jan.)* nome que dão ao bagre salgado de Laguna. Tambem lhe chamam *Mulato-Velho.*

Paturéba (2°), *s.* e *adj. m.* e *f.* diz-se da pessoa, sem prestimo, tola,etc.

Paturí, *s. m. (provs. do N.)* nome vulgar do marreco domestico *(Querquedula crecca ?).* || *Etym.* Terá a sua origem no vocabulo *Pato*, ou, como me parece mais provavel, será alteração de *Potery (Dicc. Port.Braz)*,*Potiri* (*Voc. Braz.)* ou *Putiri* (Seixas), nomes estes que em linguagem tupi significam *Marreca, Adem ou Ganço?*

Pau-a-pique, *s. m. (provs. merid.)* parede construida de ripas ou varas, umas verticaes e outras horizontaes, presas entre si por meio de cipós ou pregos, e tudo isto emboçado com barro. A parede de *pau-a-pique* é o que em Portugal chamam parede de sebe ou taipa de sebe. Na Bahia e outras provincias do norte lhe chamam parede de taipa, o que é differente da taipa usada em S. Paulo. || Em Pern. e outras provincias do norte chamam cerca de *pau-a-pique* a que é feita de paus verticalmente collocados (Meira).

Paulicéa, *s. f.* nome poetico da provincia de S. Paulo: Para a *Paulicéa* foi um ponto de honra a extincção do elemento servil.

Paulista, *s. m.* e *f.* natural da provincia de S. Paulo: A' intrepidez dos antigos *Paulistas* devemos nós a acquisição desses territorios, que formam hoje algumas das nossas mais vastas provincias. || *adj.*, que é relativo á provincia de S. Paulo: A industria *paulista* consiste principalmente na cultura do café.

Pauteação, *s. f.* conversação futil: Em vez de executarem o trabalho que lhes havia encommendado, gastaram todo o tempo em *pauteação.* || Em Matto-Grosso dizem, no mesmo sentido, *mapiação.*

Pautear, *v. intr.* entreter-se por mero passa-tempo,em conversação futil: A chuva me impediu de ir ao trabalho, e levei toda a manhã a *pautear* com meu compadre. || Em Matto-Grosso dizem, no mesmo sentido, *mapiar.* || Não descubro estes dous voc. em diccionario algum da lingua portugueza e

devo pensar que não pertencem a Portugal.

Paxiúba, *s. f. (Pará)* palmeira do genero *Iriartea (I. exorrhiza)*. || *Etym.* E' voc. de origem tupi.

Payauarú, *s. m. (Pará)* especie de bebida feita do sumo de fructas, de mistura com o beijú, e da qual usam os selvagens (Baena).

Peão, *s. m. (R. Gr. do S.)* homem ajustado para fazer o serviço do campo, nas fazendas de criação ou estancias, denominação que se estendia aos proprios escravos exclusivamente occupados nesse mister. || Em outras provincias do Brazil, o *Peão* é o amansador de cavallos. || *Etym.* No sentido em que o empregamos, é o vocabulo *Peão*, segundo Valdez, oriundo da America meridional hespanhola. Nós o recebemos dos nossos vizinhos. Nos mais casos, tanto em castelhano como em portuguez, *Peon* e *Peão* se referem a quem anda a pé.

Pecêta, *s. m. (R. Gr. do S.)* cavallo de mau commodo, lerdo, feio, inferior (Coruja). || Fig. Homem malicioso, velhaco, tratante. Neste sentido é o mesmo que *Pezeta* das outras provincias. || *Etym.* Segundo Valdez, *Peseta*, applicado ao homem, é voc. da America Meridional. E' essa a origem do nosso *Pecêta.* || Em Portugal, *Peceta* significa *Peça pequena.*

Pecháda, *s. f. (R. Gr. do S.)* acção de se encontrarem impetuosamente ou esbarrarem dous cavalleiros vindo de lados oppostos. || *Etym.* E' voc. americano, significando golpe ou encontrão dado no peito (Valdez).

Peconha, *s. f. (valle do Amaz.)* ligas de embira que mettem nos pés aquelles que querem subir ás arvores sem galhos, como palmeiras e outras. (J. Verissimo). || *Etym.* E' de origem tupi. || No dialecto amazonico, dizem *Pecunha* (Seixas). Em guarani *Pĭcôĩ* ou *Mbĭcôĩ* significa *trabas de los piés para subir algun arbol* (Montoya). O *Voc. Braz.* menciona *Pÿcõya* com a significação de *Peia que serve para trepar.*

Pé-de-moléque (1º), *s. m. (R. de Jan., S. Paulo)* especie de doce secco e achatado feito de rapadura e mendubi torrado.

Pé-de-moléque (2º), *s. m. (Pern., Alagôas)* o mesmo que *Manauê*, ou *Pamonha de mandioca puba.*

Péga, *s. m. (Ceará)* modo de designar o recrutamento forçado: Tem havido um *péga* extraordinario. Nenhum rapaz escapa do *péga.* || No Pará dizem, no mesmo sentido, *péga-péga* (B. de Jary). || *Etym.* Do verbo *pegar.*

Péga-fôgo, *s. m. (R. Gr. do S.)* nome de uma das variedades desses bailes campestres, a que chamam geralmente *Fandango.*

Pegamento, *s. m. (Rio de Jan.)* especie de renda estreita sem recortes, a que chamam em portuguez *entremeio.*

Péga-péga, *s. m. (Pará)* o mesmo que *Péga.*

Peitíca, *s. f. (de Pern. ao Ceará)* especie de ave, cujo canto se assemelha a esse nome. || Termo familiar com que se designa a pessoa impertinente. Tambem chamam assim ao duende que nos persegue dia e noute (Araripe Junior). Insistencia incommoda (S. Roméro).

Peito-largo, *s. m. (Bahia)* o mesmo que *Capanga* (2º).

Pejereçum, *s. m.* o mesmo que *Pijerecum.*

Pelechar, *v. intr. (R. Gr. do S.)* mudar o animal o pêlo; e quando isto acontece, dizem que está *pelechando.* || *Etym.* Do castelhano *pelechar* (Coruja).

Pellêgo, *s. m. (R. Gr. do S.)* pelle de carneiro, quadrada e com lãn. Para gente pobre, substitue o coxonilho. O uso mais ordinario é pol-o sobre o lombo do cavallo, quando se monta *em pêlo*, isto é, sem arreios. Quando se diz que uma cousa *tem pellego*, isso corresponde á phrase portugueza *tem dente de coelho*, isto é, cousa difficil. || *Etym.* Do castelhano *pellejo*, couro, pelle de animal (Coruja).

Pêlo-a-pêlo, *loc. adv. (R. Gr. do S.)* viajar de *pêlo-a-pêlo* é fazer uma viagem sem mudar de animal (Coruja).

Pelóta, *s. f. (R. Gr. do S.)* especie de vaso em fórma de cesto, feito de um couro inteiriço de boi, e serve de barquinho na passagem dos rios, em falta de outro qualquer meio de conducção. Este barquinho é levado a

reboque por um nadador, que segura com os dentes a extremidade da corda que o prende, e desta sorte garante da agua sua roupa, armas, etc. Póde tambem a *Pelóta* dar passagem a gente, e ser rebocada por um cavallo montado por um conductor. Direi, para terminar, que a *Pelóta* não é dos barquinhos o menos sujeito a sossobrar. || *Etym.* A nossa *Pelóta*, não tendo a menor analogia com as diversas cousas a que em Portugal dão aquelle nome, é natural o pensar que seja outra a sua origem. Creio que sêu radical é *pelle*, e portanto, a seguir a orthographia etymologica, deveriamos escrever *Pellota*.

Penca, *s. f.* nome que dão a cada um dos grupos fructiferos, de que se compõe um cacho de bananas. Cada penca consta de duas ordens de bananas, dispostas á semelhança dos dedos da mão.

Pendenga, *s. f.* pendencia, no sentido de rixa, contenda, briga, luta, conflicto: Tiveram os dous soldados uma *pendenga*, da qual resultou serem ambos presos. Para evitar *pendengas*, acceli a tudo quanto me propoz o vizinho. Sirvamo-nos de meios suasorios, para evitar *pendengas*. || *Etym.* Talvez seja corruptela de *pendencia*.

Pendoar, *v. intr. (Bahia)* o mesmo que *Apendoar*.

Peneirar, *v. intr.* chuviscar brandamente, como se a agua cahisse das malhas de uma peneira fina. Não encontro este verbo, aliás mui usual no Brazil, em nenhum dos diccionarios portuguezes que tenho consultado, nem mesmo em Aulete, senão no sentido de passar pela peneira, separar o mais fino do mais grosso. Todavia, recordome de o ter visto algures em Moraes, com a significação que aqui lhe dou. Entretanto, Aulete menciona *peneira* com a significação de chuva miuda, comparavel ao pó que cahe de uma peneira. Neste sentido é tambem usado no Brazil.

Pepuíra, *s. f. (S. Paulo)* gallinha pouco desenvolvida.

Peráu, *s. m.* differença subita, para mais, do fundo do mar, lago ou rio, proximo ás praias, de modo a formar uma cóva em que ordinariamente não se toma pé, e é do maior perigo para as pessoas que, não sabendo nadar, se precipitam nelle: A infeliz senhora cahiu no *Perau* e morreu afogada. || *Etym.* E' corruptela de *Apeirão*, vocabulo portuguez que cahiu em tal desuso que o não menciona diccionario algum da nossa lingua, nem mesmo o *Elucidario* de Fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo. Tive a felicidade de deparar com elle no *Voc. Braz.*, com a significação tupi de *Typ? apyababa*, cuja traducção litteral é *descida do fundo*, o que dá uma idéa bem clara deste accidente hydrographico. Tanto Moraes, como Lacerda, Aulete e outros lexicographos definem pessimamente o *Peráu*, dizendo que é uma poça profunda de agua; e ainda mais erram os dous primeiros dando ao voc. uma origem franceza.

Peréba, *s. f.* erupções cutaneas pustulosas. Em alguns logares é o designativo da sarna. || *Etym.* E' voc. tupi. Em guarani significa signal ou manchas de sarnas (Montoya). No dialecto amazoniense dizem *perêua* (Seixas) ou *merêua* (B. de Jary). No Rio Grande do Sul dizem *pereva*, para designar certa ferida cascuda, que ataca tanto os animaes como a gente.

Perebento, a, *adj.* e *s.* atacado de *perêbas*.

Perendengues, *s. m. plur. (Pern., Pará)* penduricalhos que servem de ornato ás mulheres. || Correntes de relogio, como se usava antigamente (B. de Jary). || E', neste caso, o que, em linguagem portugueza, se denomina *Berloques*.

Perêréca, *s. f.* pequeno batracio de côr verde, pertencente ao genero *Hyla (?)*. E' provavelmente o mesmo animal de que falla Gabriel Soares com o nome tupi de *Juï-perêga*. || *Fig., s. m.* e *f.* pessoa ou animal de pequena estatura, franzino, de mesquinho aspecto.

Pererecar, *v. intr.* mover-se vertiginosamente de um lado para outro, ficar desnorteado: Com o susto que tomou, o cavallo *pererecou* de tal sorte que não foi possivel montal-o. Logo que o puzeram no tanque, o peixe entrou a *pererecar* a procura de uma

sahida. As andorinhas *pererecam* em torno da casa. || Cahir e revirar (Couto de Magalhães). || Diz-se tambem que *perêréca* aquelle que, vencido na argumentação, continúa a articular palavras a esmo, não se querendo dar por derrotado (B. Homem de Mello). || *Etym.* Terá talvez a mesma origem que *piriricar*. || Em portuguez ha o verbo *saracotear*, de significação analoga, no habito de não parar em um lugar, andar vagando, girando inquieto (Moraes).

Peréva, *s. f. (R. Gr. do S.)* o mesmo que *Peréba.*

Perí, *s. m.* o mesmo que *Piri.*

Periantân, *s. m (Valle do Amaz.)* agglomeração de cannarana, especie de graminea, que se encosta á margem dos rios, ou desce por elles, como ilha fluctuante arrastada pela correnteza. || *Etym.* De *Peri*, junco, e *antan*, duro, teso, resistente (J. Verissimo). || Ao *Periantan* dão no Paraguay o nome de *Camalote*. No valle do Amaz. lhe chamam tambem *Matupá.*

Perlenga, *s. f.* disputa, controversia, rixa: Por occasião daquelle casamento, houve tal *perlenga* no seio da familia que ninguem mais se entendia. || *Etym.* Corruptela de *Perlongas.*

Perlengáda, *s. f.* grande perlenga, disputa renhida: Daquella *perlengáda* resultou a inimizade dos dous irmãos.

Perlongo, *s. m. (R. de Jan.)* telhado de um e outro lado da cumieira: Mandei retelhar minha casa: o *perlongo* da frente já está prompto.

Pernambucâno, a, *s.* natural da provincia de Pernambuco: Os *Pernambucanos* zelam muito os interesses de sua provincia. || *Adj.*, que é relativo a Pernambuco: A imprensa *pernambucâna* discutiu calorosamente as vantagens da extincção do elemento servil.

Perneira, *s. f. (R. Gr. do S.)* especie de bota de couro crú garroteado, de que os cavalleiros usam no campo, e que tiram inteiriço da perna do potro, pelo que tambem lhe chamam *botas de potro* (Coruja).

Perneiras, *s. f. plur. (provs. do N.)* especie de calças de couro cortido, de que usa o sertanejo, quando monta a cavallo, em serviço pecuario.

Peróba, *s. f.* nome commum a diversas arvores de construcção do genero *Aspidosperma*, familia das Apocyneas. || *Etym.* E' provavelmente a contracção de *Ipê*, casca de pau, e *róba*, amargosa.

Perrengue, *adj. m.* e *f. (R. de Jan.)* encanzinado, raivoso, emperrado, birrento: Meu chefe é tão *perrengue* que a todos desgosta. || *Etym.* E' voc. castelhano (Moraes). || *(R. Gr. do S.)* frouxo, cobarde. Applica-se ao cavallo mau, e neste caso vem de *pé*, seguido do adj. *rengo* (Cesimbra).

Perú, *s. m. (R. de Jan.)* grande embarcação com a fórma de canôa e de bocca aberta, tendo um mastro vertical enfurnado em uma bancada fixa no centro, e um grande redondo (Camara).

Pessá, *s. m. (Pará)* o mesmo que *Pussá.*

Petéca, *s. f. (S. Paulo)* especie de volante feito ordinariamente de palha de milho, e que os rapazes impellem com a palma da mão. || *Etym.* O voc. tupi *petéca* e guarani *peteq* significa pancada, golpe; e dahi vem o nome dado ao volante, pela maneira por que é elle posto em movimento. || *Fig.* Joguete, ou alvo de mofa e zombaria: Não pensem que eu possa servir de *petéca* a quem quer que seja. Não façam de mim sua *petéca.*

Pêtêma, *s. f.* o mesmo que *Petúme.*

Petequear, *v. intr. (Minas-Geraes, S. Paulo)* jogar a petéca (Couto de Magalhães).

Petíço, *s. m. (R. Gr. do S.)* cavallo de pernas curtas (Coruja). || *Etym.* De *Petiso*, voc. da America meridional hespanhola (Valdez). || Differe do *Piquira*, em ser este um cavallo de pequena estatura, mas bem proporcionado.

Petúme, *s. m.* nome tupi do Tabaco (G. Soares). O *Dicc. Port. Braz.* escreve *Pytÿma*, Montoya *Petyma*, Léry *Petun*; e este ultimo voc. transmittido á França pelos companheiros de Villegagnon é ainda hoje usado na Bretanha sob a fórma: *Bétun*

(F. Denis), e delle se serviram os botanistas para designar o genero *Petunia*, da tribu das Nicotianeas. Enganam-se Le Maout e Decaisne, dizendo que o voc. *Petun* é de origem caraiba. No dialecto tupi do Amazonas lhe chamam *Pêtêma* (Seixas).

Pétún, *s. m.* o mesmo que *Petúme.*

Petyma, *s. f.* o mesmo que *Petúme.*

Pezêta, *s, m.* o mesmo que *Pecêta.*

Piá, *s. m. (provs. merid.)* caboclinho (1º) de quatorze annos para baixo. A's caboclinhas chamam no R. Gr. do S. *Chininha.* ‖ *Etym.* E' termo tanto tupi como guarani; significa coração, e era o titulo amoroso dos paes para com seus filhinhos (Anchieta, Montoya). ‖ Nessas provincias o *Piá* serve ordinariamente de criadinho.

Piába, *s. f.* nome de uma ou mais especies de peixe d'agua doce.

Piága. Nome que. por ignorancia absoluta da lingua tupi, tem sido empregado por alguns litteratos nossos, e que entretanto não é mais do que o resultado de erro typographico, como se observa em certas chronicas a respeito das cousas do Brazil. Baptista Caetano. depois de ter censurado o erro que se commettia com o uso da palavra *inubia*, que não é mais doque o estropiamento de *mimbi*, exprime-se do seguinte modo a respeito de *piága:* « No mesmo caso está o celebrado *piága*, que pecca pelo mesmo motivo, e que procurado nos escriptores antigos não se acha. O feiticeiro, o curandeiro, o medico, ás vezes com certas funcções sacerdotaes, pelo que consta tanto de escriptos acerca do Paraguay como das chronicas dos brasis, era *paijé (qui dicet finem*, litteralmente). Este nome apparece escripto *paye*, *piaye* e até *piache* e de outros modos; no segundo modo de escrever *piaye*, bastou que por erro de impressão se mudásse o *y* em *g* para tornar-se *piage*. donde o *piaga*, cujos cantos tanto que fazer têm dado aos litteratos e romancistas. »

Pialadôr, *s. m. (R. Gr. do S.)* nome que dão ao *peão* que é encarregado de *pialar.*

Pialar, *v. tr. (R. Gr. do S.)* laçar um animal pelas mãos indo elle a correr, do que lhe resulta cahir. ‖ *Fig.* Enganar. ‖ *Etym.* E' termo provincial americano,e sem duvida o recebemos das republicas do Rio da Prata.

Piálo, *s. m. (R. Gr. do S.)* acção de *pialar*, tiro de laço dirigido ás mãos do animal que se quer prender: *Armar o piálo* é preparar o laço para a operação; *deitar o piálo* é atirar o laço. No *piálo de cucharra*, que é o mais facil, atira-se o laço por baixo; no *piálo de sobrecostilhar*, vai o laço sobre a costella do animal, estendendo-se para diante até prender as mãos; no *piálo de sobrelombo*, que é o mais engenhoso, atira-se sobre o lombo do cavallo o laço aberto, o qual cahe a prender as mãos pelo lado opposto (Coruja). Ha ainda mais o *Piálo de reborquiada.* Neste caso, tem o laço armadilha maior, e é arremessado pela cabeça do animal, corre-lhe pelo corpo, e quando está nas patas é que se lhe dá o *tirão* (Lima e Silva). ‖ *Fig.* engano: Levar um *piálo*, deixar-se enganar (Cesimbra). ‖ *Etym.* De *piále*, voc. da America Merid. hespanhola (Valdez).

Piân, *s. m.* nome que os Tupinambás e Guaranis davam a essa molestia a que os Portuguezes chamam *Boubas* e os Hespanhóes *Bubas.* Este voc., completamente esquecido na linguagem vulgar do Brazil, nacionalizou-se em França. pelo intermedio do livro de Jean de Léry, que a descreveu minuciosamente. ‖ Os aborigenes, tanto do Brazil, como do Paraguay, lhe chamavam indifferentemente *Piân* ou *Miân.*

Piassába, *s. f.* (*Bahia)* palmeira do genero *Attalea (A. funifera,* Mart.*)*. ‖ *(Valle do Amaz.)* palmeira do genero *Leopoldinia (L. Piaçaba).* ‖ *Etym.* Do tupi *piassaba*, que significa teçume *(Voc. Braz.)*. nome dado certamente a estas arvores por causa de suas fibras, de que se fazem cordas, amarras, vassouras e outras cousas. No Valle do Amaz. ha tambem uma palmeira do gen. *Orbignia* (*O. racemosa)* com o nome vulgar de *Piaçaba verdadeira* (*Fl. Bras.)*. No Piauhy dão o

nome de *Piassaba* a uma palmeira do gen. *Orbignia (O. Eichleri)*, a que em Goyaz chamam *Pindóba (Fl. Bras.)*.

Piauhyense, *s. m.* e *f.* natural da prov. do Piauhy. || *Adj.* relativo á prov. do Piauhy.

Picáço, *adj.)R. Gr. do S.)* diz-se do cavallo de côr escura com a fronte e pés brancos (Coruja). || *Etym.* Segundo Aulete, é corruptela de pigarço = picarso, significando côr grisalha, côr de sal e pimenta : Cavallo *picarso*.

Picáda, *s. m.* caminho estreito aberto em matta e sempre em linha recta, tanto quanto o permittem os accidentes do terreno, tendo por fim facilitar os trabalhos de exploração para a construcção de estradas, collocação de marcos divisorios entre propriedades diversas, e finalmente para encurtar a distancia itineraria que vai de um a outro sitio. || Moraes e Lacerda mencionam este voc. como perfeitamente portuguez; mas Aulete, no seu artigo *Picàda*, não o comprehende nas suas definições com a significação que lhe damos no Brazil, o que me faz pensar que não é vulgar em Portugal.

Picádo, *s. m. (R de Jan.)* o mesmo que *cacundê*.

Picadôr, *s. m.* o que trabalha na abertura de uma *picada*, segundo o rumo que lhe foi marcado. || Em linguagem portugueza, *Picador* é o que ensina e amestra cavallos e ensina equitação. Este homonymo é tambem usual no Brazil.

Picanha, *s. f. (R. Gr. do S.)* parte posterior da região lombar do boi, onde ha accumulação de substancia gordurosa. *A picanha* é o melhor assado de couro (Coruja). || Valdez menciona *Picaña*, como termo antiquado synonymo de *Picardia*.

Picumân, *s. m.* fuligem. Tambem dizem *Pucumân* e no Pará *Taticumân*. || Todos esses vocabulos são mui usados na linguagem popular ; mas nas relações officiaes prevalece o termo portuguez *fuligem*. || *Etym.* Do tupi *Apepocumân (Voc. Braz.)*. Os Guaranis diziam *Cumân* e *Apècumân* ; mas parece que no Paraguay cahiram em desuso, e estão hoje substituidos pelo *hollin* dos Hespanhóes.

Piguancha, *s. f. (R. Gr. do S.)* o mesmo que *Chininha*.

Pijerecum, *s. m.* nome vulgar da *Xylopia æthiopica*, planta africana da familia das Anonaceas, cuja fructa é empregada como condimento. || Tambem se escreve *Pejerecum*.

Pilão, *s. m.* gral de pau rijo, onde se descasca e tritura café, arroz milho, etc. || A' mão do gral chamamos *mão do pilão*. Em Portugal *Pilão* é a mão do gral.

Piléque, *s. m.* camoéca, ligeira embriaguez : De vez em quando, meu criado toma o seu *piléque*. || *Etym.* Não sei se esta palavra nos veiu de Portugal ; o que é certo é que a não a tenho encontrado em diccionarios da lingua portugueza. E' mui usada no Brazil.

Pilóia, *s. f. (Ceará)* o mesmo que *mandurèba*.

Pimenta-da-Costa, *s. f. (Bahia)* especie de fructa africana, cujas sementes são empregadas como condimento e têm o ardor da pimenta.

Pindahiba (1º), *s. f.* canniço ou vara a que se prende o fio do anzol. || *Etym.* E' voc. tupi, significando litteralmente *braço do anzol*. || *Obs.* Moraes e Aulete definem mal a *pindahiba*, dizendo que é a corda que prende o anzol. A essa corda chamavam os Guaranis e Tupinambás *Pindaçâma*. || Figuradamente se diz que *está na Pindahiba* aquelle que se acha em apuros de dinheiro.

Pindahiba (2º), *s. f.* arvore de construcção do genero *Xylopia*, familia das Anonaceas, de que ha varias especies. || Em certos logares tambem lhe chamam *Pindahuba*. || *Etym.* Provêm-lhe o nome da natureza de sua ramificação, que consiste em varas idoneas para servir de canniço na pesca ao anzol.

Pindahuba, *s. f.* o mesmo que *Pindahiba* (2º).

Pindóba, *s f.* palmeiras do genero *Attalea (A. compta* e *A. humilis)*. || *Etym.* E' vocabulo tupi. || Tambem lhe chamam *Pindóva*. || No Rio de Jan. dão igualmente á *A. humilis* o nome de *Catolé* (Glaziou).

Pindóva, *s. f.* o mesmo que *Pindóba*.

Pingaço, *s. m. (R. Gr. do S.)* augmentativo de *Pingo* (Cesimbra).

Pingo, *s. m. (R. Gr. do S.)* nome com que se designa um bom cavallo. Nas republicas platinas, tem a mesma significação ; entretanto que no Chile, segundo Zorob. Rodriguez, é o inverso.

Pinha, *s. f. (Bahia, Pern.)* o mesmo que *Ata.*

Pintar a manta, *loc. pop.* fazer diabruras: Meus filhos, quando se pilham sós, *pintam a manta.*

Pipóca. *s. f.* grão de milho arrebentado ao calor do fogo, e que se come á guisa de biscoutos. No Pará dão a isso o nome de *Pórórôca* (2°). || Milho de *Pipóca* é uma especie ou variedade desta graminea mais apropriada á feitura da *Pipóca.* Tambem chamam *pipócas* ás pustulas cutaneas: Estou com o corpo coberto de *Pipócas.* || *Etym.* Do verbo tupi *Apoc* ou *Poc*, arrebentar, estourar, estalar.

Pipocádo. *adj.* e *part. pas. de pipocar;* arrebentado, estalado. Serve para designar certas molestias de pelle, como bolhas, pustulas : Estou com o corpo todo *pipocádo.* || Couro *pipocádo* é aquelle que, sendo cortido, apresenta rachaduras (Meira).

Pipocar, *v.tr.* e *intr.* arrebentar, estalar : O boi conseguiu *pipocar* a corda que o prendia. Tanto esticaram a corda que afinal *pipocou.* || No Ceará tambem dizem *papocar* e no Pará *popocar.* Em outras provincias *espocar* e *espipocar.*

Pipôco, *s. m. (Pern., Par.* e *Rio-Gr. do N.)* estalada, contenda vehemente, desordem : Foram prender os criminosos ; mas elles resistiram, o que deu logar a um terrivel *pipôco.* || Homem de *pipôco*, homem valente e audaz (Meira). || Tambem dizem *papôco* (Araripe Junior).

Piquá, *s. m.* especie de mala de panno de algodão ou linho, com abertura no meio e serve para conduzir roupa ou mantimentos em viagem. Tambem lhe chamam *Sapiquá.* || No Pará, o *Piquá* é um balaio, cesto ou sacco para guardar roupas e outros objectos. Por extensão, dão o mesmo nome aos cacarécos (J. Verissimo), e outro tanto se observa em Pern. e R. Gr. do N. (Valle Cabral).

Pique, *s. m.* acção de *picar* o matto para assignalar a direcção da *picada,* que se pretende abrir. || Em portuguez ha o homonymo *Pique* com diversas significações, igualmente correntes no Brazil.

Piquête, *s. m. (Minas-Geraes)* o mesmo que *Potreiro.*

Piquí, *s. m.* fructa de diversas especies de plantas do genero *Caryocar,* representado por arvores e arbustos. No Pará lhe chamam *Piquiá* (2°).

Piquiá (1°), *s. m.* nome commum a diversas especies de madeiras de construcção, e entre ellas uma do genero *Aspidosperma.*

Piquiá (2°), *s. m. (Pará)* o mesmo que *Piqui.*

Piquiá (3°), *s. m. (Bahia)* nome da fructa de uma arvore, cuja classificação não me é conhecida.

Piquíra (1°), *s. m. (Rio de Jan.)* cavallo de raça anã, natural de Campos dos Goitacazes, e mui apropriado ao exercicio das crianças.

Piquíra (2°), *s. f. (Matto-Grosso)* peixe de pequena especie, que habita as aguas do Paraguay e seus affluentes.

Píra, *s. f. (Valle do Amaz.)* doença de pelle nos animaes, como cães e gatos (J. Verissimo). || *Etym.* E' voc. commum a todos os dialectos da lingua tupí, significando *pelle.* E' por metonymia que d'elle se servem os incolas para designar a molestia de que se trata.

Pirá, *s. m.* nome generico do peixe, em todos os dialectos da lingua tupi. Actualmente só usamos delle em nomes compostos, para designar certas especies ou cousas que tenham relação com o peixe : *Piraúna,* peixe-preto ; *Pirapucú,* peixe comprido ; *Pirapitanga,* peixe vermelho ; *Pirahy,* rio do peixe ; *Pirapóra,* saltada do peixe ; *Piracêma,* sahida do peixe ; *Piracui,* farinha de peixe.

Piracêma, *s. f. (S. Paulo, Pará)* nome que dão á estação do anno em que se manifesta a arribação do peixe fluvial em numerosos cardumes, o que proporciona abundante pesca.

|| *Etym.* E' voc. tupi composto de *Pirá*, peixe, e *acem*, sahir (J. Verissimo).

Piracuí, *s. m. (Pará)* nome de uma preparação de peixe, a qual consiste em reduzil-o a pó, depois de secco, e neste estado serve de alimento. || *Etym.* E' voc. tupi, tambem mencionado por Montoya em relação ao Paraguay. Compõe-se de *Pirá*, peixe, e *cui*, pó ou farinha; significando portanto farinha ou pó de peixe.

Pirahí, *s. m. (Minas-Geraes)* azorrague de couro crú; o mesmo que *Bacalhau*. || *Etym.* Do radical *Pira*, significando pelle.

Pirajá, *s. m.* aguaceiro acompanhado de vento, que se manifesta frequentemente na parte da costa do Brazil comprehendida entre os Abrolhos e o cabo de Santo-Agostinho. Em geral, os aguaceiros se annunciam por nuvens densas de côr escura, que sobem rapidamente do horizonte. Na costa do Brazil, porém, o *Pirajá* é apenas precedido por uma nuvem de singela apparencia, que illude o marinheiro o mais experimentado, e torna-se por isso perigoso *(Dicc. Mar. Braz.)*.

Piranga, *adj.* o mesmo que *Pitanga* (1°).

Piranha, *s. f.* nome de uma ou mais especies de peixes, notaveis pela sua voracidade, e são o terror dos nadadores. Habita os rios e lagos de algumas provincias do Brazil.

Pirão, *s. m.* especie de massa feita de farinha de mandioca cozida em panella ao lume, e serve á guisa de pão, para se comer a carne, peixe e mariscos. Tambem lhe chamam *Angú*. O *Pirão* d'agua é feito com agua fria, do qual mais se usa com a carne ou peixe salgados. *Pirão escaldado*, ou simplesmente *Escaldado*, é aquelle que se faz lançando-se agua ou caldo ferventes sobre a farinha contida em uma vasilha. || *Etym.* Metaplasmo de *Mindypirõ*, nome que em tupi se dava ás papas grossas, em contraposição a *Mingaú*, que significa papas ralas (Figueira). Vasconcellos escreve *Mindipirò*, e Anchieta *Mindipirô* no mesmo sentido. O *Dicc. Port. Braz.* menciona *Marapirão* como termo portuguez, e o traduz em tupi por *Metapirôn*, sem comtudo lhe dar a significação. Não sendo, porém, *Marapirão* vocabulo da lingua portugueza, parece-me antes corruptela de *Mbaipirõ*, usual entre os guaranis. || Na Africa occidental é usual o termo *Pirão* (Capello e Ivens); e sem a menor duvida o houveram do Brazil.

Piraquára, *s. m.* e *f.* *(S. Paulo)* alcunha com que se designam os moradores das margens do Parahyba do Sul, e cuja industria consiste na pesca (B. Homem de Mello). || *Etym.* No dialecto guarani, *Piraquá* significa pelle dura e figuradamente se applica ao homem porfiado, pertinaz, obstinado, teimoso; qualidades estas que cabem perfeitamente aos que se dedicam á industria da pesca.

Piraquéra, *s. f. (Pará)* certo meio de pescar, que consiste em ir de noute, com fachos, arpoar o peixe que dorme á beira do rio. Esta especie de pesca é usual em outras partes do Brazil. Na Bahia lhe chamam *pesca de farraxo*. || *Etym.* Do tupi *pirá*, peixe, e *ker*, dormir.

Pirarucú, *s. m. (Valle do Amaz.)* nome vulgar do *Vastris gigas*, especie de peixe grande, de que se fazem salgas, e tem o sabor do bacalhau. || *Etym.* E' voc. tupi composto de *Pirá*, peixe, e *Urucú*, nome vulgar da *Bixa Orellana*, de cujas sementes se extrahe uma tinta vermelha.

Piratiningâno, *s. m.* nome com que se designava antigamente o natural de S. Paulo, por estar esta cidade situada nos campos de Piratininga.

Pirento, *adj. (Valle do Amaz.)* o que soffre da *pira*, molestia que ataca a pelle dos animaes (J. Verissimo).

Pirí, *s. m. (Pará)* nome que dão a certos brejos em que se desenvolve a vegetação da herva *Piri*. || No Maranhão usam deste vocabulo no plural: *Pirizes*. || *Etym.* *Pery*, como escreve o *Dicc. Port. Braz*, ou *Piri*, como o faz Montoya, é o nome tupi de uma ou mais especies de junco, que cresce nos alagadiços, e é aproveitado para a fabricação de esteiras e outros misteres.

Piriantân, *s. m. (Valle do Amaz.)* V. *Periantân*.

Piriquitête, *adj. (Pará, Maranhão)* diz-se de qualquer homem ou

senhora que, por gosto, se apresenta vestido sem luxo, mas com cuidado, de modo a ser elogiado: Fulano compareceu *periquitête* ao baile (B. de Jary). || Em Pern. e outros logares dizem *prêquêtê* (F. Tavora).

Piriríca, *adj. (Valle do Amaz.)* aspero como a lixa: Depois da febre o beiço fica *piririca*. || Ligeiro estremecimento provocado pelo peixe nadando no baixio, na superficie das aguas. || *Etym.* Do tupi *piriri*, tremer, estremecer, tiritar (J. Verissimo). Seixas menciona *Piri*, *v. tr.*, com a significação de arrepiar.

Piriricar, *v. intr. (Valle do Amaz.)* causar um ligeiro estremecimento na agua. Este verbo é quasi geralmente usado no gerundio: Está *piriricando* (J. Verissimo). || *Etym.* Talvez tenha a mesma origem que *pererecar*, de que usam nas provs. meridionaes.

Pirízes, *s. m. plur. (Maranhão)* o mesmo que *piri*.

Piróca, *adj. (Valle do Amaz.)* pelado, careca: Cabeça *piróca*, calva. || *Etym.* E' voc. tupi.

Pirocar, *v. tr. (Valle do Amaz.)* esfolar, descascar: Tratemos de *pirocar* a rez, e depois passaremos a *pirocar* as fructas. || *Etym.* E' a fórma vulgar do verbo tupi *piróca* (B. de Jary).

Pirralho, *s. m.* criança, criançola: Aquelle *pirralho* já pensa em se casar. || Tambem dão o nome de *pirralho* a um homem de pequena estatura. || *Etym.* Este vocabulo será talvez de origem portugueza, mas não o menciona diccionario algum da nossa lingua.

Pirurúca, *s. f.* o mesmo que *Canjica* (4º).

Pissandó, *s. m. (Bahia)* palmeira do genero *Diplothemium (D. campestris*, Mart.).

Pitáda, *s. f.* dóse de rapé ou de outro qualquer tabaco em pó, que se toma entre as cabeças dos dous dedos pollegar e indicador para o levar ao nariz, e que por isso tambem chamam narigada. || *Fig.* Dóse minima de qualquer materia pulverulenta. || *Etym.* Tem a mesma origem tupi e guaranî do verbo *pitar;* e está porfeitamente naturalizado na lingua portugueza.

Pitanga (1º), *adj.* voc. tupi e guarani, significando vermelho. Só usamos delle em palavras compostas: Pirá-*pitanga*, Acará-*pitanga*. E' syn. de *Piranga*; e deste usamos nas mesmas condições: Y-*piranga*, rio vermelho, Cui-*piranga*, areia vermelha, etc.

Pitanga (2º), *s. f.* fructa da Pitangueira, planta de varias especies e dimensões, pertencentes ao genero *Stenocalyx*, da familia das Myrtaceas. || *Etym.* E' contracção de *Ybápitanga*, vocabulo tupi significando fructa vermelha.

Pitanga (3º), *s. m.* e *f.* voc. tupi e guarani significando menino. Usamos delle quando temos de desenganar a pessoa que nos pede algum favor: Nem que chores *pitanga*, não te posso servir. Mas o que quer dizer *chorar pitanga*? E' facil explical-o, attendendo a que, nesta phrase, está *pitanga* no vocativo, com a sua antiga e primitiva significação de *menino;* e portanto o sentido syntactico desta oração é o seguinte: Nem que chores, *pitanga*, isto é, nem que chores, menino, não alcançarás o que pedes. Esta sentença, que se applica particularmente ás crianças teimosas, que choram para obter qualquer cousa, extende-se a pessoas de qualquer idade, que nos aborrecem com suas lamurias.

Pitar, *v. intr.* cachimbar, fumar charutos e cigarros. || *Etym.* Do verbo tupi *piter* e do guarani *pité*, significando chupar, sorver. || E' tambem usual em Bolivia, Chile, Republica-Argentina e Estado-Oriental do Uruguay.

Pitimbóia, *s. f. (Alagôas)* nome de certo apparelho mui simples para auxiliar a pesca dos camarões, por meio do *Jereré*. Consiste em um mólho de folhagens que o pescador lança na agua, tendo-o preso por uma corda. Os camarões mettem-se por entre a folhagem e ahi ficam enredados de tal sorte que permittem ao pescador suspender esse mólho, envolvendo-o no *Jereré*. E' um modo facilimo de realizar em pouco tempo uma ampla colheita desses crustaceos. || *Etym.* Do tupi *Pitiboâna (Voc. Braz.)* ou *Pytybonçára (Dicc. Port. Braz.)*, com a significação de ajudador, auxiliador.

Pitinga, *adj. (Valle do Amaz.)* o mesmo que *tinga.*

Pititinga, *s. f. (Bahia)* especie de peixe miudinho, semelhante ou talvez identico á *manjúba* do Rio de Janeiro e Pernambuco.

Pitiú, *s. m.* o mesmo que *Pitium.*

Pitium, *s. m.* fartum, cheiro desagradavel de qualquer cousa : Não ha nada tão repugnante como o *pitium* da sardinha. || No Pará, o *pitium* designa especialmente o mau cheiro do peixe crú (B. de Jary, J. Verissimo); e, no littoral do Rio de Jan., o do peixe podre (Macedo Soares). || Tambem dizem *pitiú* no Pará e no Maranhão, e *pituim* no Rio de Janeiro (V. de Souza Fontes) e em Alagôas (B. de Maceió). || *Etym.* E' voc. de origem tupi, applicado ao cheiro do peixe crú. O do peixe assado é *pixé.*

Píto, *s. m. (Goyaz, Matto-Grosso)* cachimbo. || Acção de cachimbar, e, em geral, de fumar: O *pito* do opio é usual entre os Chins. O *pito* do pango é prohibido pelas posturas municipaes do Rio de Jan. || *Etym.* A mesma que a de *pitar.*

Pitomba, *s. f.* fructa da Pitombeira, arvore do genero *Sapindus (S. edulis,* Saint-Hilaire), da familia das Sapindaceas.

Pitombo, *s. m. (Bahia)* fructa do Pitombeiro, arvore do genero *Eugenia,* da familia das Myrtaceas. Em Pern. lhe chamam *Ubáia.*

Pitúba, *adj. (Pern.)* qualificativo da pessoa fraca, cobarde, preguiçosa. || *Etym.* E' voc. tupi *(Dicc. Port. Braz.).*

Pituim, *s. m. (Alagôas, Rio de Jan.)* o mesmo que *Pitium*

Piúca, *s. m. (S. Paulo)* pau secco a ponto de esfarelar-se, o que o torna mui combustivel (S. Villalva).

Pium, *s. m. (Pará)* nome vulgar de uma especie de mosquito. || *Etym.* E' vocabulo tupi *(Dicc. Port. Braz.).*

Pixaim, *adj. (De Pern. ao Pará)* que tem carapinha, como a gente de raça africana. || *Etym.* Do tupi *Iapixaim,* crespo *(Dicc. Port. Braz.), pixaim,* crespina *(Voc. Braz.).* Em guarani *apixaim,* cousa enrugada (Montoya).

Pixé, *adj. (S. Paulo, Pará)* enfumaçado : Esta comida está *pixé.* || *Etym.* E' voc. commum aos diversos dialectos da lingua tupi, e era particularmente consagrado ao cheiro de peixe assado. || No Pará significa mau cheiro, fetido (J. Verissimo), e nesse sentido é usual no dialecto amazoniense (Seixas).

Pixiríca, *s. f. (Rio de Jan.)* nome de um pequeno arbusto do genero *Clidonia (C. frutescens),* da familia das Melastomaceas. || No Pará lhe chamam *Catininga* (B. de Marajó).

Pixúna, *adj.* o mesmo que *una.*

Planchear-se, *v. pron. (R. Gr. do S.)* cahir o cavallo de lado com o cavalleiro (Coruja).

Pó, *s. m.* especie de esturrinho, a que tambem chamam *amostrinha, caco, tigella, etc.*

Pocêma, *s. f. (R. Gr. do N.)* brados de alegria em honra de pessoas a quem se quer obsequiar: Por occasião de sua chegada, o povo, reunido na praça, ergueu-lhe *pocêmas,* em homenagem aos bons serviços que o coronel acabava de prestar. || *Etym.* E' voc. de origem tupi.

Polvadeira, *s. f. (R. Gr. do S. e S. Paulo)* poeirada. || *Etym.* Corruptela do castelhano *polvareda.*

Polvilho, *s. m. (Rio de Jan. e outras provs.)* o mesmo que *Tapióca.*

Pombear, *v. intr.* exercer a profissão de pombeiro, como atravessador. || *v. tr.* espreitar, espionar, ir no encalço de alguem, para lhe conhecer os intentos. || Moraes escreve *pombeirar.*

Pombeiro, *s. m.* nome que, na Africa portugueza, davam d'antes a qualquer agente encarregado de explorar os sertões, no intuito de effeituar a compra de escravos, mediante trapos, ferramenta e bugiarias que levavam comsigo. Essas emprezas eram sempre confiadas a homens ladinos, de cuja sagacidade havia tudo a esperar *(Arte de furtar).* Com sua odiosa significação, este voc. passou da Africa para o Brazil, no tempo em que eram tambem condemnados ao captiveiro nossos infelizes aborigenes. || *Etym.* Deriva-se do radical *pombe,* voc. da lingua bunda significando *mensageiro* (Cannecatim). || Actualmente, tanto na Africa como no Brazil, são outros os encargos do

Pombeiro. Alli dão esse nome aos chefes do grupo de carregadores, com a obrigação de vigiar a sua gente e responder por ella ante o chefe da comitiva; come e dorme com ella, e é emfim o cabo d'esquadra da caravana (Serpa Pinto). No Brazil são varias as funcções do *Pombeiro*. Em algumas das nossas provincias septentrionaes, Pern., Par. e Rio Gr. do N., o *Pombeiro* é verdadeiramente um espião. Quando se trata, por exemplo, de prender um criminoso sagaz e occulto, a policia bota-lhe *pombeiros*, que lhe vão no encalço (Meira). No Rio-Gr. do S., por um desses metaplasmos mui frequentes, em que as lettras *P* e *B* se substituem mutuamente, o vocabulo *Pombeiro* se transformou em *Bombeiro*, sem quebra da significação de espião. No Rio de Jan. o *Pombeiro* é o atravessador dos generos alimenticios, productos da pequena cultura: aves, ovos, fructas, hortaliças, peixe, etc. No littoral de Pernambuco e de outras provincias do norte, é elle especialmente o monopolista do pescado, para o que vai á praia espreitar a occasião em que regressam as jangadas, que se empregam nessa industria, compra-lhes o peixe, e o vende a retalho.

Poncháda, *s. f. (Rio-Gr. do S.)* grande porção de qualquer cousa, que poderia encher um poncho: Uma *ponchada* de dinheiro (Coruja).

Poncho, *s. m. (provs. merid.)* especie de capa de panno de lã, de fórma mais ou menos quadrada, com uma abertura no meio, por onde se enfia a cabeça. Como vestidura exterior para resguardar da chuva ou do frio, é muito mais commoda que o capote, mórmente para quem anda a cavallo. ‖ *Etym.* Do araucano *Pontho?* (Zorob. Rodriguez).

Ponga, *s. f. (provs. do N.)* especie de jogo, o qual consiste em um quadrilatero de madeira, cartão ou papel, no qual se traçam duas diagonaes e duas perpendiculares, que se cruzam em um centro commum. São dous os jogadores e cada um se serve de tres tentos que se distinguem, pela côr, ou pela fórma, dos do adversario. Aquelle que primeiro consegue pôr em linha recta os seus tres tentos ganha a partida. E' um jogo muito do gosto dos meninos.

Ponta, *s. f. (R. Gr. do S.)* pequena porção de quaesquer objectos: Uma *ponta* de gado. Uma *ponta* de patacões. ‖ Quanto ao gado, se a porção é grande, toma o nome de *tropa*.

Pontáço, *s. m. (R. Gr. do S.)* pontoada, golpe dado com a ponta de qualquer arma ou instrumento, e do qual resulte apenas contusão. Se o golpe produz ferida, dizem que o paciente ficou *lastimado* (Per. de Carvalho).

Pontas, *s. f. plur. (R. Gr. do S.)* extremidades superiores de um rio: As *pontas* do Guassupy. As *pontas* do Arroio-Grande. Passei as *pontas* do Guassupy, proximo ás nascentes. O general Canabarro tomou posição nas *pontas* do Nhanduhy (B. Homem de Mello).

Popocar, *v. tr. e intr. (Pará)* o mesmo que *pipocar*.

Poquéca, *s. f. (Pará)* o mesmo que *Moquéca*.

Poracá, *s. m. (Rio de Jan.)* especie de cesto grande, com destino á pescaria. ‖ *Etym?* Cumpre fazer observar que este voc. faz recordar o *Pacará* do Pará e Goyaz, que é tambem uma especie de cesto.

Porandúba, *s. f.* vocabulo tupi significando historia, noticia, relação, etc. Fr. Francisco dos Prazeres, escrevendo uma obra historica sobre o Maranhão, lhe deu o titulo de *Porandúba Maranhense*. Os Tupinambás diziam indifferentemente *Porandúba* ou *Morandúba*, e os Guaranis *Porandú* ou *Morandú*. No Maranhão é usual o termo corrupto *Marandúva*.

Poraquê, *s. m. (Pará)* nome vulgar do *Gymnotus electricus*, peixe d'agua doce, cujo contacto entorpece, como acontece com o da Tremelga ou Torpedo. ‖ *Etym.* Pertence, sem duvida, ao dialecto tupi do Amazonas, mas, não lhe conheço a significação grammatical.

Porcellana, *s. f. (Bahia)* tigela. ‖ No Minho tem este voc. a mesma significação (J. L. de Vasconcellos). Moraes lhe dá a significação de almofia ou vaso de porcellana semelhante a uma grande tigela.

Porco-espinho, *s. m.* V. *Quandú.*

Porongo, *s. m. (R. Gr. do S.)* nome vulgar de certa Cucurbitacea de pequena especie, de que se fazem as cuias para mate. || *Etym.* No Chile e no Perú chamam *Porongo* a um cantaro de barro de gargalo comprido, nome derivado do quichua *Puruncca.* E' essa sem duvida a origem do nosso vocabulo.

Póróróca (1º), *s. f.* macaréu, phenomeno que se observa em alguns rios do Pará e Maranhão. || *Etym.* E' voc. de origem tupi no sentido de arrebentar, estourar. Em guarani, *pororog* significa estrondo, ruido de cousa que arrebenta (Montoya).

Póróróca (2º), *s. f. (Pará)* o mesmo que *Pipóca.*

Póróróca (3º), *s. f. (Paraná)* arvore de construcção do genero *Clusia (C. volubilis),* da familia das Clusiaceas (Rebouças), a que tambem chamam vulgarmente *Capóróróca,* e cujas folhas, lançadas ao fogo, produzem uma crepitação semelhante á das bichas da China (Monteiro Tourinho).

Pororom, *s. m. e adj. (provs. do N.)* fructa acanhada, mal desenvolvida, de má qualidade: Melancia *pororom.* Equivale a *Tambuêra* (F. Tavora).

Possá, *s. m. (Pará)* o mesmo que *Pussá.*

Possanga, *s. f. (Valle do Amaz.)* remedio, mésinha, medicamento caseiro (J. Verissimo). || *Etym.* E' voc. tupi. || Seixas escreve *possanga*; e o *Dicc. Port. Braz. poçanga.* Em guarani *mohanga, pohanga* (Montoya).

Possóca, *s. f. (Bahia)* o mesmo que *Marondúva.*

Possúca, *s. m.* e *f. (R. Gr. do S.)* o mesmo que *Filante.*

Posteiro, *s. m. (R. Gr. do S.)* homem que guarda o *Posto* de uma fazenda (Coruja).

Pôsto, *s. m. (R. Gr. do S.)* casa situada nos fundos de uma fazenda ou estancia, e onde moram homens para vigial-a. Uma estancia póde ter mais de um *Pôsto.* E' o que chamam *Retiro* em Matto-Grosso e Minas-Geraes.

Potába, *s. f. (Pern.)* dadiva, presente, dóte, legado: O padrinho legou-lhe uma boa *potába.* || *Etym.* E' voc. tupi.

Potirom, *s. m. (Pará)* o mesmo que *Muxirom.*

Potranco, *s. m. (R. Gr. do S.)* potro de um a tres annos de idade. Se é femea chamam-lhe *Potranca* (Coruja).

Potreiro, *s. m. (provs. merid.)* campo cercado com pasto e aguada; destinado a animaes cavallares e muares. Em Minas-Geraes dão tambem a isso o nome de *Piquete.*

Potrilho, *s. m. (R. Gr. do S.)* potro de menos de um anno de idade. Se é femea, chamam-lhe *Potrilha* (Coruja).

Pracista, *adj. (R. Gr. do S.)* o que vivendo no campo mostra mais alguma civilisação, por ter feito viagens ás cidades e ter nellas praticado com pessoas de educação. || *Etym* Do radical *praça* (Coruja).

Prága, *s. f. (Maranhão)* nome applicado aos mosquitos : A *prága,* dia e noute, atormenta os que viajam no rio Mearim.

Prajá, *s. m. (S. Paulo)* especie de doce feito com melaço a ferver, sobre o qual se lançam e se misturam ovos batidos. || *Etym.* E' synalepha de *para já,* em allusão á rapidez com que é feito.

Prancha, *s. f.* o mesmo que *Chalana.*

Preá, *s. f.* o mesmo que *Apereá.*

Prêquêtê, *adj. (Pern.)* o mesmo que *piriquitête*

Presépe, *s. m. (Bahia)* o mesmo que *Mamulengos.*

Puáva, *adj. (R. Gr. do S., Paraná)* o mesmo que *aruá.*

Púba, *adj.* molle. E' voc. tupi de que nos servimos geralmente para designar a mandioca que se poz a cortir na lama ou na agua, durante alguns dias, perdendo, d'esta sorte, suas qualidades venenosas. A mandioca *púba* torna-se comestivel, já assada nas brazas, já convertida em bolos doces, quaes o *manauê* e a *pamonha,* e já desfeita em *carimân,* depois de secca ao sol ou ao lume. Com ella se fabrica tambem a especie de farinha a que, no

Maranhão e Pará, chamam farinha d'agua, a *uï-puba* dos Tupinambás. ‖ No presidio do Morro de S. Paulo, ouviu o Sr. Valle Cabral applicar o voc. *pùba* á pessoa que sente grande abatimento de forças: De doente e de cançado fiquei *pùba*. ‖ Em S. Paulo dizem da pessoa vestida com primor que está na *pùba*. Não sei qual possa ser n'este caso a origem desta significação.

Pubar, *v. tr.* pôr a curtir a mandióca na lama ou na agua: Mandei *pubar* um cesto de mandióca.

Pucumân, *s. m.* o mesmo que *Picumân.*

Puêra, *s. f.* *(Pará)* o mesmo que *Ypueira.*

Puita, *s. f.* *(Rio de Jan.)* especie de instrumento musical dos negros. ‖ Em Sergipe dão-lhe o nome de *Vù* (João Ribeiro).

Punaré, *adj.* *(Serg.)* amarellado: Cavallo de cara branca *punaré*, significa que o animal tem a cara branca amarellada (S. Roméro).

Punga, *adj.* *(Minas-Geraes, R. Gr. do S.)* ruim, sem prestimo: Um homem *punga*. Um cavallo *punga* (Silva Pontes).

Pupunha, *s. f.* palmeira do genero *Guilielma (G. speciosa)* cuja fructa cozida é mui apreciada, e é cultivada em todo o valle do Amaz., e em principio de cultura no Rio de Janeiro.

Puracé, *s. m.* *(Valle do Amaz.)* especie de baile em que folgam os Indios, depois da festa que celebram, por occasião da admissão dos mancebos ás filas dos guerreiros, festa que consiste em se açoutarem alternadamente com duros azorragues, por espaço de oito dias, durante os quaes as mulheres preparam os licores e comidas (L. Amazonas). ‖ *Etym.* E' voc. de origem tupi. No dialecto amazoniense *puraçai* significa dança.

Pururúca (1°), *adj.* friavel, quebradiço, facil de esmigalhar-se ou de ser reduzido a pó: Milho *pururúca* é aquelle cujo grão se tritura com pouco esforço. Côco *pururúca* é aquelle cuja amendoa tem adquirido bastante consistencia para ser ralado, antes do que lhe chamam *côco de colhér.* ‖ *Etym.* Parece ser uma differença prosodica de *pòròróca.*

Pururúca (2°), *s. f.* *(Minas Geraes)* o mesmo que *Canjica*(4°).

Pururúca (3°), *s. f.* *(Matto-Grosso, S. Paulo)* nome de uma especie de arvore de construcção. ‖ Será talvez a mesma que no Paraná chamam *Pòròróca ou Capòròróca.*

Pussá (1°), *s. m.* como instrumento de pescar camarões, é o mesmo que *Jêrêrê*. Na Bahia ouvi dar o nome de *Pussá* a um pequeno *Jêrêrê* destinado á pesca do sirí. ‖ *Etym.* E' o nome tupi da rêde de pescaria. ‖ No Pará lhe chamam *Possá*. Baena escreve *Pessá*. ‖ Em S. Paulo, o *Pussá* é uma renda larga que serve de guarnição a certas roupas. No Rio de Jan., a renda de *Pussá* é a de malhas largas.

Pussá (2°), *s. m.* *(Piauhy, Ceará)* fructa do Pussázeiro, planta do genero *Mouriria (M. Puçá)*, da familia das Melastomaceas.

Putirão, *s. m.* *(S. Paulo)* o mesmo que *Muxirom.*

Putirom, *s. m.* *(Pará)* o mesmo que *Muxirom.*

Putirum, *s. m.* *(Pará)* o mesmo que *Muxirom.*

Puxá, *s. m.* *(Sergipe)* o mesmo que *Puxàdo* (2°).

Puxádo (1°), *s. m.* nome que dão ao accrescimo de uma casa para o lado do quintal, e onde ordinariamente se estabelece a cozinha, dormitorio para criados, etc.

Puxádo (2°), *s. m.* *(provs. do N.)* asthma. ‖ Em Serg. dizem tambem *Puxá* (João Ribeiro); e no Maranhão *Puxamento* (E. de Souza).

Puxamento, *s. m.* *(Maranhão)* o mesmo que *Puxàdo* (2°).

Púxa-púxa, *s. f.* melaço grosso a ponto de ficar em pasta, e poder ser manipulado como a alfeloa, em cuja operação alveja, ainda que seja de côr escura.

Puxeira, *s. f.* *(Bahia)* defluxo (E. de Souza).

Puxirão, *s. m.* *(R. Gr. do S.)* o mesmo que *Muxirom.*

Puxirum, *s. m.* *(Paraná, S. Paulo, Pará)* o mesmo que *Muxirom.*

Pytÿma, *s. f.* o mesmo que *Petume.*

Quádra, *s. f. (R. Gr. do S.)* extensão de 132 metros. A distancia das corridas se mede por quadras. Diz-se : cavallo de duas *quadras*, de quatro, etc. conforme o numero d'ellas em que elle póde ganhar, ou que está acostumado a correr com vantagem (Coruja).

Quadrilha, *s. f. (R. Gr. do S.)* porção de cavallos mansos e amadrinhados de differentes pêlos. Sendo de um só pêlo se chama *tropilha* ; e se não são amadrinhados se chama simplesmente *cavalhada* (Coruja). || Em todas as mais accepções, é o voc. *Quadrilha* usual tanto em Portugal como no Brazil.

Quandú, *s. m.* pequeno mammifero de genero *Hystrix (H. prehensilis)*, da ordem dos Roedores, e cujo corpo é coberto de espinhos de envolta com o pêlo. || *Etym.* E' voc. tupi. || Tambem lhe chamam erroneamente *Porco-espinho* e *Ouriço-cacheiro*, nomes estes de outros animaes do Antigo Continente. Quanto á orthographia, tem-se escripto tambem *Coandú* e *Cuandú.*

Quarta, *s. f. (R. Gr. do S.)* nos carros puxados por mais de duas juntas de bois, chamam-se bois da *quarta* os que vão entre os da ponta e os do couce. Quando são mais de uma *quarta*, a junta que vai perto da ponta se chama *quarta* da ponta, e a que vai immediata á do couce se chama *quarta* do couce (Coruja).

Quartinha, *s. f.* especie de bilha de barro para conter e refrescar a agua. || *Etym.* Diminutivo de quarta, que é em Portugal um vaso analogo.

Quarto, *s. m. (Matto Grosso)* quantia igual a 300 rs., a que tambem chamam *pataca-aberta.* || *Etym.* Provém de ser a quarta parte de 1$200 rs., que era antigamente o preço da oitava de ouro.

Quatá, *s. m. (Pará)* especie de quadrumano do genero *Ateles (A. paniscus)*. || *Etym.* E' voc. tupi.

Quatí, *s. m.* nome commum a duas especies de mammiferos carniceiros do genero *Nasua.* Ha o *Quati-mundé (N. solitaria)* e o *Quati de bando (N. socialis).* || *Etym.* E' voc. tupi.

Quati-ahipe, *s. m. (S. Paulo, Paraná)* o mesmo que *Caxinguelê.*

Quatí-mirim, *s. m. (Pern.)* o mesmo que *Caxinguelê.*

Quati-purú, *s. m. (Pará, Maranhão)* o mesmo que *Caxinguelê.*

Québra, *adj.* e *s. m. (R. Gr. do S.)* mau, de má condição ; e se applica tanto ao cavallo como ao homem: Meu cavallo é um *québra* insupportavel. Fulano é um *québra.* || *Québra* abarbarado, valentão, malvado.

Quebra-bunda, *s. m.* epizootia que ataca os cavallos nas regiões paludosas e que os inutilisa para sempre. Consiste em ficarem descadeirados. || No Maranhão, dão tambem a esta molestia o nome de *Mal d'escancha.*

Quêcê, *s. m. (Pern., Par. do N., R. Gr. do N.)* o mesmo que *Caxirenguengue.*

Queijadinha, *s. f. (provs. do N.)* o mesmo que *Luminaria.*

Queimádo (1°), *s. m. (Bahia)* o mesmo que *Bala.*

Queimádo, a (2°), *adj.* zangado, um tanto encolerisado (Aulete). Estou *queimádo* com meu vizinho, por deixar que seus animaes devastem minhas plantações.

Quenga (1°), *s. f. (sertão da Bahia)* guisado de gallinha com quiabos.

Quenga (2°), *s. f. (Pern. e outras provs. do N.)* endocarpo de Côco da India *(Cocos nucifera)*, o qual cortado pelo meio produz dous vasos, cada um dos quaes conserva o mesmo nome de *Quenga*, e presta o mesmo serviço que a cuia. || Aulete a define mal, dizendo que é uma especie de gamella

Quengo, *s. m. (Pern., Par. do N., R. Gr. do N.)* especie de vaso com cabo, feito da metade do endocarpo do côco *(Cocos nucifera)*, e serve para tirar caldo da panella.

Querencia, *s, f. (R. Gr. do S.)* paragem onde o animal assiste ou foi criado e lhe toma affeição, tanto que nunca d'ella se affasta, ou a ella volta instinctivamente se d'alli o haviam retirado. || *Etym.* E' voc. castelhano. Entretanto, ha em portuguez *Querença*, com a mesma significação.

Querendão, *s. m. (R. Gr. do S.)* namorador, amante (Cesimbra).

Quêrêquêxê, *s. m. (Serg.)* o mesmo que *Canzá.*

Quéro-mâna, *s. m. (R. Gr. do S.)* uma das variedades desses bailes campestres, a que chamam geralmente *Fandango* (Cesimbra).

Quiábo, *s. m.* fructa do Quiabeiro, planta hortense do genero *Hibiscus (H. esculentus)*, da familia das Malvaceas, de que ha diversas variedades. || *Etym.* Sendo este producto de origem africana, é provavel que seu nome tenha tambem vindo de alguma região d'aquelle continente. || Tambem lhe chamam *Quingombô*, nome que tem sua origem na lingua bunda.

Quiba, *adj. (Serg.)* diz-se do animal corpulento e forte: Um cavallo *quiba*. Um touro *quiba* (S. Roméro).

Quibáca, *s. f. (Alagôas)* o mesmo que *tibáca.*

Quibandar, *v. tr.* agitar o *Quibando*, para separar as alimpaduras dos grãos descascados, como se pratica com o arroz, o café e outras cousas.

Quibando, *s. m.* disco de palha tecido em zonas parallelas como o balaio, e serve para sengar ou sessar (V. de Souza Fontes). No Rio de Jan. tambem lhe chamam *Pá* (Souza). || *Etym.* Parece-me termo pertencente à lingua bunda.

Quibêbe, *s. m.* especie de iguaria feita de abóbora amarella reduzida á consistencia de papas. || Em Pern. lhe misturam leite; no Piauhy preparam-a de abóbora, folhas de vinagreira e outras hervas, temperadas com pimenta (J. A. de Freitas). Em outras partes, a temperam com qualquer gordura, ajuntando-lhe, ás vezes, pimenta.

Quicê, *s. m. (Pern., Par. do N., R. Gr. do N., Ceará, Pará)* o mesmo que *Caxirenguengue.*

Quicê-acíca, *s. m. (Pará)* o mesmo que *Caxirenguengue.*

Quilombo, *s. m.* habitação clandestina nas mattas e desertos, que servia de refugio a escravos fugidos. Tambem lhe chamam *Mocambo.* || *Etym.* E' vocabulo da lingua bunda, significando acampamento (Capello e Ivens). || Na Bolivia, Republica Argentina e Estado-Oriental do Uruguay, tem o vocabulo *Quilombo* a significação de bordel (Velarde, Moreno, Sagastume).

Quilombóla, *s. m.* e *f.* escravo refugiado em *Quilombo.*

Quimanga, *s. f. (provs. do N.)* cabaça convenientemente apparelhada para certos usos, como seja arrecadar pequenos objectos, e de que se servem, sobretudo os jangadeiros, para guardar a comida.

Quimbembe, *s. m. (Pern. e outras provs. do N.)* habitaculo rustico de familia pobre; chóça, cabana. || *Etym.* Parece ser de origem africana. || No pl. *Quimbembes* significa cacaréos, badulaques, trastes de pouco valor (F. Távora).

Quimbembé, *s. m. (Pern.)* nome que dão os Africanos a certa bebida preparada com milho (J. A. de Freitas). || E' congenere do *Aluá.* || *Etym.* E' certamente de origem africana, e tanto mais o creio que Capello e Ivens mencionam *Quimbombo* como nome de uma bebida analoga usada na provincia de Angóla. *Quimbembé* e *Quimbombo*, variando na forma, pertencem evidentemente ao mesmo radical.

Quimbembéques, *s. m. plur. (Pern.)* o conjuncto de penduricalhos, como figas e outros pequenos objectos de ouro, que as crianças trazem ao pescoço (J. A. de Freitas).

Quimbête, *s. m. (Minas-Geraes)* o mesmo que *Candombe* (2°), especie de batuque de escravos, ao qual chamam tambem *Caxambú*, quando é exercido nas fazendas. || *Etym.* E' provavelmente de origem africana.

Quincha, *s. f. (R. Gr. do S.)* a coberta da casa ou carreta, feita de palha; ou antes pequenos pedaços da coberta de palha, que se unem uns aos outros sobre o tecto da casa ou tolda da carreta (Coruja). || *Etym.* Valdez o menciona como voc. americano, com a significação de barreira feita de ramos de arvores collocados perpendicularmente. Sem duvida o recebemos das republicas platinas, bem que alterado na significação.

Quinchar, *v. tr. (R. Gr. do S.)* cobrir com quinchas, isto é, com as diversas partes da coberta (Coruja).

Quingombô, *s. m.* (*Rio de Jan.*) o mesmo que *Quiabo*.

Quinguingú, *s. m.* (*Pern.*) nome que dão ao serviço extraordinario a que muitos fazendeiros obrigavam seus escravos durante uma parte da noute. Koster escreveu á ingleza *Quingingoo*. || *Etym*. Parece-me vocabulo de origem africana.

Quirâna, *s. f.* (*Valle do Amaz.*) especie de granulo que se fórma no cabello da gente que, usando de pomadas e outras substancias gordurosas, lava a cabeça em agua fria. || *Etym*. E' voc. tupi significando *semelhante ao piolho*. || Dão o mesmo nome ao piolho ladro. || Segundo J. Verissimo *quirana* se traduz em lendea.

Quiréra, *s. f.* (*S. Paulo, Matto-Grosso*) nome que dão á parte mais grosseira de qualquer substancia pulverizada, que não passa pelas malhas da peneira: *Quiréra* do milho, do arroz pisado, etc. || A *Quiréra* da mandioca é o mesmo que a *Crueira* das outras provincias. || *Etym*. Corruptela de *Curuéra*, que, em lingua tupi, significa *alimpaduras do joeirado*; ou talvez de *Curé*, que, no dialecto guarani, tem a mesma significação.

Quirirí, *s. m.* (*Valle do Amaz.*) silencio, calada, socego nocturno; mudez apparentemente absoluta da natureza em calma á noute (J. Verissimo). || *Etym*. E' voc. tupi, tambem usual entre os Guaranis do Paraguay. || No dialecto do Amaz. *quiri* significa dormir (Seixas). || *Obs*. J. Verissimo escreve *kiriri*.

Quitambuêra, *s. f.* e *adj.* (*Rio de Jan.*) o mesmo que *Catambuêra*.

Quitanda, *s. f.* mercado de fructas, hortaliças, aves, pescados e outros productos similares. || *Fig*. Industria qualquer: A clinica é a minha *quitanda*. Aquelle vadio faz do jogo a sua *quitanda*. || *Etym*. E' voc. bunda.

Quitandar, *v. intr.* exercer a profissão de quitandeiro.

Quitandê, *s. m.* (*Bahia*) nome que dão ao feijão miudo, do qual, ainda verde, se extrahe á unha a pellicula, e se dispõe desta sorte para sopas e outras iguarias.

Quitandeira, *s. f.* de *Quitandeiro*; regateira. || *Fig*. Mulher sem educação, que usa de termos e modos grosseiros.

Quitandeiro, *s. m.* pessoa da plebe, cuja industria consiste em comprar para revender fructas, hortaliças, aves, pescados e outros generos alimenticios.

Quitungo, *s. m.* (*Rio de Jan.*) o mesmo que *gongá*.

Quitúte, *s. m.* iguaria delicada. || *Obs*. Aulete menciona este voc. como syn. de paparicho; mas entende erradamente que *paparicho* é termo peculiar ao Brazil. Moraes o dá como voc. portuguez, significando a mesma cousa que *Quitute* no Brazil.

Quituteiro, a, *s.* pessoa habil em preparar *quitutes*.

Quixó, *s. m.* (*Pern. até o Ceará*) especie de *mundé* (J. Galeno, F. Tavora). || Differe da *Arapúca* em ser esta armada no chão, com destino á caça de aves, e ser o *Quixó* armado em buraco, para tomar pequenos mammiferos (P. Nogueira.)

Râna, *adj.* voc. tupi significando *semelhante*, e do qual nos servimos como suffixo nos mesmos casos em que nas linguas européas empregamos o *oide* de origem grega; por exemplo: *Urucurana*, semelhante ao urucú; *Cajarana*, semelhante ao cajá; *Quirana*, semelhante ao piolho, etc.

Rancheiro, *adj.* (*R. Gr. do S*) nome que dão ao cavallo que em viagem tem a balda de se dirigir a todas as casas que ficam proximas á estrada, como se fosse á procura de um rancho (Coruja).

Rancho, *s. m.* especie de edificio mui simples construido ao lado das estradas, para dar abrigo aos viajantes que percorrem o interior do Brazil. Ora é o rancho uma palhoça assentada sobre esteios, ora um telheiro sem muros, ou com muros que o põe ao abrigo dos ventos. Nesses ranchos não tem o viajante de pagar o logar que occupa; mas ha sempre na proximidade uma venda em que compra o milho necessario para seus animaes, o que indemnisa amplamente o proprietario da despeza que fez com aquella

construcção (Saint-Hilaire). || *Fig.* Choupana, choça, habitação humilde.

Rapadouro, *s. m.* nome que dão a um campo tão destituido de hervas alimentares que já não serve para pasto do gado.

Rapadúra, *s. f.* assucar mascavo coagulado, a que se dá ordinariamente a fórma de pequenos tijolos quadrados, e são mui uteis aos viajantes e habitantes do interior, para adoçar o café e outras bebidas. Tambem as ha de assucar branco entremeado de côco ralado, mendubi torrado e outras cousas, e neste caso servem de sobremesa.

Rapôsa, *s. f. (S. Paulo, Paraná)* o mesmo que *Saruê.* || E' tambem nome vulgar de uma especie de mammifero do genero *Canis.*

Rasgádo, *adj. m.* toque de viola que se executa arrastando as unhas pelas cordas, sem as pontear. Chamam-lhe toque *rasgado* (Coruja).

Raspas, *s. f. plur (R. de Jan.)* lascas finas de mandioca, que, depois de seccas ao sol, se pisam em gral até ficarem reduzidas a pó, com o qual se fazem bolos, podins, etc. A esta especie de farinha, chamavam os Tupinambás e Guaranis *Tÿpÿratÿ*, nome hoje desconhecido no Brazil. || Nas provs. do N. dão ás *Raspas* de mandioca o nome de *Apáras* (Meira).

Rebencáço, *s. m. (R. Gr. do S.)* golpe dado com o rebenque. || *Etym.* E' voc. de origem castelhana. || Tambem dizem *rebencada* (Coruja).

Rebencáda, *s. f. (R. Gr. do S.)* o mesmo que *rebencaço.*

Rebenque, *s. m. (R. Gr. do S.)* pequeno chicote de que se serve o cavalleiro para tocar o animal. || *Etym.* E' voc. castelhano, cuja traducção em portuguez é *rebêm* (Coruja).

Rebenquear, *v. tr. (R. Gr. do S.)* açoutar com o rebenque (Coruja).

Rebentôna, *s. f. (R. Gr. do S.)* negocio grave e duvidoso, que está prestes a se decidir. Diz-se que é uma *rebentona*, ou está para haver *rebentona* (Coruja). || *Etym.* Deriva-se do castelhano *reventon*, significando arrebentamento, acto de rebentar; e que, além de outras accepções, tem a de apêrto grave, circumstancia difficil em que alguem se vê.

Rebôjo, *s. m.* repercussão, desvio ou mesmo redemoinho de vento, por effeito de um corpo que encontra e lhe altera a primitiva direcção. Dá-se o mesmo nome, na costa do Sul do Brazil, a certos e determinados ventos esperados nas conjuncções de lua. Tambem ha *rebojos* d'agua produzindo os mesmos effeitos *(Dicc. Mar. Braz.).* || Em Goyaz dão o nome de *Rebojo* aos sorvedouros que se formam nos rios, pelo encontro das aguas vivas com as aguas mortas, e são accidentes perigosissimos para a navegação fluvial, porque a embarcação que nelle cahe desapparece na voragem (Correia de Moraes). || Em lingua tupi, o *rebojo* nos rios tinha o nome de *jupiá.* || *Etym.* Parece ser voc. portuguez, mas não o vejo mencionado em diccionario algum da lingua.

Rebordósa, *s. f.* reprehensão: Passei-lhe uma *rebordosa*, por ter chegado á hora em que sua presença já não era necessaria. || *Etym.* Este vocabulo parece ser de origem portugueza ; mas não o encontro em diccionario algum, e por isso o admitto nesta obra.

Reborquiáda, *s. f. (R. Gr. do S.)* V. *Pialo.*

Recortáda, *s. f. (R. Gr. do S.)* uma das variedades desses bailes campestres, a que chamam geralmente *Fandango.*

Redomão, *s. m. (R. Gr. do S., S. Paulo e Paraná)* cavallo novo que já tem tido alguns *repasses*, isto é, que já foi montado algumas vezes pelo domador (Coruja). || *Etym.* De *Redomon* termo da America hespanhola (Valdez).

Reducto, *s. m. (Matto-Grosso)* porção de terreno que, por occasião dos trasbordamentos dos rios, fica acima do nivel das aguas, e póde offerecer pouso aos viajantes. || *Etym.* E' voc. portuguez tomado em sentido figurado.

Regeira, *s. f. (R. Gr. do S.)* corda de couro que na junta de bois lavradores se ata, por suas extremidades, na orelha de cada um delles do lado de fóra, ficando o seio na mão do lavrador, para guial-os (Coruja).

|| *Etym.* E' voc. portuguez com outras significações e todas ellas relativas á nautica.

Regô, *s. m. (Serg.)* panno enrolado que trazem na cabeça como ornato as negras africanas (João Ribeiro).

Reiunar, *v. tr. (R. Gr. do S.)* cortar ao cavallo a ponta de uma das orelhas, de ordinario a da orelha direita. Este signal indica que o cavallo pertence ao Estado (Coruja).

Reiúno, a, *adj. (R. Gr. do S. e Pará)* nome que se applica a tudo aquillo que pertence ao Estado, antigamente ao rei. Equivale a realengo: Campo *reiuno.*

Rejeitar, *v. tr. (R. Gr. do S.)* cortar o rejeito ao boi, para o fazer cahir, e poder ser morto com mais facilidade (Coruja).

Rejeito, *s. m. (R. Gr. do S. e Pará)* nervo ou tendão da perna do boi. Cortado, elle não póde mais caminhar. Quando se trata do cavallo, o *rejeito* toma o nome de *garrão* (Coruja). || *Etym.* Pensa o Sr. Coruja que *rejeito* e *rejeitar* são corruptelas do portuguez *jarrete* e *jarretar* ou *desjarretar.* Não duvido que assim seja.

Relancina, *s. f. (R. Gr. do S.)* relance : De *relancina,* de relance, de repente (Cesimbra).

Rendengue, *s. m. (Pará)* parte do corpo humano comprehendida entre a cintura e as virilhas (C. de Albuquerque).

Rengo (1º), *adj.* nome que se applica indifferentemente ao homem ou ao animal manco da perna, e que a arrasta quando caminha. || *Etym.* E' vocabulo castelhano (Coruja).

Rengo (2º), *s. m. (Sergipe)* o mesmo que *Ponga.*

Renguear, *v. intr. (R. Gr. do S.)* arrastar a perna quando se anda (Coruja).

Renhideiro, *s. m. (R. Gr. do S.)* especie de circo, com destino a briga de gallos. || *Etym.* Do verbo *renhir.*

Repasse, *s. m. (R. Gr. do S.)* nome que se designa o numero de vezes que um cavallo ou potro tem sido montado com o fim de o domar. Quando se diz que um cavallo tem quatro ou seis *repasses,* quer isto dizer que já tem sido montado pelo domador quatro ou seis vezes. Tambem dizem *repasso* (Coruja).

Repasso, *s. m. (R. Gr. do S.)* o mesmo que *repasse.*

Repêcho, *s. m. (R. Gr. do S.)* ladeira, subida ingreme. || *Etym.* E' vocabulo puramente castelhano (Valdez).

Repontar, *v. tr. (R. Gr. do S.)* enxotar os animaes para um lado, ou tambem para a estrada quando, em viagem, della se desviam (Coruja). Em outros sentidos o verbo *repontar* é portuguez, por exemplo, quando se diz *repontar* a maré. Aulete define assim : « fazer conduzir ou refluir para um certo ponto. »

Resmelengo, a, *adj.* rabugento, impertinente, teimoso, frenetico. Tem a mesma significação que *resmungão,* e não duvido que seja essa a origem do nosso vocabulo.

Resóca, *s. f.* segundo brotamento da canna de assucar, depois de cortado o primeiro a que chamam *sóca.* || *Etym.* E' palavra hybrida formada do prefixo portuguez *re* e do tupí *sóca.*

Restinga, *s. f.* baixio de areia ou de pedra que, a partir da costa, se prolonga para o mar, quer seja constantemente visivel, quer só se manifeste na baixa-mar. No Brazil meridional se extende essa denominação não só á porção de terra arenosa comprehendida entre uma lagôa e o mar, como a qualquer planicie arenosa do littoral. No R. Gr. do S. dão o nome de *restinga* á matta mais ou menos estreita que orla as margens de um rio ; e no Paraná, além dessa significação, tem tambem a de matta estreita e comprida separando dous campos de pastagem. || *Etym.* E' vocabulo de origem portugueza.

Retalhádo, *adj. m. (R. Gr. do S.)* diz-se *retalhado* o cavallo pastor de eguas destinadas a propagação das mulas, por causa de uma operação que soffre a que chamam *retalhar ;* mas que, não obstante, conserva reunidas as eguas e as prepara para o hechor ou garanhão effeituar a fecundação (Coruja).

Retalhar, *v. tr. (R. Gr. do S.)* praticar certa operação no cavallo

pastor de eguas, de sorte a inutilizal-o para a fecundação. ‖ *Etym.* Do castelhano *retajar*, significando cercear, diminuir, cortar ao redor alguma cousa (Valdez).

Retiráda, *s. f. (Ceará)* acto de effectuar a mudança de gados nas seccas rigorosas, para logares melhores. Uma *retirada* é sempre motivo de grande incommodo para o proprietario ; mas é o unico recurso, de que póde lançar mão, para evitar maiores prejuizos.

Retíro, *s. m. (Minas-Geraes e outras provs.)* o mesmo que *Pôsto.*

Retobar, *v. tr. (R. Gr. do S.)* o mesmo que *retovar.*

Retorcida, *s. f. (R. Gr. do S.)* nome de uma das variedades desses bailes campestres, a que chamam geralmente *fandango.*

Rétos, *s. m. pl. (Alagôas)* parolagem, dictos agudos: Um homem cheio de *rétos*. Falle-me sério e deixe-se de *rétos.* ‖ *Etym.* Vem talvez do grego ῥητος (rhêtos), significando dicto, palavra, sentença (J. S. da Fonseca).

Retovar, *v. tr. (R. Gr. do S.)* forrar de couro qualquer cousa, como, por exemplo, as bolas de que se usa no campo como arma de apprehensão. *Retovar* o burro é, depois de morta a cria recem-nascida de uma egua, tirar-se-lhe o couro e cobrir com elle, por alguns dias, um burrinho do mesmo tamanho, para que o possa criar a egua sem extranhar, e elle, assim acostumado entre ellas, poder opportunamente servir de garanhão. Diz-se indifferentemente *retovar* e *retobar* (Coruja) ‖ *Etym.* E' expressão de origem americana (Valdez) e sem duvida a recebemos das republicas platinas.

Retranca, *s. f. (littoral de algumas provs. do N.)* vara que serve para abrir a vela da jangada (J. Galeno). ‖ No Pará presta o mesmo serviço nas canôas á vela (B. de Jary). ‖ Tambem dizem *Tranca* (Meira). ‖ Em linguagem nautica, a *Retranca* é a antena com bocca de lobo que apoia no mastro de ré, descançando em uma forqueta collocada sobre a grinalda da pôpa, e serve para nella se caçar a vela ré *(Dicc. Mar. Braz.).*

Revíra, *s. m. (provs. do N.)* especie de bailado de negros e de gente da plebe.

Reviráდo, *s. m. (S. Paulo)* o mesmo que *Pamonân.*

Riamba, *s. f.* o mesmo que *Pango*. ‖ Neste voc. a lettra *R* é de pronuncia branda, como se estivesse comprehendida entre duas vogaes. Tambem dizem *Liamba.*

Riba, *s. f. (Rio de Jan., S. Paulo)* especie de galga para descascar o café, a qual é posta em movimento por um animal (V. de S. Christovão).

Ribeira, *s. f. (provs. do N.)* districto rural que comprehende um certo numero de fazendas de criar gados. Cada *ribeira* se distingue das outras pelo nome do rio que a banha; e tem, além disso, um ferro commum a todas as fazendas do districto, afóra aquelle que pertence a cada proprietario (Souza Rangel).

Ribeirar, *v. tr. (provs. do N.)* marcar o lado esquerdo dos animaes vaccuns e cavallares com um ferro commum a todas as fazendas de uma *Ribeira* (Souza Rangel).

Rincão, *s. m. (R. Gr. do S.)* campo cercado de mattos ou outros accidentes naturaes, e onde se poem a pastar os animaes com a certeza de não poderem fugir. ‖ *Etym.* Do castelhano *Rincon*, correspondente ao portuguez *Recanto*. Em outras accepções *Rincão* é termo portuguez (Aulete).

Rinconista, *s. m. (R. Gr. do S.)* o que habita um *Rincão*, com o encargo de o guardar.

Rio-Grandense do Norte, *s. m.* e *f.* natural da prov. do Rio-Grande do Norte. ‖ *adj.* que é relativo a essa provincia.

Rio-Grandense do Sul, *s. m.* e *f.* natural da prov. do Rio-Grande do Sul. ‖ *Adj.* que é relativo á mesma provincia.

Ripar, *v. tr. (Bahia)* cortar rente as crinas do cavallo, tanto da cauda como do pescoço. ‖ Em portuguez, o verbo *ripar* tem varias significações e entre ellas a de raspar. Será por analogia que na Bahia usam do verbo *ripar*?

Róça (1º), *s. f.* o campo em contraposição á cidade: Gosto de passar as ferias na *roça*. O medico me aconselha os ares da roça. José casou-se com uma rapariga da *roça*. ‖ Em Pernambuco e outras provincias do norte empregam, no mesmo sentido, a palavra *matto*: Com poucos mezes de residencia no *matto*, readquiri a minha saude.

Róça (2º), *s. f.* granja onde se cultiva indifferentemente milho, feijão, mandioca e outros generos alimenticios. ‖ Em Pern. e outras provincias do N., o termo *roça* refere-se exclusivamente á cultura da mandioca: Este anno não plantei *roça*, isto é, não plantei mandióca.

Róça (3º), *s. f. (Bahia)* o mesmo que *Chácara*.

Roçáda, *s. f.* primeira operação a que se procede, quando se trata de derribar uma matta, e consiste em cortar á fouce todos os pequenos arbustos, cipós e outras plantas que possam impedir o manejo do machado. ‖ Em Alagôas, Ceará e provavelmente em outras provs. do N. dão á *Roçáda* o nome de *Bróca* (2º).

Roceiro, a, *s.* o mesmo que *Caipira*.

Rocinha, *s. f. (Pará)* o mesmo que *Chácara*.

Rodar (1º), *v. intr. (R. Gr. do S.)* cahir o cavalleiro com o cavallo indo a galope. Este incidente tem logar quando o cavallo falsêa das mãos e cahe sobre ellas virando todo o corpo. ‖ Figuradamente se diz que *rodou* aquelle que se deixou cahir em algum engano, ou que, por causa de más especulações, perdeu a sua fortuna.

Rodar (2º), *v. tr. (Matto-Grosso, Goyaz)* navegar no sentido da corrente de um rio: Para chegar opportunamente a Nova-Coimbra tivemos de *rodar* o Paraguay dia e noute. ‖ Tambem se usa do pleonasmo *rodar* aguas abaixo.

Rodeio, *s. m. (R. Gr. do S.)* logar no campo de uma estancia onde fazem reunir o gado em dias determinados, de ordinario uma vez por semana. *Parar rodeio* é cada fazendeiro fazel-o como de costume. *Dar rodeio* é quando algum vizinho o pede, para nelle separar o seu gado (Coruja). ‖ Em Hespanha dão o nome de *Rodêo* ao logar, nas feiras e mercados, onde se põe o gado grosso reunido para venda. Na America hespanhola é o acto de encerrar os gados em um campo d'onde não possa sahir (Valdez). ‖ *Parar rodeio* tem por fim marcar o gado, castrar os touros e potros, tosar as eguas, apartar novilhas e vaccas para as tropas que vão para as charqueadas e açougues, curar os animaes e contal-os. Nos campos de Cima-da-Serra, serve ainda mais o *rodeio* para dar sal aos gados (Cesimbra).

Rojão, *s. m. (S. Paulo)* foguete do ar. ‖ No Pará é o ronco que faz o foguete do ar, no acto de subir (B. de Jary). ‖ Em portuguez, a palavra *rojão* tem outras significações, sem relação alguma com o termo brazileiro.

Rôlo, *s. m.* fazer *rôlo* é brigar corpo a corpo.

Roseta, *s. f. (R. Gr. do S.)* nome que dão ás pontas do capim secco, depois de muito catado pelos animaes (Coruja).

Roseteiro, *s. m. (R. Gr. do S.)* nome que os estancieiros dão aos proprietarios de chácaras, porque tendo pouco pasto no seu campo, este fica em pouco tempo reduzido a *roseta* (Coruja). ‖ Tambem chamam *Roseteiro* ao habitante da parte norte da mesma provincia (Cesimbra).

Saberecar, *v. tr. (Valle do Amaz.)* o mesmo que *sapecar*.

Sabiá, *s. m.* nome commum a diversas especies de passeres do genero *Turdus*, todos notaveis pelo seu canto aflautado.

Sabitú, *s. m. (S. Paulo) V. Saúba.*

Sabrecar, *v. tr. (Valle do Amaz.)* o mesmo que *sapecar*.

Sacaï, *s. m. (Valle do Amaz.)* o mesmo que *sacanga*.

Sacanga, *s. f. (R. de Jan.)* graveto, chamiço, lenha miuda formada de raminhos seccos proprios para accendalhas. ‖ Em S. Paulo, dizem *Sancan* (F. Chagas) e no Pará *Sacaï* (J. Verissimo). ‖ *Etym.* São vocabulos de origem tupi e guarani.

Sacar a orelha, *loc. pop. (R. Gr. do S.)* é chegar o parelheiro á raia

com a orelha livre, isto é, adiantado do outro parelheiro apenas o espaço da orelha, ou tanto quanto se possa distinguir que a adiantou á do companheiro (Coruja).

Sací, *s. m. (S. Paulo)* especie de ente phantastico, representado por um negrinho, que, tendo na cabeça um barrete vermelho, frequenta á noute os brejos. Se acontece passar na vizinhança algum cavalleiro, faz-lhe o *Saci* toda a sorte de diabruras, com o fim, aliás mui innocente, de se divertir á custa alheia. Puxa-lhe a cauda do cavallo, para lhe impedir a marcha; põe-se na garupa do cavalleiro; e outras travessuras pratica, até que o cavalleiro, reconhecendo-o, o enxota, e neste caso foge o *Saci* soltando uma grande gargalhada. São inimaginaveis as proezas que se contam deste ente imaginario; e entretanto, cumpre dizel-o em homenagem á verdade, ha muita gente que lhe dá credito. ‖ Tambem lhe chamam *Saci-sêrêrê*; e no R. Gr. do S. *Saci-pêrê*, e este é unipede (Cesimbra).

Sací-pêrê, *s. m. (R. Gr. do S.)* o mesmo que *Saci*.

Sací-sêrêrê, *s. m. (S. Paulo)* o mesmo que *Saci*.

Saguï, *s. m.* o mesmo que *Saguïm*.

Saguïm, *s. m.* nome commum a diversas especies de pequenos quadrumanos, pertencentes aos generos *Hapale*, *Chrysotrix*, *Callithrix* e outros. Tambem lhe chamam *Saguï* e *Sauï*. ‖ *Etym.* Todos estes synonymos são de origem tupi.

Sahir com luz, *loc. pop. (R. Gr. do S.)* se diz quando, em acto de corrida, sahe um cavallo do ponto de partida adiantado do outro mais de meio corpo, ou com tanta vantagem que, mesmo de longe, se possa apreciar esse avanço sobre o outro (Coruja).

Sahiré, *s. m. (Valle do Amaz.)* nome de um certo apparelho feito de cipó, do qual usam os Indios mansos nas suas festas religiosas, em honra de S. Thomé. Tambem lhe chamam *Turiúa*. Consiste este apparelho em um semicirculo construido de cipó e cujas extremidades são presas ás da vara que serve de diametro com 1m,32 de extensão. Nesse semicirculo figuram-se os respectivos raios e cordas, e tudo forrado de algodão ou arminho, enfeitado de fitas e coroado de uma cruz igualmente forrada e enfeitada. Tres mulheres a carregam e a levam dançando e cantando (L. Amazonas).

Sala, *s. f. (Par. do N.)* o primeiro dos tres compartimentos de um curral de pescaria (Souza Rangel). No Rio de Janeiro lhe chamam *varanda*, e tambem *coração*.

Salino, *adj. (R. Gr. do S.)* pêlo de gado um tanto parecido com o *jaguané* (Cesimbra).

Samangão, *s. m. (Serg.)* augmentativo de *samango*.

Samango, *s. m. (Serg.)* individuo preguiçoso, ou que anda mal trajado (João Ribeiro). ‖ Tambem dizem *Sulamba* (S. Roméro).

Samanguayá, *s. m. (R. de Jan.)* mollusco acephalo do genero *Cryptogama* (Göldi).

Samba, *s. m.* especie de bailado popular.

Sambaquí, *s. m. (Paraná, S. Cathar.)* nome de certos depositos antigos de cascas de ostras e outras conchas, formando monticulos mais ou menos elevados no littoral, e nos quaes se encontram esqueletos humanos e instrumentos de pedra. São o resultado de acumulações feitas pelos primitivos habitantes do paiz. Estes depositos fornecem actualmente material para a fabricação da cal, e tendem portanto a desapparecer. No littoral de S. Paulo chamam-lhe *Casqueiro* ou *Ostreira*, e este ultimo nome é tambem usual no Espirito-Santo. No Pará dão o nome de *Sernambi* (2°) a depositos analogos, muitos dos quaes se acham a longas distancias do mar, e neste caso são provavelmente formados de conchas fluviaes.

Sambar, *v. intr.* frequentar a *Samba*; dançar a *samba*.

Sambista, *s. m.* e *f.* frequentador de *sambas*.

Sambongo, *s. m. (Pern.)* especie de doce feito de côco ralado e mel de furo. Tambem lhe chamam *Currumbá*, e em Alagôas *Bazulaque* (B. de Maceió).

Samburá, *s. m.* especie de cesto de cipó, pequeno, de fundo largo e bocca afunilada. Nelle levam a isca os pescadores de miudo e recolhem o que pescam. O pobre guarda nelle a carne secca e o peixe de sua provisão (Moraes). ‖ *Etym.* E' termo tupi (G. Soares); mas este auctor escreve ora *Samurá* e ora *Samburá*. ‖ Este cesto é o mesmo ou quasi o mesmo que o *Côfo*, pelo menos quanto á serventia.

Sampar, *v. tr. (R. Gr. do S.)* atirar, lançar (Cesimbra).

Sancân, *s. m. (S. Paulo)* o mesmo que *Sacanga*.

Sanga (1°), *s. f. (R. Gr. do S.)* excavação funda produzida no terreno pelas chuvas ou por correntes subterraneas de agua, que, depois de terem minado as terras, fazem-as esborrondar. O leito da *Sanga* é sempre humido e nelle se produzem certos lamaçaes a que chamam *Caldeirões*. ‖ *Etym.* E' evidentemente a alteração do castelhano *Zanja*, que tem seu equivalente no portuguez *Sanja*, significando em ambas as linguas abertura entre vallado e vallado para dar escoamento á agua. Ha, portanto, toda a analogia entre a *Zanja* castelhana, a *sanja* portugueza e a *sanga* rio-grandense, porque, afinal de contas, tudo isso se refere a uma obra quer natural, quer artificial que dá sahida ás aguas. Os habitantes daquella provincia, adoptando o vocabulo castelhano, substituiram pelo *g* o guttural *j* dos hespanhoes.

Sanga (2°), *s. f. (Pern., Par., R. Gr. do N., Ceará)* algirão, bocca afunilada de qualquer armadilha de caça ou de pesca, por onde entra o animal sem mais poder sahir: *Sanga* da ratoeira, do Cóvo, do Munzuá, do Jiqui, etc.

Sangádo, *adj. (Pern. e outras provs. do N.)* preso na sanga (2°).

Sangradouro, *s. m. (R. Gr. do S.)* logar onde se dá a primeira punhalada nos animaes para os matar; é no pescoço junto do peito direito (Coruja). ‖ Na accepção portugueza, o sangradouro é a parte interior do braço (opposta ao cotovelo) onde se pica a veia (Moraes).

Sanzála, *s. f.* o mesmo que *Senzála*.

São-Gonçalo, *s. m. (Piauhy)* especie de baile no qual os festeiros dançam, cantam e se embriagam, e tudo isso á noute, ao ar livre e em frente de um altar com a effigie de S. Gonçalo. Este baile tem muitas vezes por objecto o cumprimento de uma promessa feita áquelle santo pelo curativo de algum enfermo, ou por outro qualquer motivo de regosijo.

Sapé, *s. m.* especie de graminea do gen. *Saccharum (S. Sapé*, Saint-Hilaire) cuja palha serve tanto para cobrir choças, como para chamuscar os animaes que se matam para o consumo, sem se lhes extrahir a pelle, como se faz com os porcos, aves e algumas caças.

Sapéca, *s. f.* chamuscadura: Uma das operações necessarias na fabricação do mate é a *Sapéca* da Congonha. ‖ *Etym.* E' de origem tupi.

Sapecar, *v. tr.* chamuscar, crestar. ‖ *Etym.* Do tupi *sapec*, *açapec*, equivalentes a *hapeg* do guarani. ‖ No valle do Amazonas, dizem *saberecar*, *saperecar*, *saprecar* e *sabrecar*, e esta ultima fórma tende a supplantar as outras (J. Verissimo). ‖ *Etym.* Do dialecto tupi do Amazonas *saberec (Dicc. Port. Braz.)* ou *sauerêca* (Seixas).

Sapêrê, *adj., (S. Paulo)* qualificativo da canna de assucar sem prestimo para a moagem ou replantação, por ter a palha adherente ao colmo, de tal sorte que não é possivel limpal-a. A canna *sapêrê* é sempre refugada (B. Marcondes).

Saperecar, *v. tr. (Valle do Amaz.)* o mesmo que *sapecar*.

Sapezal, *s. m.* terreno onde cresce essa especie de graminea a que chamam *Sapé*.

Sapiquá, *s. m. (provs. merid.)* o mesmo que *Piquá*.

Sapiranga, *s. f.* nome vulgar da *Blepharite ciliar*, inflamação das palpebras produzida pela presença de um parasita que ataca e faz cahir as pestanas (V. de Souza Fontes), ‖ *Etym.* E' voc. tupi, significando *Olhos vermelhos*. ‖ No R. de Jan. e S. Paulo dão a essa molestia o nome de *Sapiróca*, outro vocabulo tupi que se traduz em *Olhos esfolados*.

Sapiróca, *s. f. (R. de Jan., S. Paulo)* o mesmo que *Sapirangã*.

Sapópêma, *s. f.* raizes que se desenvolvem do *collum* de muitas arvores e que vão crescendo com o tronco, formando em redor delle altas divisões achatadas (Glaziou). Tambem dizem *Sapópêmba*. || *Etym.* E' voc. tupi, significando *raiz chata*.

Sapópêmba, *s. f.* o mesmo que *Sapópêma*.

Saprecar, *v. tr. (Valle do Amaz.)* o mesmo que *sapecar*.

Sapucáia, *s. f.* fructa da *Sapucaeira*, grande arvore pertencente ao genero *Lecythis* da familia das Myrtaceas, e de que ha varias especies. Tambem dão o nome de *Sapucaia* á propria arvore, a qual fornece uma excellente madeira de construcção. || *Etym.* Alteração de *Sabucai*, nome que lhe davam antigamente em lingua tupi (G. Soares). Léry, orthographando á franceza, escreveu *Sabaucaië*.

Saputá, *s. m. (S. Paulo)* fructa do Saputazeiro, planta do genero *Tontelea*, da familia das Hippocrateaceas, e da qual ha varias especies (Martius).

Saputí, *s. m.* fructa do Saputizeiro, arvore do genero *Sapota (S. Acras)* da familia das Sapotaceas, geralmente cultivada no Brazil, desde o Pará até o Rio de Janeiro, além de ser commum a todos os paizes da America situados na zona intertropical. || *Etym.* E' vocabulo de qualquer das linguas indigenas da America, donde é natural este producto.

Saracúra, *s. f.* nome commum a diversas especies de aves do genero *Gallinula*, da ordem dos Pernaltos. || *Etym.* E' voc. tupi.

Saramba, *s. f. (R. Gr. do S.)* especie de fandango. || *Etym.* Virá de *Sarambéque*, dança alegre e buliçosa usada pelos pretos ?

Sarandear, *v. intr. (R. Gr. do S.)* saracotear, menear o corpo na dança (Cesimbra). || *Etym.* E' vocabulo mexicano.

Sarapó, *s. m. (Serg.)* o mesmo que *Beijú de côco* (João Ribeiro). V. *Beijú*.

Saraquá, *s. m. (Paraná)* especie de cavadeira de pau, usada no encestamento da herva-mate, depois de preparada no *carijo*.

Sararáca, *s. f. (Valle do Amaz.)* especie de flecha de que usam os selvagens para matar a tartaruga, e assim tambem o pirarucú e outros peixes grandes. A farpa desta flecha é frouxamente embebida na extremidade da haste, tanto que, no acto de ferir o animal, separam-se as duas peças, ficando entretanto ligadas entre si por meio de uma comprida linha de tucum, enrolada na haste. Fluctuando a haste, por ser de canna, mostra a direcção que segue o animal no fundo da agua, e quando reapparece para respirar, é novamente flechado, e assim por diante, até exhaurirem-se-lhe as forças. Então acaba o pescador de o matar, por meio do harpão, ou a cacetadas (Couto de Magalhães).

Sarigüê, *s. m. (Bahia)* o mesmo que *Saruê*.

Sarrabálho, *s. m. (R. Gr. do S.)* nome de uma das variedades desses bailes campestres a que chamam geralmente *Fandango*.

Saruê, *s. m. (Bahia)* nome commum a diversas especies de mammiferos do genero *Didelphys*, da ordem dos Marsupiaes. || Tambem lhe chamam *Sarigüê* (E. de Souza); no Pará e Maranhão *Mucúra*; no Rio de Jan. *Gambá*; em S. Paulo e Paraná *Raposa*; em Pern. e dahi até o Ceará *Cassaco* e *Timbú*. || *Etym.* Tanto *Saruê*, como *Sarigüê* e *Mucúra* são de origem tupi. *Gambá* me parece termo africano. Desconheço a origem de *Cassaco* e *Timbú*. O nome de *Raposa* que lhe impuzeram em S. Paulo e Paraná é devido aos habitos damninhos destes animaes para com as gallinhas Seu nome guarani é *Mbÿcurê*. Sob a fórma *Sarigue*, adoptaram os francezes o primitivo nome tupi.

Saúba, *s. f.* nome vulgar da *Œcodoma cephalotes*, especie de formiga notavel pelos estragos que faz nos pomares, nos mandiocaes e outras plantações. Em Pernambuco, lhe chamam *Formiga de roça*, e no Rio de Janeiro *Formiga carregadeira*. Bem que o termo *Saúba* comprehenda, na sua generalidade, o conjuncto dos generos masculino, feminino e neutro da especie,

todavia elle cabe mais particularmente ás neutras, que formam essa classe de operarias devastadoras. A's do genero masculino davam os Tupinambás o nome de *Sabitú*, e ás do genero feminino o de *Issá*, e esses dous nomes são ainda usuaes em S. Paulo, bem que, na parte septentrional desta provincia, o de *Sabitú* esteja ligeiramente alterado em *Savitú*. Em Minas-Geraes, Espirito-Santo e outras provincias, o nome de *Issá* foi substituido pelo de *Tanajura*, cuja etymologia me é desconhecida. O *Sabitú* e a *Issá* são alados e sua unica missão é a propagação da especie (B. Homem de Mello, S. Villalva).

Saüi, *s. m.* o mesmo que *Saguim*.

Sauïá, *s. m. (Pará)* cutia pequena como arganaz e com cauda (Baena). G. Soares falla do *saviá*, e diz que são tamanhos como laparos, de rabo comprido e cabello como lebre. Segundo o *Voc. Braz.* é o nome do Rato do Matto, de que ha muitas especies. || Deste *saviá*, que dantes se escrevia *Çaviá*, nasceu a palavra *Cavia*, distinctiva de um genero de mammiferos da ordem dos Roedores.

Saveiro, *s. m. (R. de Jan.)* embarcação de forte construcção coberta ou descoberta, que se emprega no movimento da carga ou descarga de generos *(Dicc. Mar. Braz.)*. Corresponde áquillo a que, desde a Bahia até ao Pará, chamam *Alvarenga*. || Na Bahia é o *Saveiro* um bote que serve para o transporte de passageiros, e é quasi sempre tripulado por um só homem, que maneja dous remos. || *Etym.* E' o nome portuguez de um barco pequeno, ordinariamente de fundo chato, que serve para a travessia dos rios, ou para a pesca á linha (Aulete).

Saviá, *s. m.* V. *Sauïá*.

Savitú, *s. m.* V. *Saúba*.

Sebruno, *adj. (R. Gr. do S.)* diz-se do cavallo de côr meio escura (Coruja).

Seguilhóte, *s. m. (Bahia)* filhote de baleia, de mais de seis mezes de idade ainda mammão (Aragão, Valle Cabral).

Sello, *s. m. (Bahia e Pern.)* quantia de dinheiro igual a 400 rs.

Senga, *s. f. (R. de Jan.)* conjuncto de fragmentos: A *senga* do café, a *senga* do arroz, isto é, os grãos fracturados desses productos. || A mesma denominação se applica á moinha das cascas de ostras e outros mariscos, de que se tira proveito para a fabricação da cal.

Sengar, *v. tr. (R. de Jan.)* separar, por meio da peneira convenientemente agitada, diversos corpos de maneira que fiquem de um lado os mais pesados, e de outro os mais leves. Isto se faz, por exemplo, com o café e o arroz, depois de pisado em pilão. *Sengando-os*, separa-se o grão da casca. Tanto na Bahia como no Rio de Janeiro e Ceará, dizem no mesmo sentido *sessar*.

Senhor-de-engenho, *s. m.* proprietario de um engenho de assucar. Em S. Paulo, Goyaz e Matto-Grosso, chamam-lhe impropriamente *engenheiro*.

Senzála, *s. f.* conjuncto dos alojamentos destinados á escravatura das fazendas. Consiste ordinariamente em choupanas formando um arraial proporcional ao numero de escravos. Ha, porém, *senzalas* mais bem ordenadas em forma de aquartelamento. Este termo é de origem africana, e pertence á lingua bunda, significando povoação (Serpa Pinto) ou aldeola (Capello e Ivens). Cumpre advertir entretanto que não o encontro no *Vocabulario* apresentado por Capello e Ivens. Nesse vocabulario traduzem povoação por *sanza*, que parece ser o radical de *sanzala*, segundo a pronuncia que sempre ouvi dos negros da Angola. Moraes, Lacerda e Aulete escrevem indifferentemente *Cenzala* e *Senzala*. Prefiro a segunda orthographia, por ser a mais geralmente adoptada. Creio, salvo melhor juizo, que a minha definição de *Senzala*, é mais acceitavel que a destes lexicographos.

Sêrêlêpe, *s. m. (Paraná, S. Paulo)* o mesmo que *Caxinguelê*.

Sergipâno, a, *s.* natural da prov. de Sergipe. || *adj.* que é relativo a essa provincia.

Serigóte, *s. m. (R. Gr. do S.)* lombilho mais curto que o lombilho ordinario.

Seringa, *s. f. (Valle do Amaz.)* nome vulgar da gomma elastica produzida pelas diversas especies de *siphonia*, de que é mui abundante toda a região amazonica, e faz objecto de um importante commercio de exportação. Com a gomma elastica, fabricam alli diversos objectos e entre elles seringas com destino aos clisteres, e é dahi que lhe vem o nome.

Seringal, *s. m. (Valle do Amaz.)* matta onde abunda a seringueira.

Seringueira, *s. f. (Valle do Amaz.)* nome vulgar da *Siphonia elastica*.

Seringueiro, *s. m. (Valle do Amaz.)* industrial que se occupa da extracção da gomma elastica, quer seja o proprietario, quer o locatario do seringal.

Sernambí (1°). *s. m.* mollusco do genero *Lucina* (*L. braziliana*, D'Orbigni) || *Etym.* E' voc. tupi. || No littoral de S. Paulo e Paraná lhe dão hoje o nome de portuguez de *Ameijoa*.

Sernambí (2°), *s. m. (Pará)* o mesmo que *Sambaqui*.

Sernambí (3°), *s. m. (Pará)* gomma elastica de qualidade inferior, residuo da bacia, dos baldes, dos restos apanhados em toda a parte, mais ou menos cheios de impurezas (Autran).

Serpentina, *s. f.* palanquim com cortinas usado no Brazil; o leito é de rede (Moraes). || Aulete cita este vocabulo, e lhe dá a mesma significação. || *Obs.* Nunca ouvi semelhante palavra, no sentido em que a empregam os lexicographos citados.

Serrâna, *s. f. (R. Gr. do S.)* nome de uma das variedades desses bailes campestres a que chamam geralmente *Fandango*

Sessar, *v. tr. (Rio de Jan., Bahia, Ceará)* o mesmo que *sengar*. || *Etym.* Do verbo bunda *cu-sessa*, peneirar (Capello e Ivens). || *Obs.* Os Francezes usam no mesmo sentido do verbo *sasser*. Será este vocabulo da mesma origem que o nosso? Terá passado, como tantos outros, das colonias para a metropole?

Séva (1°), *s. f.* acto de *sevar* a mandioca, isto é, de a rallar para a reduzir a massa.

Séva (2°), *s. f. (Bahia)* cipó ou corda estendida horizontalmente tanto nas paredes interiores e exteriores das casas, como de parede a parede, para pendurar as folhas verdes do tabaco e fazel-as seccar (Aragão).

Sevadeira, *s. f. (Ceará, Bahia)* mulher que *seva* a mandioca, isto é, que a applica ao ralo do rodete (J. Galeno). || *(R. de Jan.)* roda com ralo para *sevar* a mandioca.

Sevar, *v. tr.* ralar a mandioca para reduzi-la a massa, com a qual se faz a farinha. || *Etym.* Parece-me que não é mais do que a alteração prosodica de *sovar*. Com effeito, si, na lingua portugueza, o verbo *sovar* tem a significação de revolver a farinha de trigo com agua e batel-a até ficar bem amassada, no Brazil o verbo *sevar* se emprega em sentido analogo quanto á farinha de mandioca, e tudo se reduz a executar certas operações peculiares com o fim de converter em massa este producto da nossa lavoura. Não vejo que o nosso vocabulo possa ter outra origem.

Sinhá, *s. f.* forma popular da palavra *Senhora*. V. *Nhanhan*.

Sinhára, *s. f.* o mesmo que *Sinhá*. V. *Nhanhan*.

Sinharinha, *s. f. dim.* de *Sinhára*. V. *Nhanhan*.

Sinhazinha, *s. f. dim.* de *Sinhá*. V. *Nhanhan*.

Sinhô, *s. m.* forma popular da palavra *senhor*. V. *Nhonhô*.

Sinhozinho, *s. m.* dim. de *Sinhô*. V. *Nhonhô*.

Sinimbú, *s. m. (Matto-Grosso)* especie de saurio de côr verde, pertencente talvez ao genero *Iguana*, e cuja carne é, segundo dizem, mui boa. No Pará lhe chamam *Camaleão*. || *Etym.* E' vocabulo tupi.

Sinuêlo, *s. m. (R. Gr. do S., Paraná, S. Paulo)* animaes mansos que se ajuntam ao gado bravio, para o conservar arrebanhado e lhe servir de guia. || *Etym.* Do castelhano *Señuelo*. || Em Portugal, relativamente ao gado bovino, lhe chamam *Cabresto* (Aulete).

Sirí, *s. m.* nome commum a diversas especies de Crustaceos do gen. *Lupea*, da ordem dos Decapodos; taes

são o *L. dicantha*, o *L. cribaria*, o *L. spinimana*, e outros mais, entre os quaes se distinguem o *L. Sebae*, a que dão vulgarmente o nome de *Siri-candêa* (Göldi). || *Etym.* E' voc. tupi. *V. Candêa.*

Siriêma, *s. f.* nome vulgar do *Dicolophus cristatus*, ave da ordem dos Pernaltos, notavel pela guerra assidua que faz a toda a sorte de ophidios. Marcgraf lhe chama *Sariama;* e é provavel que seja esse o nome primitivo desta ave.

Sírio, *s. m. (Bahia e outras provs.)* especie de sacco feito de palha de palmeira, para guardar farinha de mandioca, feijão e cereaes.

Sirito, *s. m. (Maranhão)* o mesmo que *matame*.

Sítio, *s. m. (Pern.)* o mesmo que *chácara*. Tambem dizem *situação*. Habitação rustica com uma pequena granja (Aulete).

Situação, *s. f.* o mesmo que sitio: Na minha *situação* só cultivo cereaes. Em uma *situação* que comprei em Maricá, occupo-me principalmente da cultura das fructas.

Sobrecincha, *s. f. (R. Gr. do S.)* tira de sola comprida, que aperta os arreios por cima do *coxinilho* ou da *badana*. Sendo de lan ou de algodão, é mais larga e se chama *cinchão* (Coruja). || *Etym.* E' termo castelhano que Valdez traduz por *sobresilha*.

Sobrecostelhar, *s. m. (R. Gr. do S.)* manta de carne, que se tira de cima da costella (Coruja).

Sobrelátego, *s. m. (R. Gr. do S.)* tira de couro crú como o latego que une o travessão á barrigueira, por meio das duas argolas de um e outra; e serve para apertar ou alargar a cincha, conforme é o cavallo mais gordo ou mais magro (Coruja).

Sóca, *s. f.* brotamento que se segue ao primeiro córte da canna de assucar. || *Etym.* Do verbo tupi *Aioçoc*, cortar. || Ao segundo brotamento chamam *Resóca*.

Socádo, *s. m. (R. Gr. do S.)* lombilho de cabeça alta, feito ordinariamente de couro crú, mais curto que o lombilho commum, e serve aos domadores, por offerecer mais segurança (Coruja).

Socar, *v. tr.* pisar no gral qualquer producto. || *Etym.* Do verbo tupi *Çoçoc*, que pertence á classe dos verbos repetidos, e cujo radical é *Çoc*, quebrar. O verbo portuguez *socar*, com a significação de dar murros, sovar, amassar muito alguma cousa, de sorte que de mui sovada fique endurecida, não é senão um homonymo, cuja raiz, segundo Aulete, é *socalcar*.

Sôco! *int. (Pará)* usa-se como expressão de reprovação: Ora *Sôco!* deixa-me, não bulas commigo, não me importunes.

Sócó, *s. m.* nome vulgar da *Ardea brasiliensis*, ave da ordem dos Pernaltos, congenere da garça, mas de côr escura.

Sóla, *s. f. (R. de Jan.)* especie de beijú espesso feito de tapióca ainda humida, que se colloca entre folhas de bananeira e se faz tostar no forno da farinha de mandióca (V. de Souza Fontes). A este beijú dão o nome de *Tapioca* em Pernambuco, Alagôas e Parahyba do Norte, com a differença de lhe misturarem coco ralado (B. de Maceió), pelo que lhe chamam na Bahia *Beijú de côco.* || *Etym.* Talvez lhe provenha o nome de uma comparação burlesca com o couro de boi cortido.

Sóque, *s. m.* acto de *socar*, isto é, de pisar no gral qualquer producto: O *sóque* do café. O *sóque* do milho. || *Etym.* A mesma que a de *socar*.

Soqueira, *s. f.* rhizoma da canna de assucar, depois de cortado o colmo. Dão o mesmo nome ao do arroz. || *Etym.* A mesma que a de *Sóca*.

Sucurí, *s. m.* especie de ophidio do genero *Boa*, que chega a ter mais de oito metros de comprimento; vive nos rios e lagos do interior, e é temivel por sua voracidade. No Pará lhe chamam *Sucurijú* (Baena); no Maranhão *Sucurujú* (C. A. Marques); na Bahia *Sucuriúba;* e em outras partes *Sucurijúba*, *Sucuriú*, *Sucuryjúba* e *Sucuruyú*. || Os Indios do littoral davam o mesmo nome de *Sucurí* a essa especie de *Squalus*, a que chamamos *Cação*, e esse nome sob a forma *Securi*, é ainda usado na Parahiba do Norte.

Sucurijú, *s. m. (Pará)* o mesmo que *Sucurí*.

Sucurijúba, *s. m.* o mesmo que *Sucuri*.

Sucuriú, *s. m.* o mesmo que *Sucuri*.

Sucuriúba, *s. m.* (*Bahia*) o mesmo que *Sucuri*.

Sucurujú, *s. m.* (*Maranhão*) o mesmo que *Sucuri*.

Sucurujúba, *s. m.* o mesmo que *Sucuri*.

Sucuruyú, *s. m.* o mesmo que *Sucuri*.

Súla, *s. f.* (*Par. do N.*) acção de manejarem alternadamente duas pessoas outras tantas mãos do gral, para activar a trituração de qualquer genero: João e José vão dar uma *súla* no milho (Santiago).

Sulamba, *s.* e *adj. m.* e *f.* (*Serg.*) o mesmo que *Samango*.

Sungar, *v. tr.* puxar para cima qualquer objecto: *Sungar* a ancora do navio. *Sungar* alguem que esteja dentro de uma cóva, donde não póde sahir sem auxilio alheio. *Sungar* um sacco de milho, etc. || *Etym.* Do verbo bunda *cusunga*, puxar (Capello e Ivens).

Surucucú, *s m.* especie de serpente venenosissima do genero *Lachesis*. || *Etym.* E' voc. tupí (G. Soares).

Suruquá, *s. m.* nome commum a diversas aves do genero *Trogon*, da ordem dos Trepadores, notaveis por sua linda plumagem. || *Etym.* E' voc. tupi usual tambem entre os guaranis do Paraguay. || Os francezes adoptaram para ella o nome estropiado de *Couroucou*.

Sururú, *s. m.* (*Bahia e outras prov. do N.*) especie de mollusco do genero *Modiola* (*M. brasiliensis*). || No Rio de Jan. e dahi para o Sul lhe dão o nome portuguez de *Mexilhão*. || *Etym* E' vocabulo tupi.

Sururúca, *s. f.* (*S. Paulo*) especie de peneira grossa. || *Etym.* Do verbo tupí *sururú*, que significa vasar, derramar.

Sussuarâna, *s. f.* mammifero do genero *Felis* (*F. concolor*) da ordem dos carniceiros, ao qual chamam tambem *Onça parda*, e é provavelmente o *Leão* das provincias do Paraná e Rio Gr. do S. || *Etym.* Do tupi *Suassu-rana*, que significa *semelhante ao veado*, e isso porque tem o pello pardo, sem malhas, como o daquelles ruminantes.

Tába, *s. f.* nome que, em todos os dialectos da lingua tupi, significa *Aldeia*. Hoje só usam delle os nossos poetas, quando, no seu lyrismo patriotico, se referem aos antigos arraiaes da quasi extincta raça dos Tupinambás.

Tabáque, *s. m.* especie de tambor feito de um tronco ôco, guarnecido de couro em uma de suas extremidades, no qual, em logar de baquetas, batem os negros e indios com as mãos, e delle se servem como instrumento musical em seus batuques. Em S. Paulo o chamam *Tambaque*, e no Pará *Curimbó*. || Moraes menciona, como synonymos, *Tabaque* e *Atabaque* com a significação de instrumento usado na Asia e Costa d'Africa, sem nos dar, entretanto, a origem do nome. Aulete não o menciona.

Tabaréo, *s. m.* (*Bahia e outras prov.*) o mesmo que *caipira*. || *Etym.* E' voc. portuguez, significando, d'antes, soldado de ordenança mal exercitado.

Tabarôa, *s. f.* de *Tabaréo*.

Tabatinga, *s. f.* nome vulgar da argila branca, da qual em certas localidades se servem os incolas para caiar as paredes, em falta de cal. || *Etym.* Corruptela do tupí *Tobatinga*, barro branco. No dialecto guaraní *Tobatin*.

Tabíca, *s. f.* (*Pern.*) vara de cipó de que se servem os almocreves para tanger as bestas. || Moraes diz que a *Tabica* é um cipó grosso, quando pelo contrario não tem mais grossura que a de uma vareta de espingarda (Meira). || Em lingua portugueza, *Tabica* é um termo nautico, sem relação alguma com o vocabulo brazileiro.

Tabóca (1º), *s. f.* (*provs. do N.*) o mesmo que *Taquára*.

Tabóca (2º), *s. f.* logro, decepção, desapontamento. Levar *tabóca* é soffrer um desengano: Esperava que o ministro me desse o emprego que lhe pedi, e afinal levei *tabóca*. || Esta locução corresponde á portugueza *levar com uma taboa*, de que tambem nos servimos no Brazil; e não duvido que seja ella o resultado da mera substituição de um voc. pelo outro. Entretanto, veja-se o artigo *taboquear*.

Tabocal, *s. m. (provs. do N.)* o mesmo que *taquaral*.

Taboleiro, *s. m. (da Bahia até o Ceará)* extensa planicie geralmente arenosa e de vegetação acanhada. ‖ *(Minas Geraes)* planalto de monticulos pouco elevados e separados entre si por meio de valles estreitos (Saint-Hilaire). ‖ *Etym.* E' voc. portuguez, e em tudo mais tem entre nós as mesmas accepções que lhe dão em Portugal.

Taboquear, *v. tr.* lograr, desapontar, desilludir: Cheguei a ter a esperança de obter aquelle emprego; mas afinal o ministro *taboqueou-me*. ‖ *Etym.* Talvez seja corruptela de *atabucar, v. tr. ant.* da lingua portugueza com a significação de *illudir, engodar, entreter*. Moraes, que o menciona, cita, como exemplo, a seguinte phrase do *Cancioneiro*: « Cuidais que, por serdes grifo, que por hi m'*atabucais?* » Como se vê, o sentido é o mesmo que o de *taboquear*, e a isso me atenho até melhor interpretação.

Tabú, *s. m. (Pern.)* assucar que não coalhou bem na fôrma, nem entesta para se lhe botar barro e purgal-o, por ser queimado ao apurar, ou mal limpo. *Fazer tabú*, phrase brazileira dos engenhos (Moraes).

Táca, *s. f. (Bahia)* o mesmo que *Manguá*.

Tacacá, *s. m. (Pará)* especie de mingáu feito de tapióca, e temperado com *tucupi*. Seixas o menciona como vocabulo da lingua tupi, significando *gomma*.

Táco, *s. m. (Bahia, Pern., R. Gr. do N.)* fanéco, pedaço, boccado: Um *táco* de pão. ‖ *Etym.* Ha na lingua portugueza a palavra *taco*, tambem usual no Brazil, com diversas significações, sem relação alguma com o nosso vocabulo, do qual é apenas homonymo. No Rio de Janeiro dizem *tico*, para exprimir a minima parte de qualquer cousa. *Taco* e *tico* terão talvez a mesma origem, mas eu não a conheço. Em Portuguez a palavra *naco* significa pedaço grande de pão, de queijo, de presunto.

Tacurú (1°), *s. m. (Matto-Grosso)* o mesmo que *Tacuruba*.

Tacurú (2°), *s. m. (R. Gr. do S.)* monticulo de terra no meio dos banhados (Cesimbra).

Tacurúba, *s. m. (S. Paulo, Pará)* trempe formada de tres pedras soltas, sobre as quaes se assenta a panella. ‖ *Etym.* Apherese de *Itacurúba*, significando em lingua tupi ped ço de pedra. Em guarani, *Itacurú*. ‖ Em Matto-Grosso dizem *Tacurú* (Ces. C. da Costa).

Taguá, *s. m.* o mesmo que *Tauá*.

Taimbé, *s. m. (R. Gr. do S., Paraná, Maranhão)* o mesmo que *Itaimbé*.

Taititú, *s. m. (Pará)* o mesmo que *Caititú* (1°).

Tajá, *s. m. (Pará)* o mesmo que *Tayá*.

Tamanduá (1°), *s. m.* nome commum a diversas especies de mammiferos do genero *Myrmecophaga*, da ordem dos Desdentados. Ao de maior especie chamam *Tamanduá-bandeira (M. jubata)*; aos menores dão o nome de *Tamanduá-mirim*. ‖ *Etym.* E' voc. tupi.

Tamanduá (2°), *s. m.* questão moral de difficil solução. A minha demanda tem-se tornado um *tamanduá*. ‖ *Etym.* Dizem que nasceu esta expressão de uma questão renhida na camara dos deputados a respeito de certos interesses locaes da villa do Tamanduá (B. de Jary).

Tamarâna, *s. m. (Valle do Amaz.)* especie de clava de que usam na guerra certas hordas de selvagens, e é semelhante ao *Cuidarú* ‖ *Etym.* Apherese de *Itamarâna* que significa arma d'armas, instrumento de guerra *(Voc. Braz.)*.

Tambáque, *s. m. (S. Paulo)* o mesmo que *Tabaque*.

Tambeiro, *adj. (R. Gr. do S.)* nome que dão geralmente ao gado manso, principalmente o que vive aquerenciado perto da casa. Novilho *tambeiro* é aquelle que nasceu de vacca mansa, isto é, daquella de que se tira leite (Coruja).

Tambuéra, *adj. (provs. do N.)* o mesmo que *Catambuéra*.

Tambueira (1°), *adj. (provs. do N.)* o mesmo que *Catambuéra*.

Tambueira (2°), *s. f. (Maranhão)* o mesmo que *Batuéra*.

Tametára, *s. f.* o mesmo que *Metira.*

Tamína, *s. f.* ração diaria de farinha de mandioca que se distribuia a cada escravo. || *Etym.* Do bunda *Ritamina*, tigela, porque, em verdade, servia geralmente de medida para isso uma tigela ou vaso semelhante. || Nas fazendas davam tambem o nome de *tamina* ao fornecimento periodico de roupa aos escravos. Na cidade do Rio de Janeiro, applica-se o mesmo nome á quantid de de agua que póde cada pessoa haurir nas fontes publicas, por occasião das grandes seccas.

Tamuatá, *s. m. (R. Gr. do S.)* o mesmo que *Cambuatá* (1º).

Tanajúra, *s. f.* V. *Saúba.*

Tanga, *s. f.* pedaço de panno das dimensões de um lençol, que servia de vestuario aos negros novamente chegados ao Brazil. || *Etym.* Da lingua bunda *ntanga* (S. Luiz). || Corresponde ao que, em relação aos Indios, chamam *Julata* em Matto-Grosso.

Tantanguê, *s. m. (Sergipe)* especie de brinquedo de crianças (S. Roméro).

Tápa, *s. f. (S. Paulo)* pedaço de panno, com que se venda o burro pouco manso, emquanto o arreiam e carregam, para que se não assuste.

Tapejára, *s. m. (provs. merid.)* o mesmo que *vaqueano.* || *Etym.* E' voc. tupi composto de *tapé*, caminho, e *jara*, senhor, significando litteralmente senhor dos caminhos, isto é, pessoa idonea para servir de guia. Com este voc. se designava tambem o morador antigo da localidade *(Voc. Braz.)* e isto certamente porque esse individuo devia ter conhecimento amplo das vias de communicação respectivas. Como *pé* e *tapé* são synonymos póde-se igualmente dizer *pejára*, e assim o faz o *Dicc. Port. Braz.* no artigo *Guia do caminho*, que elle traduz tambem por *pecuapára*, sabedor dos caminhos. || No R. Gr. do S., liga-se á idé de *tapejára*, a de homem valente, destemido (Vianna).

Tapéra, *s. f.* estabelecimento rural completamente abandonado e em ruinas. || *Fig.* povoação em decadencia. || *Etym.* E' contracção de *taba-puêra*, que, em lingua tupi, significa aldêa abandonada. || Este voc. é não só usual no Brazil, como tambem no Paraguay, Bolivia, Republica Argentina e Estado Oriental do Uruguay (Moreno, Velardo, Sagastume).

Taperá, *s. m. (S. Paulo)* nome vulgar de uma especie de andorinha *(Hirundo Taperá*, L.). || *Etym.* E' voc. tupi *(Voc. Braz.).*

Taperebá, *s. m. (Pará)* o mesmo que *cajá.*

Taperú, *s. m. (provs. do N.)* larva de certos insectos, sobretudo uma pequena larva branca, que ataca as chagas dos animaes, e occasiona a molestia a que chamam *bicheira.* || *Etym.* E' voc. tupi *(Dicc. Port. Braz.).* || No valle do Amazonas, tambem dizem *tapurú* (Seixas). || Nas provs. merid. ninguem mais usa deste termo.

Tapetií, *s. m.* nome tupi do *Lepus brasiliensis*, hoje inteiramente desusado no Brazil, e substituido pelos de coelho e lebre. Em 1846, estando eu no Paraguay, ainda se serviam delle os incolas.

Tapiíra, *s. f.* nome tupi do *Tapirus americanus*, a que os hespanhoes e portuguezes impuzeram o de *anta.* Os francezes lhe conservaram o nome primitivo sob a fórma *tapir*, e os zoologistas o latinisaram para distinguir o genero a que pertencem as diversas especies, tanto americanas como indiaticas, desse pachyderme. Na linguagem vulgar do Brazil é nome completamente desusado.

Tapinambába, *s. f. (Ceará)* massame de linhas com anzoes, nas jangadas destinadas á pescaria (J. Galeno).

Tapióca, *s. f.* fecula da mandioca. E' esta a accepção a mais geral do vocabulo. No Rio de Janeiro lhe chamam *polvilho*, e na Bahia e outras provincias do Norte *gomma.* Verdadeiramente, a *tapioca* do R. de Jan. é a *farinha de tapioca* da Bahia, do Pará e de outras provincias, a qual não é sinão a fecula que, ainda humida, se lança no forno especial, e se mexe com um mólho de pennas grandes até tomar a fórma granulosa ; e neste estado serve para fazer papas, sopas e pudins. || Em Pern. e Alagôas chamam *tapióca* a especie de beijú a que no R. de Jan. dão

o nome de *sola;* e é neste sentido que a menciona G. Soares. || *Etym.* E' voc. de origem tupi. O *Dicc. Port. Braz.* traduz po'me ou sedimento da farinha por *tipyóca ;* o *Voc. Braz.* cousa coalhada por *typiaca*, *typióca*, e ainda mais por *apiçanga ;* Montoya, cousa coalhada por *typiaca;* Seixas, gomma da mandioca, por *têpedca*. São vocabulos nascidos do mesmo radical.

Tapiocâno, *s. m. (R. de Jan.)* o mesmo que *caipira*. || *Etym.* Allusão á fabricação da tapioca, de que se occupam os pequenos lavradores.

Tapiocuhi, *s. m.* nome que os aborigenes do valle do Amazonas dão á farinha da tapioca (C. de Magalhães). || *Etym.* E' voc. tupi, significando litteralmente *farinha de tapioca.*

Tapití, *s. m. (Bahia)* o mesmo que *tipiti.*

Tapuio, V. *Tapuyo.*

Tapurú, *s. m. (Valle do Amaz.)* o mesmo que *taperú.*

Tapuyo, a, *s.* nome generico applicado aos selvagens bravios do Brazil, e como tal syn. de *Bugre*. No valle do Amaz., conservam ainda essa denominação os aborigenes já mansos, e a estendem tambem á generalidade dos mestiços, e neste caso corresponde ao termo *Cabôclo*, de que se usa nas demais provincias do Imperio. || *Etym.* E' voc. de origem tupi, e delle se serviam, como alcunha injuriosa, tanto os Tupinambás do Brazil, como os Guaranís do Paraguay, para designarem as nações selvagens que habitavam os sertões. Erram, portanto, os escriptores que o consideram como designando exclusivamente certa e determinada nação. Segundo Figueira, tem a significação de barbaro; e segundo Montoya, a de escravo. || Moraes escreve *tapuya*, tanto no masculino, como no feminino, e muita gente ha que assim o faz.

Taquára, *s. f. (provs. merid.)* nome vulgar das especies indigenas de *Bambuseas*. Nas provincias do Norte lhe chamam *taboca* (1°). || *Etym.* São ambos os vocabulos de origem tupi.

Taquaral, *s. m. (provs. merid.)* matta de taquaras. Nas provincias do Norte dizem *tabocal.*

Taréfa, *s. f. (Bahia)* medida agraria igual a 900 braças quadradas (4.356 m. q.) com destino á cultura da canna de assucar. Ha *tarefas de rego* (canna novamente plantada) e *tarefas de sóca* (canna já cortada uma e mais vezes, e cujos brotos se vão succedendo annualmente). A producção de um engenho se avalia pelo numero de *tarefas* cultivadas. Segundo Moraes, a moagem de cada tarefa de canna, em um bom engenho movido por agua, póde ser executada em 24 horas, produzindo pelo menos oito *melladuras*, o que se chama *tarefa redonda.*

Tarióba, *s. f.* mollusco do genero *Tellina* (*T. constricta*, Brug.). || *Etym.* E' voc. tupi. || G. Soares menciona este mollusco com o nome erroneo de *Tarcoba*, o que é devido, sem duvida, a erro de typographia.

Taróque, *s. m. (Alag. e Serg.)* o mesmo que *Cornimbóque.*

Tarubá, *s. m. (Pará)* especie de bebida mui usada entre os Tapuyos, os quaes a preparam do modo seguinte: ralam a mandioca, expremem-lhe o succo, côam a massa, com a qual fazem uma especie de beijú grande, a que por isso chamam *beijú-assú*. Ao depois reduzem a pó folhas da arvore Curumim, a com ella polvilham o *beijú-assú*, e em seguida abafam com folhas e guardam por espaço de oito dias, no fim dos quaes dissolvem-o em agua, côam e bebem (F. Bernardino).

Tarumân, *s. m.* nome commum a diversas arvores fructiferas do genero *Vitex*, da familia das Verbenaceas. No Rio de Jan. pertence a genero e familia diversa uma certa arvore a que chamam tambem *Taruman.*

Tatamba, *s. m.* e *f.*, toleirão que falla mal; homem tosco do campo.

Tatapóras, *s. f. pl.* o mesmo que *Catapóras.*

Tatêto, *s. m. (R. Gr. do S.)* o mesmo que *Caititú* (1°).

Taticumân, *s. m. (Pará)* o mesmo que *Picumân.*

Tatú (1°), *s. m.* nome commum a diversas especies de mammiferos pertencentes ao genero *Dasypus*, da ordem dos Desdentados; taes são: *Tatú canastra*, *T. êtê* ou *T. verdadeiro*, *T. ahiva*

ou *T. de rabo molle*, *T. pêba*, *T. bóla*, *Tatui*; e talvez outros.

Tatú (2°), *s. m.* arvore de construcção do genero *Vazea (V. indurata*, F. Allemão) da familia dis *Olacineas*.

Tatú (3°), *s. m. (R. Gr. do S.)* nome de uma das variedades desses bailes campestres, a que chamam geralmente *Fandango* (Coruja).

Taturâna, *s. f. (S. Paulo)* nome que dão ás larvas ou lagartas ouriçadas de uma felpa que produz uma sensação dolorosa a quem a toca. || *Etym.* Talvez seja corruptela de *Tatarana*, composta de *Tatá* fogo, e *rana*, semelhante. Moraes menciona este animal com o nome de *Tataurana* e o descreve bem. Montoya traz *Tatâûrã*, com a significação de *gusano colorado*.

Tauá, *s. m.* peroxydo de ferro. E' nome commum a todas as pedras argilosas, que tem a côr daquelle composto chimico. || *Etym.* E' voc. tupi significando tambem *amarello* e como tal é syn. de *juba*. || Tambem dizem *Taguá*. || Empregam-o para colorir a louça de barro.

Tauassú, *s. m. (provs. do norte)* pedra furada presa a uma corda, e serve de ancora ás jangadas (J. Galeno). || *Etym.* E' contracção de *itá-guassú*, termo tupi significando pedra grande.

Táva, *s. f. (R. Gr. do S.)* jogo de que usam os gaúchos atirando-o com o garniz ao ar até cahir em pé, ganhando ou perdendo, segundo cahe pela parte concava ou pela convexa. || *Etym.* Do castelhano *Taba*.

Tayá, *s. m.* nome tupi de diversas especies de Aroideas. No Pará lhes chamam *Tajá*.

Tayóba *s. f.* Aroidea do genero *Colocasia (C. esculenta)*, cujas folhas se comem á guisa de espinafres, e cuja raiz tuberosa é tambem comestivel em algumas variedades. || *Etym.* Do tupi *Tayá-óba*, a roupagem do *Tayá*.

Tébas, *s. m.* valentão.

Teimósa, *s. f. (Ceará)* o mesmo que *Mandurêba*.

Teité!, *int. (Pará)* expressão de compadecimento, equivalente a *Coitado!* || *Etym.* E' voc. tupí *(Dicc. Port. Braz.)*.

Téjo, *s. m. (R. Gr. do S.)* especie de jogo que consiste em atirarem-se moedas de cobre sobre uma faca fincada no chão dentro de um pequeno quadro. Se o jogador não acerta, passa a atirar o adversario (Cesimbra). || *Etym.* E' voc. castelhano, e como tal se pronuncia.

Têjú, *s. m.* o mesmo que *Têyú*.

Tembetára, *s. f.* o mesmo que *Metára*.

Teméro, *adj. (Ceará)* temerario (J. Galeno).

Tempo-será, *s. m.* folguedo de crianças, que consiste em correr, saltar e cantar, repetindo as palavras *tempo-será é de mitiocó*. No Ceará tem a mesma significação que *Manja* (J. Galeno). Em S. Paulo, a criança corre a esconder-se e diz ao camarada: *tempo-será, se puder me pegar*. || *Etym.* Talvez seja corruptela do tupi *Jemoçarái*, brincar *(Dicc. Port. Braz.)*, ou *Anhemoçaray*, folgar com crianças *(Voc. Braz.)*.

Tentos, *s. m. plur. (R. Gr. do S.)* pequenas tiras de couro crú presas na parte posterior do lombilho de um e outro lado, onde se prende o laço, ou outra qualquer cousa que se queira trazer presa á garupa (Coruja).

Terneiro, *s. m. (R. Gr. do S.)* a cria da vacca até á idade de um anno; é o mesmo que Bezerro (Coruja). || *Etym.* Do castelhano *Ternero*. || Antigamente se dizia em Portugal *Tenreiro* (Aulete).

Têso, *s. m.* porção de terreno que fazendo parte das vastas planicies sujeitas ás inundações do inverno, fica entretanto acima do nivel das aguas e offerece abrigo ao gado. || Em Portugal, tem a significação de monte ou serro alcantilado (Aulete).

Têtêcuêra, *s. f. (S. Paulo)* nome de certas depressões de terreno, que serviram de leito ao rio Parahyba do Sul, e estão hoje cobertas de vegetação (B. Marcondes).

Tetéia, *s. f.* nome infantil dos brincos de meninos. Tambem por gracejo o empregam em outras accepções; v. g. dizem das pessoas condecoradas que tem o peito coberto de *tetéias*. || *Etym.* Moraes o menciona como oriundo do Brazil.

Têyú, *s. m. (provs. do N.)* nome de uma ou mais especies de *Lagartos* do

genero *Teius*, aos quaes chamam tambem *Tejú*, e são havidos por primorosa caça. || *Etym*. E' voc. tupi.

Theatíno, a, *adj.* (*R. Gr. do S.*) cousa de que se não conhece dono. Applica-se este termo mais especialmente aos cavallos; mas tambem se diz de outras cousas sem dono. || *Etym*. Chamavam-se Theatinos aos clerigos regulares da ordem de S. Caetano de Theato, os quaes tambem eram conhecidos pelo nome de padres da Divina Providencia. Dizer cousa *theatina* não será o mesmo que dizer cousa da Divina Providencia? Talvez este termo d'ahi tenha origem trazida pelos antigos jesuitas (Coruja).

Tibáca, *s. f.* (*Alag.*) nome vulgar da espatha ou bractea floral das palmeiras (J. S. da Fonseca). || Tambem lhe chamam *quibáca*. || Serve de vasilha aos pescadores, para esgotar a agua nas canôas.

Tíbi, *int.* (*Pern.*) expressão de espanto. No mesmo sentido dizem *Vote!* (S. Roméro).

Tico, *s. m.* cigalho, minima parte de alguma cousa, um quasi nada: Um *tico* de pão. O medico permittiu que tomasse um *tico* de vinho. || Tambem se emprega muito o diminutivo *tiquinho*. Como expressão portugueza, o homonymo *tico* se refere a molestia: Tico doloroso, tico convulsivo (Moraes). Aulete não menciona *tico* em sentido algum; mas ao *tico* de Moraes chama elle *tique*.

Ticum, *s. m.* o mesmo que *Tucum*.

Tiêtê, *s. m.* (*S. Paulo*) ave do genero *Euphone* (*E. violacea*) da ordem dos Passeres (Martius).

Tigéla (Tabaco de), V. *Pó*.

Tigüéra, *s. f.* (*S. Paulo, Paraná*) roça de milho, ou de outras quaesquer plantações annuas, depois de effectuada a colheita, e onde se poem os animaes a pastar. Em Minas Geraes, dão a isso o nome de *Palhada* e tambem o de *Palha*. || *Etym*. *Tigüéra* é voc. de origem tupi; e, quanto a mim, contracção de *Abatigüéra* com a significação de milharal extincto.

Tijôlo (fazer), *loc. popular*, namorar: Ful no só se emprega agora em *fazer tijôlo*. De manhã estudo, á tarde *faço tijôlo*.

Tijucal, *s. m.* (*Valle do Amaz.*) lameiro, lodaçal. Tambem dizem *Tujucal* (J. Verissimo).

Tijúco, *s. m* lama e particularmente a lama de côr escura. Tambem se diz *Tujúco*. || *Etym*. De origem tupi: *Tijúca* (*Dicc. Port. Braz.*); *Tuiuca* (*Voc. Braz.*) como ainda se diz no dialecto amazoniense (Seixas); em guarani *Tuyú* (Montoy).

Tijucopáua, *s. m.* (*Valle do Amaz.*) lamaçal, tremedal (J. Verissimo). || *Etym*. E' termo do dialecto tupi do Amazonas. O *Dicc. Port. Braz.* traduz lamaçal por *Tyjucopáo*. O Sr. José Verissimo decompõe *Tijucopáua* em *Tyyuug*, lodo, lama, e *páua*, logar, esteiro, espaço.

Tijupá, *s. m.* (*Bahia e outras provs. do N.*) palhoça de duas aguas, que tocam no chão, e servem nas roças para abrigar os trabalhadores, em tudo semelhante ao que em Pern. chamam *mocambo* (3º). Na Bahia o *tijupá* é igualmente o toldo de certas lanchas costeiras. || No Pará tambem dizem *tujupar* (Baena) e assim o escrevem Moraes e Aulete. || *Etym*. E' voc. de origem tupi. O *Dicc. Port. Braz.* traduz cabana por *tejupába*; o *Voc. Braz.* choupana por *Tejyupába*.

Timbó, *s. m.* nome commum a diversas especies de vegetaes, que, por suas propriedades toxicas, são empregadas para matar o peixe, produzindo desta sorte o mesmo effeito que o *Tingui* do Brazil e o *Trovisco* de Portugal. || No Pará designam com o nome de *Timbó*, não só esses vegetaes como tambem toda e qualquer substancia que lhe possa servir de succedaneo neste systema de pesca (B. de Jary). Em Pernambuco ha um certo cipó branco, de que se fazem chapéos, aos quaes chamam por isso *chapéos de Timbó* (B. de Jary).

Timbú, *s. m.* (*Pern., Par. do N.*) o mesmo que *Saruê*

Tinga, *adj.* voc. tupi e guarani significando *branco*. Só usamos delle em nomes compostos: Urubú *tinga*, Jacaré *tinga*, e outros. || No valle do Amazonas, dizem tambem *pitinga*: Cuia-*pitinga* (J. Verissimo); e os Tupinambás usavam indifferentemente de *tinga* ou *morotinga* (*Voc. Braz.*).

Tinguí, *s. m.* nome commum a diversas especies de vegetaes dos generos *Phaecarpus*, *Magonia* e *Jacquinia*, os quaes, lançados ao rio, têm a propriedade de matar o peixe (Martius). Corresponde pelo effeito ao nosso *Timbó* e ao *Trovisco* de Portugal. ‖ *Etym.* E' vocabulo tupi.

Tinguijáda, *s. f.* acção de lançar ao rio o *Tingui*, com o fim de matar peixe. Corresponde ao que em Portugal chamam *troviscada*.

Tinguijar, *v. tr.* envenenar com o *Tingui*, lançando-o á agua para matar o peixe. Tambem se emprega este verbo em relação a qualquer planta, que, sem ser o proprio *Tingui*, produz o mesmo effeito, tanto sobre o peixe, como sobre outro qualquer animal: Dizem que a folha do cajueiro *tinguija* os cavallos.

Tipití, *s. m.* especie de cesto cylindrico, feito de taquara e tambem de folhas de palmas com bocca estreita, o qual se enche de mandioca ralada, para ser expremida na prensa e ficar bem enxuta, depois do que é levada ao forno e reduzida a farinha (V. de Souza Fontes). No Rio de Janeiro, costumam dar o nome de *côfo* a um *Tipiti* mais extenso com cerca de dous metros de comprimento. Montoya escreve *Tepiti*, com a definição de *instrumento de hojas de palmas, como manga, para esprimir mandioca* ‖ *Etym.* E' voc. tupi. ‖ Na Bahia lhe chamam *Tapiti*.

Tipóia, *s. f. (provs. do N.)* pequena rede para dormitorio de crianças. ‖ Rede destinada ao transporte de pessoas. Neste sentido, é termo tambem usual em Angola (Capello e Ivens). ‖ Charpa para sustentar um braço doente. ‖ Nas roças do Rio de Janeiro, é uma appa elho grosseiro no qual se colloca a perna ou braço fracturado e alli fica em repouso até que chegue o operador. ‖ E' voc. de origem tupi *(Voc. Braz.)*.

Tipúca, *s. f. (Valle do Amaz.)* ultimo leite mais grosso e mais rico em *serum* que se tira da vacca; aquelle leite que se extrahe quando já se está a esgotar a têta. Nas fazendas aconselham aos doentes que não bebam o primeiro leite, mas sim a *tipúca* (J. Verissimo).

Tiquára, *s. f. (Pará)* o mesmo que *jacúba*. ‖ *(Maranhão)*. Nome de qualquer bebida refrigerante. Neste sentido é o mesmo que a *garapa* de outras provincias. ‖ *Etym.* Tanto em tupi, como em guarani, *ticú* significa liquido *(Dicc. Port.-Braz.*, Montoya). ‖ E' esse certamente o radical de *tiquára*.

Tiquinho, *s. m.* diminutivo de *tico*.

Tiquíra, *s. m. (Maranhão)* aguardente de mandioca (B. de Mattoso). ‖ No Pará esta especie de aguardente é produzida pela fermentação do Beiju-assú (J. Verissimo).

Tiradeiras, *s. f. plur. (Pern.)* cordas, correntes e até cipós fortissimos, tiras de sola ou couro cru, entre as quaes vão presas as bestas que puxam as almanjarras, pegam nos peitoraes e atraz nos cambões presos ás almanjarras (Moraes).

Tiradôr, *s. m. (R. Gr. do S.)* pedaço de couro cru sovado, que os laçadores poem em redor da cintura, quando laçam a pé; serve para amparar as ilhargas quando esticam o laço (Coruja).

Tirâna, *s. f. (R. Gr. do S.)* variedade desses bailes campestres a que chamam geralmente *Fandango* (Coruja).

Tiriríca, *s. f.* nome commum ás diversas especies de Cyperaceas, que se encontram no Brazil. ‖ *Etym.* E' provavelmente voc. de origem tupi.

Tiriúma, *adj. (S. Paulo)* só, desacompanhado: Carne ou peixe *tiriuma*, sem pão. Pão *tiriúma*, sem carne ou peixe. Durante a minha viagem ao sertão, não tive ás vezes para meu sustento senão caça *tiriúma*. ‖ *Etym.* Deriva-se do tupi *Ityrama*.

Tiro-de-laço, *s. m. (R. Gr. do S.)* V. *Laço*.

Titára, *s. f. (Bahia)* palmeira do genero *Desmonçus (D. lophacanthos)*. A's diversas especies deste genero dão, no valle do Amazonas, o nome de *Jacitára*; e em Matto-Grosso o de *Urumbamba (Flora Bras.)*.

Tití́a, *s. f.* designação infantil de tia. ‖ Em Portugal dizem *tití*.

Titinga, *s. f (Pará)* manchas brancas que apparecem, como pannos,

no rosto e outras partes do corpo. ‖ E' termo tupi.

Titío, *s. m.* designação infantil de thio

Tobatinga, *s. f.* nome primitivo da *Tabatinga.* ‖ *Etym.* Composição do substantivo *Toba,* barro, e do adj. *tinga,* branco.

Tobiâno, *s. m.* e *adj. (S. Paulo)* cavallo de certa raça.

Tocadôr, *s. m. (Minas-Geraes)* almocreve encarregado de tanger um lote de animaes de carga. Em São Paulo lhe chamam *Camarada de lote.*

Tocáia (1°), *s. f.* emboscada em que se occulta alguem, com o designio de matar a outrem. ‖ No Pará dão tambem esse nome ao poleiro das gallinhas (B. de Jary). ‖ E' vocabulo tupi com a significação de choça, e tem por syn. *tapÿiz (Voc. Braz.).* ‖ Em guarani, *tocai* tem a dupla significação de curral e de cerca que faz o caçador, para não ser sentido da caça, e o andaime que faz para laçar aves. Esta segunda accepção cabe bem á de emboscada.

Tocáia (2°), *s. f.* de *Tocáio.*

Tocaiar, *v. tr.* fazer espera a alguem com o fim de o matar traiçoeiramente. ‖ Em bom sentido se usa deste verbo na accepção de espreitar alguem, por quem se espera em certo e determinado logar.

Tocáio, a. *s. (R. Gr. do. S.)* o mesmo que *xará.*

Tôldo, *s. m. (Paraná)* o mesmo que *Aldêa* ou *Malóca.* ‖ *Etym.* E' termo da America Meridional hespanhola, significando barraca, choça ambulante, que serve de habitação aos Indios. Tanto basta para reconhecer-se que o vocabulo *Tôldo,* com a significação de *aldêa,* nos veiu das republicas platinas.

Tombadôr, *s. m. (Bahia)* encosta ingreme de uma montanha; e tambem ladeira empinada (Aragão). ‖ *Etym.* Do verbo portuguz *tombar,* no sentido de cahir pela montanha abaixo.

Tombadôres. *s. m. pl. (Ceará e outras provs. do N.)* terrenos desiguaes escarpados, cheios de barrocas (J. Galeno): O outro lado do rio é composto de serras, *tombadores* e valles, todos cobertos de mattas, e mais ou menos frescos, mui productivos, e que vão sendo cultivados (T. Pompêo).

Tomba-las-aguas, *s. m. (Maranhão)* o mesmo que *Tramba-las aguas.*

Topetúdo, *adj.* valente, destemido. ‖ *Etym.* Tem provavelmente a mesma origem que a de *Cabra-topetudo.*

Torçal, *s. m. (R. Gr. do S.)* especie de cabresto, de que se serve o cavalleiro, conjuntamente com as rédeas, para melhor conter os animaes ariscos (Coruja). ‖ Em Portugal, *Torçal* significa cordão de varios fios de seda, ouro, etc., servindo de adorno nos vestidos antigos, e hoje de acasear vestidos (Moraes).

Tordilho, *adj. (R. Gr. do S. e S. Paulo)* diz-se do cavallo cujo pêlo é salpicado de branco e preto. *Tordilho negro* é aquelle em que sobresahe a côr escura; e *Tordilho sabino* quando é salpicado de branco e vermelho (Coruja). Em Portugal, o vocabulo *Tordilho* tem a mesma significação que entre nós.

Torêna, *s. m. (R. Gr. do S.)* homem sacudido, guapo.

Toró, *adj. (Maranhão)* diz-se da pessoa que perdeu a phalange de algum dedo da mão: Antonio é *toró* da mão direita (B. de Matoso). ‖ *Etym.* Parece nascer do verbo *torar.*

Torroáda, *s. f. (Maranhão)* nome que dão ás fendas que apparecem nos terrenos argilosos e alagadiços depois de seccos, e que tornam difficeis e perigosos os caminhos. ‖ Em portuguez, *Torroada* significa multidão de torrões, pancada com torrões (Aulete).

Tosse-comprida, *s. f. (São Paulo)* coqueluche. ‖ No Pará lhe chamam *Tosse-de-guariba* por lhe acharem uma certa semelhança com as vozerias deste quadrumano (B. de Jary).

Tosse-de-guaríba, *s. f. (Pará)* o mesmo que *Tosse-comprida.*

Tourear, *v. tr. burlesco (R. Gr. do S.)* namorar (Coruja).

Tourúno, *adj. m. (R. Gr. do S.)* roncolho; boi que por mal castrado ainda procura as vaccas. Outro tanto dizem do cavallo que se acha nas mesmas circumstancias (Coruja).

Tracajá, *s. m. (Valle do Amaz.)* especie de Chelonio do genero *Emys.* ‖

Etym. E' oriundo do dialecto tupi do Amazonas.

Tramba-las-aguas, *s. m. (littoral de S. Paulo)* logar de encontro de duas marés, em um canal que tenha duas sahidas para o mar. (Rebouças). || No Maranhão lhe chamam *Tomba-las-aguas* (C. A. Marques).

Tranca, *s. f. (littoral de algumas provs. do N.)* o mesmo que *Retranca.*

Tranco, *s. m. (R. Gr. do S.)* marcha natural do cavallo em viagem ou passeio, sem que seja preciso actival-o (Coruja). || Em Portugal significa salto largo que o cavallo dá e pára logo, e neste sentido é termo oriundo de Hespanha.

Trancúcho, *s. m. (R. Gr. do S.)* bebado (Cesimbra). || *Etym.* No Mexico o vocabulo *tranca* significa borracheira (Valdez). Talvez seja esse o radical do termo rio-grandense.

Tranquíto, *s. m. (R. Gr. do S.)* dim. de *Tranco.*

Trapoerába, *s. f.* herva medicinal e forrageira do gen. *Tradescantia (T. diuretica)* da fam. das *Commelineas.* Na Bahia, no Maranhão e no Pará, lhe chamam *Marianinha;* em Pernambuco, *Andáca.*

Traquejádo, a, *adj.* pratico em qualquer cousa: E' homem mui traquejado no commercio, na agricultura, na politica. || *Etym.* E' sem duvida oriundo do verbo antiquado portuguez *traquejar*, com a significação de exercitar, tornar apto para algum fim pela experiencia.

Traquêjo, *s. m.* muita pratica e experiencia em qualquer serviço: O *traquejo* do commercio; o *traquejo* da arte militar. Aquelle rapaz é mui intelligente; mas falta-lhe o *traquejo* da vida. || *Etym.* A mesma que a de *Traquejado.*

Travessão (1°), *s. m. (Par. do N.)* cerca que separa os terrenos de criação dos de lavoura, para impedir a invasão dos gados.

Travessão (2°), *s. m. (Maranhão)* banco de areia que vae de uma a outra margem do rio, e offerece vau aos passageiros (Aranha). || Em Goyaz, dão esse nome ao recife que atravessa os rios e sempre com solução de continuidade, apresentando d'esta sorte canaes mais ou menos profundos e navegaveis (Corrêa de Moraes).

Travessão (3°), *s. m. (R. Gr. do S.)* a parte mais larga da cincha, que fica sobre o lombilho, quando se ensilha o cavallo (Coruja).

Trelente, *s. m.* e *f.* tagarela.

Treler, *v. intr.* tagarelar. || *Etym.* De trêla: Dar *trêla*, puxar alguem á conversa (Aulete).

Tromba, *s. f. (Matto-Grosso)* o mesmo que *Itaimbé.*

Trombombó, *s. m. (R. de Jan.)* certo modo de pescar tainhas, o qual consiste em guarnecer um dos bordos da canôa com esteiras seguras por fueiros. Na estação em que costumam as tainhas subir os rios, entram por elles as canôas armadas do *Trombombó*, e procuram apertar o peixe para uma das margens apresentando-lhe a borda não guarnecida. O peixe intenta fugir saltando por cima da canôa, e dando de encontro á esteira cahe no fundo della.

Tronco-de-laço, *s. m. (R. Gr. do S.)* apparelho empregado para prender um homem com toda a segurança, o qual consiste em tomar uma corda, amarral-a pelo meio ao pescoço do paciente, esticando-a o mais possivel e amarrar-lhe as extremidades em duas estacas ou cousa equivalente (Coruja).

Tronqueira, *s. f. (R. Gr. do S.)* nome que dão a cada um dos dous grossos esteios em cujos buracos se introduzem as varas da porteira (Coruja).

Trópa, *s. f.* especie de caravana composta de bestas de carga. Nas provincias do Norte lhe chamam *Comboio.* || Tambem dão o nome de *trópa* a uma grande porção de animaes muares que seguem para as feiras ou outro qualquer destino. No Rio-Gr. do S., é uma grande porção de gado vaccum que se conduz para as charqueadas. Em todos os mais sentidos, a palavra *tropa* tem no Brazil a mesma significação que em Portugal.

Tropeiro, *s.m. (S.Paulo, Minas-Geraes, Paraná)* negociante cuja industria consiste em comprar e vender

tropas de animaes cavallares e muares. || C·ndu·tor d· trop·.

Tropilha, *s. f.* *(R. Gr. do S.)* porção de c·vallos amadrinhados. Mais propriamente se diz de cavallos do mesmo pêlo: *Tropilha* de baios; *tropilha* de escuros, etc. Sendo de differentes pêl s se cham·i *Quadrilha* (Coruja). || *Etym* Do castelhano *Tropilla*, diminutivo de tropa (Valdez).

Túba, o mesmo que *Týba*.

Tucâno, *s. m.* nome commum a diversas aves do genero *Rhamphastos* da ordem dos Trep·dor·s, not·veis por seu enorme bico. || *Etym.* E' vocabulo de origem tupi.

Tucum, *s. m.* nome vulgar de diversas palmeir·s p·rtencentes ao genero *Bactris* e *Astrocaryum*. || Tambem se diz *ticum*. || *Etym.* E' voca ulo tupi

Tucumân, *s. m.* *(Pará)* nome commum a diversas Palmeiras do gen. *Astrocaryum*. || *Etym.* E' voc. tupi.

Tucupí, *s. m.* *(Pará e Amaz.)* especie de môlho feito da manipueira, ou succo da raiz da mandioca, o qu l, depois de exposto ao calor do sol ou do fogo, além de perder, pela evaporação, suas qualidades venenosas, e sendo convenientemente temperado com pimenta e outros condimentos, se torna inoffensivo, e é mui usado em todas as mesas. || *Etym.* Do tupi *tycupy* *(Dicc. Port. Braz.)*. || A este molho engrossado com farinha, cará ou outro tuberculo dão o nome de *Caissuma* (J. Veríssimo).

Tuïra, *adj.* *(Valle do Amaz.)* pardo, cinzento, côr preta desbotada, russo. || *Etym.* E' voc. tupi (J. Verissimo). || Seixas traduz *Tuer* em pardo, cinzento, e o *Dicc. Port. Braz.*, *tuguir* em parda côr.

Tujucál, *s. m.* o mesmo que *tijucal*

Tujúco, *s. m.* o mesmo que *Tijuco*

Tujupár, *s. m.* o mesmo que *Tij pá*

Tumbansa, *s. f.* *(Ceará)* especie de comida feita de castanha de cajú torrada e pisada, sumo da mesma fructa e assucar.

Tunco, *s. m.* *(Serg.)* o mesmo que *...vo* (S. Roméro).

Tupé, *s. m.* *(Pará)* grande esteira grossa, onde se deita a seccar ao sol o arroz e outros productos da lavoura. Em guarani, *Tupi* é um cestinho de cânas a modo de um prato grande (Montoya). || *Etym.* E' voc. do dialecto tupi do Amaz. (Couto de Magalhães).

Turéba, *s. m.* *(Bahia)* valentão (Aragão)

Turiúa, *s. f.* *(Pará)* o mesmo que *Sahiré*.

Turumbamba, *s. m.* *(provs. do N.)* balbúrdia, altercação, disputa, desordem, conflagração, confusão, estralada: Por occasião das partilhas, houve n'aquella casa tamanho *turumbamba* que obrigou a intervir a policia.

Tururí (1º), *s. m.* *(Pará)* grande arvore da região amazonica pertencente ao genero *Couratari* da familia das Myrtaceas (Martius). Sua tona offerece dilatados pannos de que se servem os indigenas para seus vestidos e são de uma só peça e sem costura; quando muito lhes adaptam mangas. Serve-lhes ainda este tecido natural para fazer cobertores, mosquiteiros, esteiras e chapeos mui finos (F. Bernardino).

Tururí (2º), *s. m.* *(Pará)* espatha fibrosa do Bussú, especie de palmeira do genero *Manicaria*, e da qual fazem carapuças (Baena).

Tutú (1º), *s. m.* ente imaginario com que se mette medo ás crianças: Se choras, ahi vem o *Tutú*. || *Etym.* E' voz infantil.

Tutú (2º), *s. m.* *(R. de Jan.)* especie de comida que consiste em feijão cozido misturado com farinha de mandioca ou de milho. Em S. Paulo chamam a isso *Pamonâ*, *Virado* e *Revirado*. || E' certamente o que Aulete chama erroneamente *Tuto*, *Ungui* ou *Passóca*. A *Passóca* é cousa differente; e quanto a *Tuto* e *Ungui* são palavras que não conheço.

Tuturubá, *s. m.* o mesmo que *Cutitiribá*.

Tuxáua, *s. m.* *(Valle do Amaz.)* chefe de uma tribu de aborigenes. || *Etym.* E' voc. tupi, metaplasmo de *Tubixaba*. || Algumas tribus dão aos seus chefes o nome de *Muruxáua* (Seixas), *Murumuxáua*, alteração prosodica de

Morobixába; e no Rio-Negro e proximidades de Orenoco o de *Cacique* (L. Amazonas). ‖ Figuradamente dão o nome de *Tuxáua* ao individuo influente no logar que habita: o commendador F. é o *Tuxáua* do municipio.

Tuyuyú, *s. m.* grande ave ribeirinha do genero *Mycteria (M. americana).* ‖ No Pará lhe chamam *Tujujú* (Baena).

Týba, vocabulo tupi significando logar ou sitio onde ha abundancia ou reunião de muitos individuos ou cousas da mesma especie. Serve de suffixo à denominação de localidades, nos mesmos casos em que empregamos em portuguez o suffixo *al*: *Guaratýba*, Guarazal, ou logar de muito Guará; *Mangaratýba*, Mangarazal ou logar de muito Mangará; etc. Neste vocabulo a lettra *ý* representa um som guttural de difficilima pronuncia para aquelles que não praticam a lingua tupi: e dahi vem que esse *ý* na linguagem vulgar, ora se converta em *i* e ora em *u*. Temos, por exemplo, no municipio da Côrte a freguezia de Guaratiba, e na provincia do Paraná a villa de Guaratuba, tendo ambos estes nomes a mesma origem e a mesma significação.

Týpýratý, *s. m.* nome que os Tupinambas e Guaranis davam à farinha feita das *raspas* da mandioca. E' pena que este nome, alias tão util pela sua especialidade, tenha cahido em desuso.

Uacumân, *s. m. (Goyaz, Matto-Grosso)* nome commum a duas especies de Palmeiras do genero *Cocos (C. campestris* e *C. petræa,* Martius.) ‖ *Etym.* E' voc. tupi.

Uajurú, *s. m. (Pará)* o mesmo que *Guajerú.*

Uamirí, *s. m. (Valle do Amaz.)* nome da pequena flexa da Zarabatana. ‖ *Etym.* Variação dialectica de *Uibamirim*, significando *frecha pequena*, em lingua tupi.

Uarubé, *s. m. (Pará)* massa de mandioca puba misturada com sal, alho e pimenta da terra, a qual é desfeita no molho do peixe ou carne. Tambem lhe chamam *Arubé* (Baena).

Uassahí, *s. m.* o mesmo que *Assahí.*

Uassassú, *s. m. (Pará)* palmeira do genero *Attalea* (Martius).

Uassú, *adj.* o mesmo que *guassú.*

Uatapú, *s. m. (Pará)* buz na de que se servem os Indios pescadores com a pretenção de attrahir o peixe. ‖ No Ceará dão o nome de *Atapú* a um buzio grande, que serve de buzina. O jangadeiro toca o buzio para chamar os companheiros, ou os freguezes ao mercado do peixe (J. Galeno). ‖ *Etym.* São vocabulos de origem tupi O segundo não é senão a corruptela do primeiro. Em guarani *Guatapý* designa uma especie de caracol mui grande do mar (Montoya).

Uaturá, *s. m. (Pará)* o mesmo que *Aturá.*

Uáuassú, *s. m. (Pará)* palmeira do genero *Attalea (A. speciosa,* Martius). Existe em Matto-Grosso uma especie de Palmeira com o mesmo nome. Será identica à do Pará? ‖ *Etym.* E' voc. tupi

Ubá (1º), *s. m.* graminea do genero *Gynerium (G. saccharoides)*, de cujos pedunculos fazem os selvagens suas frechas, e os fogueteiros as cannas dos seus foguetes. Tem o porte da canna de assucar e por isso lhe chamam tambem *Canna-brava*, tanto no Rio de Jan. como em outras partes. A esta ou especie semelhante dão em Matto-Grosso o nome de *Canliubá.* ‖ *Etym.* E' voc. tupi.

Ubá (2º), *s. m. (Valle do Amaz.)* especie de canoa feita de casca inteiriça de arvore. ‖ No dialecto tupi do Sul chamavam-lhe *ýpéigára (Voc. Braz.)*, cuja traducção litteral é *canoa de casca de pau.*

Ubaia, *s. f. (Pern.)* o mesmo que *Pitomba.* ‖ *Etym.* E' voc. de origem tupi composto de *ýbá*, fructa, e *aya*, azeda.

Ubim-mirim, *s. m. (Pará)* palmeira do genero *Geonoma (G. acaulis,* Martius).

Ubim-uassú, *s. m. (Pará)* palmeira do genero *Calyptronoma (C. robusta)*, cujas folhas servem para cobrir casas *(Flora Bras.).*

Uirarí, *s. m. (Valle do Amaz.)* especie de veneno com que hervam suas flexas os selvagens.

Umbú (1º), *s. m.* o mesmo que *Imbú.*

Umbú (2°), *s. m.* *(Paraná, S. Catharina e R. Gr. da S.)* grande arvore do genero *Pircunia (P. dioica*, Moq.) da familia das Phytollacceas (Glaziou). Esta arvore vive tambem no Paraguay e na Republica Argentina; e, impropria para qualquer obra, dá todavia cinza mui carregada de potassa. No Paraná, lhe chamam tambem *Maria-molle*.

Umbuzáda, *s. f.* o mesmo que *Imbuzada*.

Una, *adj.* voc. tupi significando preto, escuro. E' só usado de combinação com substantivos daquella lingua: *Itaúna*, pedra preta; *Piraúna*, peixe preto; *Caúna*, herva preta ou escura. Os Indios diziam indifferentemente *una* ou *pixuna*.

Unheira, *s. f.* *(R. Gr. do S.)* matadura incuravel ao lado do fio do lombo dos cavallos, proveniente do mau uso dos lombilhos. Na campanha chamam-lhe *Cuêra*, e ao que a tem *Cuerúdo* (Coruja). ‖ *Etym.* Em lingua portugueza, *Unheiro*, *s. m.*, é uma apostema na raiz da unha, e neste sentido é geralmente usado no Brazil. Não me parece que possa ser essa a origem do vocabulo rio-grandense.

Ura, *s. f.* *(Pará)* nome do verme que se cria nas feridas dos animaes, larva de uma especie de mosca. ‖ *Etym.* E' vocabulo tupi.

Urapúca, *s. f.* *(Valle do Amaz.)* o mesmo que *Arapúca*.

Urca, *adj.* *(Serg.)* grande, enorme: Um individuo *urca*. Uma igreja *urca* (João Ribeiro).

Uricâna, *s. f.* *(Bahia)* palmeira do genero *Geonoma*.

Urso, *s. m.* *(Bahia)* mandatario de assassinatos.

Urú (1°), *s. m.* ave do genero *Odontophorus*, familia das Perdiceas, e ordem das Gallinaceas, de que ha mais de uma especie. No Rio de Janeiro lhe chamam *Capueira* (2°). ‖ *Etym.* E' vocabulo tupi.

Urú (2°), *s. m.* *(algumas provs. do N.)* especie de cabaz, cesto ou bolsa com tampa. Fazem-a de folhas de palmeira ou cipó fino, e serve de mala de viagem. Algumas são grandes e podem conter tanto como um *Cassuá* (Meira). [...] valle do Amazonas, trazem-as como as patronas dos soldados. São tambem usuaes no Ceará. ‖ *Etym.* E' voc. tupi O *Dicc. Port.-Braz.* o traduz em *Côfo*.

Urubú, *s. m.* ave de rapina do genero *Cathartes*, que se alimenta de carnes podres. Ha tambem no mesmo genero o *Urubu-tinga*, mais geralmente chamado *Urubú-rei*, notavel pela sua formosura.

Urucú, *s. m.* substancia tinctorial que reveste as sementes do Urucuzeiro, arbusto do genero *Bixa (B. Orellana)* da familia das Flacourtiaceas. ‖ *Etym.* E' voc. tupi.

Urucurí, *s. m.* *(Valle do Amaz.)* palmeira do genero *Attalea (A. excelsa)*. ‖ Ha tambem na Bahia e Pernambuco, com o mesmo nome vulgar, outra especie pertencente ao genero *Cocos (C. coronata)*. ‖ *Etym.* E' voc. tupi.

Urumbamba *s. f.* *(Matto-Grosso)* palmeira do genero *Desmoncus (D. rudentum)*, de que se extrahe palhinha para as cadeiras. A's diversas especies deste genero dão, no valle do Amazonas, o nome de *Jacitára* e na Bahia o de *Titára*.

Urumutum, *s. m.* *(Valle do Amaz.)* ave do genero *Crax (C. Urumutum)* da ordem das Gallinaceas. ‖ *Etym.* Do dialecto tupi do Amazonas.

Urupêma, *s. f.* especie de peneira grosseira feita de taquara ou de canna brava. ‖ *Etym.* E' voc. tupi *(Voc. Braz.)*. Na mesma lingua, tambem diziam *Gurupêma (Dicc. Port. Braz.)* e assim lhe chama o conego F. Bernardino. Tambem se ouve *Urupemba* e *Arupemba*, e este segundo não é mais do que a corruptela do primeiro. ‖ Além do serviço que podem prestar como peneiras, tambem as emprega a gente pobre á guisa de portas e janellas, como o vi em Oeiras do Piauhy; e outro tanto faziam em S. Paulo antigamente nas proximidades das cidades e villas.

Urupemba, *s. f.* o mesmo que *Urupêma*.

Ururáu, *s. m.* especie de grande saurio mui voraz, que vive nos rios e lagos, e são mui conhecidos na provincia do Rio de Janeiro, onde tambem lhe chamam *Jacaré de papo amarello*. ‖ *Etym.* Alteração do tupi *Ururá*.

Urussacanga, *s. m. (Valle do Amaz.)* o mesmo que *Aturá.* || *Etym.* De *Urussacân* do dialecto amazoniense.

Urutáu, *s. m.* ave de rapina nocturna do genero *Nyctibius*, de que ha mais de uma especie. || *Etym.* E' nome tupi usado tambem pelos Guaranis do Paraguay.

Urutú, *s. m. (Paraná)* especie de cobra venenosissima.

Ussú, *adj.* o mesmo que *guassú.*

Uváia, *s. f. (Rio de Jan., S. Paulo e outras prov.)* fructa da Uvaieira, planta do genero *Eugenia*, da familia das Myrtaceas, de que ha differentes especies. || *Etym.* E' de origem tupi, e tem a mesma significação que *Ubáia*, isto é, fructa azeda.

Uyára, *s. f. (Pará)* nome de certo ente phantastico representado por uma mulher que reside no fundo dos rios, e causa assombro aos viajantes durante a noute. Tambem lhe chamam *Ayuára* e *Mãi d'agua* e este ultimo synonymo é geral a todo o Brazil. || *Etym.* E' vocabulo tupi, significando *senhora da agua.*

Vaqueanáço, *s. m. (R. Gr. do S.)* superlativo de vaqueano (Cesimbra).

Vaqueâno, *s. m.* individuo que conhece bem o territorio, seus caminhos e atalhos, e serve de guia nas viagens. Tambem se diz *Baqueano*, e esta é a pronuncia mais commum em algumas provincias do norte. E' voc. usual em todos os Estados americanos de origem hespanhola. || *Etym.* Vem do radical *Baquia*, termo com que os Hespanhoes designaram, depois da conquista do Mexico, os soldados velhos que haviam tomado parte nella. Tem o sentido de habilidade, destreza; e quer seja oriundo da Hespanha, quer da America, é melhor dizer *Baquiano* (Zorob. Rodriguez). || No sentido figurado, applica-se á pessoa mui entendida em qualquer ramo de industria: Fulano é mui *Vaqueano* no commercio dos gados. || Em S. Paulo e outras provincias do Sul, corresponde a *Vaqueano* o termo *Tapejára*, de origem tupi.

Vaquejáda, *s. f. (provs. do N.)* o mesmo que *Costeio.*

Vaquejar, *v. tr. (provs. do N.)* o mesmo que *Costear.*

Varanda, *s. f. (R. de Jan.)* o primeiro dos tres compartimentos em que se divide um curral de pescaria, e a que tambem dão o nome de *Coração.* Na Par. do N. lhe chamam *Sala.*

Varandas, *s. f. pl. (provs. do N.)* guarnições lateraes das redes de dormir ou de transporte, as quaes são rendadas e ás vezes ornadas de flores de pennas.

Variar, *v. tr. (R. Gr. do S.)* ensinar o cavallo a correr parelhas com outro. Quando esse acto tem por fim comparal-o com outro, chama-se a isso *Cotejar* (Coruja).

Vasante, *s. f. (Piauhy, Par., R. Gr. do N., Ceará e Pern.)* horta que se cultiva nos leitos torrenciaes, durante a estação secca, e consiste em diversas especies de cucurbitaceas, feijão, milho e outras plantas annuas.

Vatapá, *s. m. (Bahia)* especie de iguaria, que consiste em uma papa rala de farinha de mandioca, adubada com azeite de dendê e pimenta, e tudo isso misturado com carne ou peixe. || *Etym.* E' vocabulo da lingua yoruba (Colonia).

Veládo, *adj. (Pern.)* chamam côco *veládo* aquelle cuja amendoa, inteiramente secca, se desprende do endocarpo.

Velhaqueadôr, *adj. (R. Gr. do S.)* diz-se do cavallo que tem o mau costume de corcovear, quando o montam (Coruja).

Velhaqueadouro, *s. m. (R. Gr. do S.)* virilha do cavallo, onde, sendo esporeado, corcoveia (Coruja).

Velhaquear, *v. intr. (R. Gr. do S.)* corcovear, dar corcovos o cavallo (Coruja).

Vêrde, *s. m. (Piauhy e outras provs. do N.)* estação das chuvas, em que reapparece a folhagem das arvores, e os campos se cobrem de relva, o que dá á paizagem o mais gracioso aspecto: Emprehenderei a minha viagem durante o *Verde.*

Vida de um Lopes, expressão geral do Brazil, para dar idéa da abastança e regalo com que vive certa e determinada pessoa: Fulano passa a *vida de um Lopes.* Durante o tempo que estive naquella cidade levei

a *vida de um Lopes.* || Não sei qual é a origem desta expressão. Equivale a dizer *a vida de um lord, vida fidalga.*

Vigilênga, *s. f. (Pará)* especie de embarcação de rodel'a avante e a ré, armada a hiate. || *Etym.* Provém-lhe o nome da cidade da Vigia, onde são construidas (H. Barbosa).

Vinágre, *adj. (R. de Jan. e outras provs.)* o mesmo que *cauhila.*

Virádo, *s. m. (S. Paulo)* o mesmo que *Pamonân.*

Viúva, *s. f. (Rio de Jan.)* o mesmo que *Luminaria.*

Viveiro, *s. m. (Rio de Jan.)* o mesmo que *Gré.*

Vizindario, *s. m. (R. Gr. do S.)* o numero de vizinhos que habitam algum logar. E' expressão usual na campanha d'esta provincia, e se applica ao chefe da casa ou ao que se suppõe estar n'esta posição (Coruja).

Volteáda, *s. f. (R. Gr. do S.)* operação pecuaria que tem por fim apanhar o gado alçado. Acontecendo ordinariamente que semelhante gado se misture com o das estancias proximas, não podem os criadores fazer *volteadas,* sem convidarem os vizinhos oito dias antes (Lei provincial n. 203 de 12 de dezembro de 1850). || *Obs.* A respeito do termo *volteáda,* diz o Sr. Coruja: Este vocabulo exprime o mesmo que volta. Quando se presume que um animal tem de passar por um certo ponto, e ahi o esperam, usa-se da phrase — Esperar na *volteada,* a qual tem applicação a outros casos semelhantes.

Vote! *int. (Pern.)* o mesmo que *Tibi.*

Vôvô, *s. m.* nome infantil de avô.

Vóvó, *s. f.* nome infantil de avó.

Vu, *s. m. (Serg.)* o mesmo que *Puita.*

Vunge, *s. m. (Pern.)* nome com que se qualifica o homem mui sabido, esperto, atilado.

Xará (1°), *s. m.* e *f.* tratamento familiar de que usam entre si as pessoas que tem o mesmo nome de baptismo: José da Silva é *xará* de José da Costa. Meu *xará,* minha *xará.* Ha muito que te não vejo, *xará.* Como tens passado, meu *xará* ou minha *xará* ? || Tambem se diz, no mesmo sentido, *xarapim* e *xêra.* || *Etym.* Todos estes vocabulos se derivam do tupi. Entre os Tupinambas *Apixára* significava parceiro no nome, na feição natural, no officio, etc., o que precedido do pronome *xê,* meu, se transformava em *xerapixára (Voc. Braz.).* Em guarani, *xerapi,* composto de *xê* e *tapi,* era o tratamento que a mulher dava a seu irmão e filho (Montoya). Como bem o faz observar J. Verissimo, *xêra* não é mais do que a contracção de *xêrêra,* cuja traducção litteral é *meu nome.* || No R. Gr. do S., em logar desses vocabulos de origem tupi, usam mais geralmente do termo *Tocayo,* que é de procedencia hespanhola.

Xará (2°), *s. m. (R. Gr. do Sul)* uma das variedades desses bailes campestres a que chamam geralmente *Fandango.*

Xarapim, *s. m.* e *fem.* o mesmo que *Xará.*

Xarque *e seus derivados.* V. *Charque.*

Xemxêm, *s. m.* nome com que se conhecia a moeda de cobre falsa que ha meio seculo circulou no paiz. Segundo Mor.es ha na India uma moéda de 300 réis chamada *Xem.* Duvido, porém, que seja essa a etymologia do nosso vocabulo.

Xêra, *s. m.* e *fem. (Pará)* o mesmo que *Xará.*

Xêrga, *s. f. (R. Gr. do S.)* tecido de lan com lavores nas beiradas, que se põe por baixo da carona (Coruja). || *Etym.* Do castelhano *Jerga,* nome que dão a qualquer panno grosseiro.

Xêrimbábo, *s. m. (Valle do Amaz.)* qualquer animal de criação domestica, como aves, pequenos mammiferos, e sobretudo os animaes curiosos e de estimação. || *Etym.* E' vocabulo tupi, que significa litteralmente *minha criação.* || No Paraná dizem *Mumbavo.*

Xêxéu, *s. m.* o mesmo que *Guaxe.*

Xiba, *s. m. (R. de Jan.)* especie de batuque.

Xibé, *s. m. (Pará, Maranhão)* o mesmo que *jacúba.*

Xicáca, *s. f. (S. Paulo)* pequeno cesto ou balaio com tampa.

Xiéu, *s. m.* o mesmo que *Guaxe.*

Xilindró, *s. m.* nome burlesco da cadêa ou calabouço.

Xingamento, *s. m.* acção de xingar; injuria verbal: Póde aquelle individuo dizer de mim o que quizer; não dou importancia aos seus *xingamentos.*

Xingar, *v. tr.* insultar com palavras: Por ter *xingado* o seu camarada, foi preso o soldado. || *Etym.* Tem a sua origem no verbo *Cu-rit'xinga*, da lingua bunda.

Xiquexíque, *s. m.* especie de *Cactus* mui abundante nos sertões da Bahia e outras provincias do norte.

Xurumbambos, *s. m. pl. (S. Paulo, R. de Jan.)* cacaréos, badulaques (Villaça).

Yayá, *s. f. (provs. do N.)* o mesmo que *Nhanhân.*

Yayázinha, *s. f.* dim. de *Yayá.*

Yazinha, *s. f.* dim. de *Yayá.*

Ÿgára, *s. f. V. Igára.*

Yoyô, *s. m. (provs. do N.)* o mesmo que *Nhonhô.*

Ÿpú, *s. m. (Ceará)* terreno humido adjacente ás montanhas, formando varzeas ou valles por onde correm as aguas que dellas se derivam. São estes terrenos compostos de barro preto, especie de massapé, rico de humus, formado de decomposições organicas, e mui apropriados á cultura da canna (T. Pompêo). Tambem se escreve *Ipú.*

Ÿpueira, *s. f. (Sertões da Bahia e outras provs. do N.)* lagoeiro formado pelo transbordamentos dos rios nos logares baixos, onde as aguas se conservam durante mezes, e são geralmente piscosas. Por extensão, dão o mesmo nome aos depositos naturaes de aguas pluviaes; mas a estes designam mais geralmente por lagoas. || *Etym.* E' voc. tupi. || No Pará dão o nome de *Puêra, s. f.* á lagoa lamosa, mas enxuta, que a cheia dos rios deixa no meio dos campos, quando chega a vasante; pequeno paude secco pelo sol nos campos (J. Verissimo).

Yussá, *s. m. (S. Paulo)* comichão, coceira. || *Etym.* E' derivado do tupi *Jussára.*

Zabêlê, *s. m. (Bahia e outras provs. do N.)* o mesmo que *Johó.*

Zambêta, *adj.* zambro, cambaio.

Zangaburrinha, *s. f. (Minas-Geraes)* o mesmo que *Gangorra* (1º).

Zêrê, *adj. (Serg.)* zarolho (S. Roméro).

Zinga, *s. f. (Matto-Grosso)* especie de varejão, de que, na navegação fluvial, se servem os canoeiros para vencer a correnteza do rio, quando é nulla a acção dos remos.

Zingadôr, *s. m. (Matto-Grosso)* tripulante que maneja a *Zinga.*

Zingar, *v. intr. (Matto-Grosso)* manejar a *Zinga.* || No littoral do Brazil, *zingar* é imprimir a um remo collocado na pôpa do escaler ou bote, na direcção da quilha, um movimento analogo ao da helice, dando d'esta sorte impulso á embarcação (E. Barbosa).

Zorô, *s. m. (R. de Jan.)* iguaria feita de camarões e quiabo.

Zorrilho, *s. m. (R. Gr. do S.)* o mesmo que *Maritacaca.* || *Etym.* E' vocabulo que recebemos dos nossos vizinhos platinos e paraguayos, e é o diminutivo do castelhano *Zorro.*

Zumbí, *s. m.* ente phantastico, que, segundo a crendice vulgar, vagueia no interior das casas em horas mortas, pelo que se recommenda muito a quem tiver de percorrer os aposentos ás escuras que esteja sempre de olhos fechados, para não encarar com elle. || *Etym.* E' vocabulo da lingua bunda, significando duende, alma do outro mundo (Capello e Ivens). || Fig. na Bahia, chamam *zumbi* áquelle que tem por costume não sahir de casa senão á noute: Tu és um *zumbi.* || Em outras provincias do norte, dão o nome de *zumbi* a qualquer logar ermo, tristonho, sem meios de communicação (Meira).

Zungú, *s. m.* casa dividida em pequenos compartimentos, que se alugam, mediante diminuta paga, não só para dormida da gente da mais baixa relé, como para a pratica de immoralidades, e serve de couto a vagabundos, capoeiras, desordeiros e ebrios de ambos os sexos (D. Braz). || Em Pernambuco e no Pará chamam a isso *Calojí.*